
CHE. BANDONEON!
TANGO
Florencia
Bonelli
Marlene
Nasce o Tango, nasce um amor

Marlene



Florência Bonelli

Tradução: L M
Pesquisa, revisão, formatação e capa: R M



Dedicatória

A Miguel Angel, amor da minha vida.

Para você, Tomasito, como prometido, como é meu desejo.

<< Que o amor é tudo, é tudo o que sabemos do amor >>.
Emily Dickinson



Sinopse

Janeiro de 1914.

A famosa soprano Micaela Urtiaga Four, conhecida na Europa como A Divina Four, decidiu voltar a Buenos Aires, sua cidade natal, depois de anos de ausência. No entanto, a tranquilidade que ela desejava encontrar entre seus entes queridos se transforma em um turbilhão quando sua vida fica, de repente, ligada à de Carlo Varzi, um cafetão do bairro de La Boca, um homem temível e sem escrúpulos com um passado tão escuro quanto seu presente.

E embora Micaela tente superar a atração que o homem exerce sobre ela, ela finalmente cederá ao impulso que a domina.

Remorso e medo, desejo e paixão; o conflito será inevitável.

Este romance, situado em Buenos Aires que deu origem ao tango, retrata a história de uma mulher lutando para superar seus medos e defender seu amor, e de um homem tentando se redimir no contexto mais humilhante, também para o amor.

Florencia Bonelli



Introdução

Perto da costa de Buenos Aires, janeiro de 1914.

Micaela alcançou o corrimão da coberta e se reclinou levemente disposta a passar uns minutos a sós. Contemplou a paisagem: nada surpreendente, um rio turvo e uma costa que não conseguia divisar por completo. Entretanto, à medida que o vapor avançava, e que tudo ficava mais nítido, a ansiedade a dominava.

Fazia quinze anos que não pisava em chão argentino e, embora fosse sua pátria, suspeitava que não se sentiria em casa. Tinha passado muitas coisas desde dia em que mama Cheia a embarcou num vapor rumo à Suíça. Agora era outra pessoa, muito diferente daquela menina de oito anos.

Apesar de como parecia encaminhada sua vida, Micaela sabia que ainda ficavam questões por resolver. Sempre desassossegada, sentia que algo lhe faltava. Sorriu com sarcasmo. Quem ia imaginar que a Divina Four achava que lhe faltava algo? De resto, ela era uma mulher afortunada.

Por que voltava para a Argentina? O que a trazia de volta? Não tinha a menor ideia; uma força invisível a tinha feito retornar; virtualmente, foi arrastada até ali. Depois da morte da Emma, não pensou muito, comprou a passagem e viajou a Buenos Aires, e seus amigos pensaram que precisava se afastar por um tempo.

—Ah! Mademoiselle Urtiaga Four, você está aqui — o capitão do vapor interrompeu suas reflexões. — Faz um tempo que levo procurando-a.

—Saí à coberta para tomar ar fresco e a olhar a paisagem — explicou Micaela, sem maior entusiasmo, cansada do cortejo do capitão.

—Faz muito que não vem a Buenos Aires? —perguntou o homem.

—Mais de quinze anos. Muito tempo, não é?

—É claro que sim. Quão único posso lhe dizer é que não vai reconhecê-la. Buenos Aires é outra.

—Isso me hão dito. Você vem com frequência?

—Uma ou duas vezes por ano. Em cada viagem descubro alguma mudança. O estilo colonial que a caracterizava já não existe. Agora se parece mais a uma cidade europeia. Tem grandes palacetes e avenidas largas com lindos arvoredos. O famoso conselho sofreu muito nesta metamorfose urbana. Alguns se queixam, mas o governo não faz conta. Qual será a mudança que até subterrâneos têm os portenhos!

Micaela olhou-o surpreendida. Alguém chamou o capitão, que se desculpou alegando uns assuntos inadiáveis, e deixou-a sozinha. Micaela voltou o olhar à costa. Encontravam-se próximos de chegar. O coração lhe pulsou com força. A essa altura dos acontecimentos, já tinha um desejo louco por desembarcar. Alegrou-se ao pensar em mama Cheia e em Gastón María, as duas únicas pessoas que lhe importavam.

Outra vez ficou triste. Fixou a vista no movimento ondulante do rio e voltou para suas lembranças amargas. A pior de todas pertencia a Buenos Aires.

* * *



Capítulo I

Buenos Aires, maio de 1899.

Esse sábado, as crianças Urtiaga Four tinham desejado ver sua mãe todo o dia. Gastón María fez manha e não houve forma de que tomasse o leite nem o azeite de fígado de bacalhau. Micaela, mais submissa, encerrou-se em seu quarto e não voltou a sair.

Eram pequenos e não entendiam por que sua mãe sempre estava de cama, indisposta, o criado-mudo abarrotado de frascos escuros, os médicos que iam e vinham, o rosto desolado de seu pai, e agora, a novidade das enxaquecas que não a deixavam viver.

Já era quase sete da tarde. A mama Cheia pensou que era uma hora prudente para que Micaela e Gastón María visitassem a patroa, e assim os fez saber. Os meninos correram em direção ao quarto de sua mãe. A negra Cheia, não tão jovem e excedida em peso, seguia-os com dificuldade.

—Meninos, parecem desordeiros! Por amor de Deus! Não entrem assim no quarto de sua mãe que lhe parte a cabeça!

Ao chegar ao quarto da patroa Isabel, Cheia encontrou a porta entreaberta; os meninos já tinham entrado. Olhou e não viu ninguém. Encaminhou-se à penteadeira e, ao transpor a porta, o quadro com o que topou deixou-a estupefata: a senhora Isabel, inconsciente dentro da tina, com os pulsos cortados e os meninos contemplando-a em silêncio.

Seu próprio grito a tirou do transe, a ela e ao pequeno Gastón María, que deu um uivo, soltou-se da mão de sua irmã e saiu correndo.

Micaela, inalterável, olhava a sua mãe. A água sanguinolenta jorrava e quase lhe tocava a ponta dos sapatinhos. Os olhos da menina alternavam entre o rosto pálido de Isabel e uma navalha no piso. Absorta, não escutava os gritos de Cheia, nem se dava conta de que Gastón María já não lhe sustentava a mão, nem de que os serventes se amontoavam na entrada. Aproximou-se da tina decidida a despertar sua mãe.

—Não, Micaela!

A menina sentiu um puxão, alguém que a afastava. Esperneou, gritou e sacudiu os braços como louca. Cheia pegou-a pela cintura e a afastou dali.

* * *

Micaela não recordava de sua mãe a não ser na cama, com o rosto doentio e o gesto melancólico. Isabel, a formosa atriz cheia de vida, pertencia a uma lenda que lhe fascinava escutar. Tinham-lhe contado que, sobre o palco, sua mãe provocava angústia com seu pranto, risadas desenfreadas com suas piadas, suspiros com sua beleza. Depois de vê-la, as pessoas não saíam iguais do teatro, pois Isabel chegava às fibras mais sensíveis delas. Seu público a amava.

O jovem Rafael Urtiaga Four a conheceu no auge de sua carreira, quando o Teatro Politeama vibrava a cada noite com suas apresentações. Rafael teve sorte com ela; um dândi da sociedade portenha como ele, com relações e vínculos por toda parte, sempre conseguia o que desejava. E a desejava, e muito. Um amigo os apresentou uma noite depois do teatro.

Isabel o apanhou em seu furacão e o enfeitiçou com sua formosura. Rafael a amou desde o primeiro dia. Ela também se entregou, com o mesmo ardor com que fazia tudo; não, com maior paixão ainda: estava louca por ele.

Casaram-se em pouco tempo e nenhum dos Urtiaga Four deu seu consentimento; as bodas foram um escândalo familiar. "Uma atriz!", exclamavam, com a palavra "prostituta" na cabeça.

O casal passou alguns anos sem ter filhos, o que encolerizava às damas da família, mas Isabel desejava continuar na atuação e um bebê resultava em uma rasteira. Rafael a compreendia, seguro de que o tempo despertaria as ânsias de ser mãe.

Rafael e Isabel eram casados, amantes, amigos, companheiros, sócios, um perfeito amálgama entre homem e mulher. Cada um vivia sua vida, e, entretanto, compartilhavam tudo. Ela prosseguia com suas peças teatrais e ele com a administração das estâncias. De toda forma, sempre existia um momento para ambos.

Até que Isabel ficou grávida. Seu embaraço foi uma tortura do primeiro momento. Náuseas, vômitos, desmaios seus tornozelos e mãos inchavam e a pressão subia aos céus. Nos últimos meses, a barriga era descomunal e os ossos lhe doíam tanto que pareciam desconjuntar-se. Subiu de peso e perdeu as formas de sua silhueta, manchou a pele do rosto e seu cabelo loiro se tornou opaco.

Os gêmeos Urtiaga Four nasceram em 6 de maio de 1891, antes do previsto. Eram pequenos, pesavam muito pouco. Chamaram-nos Micaela e Gastón María.

Depois de um parto difícil, o médico e a parteira acreditaram ser conveniente mantê-la sedada. Pálida e sem forças por causa da perda de sangue, Isabel dormiu vários dias, narcotizada com uma beberagem a base de ópio.

Uma enfermeira, contratada especialmente para ela, tirava-lhe o leite e dava aos meninos. O pouco leite começou a ser escasso e os gêmeos chiavam de fome. A enfermeira tentou com leite de burra, mas não gostavam e a maioria das vezes a vomitavam.

—Secou o peito da Senhora, Sr. Rafael. O melhor vai ser que contrate a uma ama de leite — aconselhou a mulher, preocupada com a saúde dos recém-nascidos.

—Sim, está bem — respondeu Urtiaga Four, desinteressado. — Faça o que lhe pareça melhor, senhorita.

* * *

Graciela ou Chela, como a chamavam, uma negra oriunda do Uruguai, perdeu seu bebe de apenas uma semana e desejou morrer com ele. O desconsolo e a amargura a afligiram. Um padre amigo, o padre Miguel, foi seu sustento e estímulo. Disse-lhe que Deus tinha querido evitar ao Miguelito os sofrimentos desta vida levando-o junto a Ele, convertendo-o em um anjo.

No dia seguinte ao enterro, o sacerdote chegou a paróquia com um exemplar de La Nação na mão. Leu a Chela com bastante ânimo.

—"Ama de leite se necessita Rua Passeio de Julho número 424". O que te parece, Chela? Com tudo esse leite que te transborda vais poder alimentar a algum bebê que o necessita.

Essa manhã, Chela e o padre Miguel compareceram ante a Inspeção de Amas de leite e solicitaram o certificado que a creditasse como apta para a lactação. Graças à intervenção do clérigo, os trâmites se aceleraram, e, em poucos dias, Chela contou com sua habilitação para amamentar filhos alheios.

Sem perder tempo, encaminhou-se a Rua Passeio de Julho número 424. Encontrou-se com uma mansão velha, da épica do vice-reinado, muito grande e importante. Abriu-lhe a porta uma doméstica e lhe indicou que aguardasse no vestíbulo. Logo, uma enfermeira toda de branco lhe pediu que entrasse em uma sala contigua, onde a entrevistou. Contou-lhe que tinha recebido a muitas amas de leite, mas que nenhuma a tinha agradado; ou não lhe agradava a presença, ou não tinham os papéis em ordem, ou não traziam referências.

—Eu tenho tudo, senhorita — assegurou Chela. — Os papéis em ordem e as referências.

Deu-lhe dois envelopes, um com o certificado da Inspeção de Amas de leite e outro com uma carta de recomendação do padre Miguel. A enfermeira ficou impressionada, em especial com o bilhete assinado pelo pároco. Além disso, gostou do aspecto da mulher.

—Está bem. Pode começar a trabalhar hoje mesmo, se quiser.

Chela, feliz em meio de sua amargura, soube que as coisas iriam bem ali.

—Os Urtiaga Four são uma das famílias mais enriquecidas e respeitadas de Buenos Aires — comentou a enfermeira. —Vais ter que te comportar bem — adicionou, com severidade.

—Como se chama o menino ao que vou atender?

—Os meninos, quererá dizer. São dois. São gêmeos.

Chela não dissimulou sua surpresa e por um momento se arrependeu de ter aceitado o trabalho.

—Micaela e Gastón María, assim se chamam — continuou a enfermeira, sem alterar-se.

* * *

Os meninos Urtiaga Four balbuciaram a palavra mamãe antes de um ano para chamar a sua ama de leite, que se envergonhava muito, em especial quando o faziam frente ao Sr. Rafael. Ensinou-lhes que a chamassem "mamãe Chela", ao que os gêmeos responderam com "mama Cheia" e o apelido lhe durou a vida inteira.

Micaela e Gastón María encheram o vazio que deixou seu bebê e logo se sentiu feliz junto a eles. Seu leite era muito bom, e os meninos recuperaram o peso em pouco tempo. Além disso, perceberam seu calor de mãe e se apegaram como carrapatos. Só queriam a sua babá, e faziam manhas de criança quando os parentes e amigos da família os elevavam ou tocavam. Em seguida, Rafael chamava a Graciela e o pranto parava. A ninguém parecia importar a preponderância que a negra tinha sobre os meninos. Todos continuavam preocupados com a mãe.

Isabel seguia mal. Fisicamente se repôs ao tempo, graças à medicação, ao descanso e a uma dieta estrita. Emocionalmente, ao contrário, decaía mais e mais, e nenhum médico sabia lhe explicar a Rafael o motivo.

—É comum acontecer que, depois de parir, as mulheres se sintam tristes. Mas não deve preocupar-se, Sr. Urtiaga Four, com o tempo se supera.

E, embora o tempo passasse, Isabel continuava igual: atirada na cama, com o olhar perdido no teto, ou sentada frente ao espelho por horas, sem mover-se. Em ocasiões, sentia desejo de ver os meninos e os mandava trazer. Cheia se apressava, punha-os bonitos e os perfumava com água de colônia. Aproximava-os da cabeceira e os colocava sobre o colo. Isabel os beijava um momento, olhava-os e acariciava. Logo, pedia a Cheia que os levasse. Novamente, perdia a vista no teto e retornava a essa letargia mórbida que exasperava a Urtiaga Four.

Depois, foram a muitos médicos famosos haviam na Europa e Estados Unidos. Viram-nos todos, até um que se chamou um psicólogo. Não obtiveram nada, pelo contrário, as largas temporadas longe de Buenos Aires a pioraram.

Os meninos já tinham oito anos e a mãe seguia doente, triste, sumida em uma profunda depressão. Isabel alagava a casa do Passeio de Julho com sua amargura. Todos os que ali viviam tinham olhares aflitos. As coisas se faziam em silêncio, lentamente. Os meninos não podiam brincar de correr, tampouco jogar. Eles não entendiam nada. Queriam estar com sua mãe e não os permitiam. Com o tempo, foram-se acostumando; tinham a mama Cheia que os mimava. De toda forma, Micaela e Gastón María amavam Isabel, sua ama de leite lhes tinha ensinado a fazê-lo. Por isso, correram felizes a tarde daquele sábado de maio quando Cheia lhes disse que podiam visitá-la em seu quarto. Mas Isabel já estava morta.

* * *



Capítulo II

Apesar de que não fazia frio em coberta, Micaela estremeceu. O suicídio de sua mãe, lembrança que insistia a manter longe de sua consciência, tinha significado muito em sua vida, não só por aquela imagem sórdida e cruel de Isabel na tina, mas sim pelas consequências que havia trazido junto.

Seu pai, abatido e sem forças, decidiu separá-los de seu lado; Micaela não podia perdoar sua atitude esquiva daqueles dias, a forma em que evitava olhá-la, como se lhe produzisse dano.

Rafael despediu a institutriz (eu usaria preceptora ou governanta) francesa, mademoiselle Duplais, enviou Gastón María para estudar em Córdoba, no Monserrat, um colégio de renome, e a ela, a um internato no Vevey, Suíça.

Ainda tinha fresca em sua memória a cena no porto de Buenos Aires quinze anos atrás. Só mama Cheia e dom Pascual, o chofer, que parecia muito triste, foram despedir-se. Gastón María tinha partido rumo a Córdoba na semana anterior e seu pai trabalhava em uma das estâncias. Nem suas tias, nem seus tios se apresentaram no porto, e a Micaela não importou, pois não sentia apego por eles. Um casal amigo da família aceitou acompanhá-la até seu destino final. Ali a deixariam e continuariam com sua viagem de lazer.

Cheia tentou manter a calma, mas lhe resultou impossível, e começou a chorar como uma Madalena quando se fez iminente a partida. Micaela também chorou e se agarrou a seu pescoço. Confessou-lhe que não desejava ir e lhe perguntou se não podia acompanhá-la a Europa. As palavras afogadas da menina terminaram por destroçar à mulher e lhe custou muito repor-se.

Os Martínez Paz, o casal que a acompanharia, esperavam-na impacientes na coberta. Minutos depois, indicaram-lhe que já era hora de partir e Micaela subiu a prancha. Mama Cheia e Pascual permaneceram no mole, saudando-a, até que o vapor zarpou.

Alguém da tripulação lhes indicou seus camarotes. Uma criada da senhora Martínez Paz acompanhou à menina e a acomodou em seu compartimento. Antes de sair, disse-lhe que tudo que necessitasse pedisse a ela e que não incomodasse a madame.

Micaela ficou sozinha no camarote, sentada na borda do beliche. Embora o lugar era luxuoso e cômodo, sentiu-se mal. Tinha desejo de sair correndo, jogar-se no rio e nadar até a costa. Mas não sabia nadar.

Recostou-se e fixou a vista no teto. Começou a cantarolar uma canção em francês que lhe tinha ensinado a institutriz Duplais.

Frère Jacques, frère Jacques, dormez-vous? Dormez-vous? Sonnez os matines! ... sonnez os matines! ... Din, dão, dom... Din, dão, dom.

Cantar era das coisas que mais gostava. Em um instante, adormeceu e sonhou coisas muito feias.

* * *

O internato para senhoritas ficava nos subúrbios do Vevey, uma cidade à beira do lago Leman, a poucos quilômetros de Genebra. O edifício, uma construção imponente ereta a fins do Renascimento, levantava-se de costas ao grande lago, em meio de um cuidado parque, e as linhas de sua arquitetura sobressaíam na paisagem de montanha e água que o emoldurava.

Antes de transpor a imensa porta, a menina levantou a vista e leu umas palavras em francês gravadas sobre os pilares: Congregação das Irmãs da Caridade.

Por dentro, o colégio não era menos soberbo, de tetos altos, recobertos de madeira ornamentada, e paredes de pedra calcária com óleos alusivos a passagens bíblicas. Depois do vestíbulo, abria-se uma recepção enorme, decorada com austeridade. Ao final, divisou uma

escada de mármore com corrimão de ferro negro, e pensou que tomaria anos subir tantos degraus.

Alguns dos melhores dias de sua vida passaram nesse internado. A beleza da paisagem suíça, a familiaridade da construção que em um princípio a esmagou, a ternura da madre superiora e o carinho das outras freiras constituíam boas lembranças, mesmo que o amor de Irmã Emma, melhor dizendo, de Marlene, como preferia que a chamasse lhe teria sido suficiente para ser feliz. Graças a ela, nada resultou muito duro de aguentar, nem os verões longe de Buenos Aires, nem a ausência de mamãe Chela ou de Gastón María. Que inequívoca sensação de plenitude sentiu o dia que a conheceu! Seu sorriso franco, seu olhar faiscante, seu gesto sincero.

Marlene Montfeliú era uma jovem muito formosa de vinte e três anos. Da cidade de Tarragona, sua família pertencia à seleta casta de nobres da Catalunha. Os Montfeliú eram conservadores e guardavam as formas e costumes de várias gerações atrás. A riqueza da família provinha, fundamentalmente, do comércio marítimo. Por anos tinham dirigido a frota de vapores mais importante da Catalunha e seu poderio chegava às altas esferas do governo.

Apesar desse entorno, Marlene era uma moça simples, com ideias próprias que contrastavam com as de seus pais. De caráter impetuoso e atrevido, tinha uma personalidade avassaladora e uma inteligência prodigiosa. Em poucos anos se formou como professora de música no Conservatório de Tarragona. Sua família, sem êxito, tinha insistido em que se dedicasse a conseguir controle em lugar de destinar tanto tempo a estudar. A mãe se consolava ao pensar que, depois de tudo, uma mulher amante da música demonstrava uma sensibilidade que qualquer homem sensato saberia apreciar.

Marlene levava uma vida tranquila e feliz. Tinha vários alunos aos que lhes ensinava canto, solfejo e piano. Passava o dia ocupada em suas lições e nunca se cansava. No momento, sua família tinha desistido da ideia do casamento. Essa pausa lhe dava um fôlego, já que não desejava casar-se com outro que não fosse Jaime, o filho de um empregado de seu pai. Conheciam-se desde crianças, e ao chegar à puberdade, o amor tinha nascido entre eles.

Sua tranquilidade e felicidade terminaram a tarde que seu irmão mais velho a encontrou no celeiro fazendo o amor com Jaime. Em poucas horas, sua vida de prazer se converteu em um inferno. O pai a esbofeteou e a chamou de rameira. Sua mãe não voltou a lhe falar e chorou durante horas em seu quarto. Seus irmãos davam sermões em cada oportunidade e suas irmãs se esquivavam.

A sentença paterna chegou e foi terminante. Ou se convertia em freira e desaparecia de suas vidas, ou acusariam ao Jaime de violação e o fariam enforcar. Consciente do poder de sua família entre as autoridades, Marlene não duvidou que seu pai levasse a cabo a ameaça.

Em pouco mais de um mês, encontrou-se na ilha de Sardenha como noviça de uma congregação de freiras francesas, As Irmãs da Caridade, e com um novo nome, Irmã Emma, por resultar o seu muito mundano e frívolo a critério da superiora.

Tempo depois de ordenar-se, a madre superiora lhe anunciou seu traslado a um internato em Vevey, Suíça, onde seria professora de música. A verdade era que a superiora se sentia aliviada ao tirar-se de cima a Emma, uma jovem desobediente, de ideias sacrílegas, que sempre alvoroçava com suas ocorrências.

* * *

Muitos a tinham tomado por uma criatura inócua, anódina. Sempre calada e taciturna, sua figura tampouco ajudava. Magra e mirrada, o semblante pálido lhe outorgava um aspecto doentio. Quem ia pensar que podia cantar como o fazia? Micaela riu de si mesma ao recordar como era uma coisa pequena.

Não havia classe que desfrutasse mais que a de música, não só por seu apego natural à disciplina, mas também pela admiração que despertava a professora. Marlene a atraía

irremediavelmente; gostava de como sorria, como movia as mãos, a careta que fazia quando escutava. Não esqueceria enquanto vivesse a surpresa que levou na noite em que a freira se apresentou em seu quarto com as mãos cheias de bombons.

—Irmã Emma! — acertou a dizer, ao reconhecê-la sem o hábito e com roupa de dormir.

—Shhh! Não faça ruído ou vão descobrir-me —ordenou isso. — Como demorou a abrir, Micaela! Se alguma das irmãs me encontra no corredor e de camisola, me enviam para um convento de clausura. — atirou-se sobre a cama e apoiou a cabeça na parede. — Uy! Corri muito até aqui.

Micaela a olhava como a um fantasma; permanecia de pé perto da freira e não atinava a dizer ou fazer nada. Nem em cem anos teria imaginado que uma das irmãs apareceria no meio da noite, naquele rosto e se atiraria sobre sua cama como se fosse uma pupila. Emma sorriu ao ver o rosto de desconcerto da menina.

—Tem o cabelo curto —disse Micaela, sem pensar.

—A todas cortamos o cabelo quando nos ordenamos. Para que queremos largas cabeleiras se o hábito vai cobrir tudo, não? Venha, sente-se aqui, ao meu lado. Vim para conversar contigo.

A freira tinha começado a falar em castelhano e arrastava os zes. Desembrulhou uma barra de chocolate e a repartiu.

—Quer compartilhar a metade comigo? Sabe? Roubei-ada Irmã Catalinne da cozinha. Vamos, toma.

Micaela levou o chocolate à boca como um autômato. A princípio, só falou Irmã Emma e Micaela se limitou a assentir ou a negar. Momentos depois, a menina se sentiu mais cômoda e contou algumas coisas sobre ela.

—Você gostaria de estar no coro? —disse Emma, de repente.

—Eu?

—Sim, você.

—Mas se o coro é para as maiores.

—Eu sei, mas me contou um passarinho que canta como um anjo.

—Um passarinho? Que passarinho?

—Um passarinho amigo meu. Bom, anda, me diga, você gostaria de ser integrante do coro, sim ou não?

—Sim! Claro que sim!

—Perfeito! —exclamou a freira. — A partir de amanhã se apresente nos ensaios com as demais meninas.

Micaela quase não dormiu nessa noite por pensar no dia seguinte. Despertou antes do amanhecer e apareceu à janela. O outono ainda salvava à paisagem do manto branco com que o cobria o inverno, e ainda podia escutar gorjeios de alguns pássaros. Perguntou-se qual deles teria contado a Irmã Emma que ela gostava de cantar.

* * *

O ingresso no coro precipitou a vida de Micaela, e Marlene, convencida de que faria dela a melhor cantora do mundo, não via problemas em seu afã por obtê-lo.

—O que me propõe não tem cabimento, Irmã Emma —disse a madre superiora.

—Como que não tem cabimento? —perguntou, com insolência, e a superiora lhe lançou uma olhada de advertência. — Desculpe madre —retomou. — Você mesma pode comprovar o que Micaela conseguiu neste último período. Seu canto é cada vez melhor. É delicioso!

Com o olhar perdido, a superiora se fechou em suas reflexões e deixou de escutar a Irmã Emma. Conhecia de cor as qualidades de Micaela, não necessitava que as recordasse. Depois de cinco anos, a menina tinha conseguido refinar e polir a voz. Sua fama se estendeu além de Vevey, e não era estranho que a convocassem para participar de algum acontecimento musical. Tempos atrás, o bispo tinha pedido que Micaela integrasse o coro da catedral, e ela tinha aceitado de

bom grado. De tanto em tanto, as damas mais destacadas de Vevey a reclamavam para alguma reunião beneficente. Nessas ocasiões, estava acostumada a lhe dar autorização a contragosto, embora tivesse que reconhecer que, apesar de sua crescente atividade musical, Micaela não tinha descuidado o resto de seus estudos; e mais, em muitas disciplinas tinha melhorado. A via radiante.

Mas o que lhe propôs Emma enviá-la para estudar canto lírico no conservatório de Paris, resultava muito. Na visão da superiora, essa ideia ultrapassava os limites.

—O que acredita que vou dizer ao seu pai? —perguntou a freira, ao retornar de seus pensamentos. — Olhe Sr. Urtiaga Four, decidi enviar a sua filha para estudar canto lírico em Paris. Por favor, Irmã Emma! Esse homem vai se negar, desde já o digo.

—Com o maior dos respeitos, madre. Primeiro, é fundamental que Micaela estude no melhor lugar se quisermos que sua voz se supere. Você sabe tanto como eu que pode chegar a ser uma soprano das melhores se receber o treinamento e a preparação apropriados. Segundo, o Sr. Urtiaga Four não se preocupa com sua filha. O que lhe importa se estiver em Vevey ou em Paris? Não a viu em anos. Só veio a visitá-la em três oportunidades. Três! —repetiu um pouco colérica, e indicou o número com os dedos. — E só ficou uma ou duas horas, das quais a metade as passou falando com você. Madre, eu realmente não acredito que a desculpa do pai de Micaela seja boa.

—De que desculpa me fala?

—Você está pondo desculpas porque não quer que a menina deixe o colégio. Você está muito afeiçoada a ela e não deseja separá-la de seu lado.

—Sim, estou muito afeiçoada com a Micaela, não vou negá-lo. Mas esse não é o motivo pelo que não quero que vá a Paris. Ela é muito menina ainda, tem apenas treze anos, é vulnerável a muitos perigos. E se de perigos falamos, Paris os tem todos.

—Entendo e compartilho o que você diz. Por isso penso que o melhor será que Micaela viva no convento que a congregação tem em Paris. Sei que é muito grande, haverá lugar. Estarão encantadas de recebê-la. Imagine madre! Se Micaela chegasse a ser uma grande soprano, o prestígio do internato seria infinito. Depois de tudo, ela encontrou sua vocação aqui.

—Não trate de me convencer com esse argumento! —exclamou a freira, ofendida. — Sabe bem que o prestígio do colégio me importa e muito, mas primeiro está o bem-estar das meninas E em seu bem-estar estou pensando agora.

A Emma tomou um momento convencendo à superiora. No dia seguinte, prepararam a correspondência necessária a Rafael Urtiaga Four, à madre superiora do convento onde se alojaria e ao conservatório para solicitar sua admissão. A questão se resolveu em menos de dois meses. A superiora do convento de Paris se mostrou agradada em receber Micaela, a quem chamou "a menina prodígio de Vevey". O conservatório, por sua parte, explicou que, antes de admiti-la, Micaela devia submeter-se a uma série de exames, teóricos e práticos. A madre superiora olhou a Emma neste ponto da carta e a jovem lhe respondeu que Micaela sairia graciosa de qualquer prova. A última a chegar foi a carta do Sr. Urtiaga Four, que, de acordo ao presságio da Emma, não mostrou muita preocupação nem entusiasmo pelo traslado de sua filha, e, acreditando que continuaria sob a tutela das Irmãs de Caridade, deu seu consentimento.

—Já está tudo preparado —expressou Emma, entusiasmada— Que bom, madre! Tudo saiu bem!

A freira se limitou a assentir.

—Acredito que Paris será uma grande mudança para mim, não lhe parece? —continuou Emma.

—Para você?

"Ai, Deus bendito! Com o que me sairá esta moça agora?", perguntou-se a superiora, embora o intuísse.

—Não acreditará que Micaela viajará a Paris sem mim, verdade? Nem em um milhão de anos a deixo sozinha, madre. Ela me necessita.

Não discutiria com Irmã Emma, perseverante, convincente e teimosa como era. Nos dias seguintes se encarregou de tramitar seu traslado ao convento de Paris e de conseguir uma nova professora de música para o internato.

* * *



Capítulo III

Irmã Emma e Micaela chegaram a Paris em junho de 1905 e nada voltou a ser como antes. No conservatório da Rué do Ponthieu, conheceu professor Alessandro Moreschi que, fascinado com sua voz, decidiu convertê-la em sua discípula exclusiva. Apesar da curta idade de Micaela, monsieur Thieis, o diretor do estabelecimento, não mostrou nenhuma objeção, convencido pela magnificência de seu canto.

No começo, Micaela ficava apreensiva por Moreschi ser evirado.

—Evirado? — repetiu.

—Não sabe o que é um evirado? — assombrou-se Lily Pons, uma das alunas do conservatório. — Um castrado — insistiu, com um término mais comum. — Micaela, um castrado! Um homem sem testículo! Não sabe que há homens aos que lhes cortam os testículos? Sabe o que são os testículos, não? Essas bolas que os homens penduram entre as pernas.

—Sei o que são os testículos —assegurou Micaela em um sussurro, embora, em realidade, não entendia do que lhe falava sua amiga, mas lhe dava vergonha sua própria ignorância quando Lily parecia tão perita.

—Moreschi é o último dos sopranistas — manifestou Lily, com solenidade.

—Sopranista? O que é isso?

—Justamente, a alguns homens cortam os testículos para convertê-los em sopranistas. Os sopranistas cantam com uma voz mais aguda que a da mulher. Mas faz tempo foram proibidos. O professor Moreschi é o último de sua espécie.

"O último de sua espécie", repetiu Micaela em sua mente. Sua pele arrepiou e lhe deu asco.

Lily a pôs a par de outras questões interessantes. Muitos anos atrás, predestinava-se aos meninos para o canto lírico mutilando-os a pouca idade. Os educava em um regime estrito, lhes ensinando tudo a respeito da música e do canto. Muitos chegaram a converter-se em estrelas da ópera, admirados por reis e povos inteiros, como o famoso Carlo Broschi, um sopranista do século XVIII conhecido como Farinelli, que podia sustentar a nota mais aguda ao redor de um minuto. Logo veio o tempo da proibição. Os sopranistas, perseguidos e excluídos dos teatros, refugiaram-se nas basílicas, e limitaram seu canto aos lieder[1], ao Ângelus e a outras melodias religiosas. Depois de alguns anos, eles estavam no passado. Humilhados e esquecidos, a maioria morreu na pobreza.

Alessandro Moreschi era o último sopranista. Ângelo di Roma o chamavam na Itália.

—Tem ideia de como chegou a este conservatório? — perguntou Micaela.

—Quando eu comecei a estudar aqui, Moreschi já dava aulas. Dizem que Thiers o escutou cantar na Capela Sistina, em Roma. Apaixonou-se por sua voz e lhe propôs dar aulas aqui. Assim foi, conforme me contaram.

As duas permaneceram caladas um momento Lily devorou o almoço com avidez, Micaela, ao contrário, manteve-se taciturna, com a imagem de seu novo professor na cabeça.

—Todas estão inconformadas com este assunto de que você é a aluna exclusiva do professor Moreschi —retomou Lily. — Morrem da inveja.

---

[1] **Lied** (no plural Lieder) é uma palavra da língua alemã, de gênero neutro, que significa "canção". É um termo tipicamente usado para classificar arranjos musicais para piano e cantor solo, com letras geralmente em alemão, utilizado para expressar em sons os sentimentos descritos nas letras. Na Música esta palavra surgiu no período Romântico, século XIX, no sentido de partitura. Na Alemanha, esta forma musical é chamada de Kunstlied.

Normalmente, os Lieder são organizados para um único cantor e piano, com acompanhamento orquestral é um desenvolvimento posterior. Alguns dos mais famosos exemplos são de Schubert "Der Tod und das Mädchen " (" A Morte e a Donzela ") e "Gretchen am Spinnrade". Às vezes estão reunidos em um Liederkreis ou "ciclo de canções", uma série de canções (geralmente três ou mais) amarrado por uma única narrativa ou tema, como Die schöne de Schubert Müllerin e Winterreise ou Frauenliebe und- leben de Robert Schumann e Dichterliebe. Schubert, Schumann e Johannes Brahms são mais associados com este gênero, principalmente desenvolvidos na era romântica.

—Não entendo —replicou Micaela— Eu preferiria as classes de madame Caro, como você, e não ter que passar o dia inteiro com esse homem. É muito sério e antipático.

—Está louca, Micaela! Qualquer uma de nós daria o que não tem por conseguir embora fosse uma hora por semana com o Moreschi. Não te dá conta de que é um dos melhores professores de canto que há? E você o terá o dia inteiro, só para ti!

* * *

Embora o ritmo de trabalho ao que a submetia o Ângelo di Roma a esgotava, Micaela sentia prazer com os frutos do sacrifício. Tinha aprendido muitíssimo nos últimos meses, seus conhecimentos teóricos eram mais ricos e sua voz tinha melhorado ostensivamente.

Pela manhã, logo depois de esquentar as cordas vocais, Micaela empregava a primeira hora para entoar melodias difíceis e maleáveis. Mais tarde, praticava as escalas cromáticas e diatônicas, que lhe custaram ao princípio, mas chegou as dominar à perfeição. Logo, dedicavam outra hora ao estudo do solfejo Moreschi lhe ensinava latim e literatura, em especial poesia. Durante um bom momento, Micaela declamava versos muito difíceis. Semanalmente, obrigava-a a ler algum clássico, geralmente ao Shakespeare, e, em ocasiões, devia aprender de cor alguma passagem e representá-lo frente a seu professor.

Antes do meio-dia, dedicavam-se aos exercícios de vocalização. O professor conhecia técnicas diferentes às de Emma, mais difíceis e complicadas. Localizava-a frente a um espelho, de pé firme, com as mãos cruzadas por detrás. Nessa posição, devia entoar com soltura, sem esticar-se, de maneira natural Moreschi a repreendia com severidade se demonstrava o menor esforço enquanto cantava à frente, as pálpebras, as bochechas e o corpo não podiam revelar contração alguma.

—Canta com os pulmões, com a laringe e as cordas vocais, não com os olhos ou a frente. O corpo deve permanecer parado, em uma posição de descanso. Deve sentir que o som flui desde seu interior. O resto, inalterável.

À medida que Micaela progredia, os exercícios se complicavam. Na mesma postura que usava para vocalizar, Moreschi lhe ensinava técnicas respiratórias. Obrigava-a a reter o fôlego um par de segundos, e logo a soltá-lo lentamente. Indicava-lhe que a expiração devia ser tranquila, profunda e silenciosa. Para complicar a prática, Moreschi acendia uma vela enquanto Micaela exalava. A vela não devia apagar-se, a chama apenas podia tremer. Ensinou-lhe que os seres humanos, em forma natural, respiram umas vinte vezes por minuto. Micaela devia reduzir as inspirações a quatro ou a cinco no mesmo lapso para obter elasticidade torácica. Ao princípio, fatigou-se, e inclusive se enjoou. Depois de um tempo, conseguiu limitar o número de vezes a três por minuto.

O exercício de meia respiração ou tempo roubado, um dos mais complexos, consistia em abreviar o tempo de inspiração e alargar o de expiração. Micaela tomava ar em um segundo, enchia as cavidades, e o soltava durante quinze ou vinte, em forma lenta, regular e silenciosa. Durante os primeiros exercícios, ao inspirar tão rapidamente, a jovem produzia um ruído asmático espantoso que seu professor censurava com vários golpes de fortificação sobre o piso. Também lhe custava exalar em forma regular, o ar lhe escapava vertiginosamente dos pulmões e a chama da vela se apagava rapidamente. Teve que praticar muito o tempo roubado antes de dominá-lo com precisão.

Ao meio dia, encontrava-se com o Lily no refeitório. Era um momento grato para ambas; conversavam e se distendiam de suas obrigações. Lily sempre tinha alguma intriga para contar.

Moreschi estava acostumado a visitar durante o almoço para controlar que comesse o que ele mesmo lhe tinha indicado à cozinheira. Cuidava muito do menu, que devia ser rico em proteínas, vitaminas e hidratos de carbono. Os pratos eram variados e abundantes, o que desagradava a Micaela.

Pela tarde, as primeiras horas se destinavam aos conhecimentos teóricos. Moreschi lhe ensinava desde história da música e os instrumentos da orquestra até o funcionamento do aparelho respiratório, os fenômenos de vibração, do som, das cordas vocais e do timbre da voz. Durante outra hora, obrigava-a a compor algum salmo, motete ou canzonetta[2]. Podia inventar a melodia que desejasse, e Moreschi sempre parecia agradado com os resultados. A última parte da jornada a destinavam ao estudo do piano.

Ao chegar o fim do dia, Micaela mal podia estar em pé.

* * *

Alessandro Moreschi significou uma grande mudança em sua vida. No princípio, temia-lhe. Sua esmagadora presença, olhar sério e cara de poucos amigos, lhe dava vontade de sair correndo do estudo. Com o tempo, o sopranista ganhou sua confiança.

Admirava-o por seus conhecimentos musicais e tomou carinho pela paixão que lhe demonstrava quando lhe dizia que faria dela a melhor soprano que o mundo tinha conhecido.

Moreschi sempre foi duro e exigente, às vezes a fazia chorar. Às vezes sentia que o odiava, em especial quando golpeava o chão com força, furioso porque não vocalizava corretamente ou porque falseava alguma nota. Embora também estava acostumado a ser agradável. Em ocasiões, depois de uma jornada dura de trabalho, contava-lhe anedotas de sua juventude, quando os teatros da Europa o tinham por protagonista das óperas mais aclamadas.

Cada ano, ao chegar a primavera, exercitavam ao ar livre. Muito cedo, dirigiam-se a algum parque, e ensaiavam as escalas e vocalizações em plena natureza. Eram lindos momentos, com a brisa fresca da manhã e o aroma da terra úmida.

Micaela teve uma forte impressão a primeira vez que escutou cantar a seu professor. Praticava uma ária da Donna do lago na capela do convento das Irmãs da Caridade, onde a acústica era excelente. Estavam sozinhos.

—Não, Micaela! — deteve-a Moreschi. — Assim não. O timbre de sua voz deve brilhar nesta parte —explicou, ao tempo que lhe assinalava uma seção da partitura. — Aqui tem que elevar o som até obter a maior extensão para esta nota. Elena se sente ditosa, está rodeada pelos dois seres que mais ama, seu pai e seu amante, e tudo é felicidade nesse momento. "Fra ilpadre efra l'amante". "Fra ilpadre efra l'amante"—repetiu. — Deve transmitir esse sentimento. Fecha os olhos e presta atenção.

A jovem obedeceu. Um instante depois lhe arrepiou a pele ao escutar uma voz muito aguda, brilhante e extensa, como a de uma mulher. Abriu os olhos. Não se tratava de uma mulher, mas sim de seu professor que entoava a ária como teria gostado de fazê-lo.

* * *

Com o tempo, Irmã Emma e Moreschi se fizeram amigos. Conversavam longos momentos sobre o futuro de Micaela, ou, simplesmente, de música. Emma se maravilhava com os conhecimentos do professor e não perdia oportunidade de crivá-lo de perguntas que ele sempre sabia responder. Logo descobriram uma paixão comum, Mozart. Passavam horas envoltas em indagações sobre o gênio austríaco, e perdiam a noção do tempo quando falavam de sua vida e de sua obra. Emma tentou despertar em Alessandro sua paixão por Beethoven, embora sem resultados. Os bate-papos viravam fortes polêmicas nas quais Emma defendia com brios ao compositor alemão dos embates de Moreschi, que teimava na superioridade de Mozart.

Esqueciam-se de Micaela quando conversavam. A menina permanecia a um lado, escutando-os sem perder um detalhe, e, assim, aprendeu a amar a ambos os gênios.

Moreschi impôs a participação em vários espetáculos musicais como parte da formação de Micaela. Virtualmente, todas as semanas foram ao Théatre de l'Opéra ou ao dê Italiens. Não só viam óperas; o repertório que interessava ao professor era variado e incluía música de câmara,

[2]**Canzonetta** (plural: canzonette) era uma composição musical popular italiana, que nasceu por volta de 1560.

sinfônica e um pouco de balé. Apelava a suas amizades e relações para conseguir bons lugares e a melhor companhia. Em seu camarote nunca faltava um crítico famoso, algum diretor de orquestra, um regente de renome, ou um cantor amigo. Micaela se deleitava entre pessoas que soube amantes da música, e, apesar de seu caráter tranquilo, a ansiedade por saber tanto como eles a dominava.

Emma estava acostumada acompanhá-los. Escapava por uma porta meio escondida na despensa que a conduzia direto à rua. Micaela tremia. Marlene, ao contrário, divertia-se como uma menina. Não levava o hábito e se vestia para Paris. Logo depois da apresentação, comiam em algum restaurante próximo ao teatro. Micaela sentia-se mal pois temia que alguém reconhecesse a Irmã Emma e a delatasse para a superiora. Se chegasse a ocorrer, Marlene terminaria seus dias em um convento da Cochinchina. Depois de um tempo, distraía-se com as conversas que tinham lugar entre seu professor, Marlene e o convidado de plantão, e, com o passar do tempo, apreciou as peripécias de Irmã Emma para ocultar sua verdadeira identidade dos amigos de Moreschi, muitos deles interessados em conquistá-la.

Marlene, Micaela e Alessandro se transformaram em um trio inseparável, e a condição de freira da Emma não lhe impediu de participar de cada etapa da educação de sua protegida. Acostumava passar jornadas completas no estúdio de Alessandro a cargo do piano, enquanto Micaela entoava e Moreschi a dirigia.

Micaela voltou uma esponja que absorvia a tudo. Ao seu redor havia música e músicos, e nada mais. Ser a melhor soprano do mundo voltou uma obsessão. A segurança que lhe transmitiam Marlene e Moreschi ia possuindo-a pouco a pouco, lhe insuflando energia e grande domínio de si.

Por sua parte, o professor Alessandro a cuidava como a uma gema de incalculável valor, convencido de que poderia alcançar o propósito que tinha esboçado para sua pupila. A segurança de fazer dela uma diva do bel canto era total e absoluta, sabia que os teatros da Europa a ovacionariam, o mundo a escutaria cantar pela primeira vez e a adoraria para sempre porque tinha a voz mais virtuosa, pura, cristalina e extensa que ele tinha conhecido.

* * *

Micaela se dava conta de que muitas coisas mudavam, entre elas, sua sorte, porque tinha sido uma grande sorte deixar Vevey e assentar-se em Paris, a capital do mundo civilizado, como a chamavam alguns. Agora, Vevey lhe resultava uma aldeia insignificante.

Seu corpo também mudava. Media o mesmo que Marlene, que era alta. Os exercícios respiratórios e de vocalização corrigiram sua postura, e lá atrás ficou a menina desajeitada, de ombros caídos. A dieta estrita modelou seu corpo, e sua silhueta Magra e sem curvas desapareceu para dar lugar a uma esbelta e exuberante. Sob os precavidos vestidos, lhe remarcavam insinuantes a cintura e os peitos. A palidez de seu rosto já não existia; sua pele viçosa parecia brilhar e lhe coloriam as bochechas.

Uma noite, no quarto do convento, tomou consciência da metamorfose de seu corpo. De pé frente à janela, desfez-se da camisola e sua nudez se refletiu no cristal. Como teria desejado um espelho enorme! Mas um espelho constituía um elemento muito frívolo para encontrá-lo em um convento. Sentiu frio e, assombrada, descobriu que seus mamilos se endureciam e se sobressaíam. Roçou-os apenas, suaves e sensíveis ao tato. Sua pele arrepiou, e uma sensação estranha se apoderou dela. Fechou os olhos e, com lentidão, deslizou a mão do pescoço até a púbis. Deteve-se nos seios novamente e apalpou seu incipiente arredondamento. Prosseguiu com a descida até encontrar o pelo que tinham começado a lhe crescer fazia tempo, suave e encaracolado, de uma cor mais escura que o cabelo.

Sentiu um impulso e continuou baixando. Tocou-se, primeiro com medo, depois com mais segurança, e descobriu uma área úmida e sensível, muito estranha por certo. A curiosidade a levou a pegar o pequeno espelho de sua bolsa, a abrir as pernas e a olhar-se. Estudou sua

anatomia com avidez até que deixou o espelho e seguiu com os dedos. Recostou-se sobre a cama e fechou os olhos. Tocar-se aí, ou no ventre, ou os peitos, sua respiração acelerava; tratava-se de uma emoção estranha que lhe debilitava a vontade e lhe provocava um comichão muito satisfatório.

Marlene entrou sem bater, como estava acostumada a fazer. Assustada, Micaela se levantou com rapidez e só pensou a arrancar o cobertor da cama e a cobrir-se pela metade. Depois de um instante de surpresa, Marlene sorriu.

—Me desculpe querida. Ainda penso que é minha garotinha pequena e que posso entrar em seu quarto sem bater. Embora me custe, devo entender que já é toda uma mulher e que necessita mais intimidade.

Emma se dispunha a sair quando Micaela, cobrindo-se um pouco melhor, se aproximou.

—Me perdoe Marlene —suplicou.

—Te perdoar? Por quê?

—Bom... Você sabe... Por...

—Por estar se tocando?

Micaela assentiu e baixou a vista, envergonhada. Apesar da confiança que as unia, nesse instante desejava que a terra a tragasse.

—Minha menina — disse Marlene, e lhe acariciou o rosto. — Não tenho nada que te perdoar.

—Mas a madre superiora diz que olhar-se e tocar-se é pecado.

Marlene fez um gesto pícaro e negou com a cabeça.

—Não? — assombrou-se Micaela. — Não é pecado?

—Minha pequena querida! Como poderia ser pecado admirar a obra mais perfeita e acabada do Senhor? Como poderia ser pecado sentir coisas tão bonitas? Acaso existe algo mais formoso e estético que o corpo de um homem ou de uma mulher? Acredite-me, não o há.

—Por que a madre superiora diz que é pecado?

—Não sei. Ainda não entendo por que algumas coisas são pecado. Mas estou segura de que conhecer seu próprio corpo, suas partes, seus segredos, os lugares que lhe provocam prazer, não, definitivamente, não é pecado. Mas bem acredito que pecado é a mentira, o ódio, o rancor, a avareza. Pecado é desejar o mal a nossos semelhantes. Pecado é não perdoar.

Micaela a olhou alarmada. Possivelmente, ela, depois de tudo, era uma grande pecadora.

* * *



Capítulo IV

O Festival Anual de Música de Munich foi a plataforma de lançamento da Micaela. Na segurança de que sua pupila estava preparada, Moreschi apelou a velhas relações e lhe conseguiu um lugar no evento.

Para essa época, Micaela só contava com dezessete anos, idade em que, usualmente, começam-se os estudos de canto lírico. Esta circunstância fazia duvidar aos organizadores do concurso, que a receberam só por pedido especial de Ângelo di Roma. Entretanto, opinavam que a apresentação dessa menina era prematura e que resultaria desastrosa.

Micaela e Alessandro Moreschi partiram rumo a Munich em abril de 1908. Marlene não pôde acompanhá-los: a madre superiora se mostrou intransigente e teve que ficar no convento, feita uma fúria. Ao final de dois dias de viagem de trem, chegaram à famosa cidade do festival. Micaela se apaixonou pelo lugar, subjugada pelo encanto das construções barrocas.

Em Munich, tudo estava arrumado para o grande evento. Nas ruas, pequenas orquestras de músicos vestidos com roupas típicas da região anunciavam os espetáculos do dia. Pôsteres cheios de colorido informavam as diferentes atividades, que foram das primeiras horas da tarde até muito entrada a noite.

Alessandro e sua pupila se alojaram no hotel onde ficava a maioria dos participantes do festival. Micaela percebeu o respeito com que outros músicos e cantores tratavam a seu professor, e se sentiu orgulhosa. Depois de tudo, Moreschi tinha sido o melhor de sua época. De toda forma, não faltou quem brincasse com sua qualidade de castrado. Diziam que o professor, velho e brincalhão, loucamente apaixonado por sua pupila, deixou-se convencer por esta para conseguir um lugar no festival, mas que, certamente, não obteria nada, só humilhar-se. Muito jovem e inexperiente, rematavam com malícia. Micaela nunca soube, mas durante esses dias em Munich, alguns a coroaram com o apelido a prima Donna do Castrato.

* * *

Faltava uma semana para o início do festival, e já ninguém pensava o mesmo de Micaela, ao menos seus companheiros do Barbeiro de Sevilha tinham outra impressão. Durante os ensaios, Micaela tinha demonstrado seu profissionalismo e a magnificência de sua voz; o papel de Rosina, criado por Rossini para sua prima-dona, Isabella Colbran, voltava a ter em Micaela o encanto e colorido com os que o tinha interpretado a princípios do século XIX.

Micaela, exigente e perfeccionista até o mínimo detalhe, não deixava passar por cima nenhum pormenor, quase raiava a obsessão. Praticava durante horas, e obrigava ao resto do elenco a repetir várias vezes a mesma cena se não a achava de seu gosto. Alguns a pontuaram de histérica, de déspota. Uma jovem que ninguém conhecia não podia dirigi-los como se eles fossem principiantes. O certo era que Micaela dava ordens ao mesmo tempo em que o diretor e o regente, e provocava a ira de seus companheiros, que não entendiam que ela só desejava a excelência. Já ninguém a olhava como a uma menina inexperiente de dezessete anos. Sua força de caráter, sua decisão e a perfeição de sua voz a transformaram na primeira figura do grupo. Sua indiscutível beleza e a frescura de sua juventude terminaram por convertê-la na Rosina perfeita.

Uma tarde, antes da apresentação, Micaela e seu professor compartilhavam uma xícara de chá no restaurante do hotel. O diretor Franz Von Herbert, das personalidades do festival, aproximou-se da mesa com o rosto contorcido.

—Não pode me acontecer isso, Moreschi! —exclamou o homem.

Alessandro o convidou a tomar assento. O músico se deixou cair na cadeira e colocou a cabeça entre as mãos.

—O que acontece, Franz? —perguntou Alessandro.

Micaela, muda, limitava-se a contemplá-lo. Dias atrás, tinha-lhe parecido arrogante e soberbo. Agora, ao vê-lo assim, tão abatido, sentiu pena dele.

Em poucas palavras, o diretor explicou a Alessandro que a heroína de Las Valquírias tinha adoecido de catarro, e que nenhuma das cantoras do festival se animava a interpretar o papel por considerá-lo muito difícil, só faltava uma semana para a estreia e não tinham tempo para ensaiá-lo.

As apresentações de Micaela no Barbeiro já tinham começado, e com muito êxito. Apesar da reticência inicial, a crítica tinha acolhido de bom grau à pupila do sopranista. Embora contente Micaela não estivesse completamente satisfeita.

—Eu posso interpretar esse papel, professor Von Herbert —afirmou a jovem, muito solta.

Ambos os homens a olharam atônitos. Essa jovenzinha, toda uma novata, não sabia o que dizia. Micaela esperou um silêncio e continuou com sua proposta.

—Posso trabalhar no Barbeiro e em Las Valquírias. Tudo é questão de que você, professor —disse ao Von Herbert—, acomode os horários.

A parcimônia e serenidade da jovem assombraram tanto a Von Herbert que, em seu desespero, começou a pensar que seria viável prepará-la em tão curto tempo para um papel tão difícil. Moreschi se negou.

—Lamento-o, Franz. Micaela não está pronta para os papéis dramáticos de Wagner. Eu a eduquei na escola do bel canto, não está capacitada para um papel assim. Não quero arriscar seu bom nome e fazer ridículo.

No dia seguinte, Micaela e Moreschi se encontraram com Von Herbert para iniciar os ensaios de Las Valquírias. Tinha-lhe tomado muitas horas convencer ao seu professor; finalmente, e a contragosto, Alessandro tinha aceitado.

Cantar no Barbeiro de Sevilha e em Las Valquírias ao mesmo tempo a lançou definitivamente à fama. Uma noite uma em outra noite outra. Em uma representação, sua voz era a de um rouxinol, com o colorido e o timbre digno de um personagem de Rossini. Executava com incrível graça os rápidos, típicos das óperas do romantismo, e aproveitava os floreios para demonstrar sua destreza, sem abusar deles, fiel à partitura e à linha estética da melodia. Na trágica epopeia de Las Valquírias todo mudava. Sua voz se tornava escura, dramática, colossal. Em cada nota, Micaela transmitia essa força e emoção tipicamente wagnerianas. O público se comovia, não só com seu canto dilacerador e potente, a não ser com sua atuação magistral, enquanto os colegas do festival se admiravam pela fortaleza de suas cordas vocais, que mal contavam com tempo para repor-se entre uma e outra apresentação.

A crítica elogiou a variabilidade de sua voz, que interpretava com a mesma mestria um personagem de Rossini e um de Wagner. Assombraram-se pela extensão e a força, pelo timbre e a flexibilidade. Um canto sem fissuras, que flutuava para as notas mais altas, sem estridências nem gritos.

Todos estavam aniquilados a prima Donna d'IL Castrato era, sem dúvida, a revelação do ano.

* * *

Depois de Munich, Micaela se converteu em uma das sopranos mais requeridas da Europa. Viajava a maior parte do ano. Moreschi recebia convites dos teatros mais famosos do continente e negociava contratos muito vantajosos.

Ao retornar a Paris, visitava com frequência o convento para estar perto de Marlene. Durante horas, encerrava-se em seu quarto, Micaela tinha muito que lhe contar, e Emma tanto

mais do que orgulhar-se. Só as angustiava pensar que não lhes alcançaria o tempo, muito escasso por esses dias.

Os parisienses adoravam A Divina Four, como a chamavam. Eliminado seu sobrenome basco, usavam só a parte de origem francesa, e assim a reclamavam como própria.

O Palais Garnier em Paris a convocava cada temporada, em disputa contínua com o Théâtre dê Italiens. O mesmo acontecia entre o Teatro alla Scala, em Milão, e A Fenece em Veneza. Também em Londres, Madrid e Viena. Inclusive, em Buenos Aires ansiavam escutá-la em seu novo teatro, o Colombo, que, conforme se comentava, era a jóia da América do Sul. Micaela ordenou ao Moreschi declinar o convite de seus compatriotas.

Os contratos choviam os empresários teatrais sabiam que, com a Divina Four em anúncio, tinham a temporada assegurada, em cada apresentação, Micaela enchia as salas.

À medida que o êxito aumentava, seus conhecimentos se enriqueciam, sua voz, inclusive, voltava-se mais formosa e extensa, sobre tudo extensa. Moreschi tinha descoberto essa virtude de princípio. Micaela sustentava notas muito altas por longo tempo, sem grande esforço. A extensão de sua voz lhe tinha garantido o triunfo.

Por sua parte, o professor nunca se separava de sua pupila. Ele dirigia os assuntos importantes e os pequenos detalhes, ocupava-se das cláusulas dos contratos, assim como também da alimentação e saúde da jovem. Ainda era muito estrito. Periodicamente, tirava turno com um célebre médico suíço especialista em vias respiratórias que revisava exaustivamente a Micaela e constatava que tudo estivesse bem. Uma vez por ano, viajavam a Parma, Itália, a um lugar chamado Salso Maggiore, um lugar paradisíaco, com mananciais de águas medicinais que, entre outras virtudes, curavam os males da garganta. No Salso, Micaela se encontrava com alguns colegas e passava dias muito aprazíveis.

* * *

No fim de novembro de 1913, Micaela se encontrava em Viena, em um festival de música, quando recebeu um telegrama da madre superiora do convento de Paris. "Emma agoniza. Chama-te. Venha."

O papel lhe tremeu nas mãos, sua vista nublou e precisou apoiar-se na parede para não cair. Voltou a ler: "Emma agoniza". Emma agoniza? Havia um engano. Sim, com certeza havia um engano.

Moreschi e ela viajaram a Paris essa mesma noite, e deixaram os compromissos marcados em Viena para depois. Marlene estava em primeiro. Ao empresário não lhe agradou a ideia, mas não falou. Micaela cumpriria mais adiante; conhecia o profissionalismo da soprano e sua obsessão pelo trabalho. Enquanto isso procuraria uma substituta. Uma substituta da Divina Four! Sabia que não a encontraria.

* * *

Ao entrar no quarto de Emma, Micaela afogou um pranto ao vê-la gasta e magra. Não era amesma que tinha deixado, meses atrás, transbordante de vida e saúde. Dormia, e uma freira, sentada junto a ela, cuidava-a. Sem emitir som, a religiosa indicou a Micaela que tomasse seu lugar.

Entrou a madre superiora, acompanhada por outra freira e o médico, e Micaela deu lugar para que a examinasse. A superiora se inclinou sobre seu ouvido e lhe contou que fazia dois dias que Emma permanecia inconsciente a base de láudano. Também lhe explicou que tudo tinha sido muito rápido. Um dia havia sentido indisposição, com febre muito alta, e, depois de algumas análises, diagnosticou-se uma enfermidade no sangue muito estranha, incurável.

O médico terminou com o exame, e Micaela se ajoelhou junto à cama e apoiou a cabeça sobre o colo da Irmã Emma.

—Marlene, acorda Marlene — lhe disse em castelhano. — Sou eu, Micaela. Vamos, acorda. Tenho muito que te contar. — deteve-se, afogada pelo pranto.

A madre superiora ordenou ao resto que abandonasse o quarto. Conforme lhe tinha informado o médico, para Irmã Emma ficavam horas de vida.

Marlene apoiou a mão sobre a cabeça da Micaela, e a surpreendeu. A jovem se levantou subitamente, secouas lágrimas com a manga e lhe sorriu.

—Quando vai se curar, Marlene? Tem que vir para ver-me no teatro. Não sabe quão contente estou! Interpreto *Tosca* no Teatro Burguês de Viena. Tudo sai às maravilhas! A crítica... —Se interrompeu quando Marlene moveu os lábios, e se aproximou para escutar sua voz quase inaudível.

—Me prometa algo, Micaela —disse a mulher, com esforço. — Prometa-me que não se esquecerá de amar. Que procurará um homem a quem quer profundamente e que te casará com ele. —Calou-se uns segundos. Logo, prosseguiu: —Não há outro modo de ser feliz que amando, me acredite. —Tomou a mão e a apertou. — Prometa-me isso.

Micaela afirmou com a cabeça, sem entender exatamente o que Marlene tentava lhe dizer, pois, para ela, o canto e a música eram quão únicos contavam na vida.

* * *



Capítulo V

Buenos Aires, janeiro de 1914.

Gastón María, muito elegante, subiu à vitória[3] e ordenou a dom Pascual que empreendesse a marcha.

—E se apresse —adicionou—, que não quero chegar tarde.

—A que hora chega a menina Micaela, senhor?

—Em meia hora, mais ou menos —respondeu o jovem, sem tirar os olhos do periódico.

—O Sr. Gastón María se pôs para receber a uma rainha —comentou o chofer.

—É que é uma rainha, Pascual —assegurou muito orgulhoso. — Minha irmã é uma rainha.

Continuaram em silêncio. A rua estava tranquila; era quase meio-dia e fazia muito calor.

—Que repugnante! — exclamou Gastón María, de repente.

—O que acontece, senhor?

—Aqui diz em La Nação que ontem houve outro assassinato. O "mocha línguas" de novo.

—Deus bendito! — o chofer se benzeu. — Que mais diz senhor?

—Quão mesmo os outros casos. Trata-se de uma prostituta jovem, de cabelo negro. Parece que a enforcou e depois lhe cortou a língua.

—E a língua, senhor?

—Igual aos outros casos, meu amigo. Não aparece por nenhum lado.

O jovem fechou o jornal e o deixou a um lado, no assento.

—Para estar bem informado do "mocha línguas", senhor, o melhor é comprar o diário Crítica. Os artigos sim que são salgados, dão todos os detalhes.

—Não, obrigado, Pascual. Quanto menos saiba, melhor. Em realidade, lia o jornal para comprovar que não houvesse nenhum artigo sobre a Micaela. Ordenou-nos não comentar a respeito de sua visita a Buenos Aires. Quer estar tranquila, ao menos os primeiros dias. Se os jornalistas se inteirarem de que está aqui, a vão deixar louca.

—Claro, como não! Agora minha menina Micaela é uma mulher famosa —afirmou Pascual, orgulhoso como se se tratasse de sua filha. — Se ainda me lembro de quando Cheia e eu a trouxemos para o porto. Faz quanto que se foi a menina, senhor?

—O que sei eu, Pascual! A ver, mais ou menos… Quinze anos, meu amigo. Faz quinze anos que Mica se foi.

—E não voltou uma só vez — comentou Pascual, repentinamente entristecido. — Um feito surpreendente.

Gastón María ficou melancólico e não falou. Mas a Pascual gostava de conversar com o patrão jovem e reatou a conversa.

—Me diga senhor, se ninguém disse nada da chegada da menina, por que anda farejando nos jornais para ver que não tenham nenhum anúncio sobre a chegada da…? Como é que dizem à menina, lá, pelas Europas?

—A Divina Four —respondeu Gastón María.

—Isso! A Divina Four! Quem o houvesse dito!

---

[3] ***Vitória*** = Tipo de charrete

Gastón María riu. O orgulho do chofer por sua patroa, a que não tinha visto em anos, dava-lhe graça. Talvez Micaela nem se lembrasse dele, e o pobre homem, cheio de lembranças de sua menina.

—Com respeito ao por que estou "farejando", como vocês dizem, nos jornais, é porque não tenho confiança em Otília —continuou Gastón María.

—Como é isso, senhor? Se posso saber —se apressou a adicionar.

—Com tal de dar-se ares, Otília é capaz de avisar a meio mundo que sua “filha”, como chama Mica desde que tem êxito, está em Buenos Aires. Sei que remói os cotovelos para não contar a essas gralhas de amigas que tem e a toda a família.

Otília Cáceres era a esposa de Rafael, o pai de Micaela. De estilo aristocrático e cultura vasta, a mulher tinha servido aos propósitos do senador Urtiaga Four: uma anfitriã digna dos convidados que concorriam a sua mansão e uma companheira mais que adequada para as reuniões e festas. Desde sua entrada na política, Rafael tinha se rodeado de todo tipo de personalidades, entre eles, autoridades de governo, embaixadores e diplomatas. Sua crescente vida social o tinha levado a pensar em uma esposa, e Otília resultou a melhor. Viúva e sem filhos, pertencia a uma das famílias patrícias de Buenos Aires.

Gastón María e dom Pascual comentaram sobre o mormaço e não voltaram a falar. Terminaram o trajeto em silêncio. De longe avistaram as construções do porto e da alfândega. Gastón María ficou nervoso, embora estivesse feliz. Por fim, sua irmã voltava para casa.

* * *

Micaela descendeu pela prancha. O capitão caminhava a seu lado enquanto rogava que lhe permitisse visitá-la em Buenos Aires antes que o vapor zarpasse para outro destino. Chegaram ao mole. Livrou-se do capitão muito habilmente, com modos refinados e sutis. Desde alguns anos, os homens a envenenavam com suas galanterias, prometiam-lhe o ouro e o mouro, e a adulavam como a uma deusa. Acostumada a desfazer-se deles com facilidade, lhes fazia acreditar que a tinham subjugado com suas lisonjas e obséquios custosos.

A jovem prosseguiu com os trâmites. Se sua visita tivesse sido oficial, não teria tido que encher um só papel. E mais, a teria recebido uma comitiva do governo. Chegou à área onde supunha encontrar a seu irmão e a mama Cheia, um salão do porto não muito espaçoso, com certo luxo, destinado às pessoas que viajavam de primeira classe.

Gastón María viu entrar em sua irmã e se surpreendeu. Encontrou-a mais formosa que a última vez, dois anos atrás. Vestia na moda de Paris, com uma jaqueta de seda verde Nilo, que avançava sobre o quadril, onde rematava em um cinto do mesmo tom. A saia lhe sentava muito bem, destacava-lhe o talhe magro. Com uma abertura drapejada no meio, não lhe cobria os tornozelos. O chapéu, da cor do traje, era discreto, só umas plumas de ave do paraíso.

Micaela avançou entre as pessoas em busca de seu irmão e de sua babá, e, embora o fazia com naturalidade, caminhava com o porte de uma rainha. Os homens viravam a olhá-la e as mulheres desaprovavam seu traje.

—Mica! — chamou seu irmão, depois de observá-la um momento, e agitou a mão por sobre a multidão.

Micaela procurou com o olhar até dar com ele. Fazia tempo que não se viam. Embora Gastón María viajasse frequentemente ao Velho Mundo, ultimamente não lhes resultava fácil coincidir em uma cidade.

—Para que a Divina Four receba a seu irmão, o pobre tem que ficar fila, como os outros — expressou Gastón María, com uma careta.

—Não diga bobagens! A última vez que esteve na Europa, seus únicos três lugares foram: o cassino de Monte Carlo, o Moulin Rouge e Maxim'S. E por nada no mundo saía dali. Ah, esquecia-me! E sempre acompanhado por uma cortezã diferente.

Gastón María fez um gesto para indicar que se rendia. Sua irmã nunca tinha sido fácil de enganar, menos agora, que a vida lhe tinha ensinado tanto. Estendeu-lhe o braço e a convidou a sair. Micaela reparou na ausência de Cheia, e Gastón María lhe explicou que ela ficou na mansão para ultimar detalhes.

—Fez limpar até os porões porque você vinha. Como se fosses baixar a revisá-los! Pobre, minha velha!

Os jovens chegaram à vitória, e Micaela se alegrou de encontrar a Pascual, com o chicote na mão, parado junto a carruagem, tal como o recordava. O homem se emocionou quando sua menina o reconheceu e o beijou na bochecha.

—Que bom que tenham vindo me buscar na vitória! Tinha muito desejo de dar uma volta pela cidade antes de ir à casa de papai —disse.

—Eu sabia! — afirmou o chofer. — Quando você era pequena, adorava sair a passear nesta carruagem com sua babá.

—Agora deve estar cansada —repôs Gastón María. — Melhor vai ser…

—Não —interrompeu sua irmã. — Pascual, nos leve a casa do Passeio de Julho. Quero vê-la.

O chofer e Gastón María se olharam.

—O que acontece?

—Papai vendeu a casa a um amigo dele, Ernesto Tornquist, o dono da financeira, lembra-te? —Micaela assegurou que não, e Gastón María continuou: — Bom, a questão é que Tornquist demoliu a casa e levantou o edifício de sua companhia financeira, faz anos.

—Que lástima —sussurrou. — Embora talvez seja melhor assim. De todo o modo, nos leve, Pascual. Quero percorrer a área.

O Passeio de Julho tinha mudado as outras ruas também. Tal e como lhe havia dito o capitão, Buenos Aires era outra. Gostou da nova aparência, recordava a sua querida Paris. Ao chegar ao lugar onde existiu sua casa, a tristeza que pensou que a afligiria se converteu em alegria: A Fonte das Nereidas se elevava majestosa a sua frente.

—Essa é A Fonte das Nereidas, não é? — perguntou, com o olhar na escultura de mármore branco.

—Sim. Como sabe? Não vivia em Buenos Aires quando a colocaram aí —repôs seu irmão.

—Lola Mora me mostrou alguns esboços e fotografias. Pascual pare!

—Conhece a Lola Mora? — perguntou Gastón María, surpreso.

—Sim. Vive em Paris por temporadas. Ela me diz que admira meu canto, e eu lhe digo que admiro suas esculturas. Não te direi que somos íntimas amigas, mas cada vez que nos encontramos passamos bons momentos.

—Que se prepare sua amiga, então! Todas as devotas de Buenos Aires estão escandalizadas pelo "imoral" da escultura. Pediram ao intendente que a tire daqui.

Micaela elevou a vista e as mãos ao céu.

—Mon Dieu![4] — exclamou. — Muita mudança, muita mudança, a cidade é outra, mas as mentes imobilizadas seguem sendo as mesmas. Que gente!

Decidiram ir para a mansão Urtiaga Four. Certamente, Cheia estaria preocupada com a demora.

—Ah, esquecia-me, Mica! Papai me pediu que o desculpasse contigo…

A moça levantou a mão para sossegá-lo.

—Micaela, por favor, me deixe que te explique. Queria vir te buscar, mas lhe surgiu uma reunião…

[4] ***Mon Dieu*** = Meu Deus em francês

—Não me importa Gastón María, seriamente. Sabe que não me importa, por que insiste? Só desejava ver a ti no porto, e a mama Cheia, é obvio.

O jovem meneou a cabeça, pesaroso. Conhecia bem o ressentimento de sua irmã para com seu pai e, por mais que tinha tentado mitigá-lo, Micaela não transigia.

* * *

Em algumas oportunidades, Gastón María se referiu ao novo lar dos Urtiaga Four, mas Micaela jamais imaginou encontrar-se com semelhante edificação, e, apesar de conhecer mansões desse nível na Europa, o palacete a deixou estupefata.

A entrada principal dava sobre a Avenida Alvear. A vitória cruzou o portão de grades e percorreu um caminho de paralelepípedos até o pórtico. Micaela não afastava a vista da magnífica fachada, enquanto seu irmão lhe relatava alguns pormenores: que era de estilo francês, cópia fiel de um hotel Particulier do século XVIII e que seu interior não a deixaria menos aniquilada.

O coche se deteve sob o pórtico, circundado por colunas de pilar liso. Gastón María e Micaela descenderam; Pascual açulou aos cavalos e continuou. Abriu-se uma porta de carvalho e apareceu Cheia, seguida por várias domésticas que cochichavam. Abraçaram-se e se beijaram. Embora a babá tenha viajado a Europa em duas ocasiões, fazia tempo que não se viam e, por causa de sua nova e vertiginosa vida, Micaela não tinha reparado em quanto sentia falta da sua velha ama de leite. Gastón María interrompeu o abraço e as lágrimas com uma de suas graças, e entraram na mansão.

Micaela e Cheia caminhavam juntas, de braços dados, enquanto o jovem Urtiaga Four se encarregava de lhe mostrar as salas do piso térreo. A cada passo, o assombro não tinha limites, pois continuava obstinada à lembrança da sóbria mansão do Passeio de Julho. Quadros muito belos, esculturas de Rodin[5], vasos de Sévres[6], gobelinos[7] que cobriam paredes imensas, móveis franceses de gosto delicioso. Havia uma fortuna em adornos e decoração. As boiseries[8] de tetos e paredes eram esplêndidas; as do salão de baile, douradas à folha. Vislumbrou o parque circundante desde imponentes portas francesas.

Gastón María prosseguia com seu papel de cicerone e parecia muito entusiasmado. Cheia o olhava e sorria, pois não recordava a última vez que o tinha visto tão contente.

—Este é o Salão da Madame —disse, em tom grave e zombador. — Para que o entenda melhor, irmãzinha, o lugar onde Otília faz seu aquelarre[9] todas as semanas.

Micaela riu, e Cheia, embora não tinha a menor ideia do que significava "aquelarre", olhou-os com gesto admonitório, segura de que se tratava de algo ruim, e, impaciente, aproveitou para pôr fim ao trajeto. Tinha a comida pronta e desejava sentar-se a conversar com Micaela. Sabia da morte de Emma e queria falar a respeito.

Almoçaram em um recinto do piso térreo que Rafael Urtiaga Four fizera acondicionar como sala de música para sua filha. Perto de uma das portas francesas, sobressaía um piano novo e, conforme lhe contou Gastón María, tempos atrás, seu pai tinha contratado a um dos arquitetos do Teatro Colombo, um tal deJules Dormal, para que, com os acertos necessários, conseguisse a acústica perfeita na sala. Micaela se comoveu com o gesto de seu pai, embora sufocasse rapidamente esse sentimento e não disse nada. Gastón María, ansioso pela reação de sua irmã, mostrou-se decepcionado.

---

[5] François-Auguste-René ***Rodin,*** mais conhecido como Auguste Rodin, foi um escultor francês. Apesar de ser geralmente considerado o progenitor da escultura moderna, não se propôs a rebelar-se contra o passado.

[6] ***Sèvres*** é uma comunidade francesa na região administrativa da Île-de-France, no departamento Altos do Sena, nos subúrbios de Paris. A região é conhecida por suas porcelanas, as "Porcelana de Sèvres".

[7] ***Gobelinos*** = Gênero de tapeçaria luxuosa, francesa, típica da fábrica fundada pelos Gobelins no séc. XV.

[8] O ***boiserie,*** com a pronúncia "boaserrí", é um revestimento francês típico do século XVII e XVIII. A técnica consiste em emoldurar as paredes através de painéis de madeira em relevo.

[9] ***Aquerrale*** = Reunião noturna de bruxos e bruxas.

—Disse a Otília que chegava à tarde —comentou o jovem—, assim nos deixava tranquilos à hora do almoço. Passa o dia na rua, graças a Deus.

—E você também — adicionou Cheia, com irritação. — Todo o dia na rua. E toda a noite! Vagando! O senhorito não faz outra coisa mais que vadiar.

Micaela dirigiu o olhar a seu irmão, cheia de preocupação. A vida sem sentido que, desde algum tempo, levava Gastón María a tinha consternado.

—Você é uma pessoa inteligente...

—Você é? — interrompeu-a seu irmão. — Quando vais deixar de falar assim? Aqui dizemos "sois vós". Além disso, por momentos, arrasta os zes, por momentos, nasala como uma francesa. Que cocoliche[10]! — rematou, divertido.

Micaela o olhou sobressaltada, e, um segundo depois, ficou furiosa. Gastón María era o homem mais hábil que conhecia para escapar das reprimendas.

—Se falo assim é porque durante mais de quinze anos não escutei outra coisa. Mas se incomoda Sua Majestade, farei um esforço e mudarei meu modo —repôs, colérica.

Gastón María riu. Abandonou sua cadeira e se dirigiu a Micaela. Abraçou-a por detrás e lhe beijou o cocuruto.

—Não creia que com estas bobagens me convencerá! — exclamou. —É... Perdão, sua majestade! "É" um vago e um atrevido.

O almoço continuou e os três se divertiram. Embora Cheia tivesse preferido falar de assuntos mais sérios, com o Gastón María na mesa resultou impossível. De todo o modo, sua alegria era bem recebida, em especial por sua irmã que ainda tinha frescos os últimos dias da Marlene.

Micaela se perguntou se seu pai se uniria a eles no almoço.

—Seu pai disse que faria o possível por comer conosco — expressou Cheia, como se lhe tivesse lido a mente. — Vê-se que não pôde. É um homem tão ocupado!

Micaela a olhou e lhe sorriu: mama Cheia sempre o defendia.

* * *

Urtiaga Four chegou à tarde. Micaela descansava em seu quarto quando Cheia subiu para lhe avisar. A babá parecia impaciente, e a calma da jovem a alterava ainda mais. Sem deixar de falar, acomodava a roupa e comprovava que nada faltasse: toalhas, sabões, lençóis.

—Vamos, minha rainha! Seu pai quer te ver. Está muito ansioso. Não via a hora de que chegasse. Tem-te uma surpresa! Vamos!

Urtiaga Four a esperava em seu escritório, um lugar acolhedor, com paredes revestidas de painéis de madeira, uma enorme biblioteca cheia de livros e uma sala rodeada por sofás de estilo inglês. Aguardava que a porta se abrisse e que aparecesse sua filha. Pouco menos de um ano tinha transcorrido desde seu último encontro em Paris. Nessa viagem a tinha visto em várias ocasiões, que, graças à presença da Otília, tinham resultado uma chatice. A mulher não parava de falar de moda e personagens importantes; Micaela lhe respondia com monossílabos e suportava com estoicismo o que, ao certo, era uma tortura.

Naquela oportunidade, Micaela, ocupada com suas apresentações na Opera, tinha-lhes dado pouca atenção. De toda forma, enviou a seu pai e a sua esposa entradas para o teatro, a sugestão de Marlene, que, embora conhecesse os enganos de Urtiaga Four no passado, tentava uma aproximação entre eles.

"Quanto parecida é a sua mãe!", pensou Rafael ao vê-la. Sua pele arrepiou e lhe esquentaram os olhos. Repôs-se imediatamente e foi ao seu encontro. Micaela se mantinha perto da porta, com Cheia por detrás.

---

[10]***Cocoliche*** = A maneira de falar dos imigrantes italianos que chegaram ao Rio da Prata no final do século XIX e início do século XX, caracterizada pela mistura de palavras em sua língua materna com outras em espanhol; na literatura da época em que foi tomado pelos autores de comédias. - Adjetivo : [Pessoa] que usa roupas de mau gosto ou cores muito fortes.

—Boa tarde, papai —saudou muito séria. — Como se encontra?

—Filha. —Seu pai pegou suas mãos e a teria abraçado se não tivesse notado a severidade com que o olhava. — Bem-vinda a sua casa. Espero que esteja ao seu gosto. Algo que te falte, diga a Graciela ou a mim. Quero que esteja cômoda. Estou muito contente de que tenha vindo nos visitar. Fazia tempo que queria que viesse. Perdoe-me por não ter vindo almoçar, mas me resultou impossível. O que te pareceu a casa? É de seu gosto? Embora suponha que estará acostumada a coisas melhores, mas bom, aqui todo mundo sabe que deve estar ao seu serviço, não, Graciela?

Micaela, surpreendida pela falação de seu pai, já não o escutava. A vulnerabilidade de Rafael parecia a de um menino. Estava ansioso, via-o incomodado, inclusive nervoso. O grande senador da Nação parecia um adolescente assustado.

—Obrigado, papai. Tudo está muito bem. Felicito-o por sua casa, é formosa. Melhor que muitas que conheci na Europa.

Urtiaga Four se aproximou de um púlpito perto da biblioteca, tirou o tecido branco que cobria o quadro e olhou com olhos espectadores a reação de Micaela.

—Um Fragonard! — exclamou a moça, e deixou atrás todo ressentimento de protocolo. — "O sacrifício da Rosa", não é?

Jean Honoré Fragonard se converteu no pintor francês do século XVIII predileto da Micaela a vez que conheceu parte de sua obra em uma galeria do Louvre junto ao Moreschi, vários anos atrás. A impressionou a harmonia e delicadeza das cores em contraste com a força das imagens, algumas cheias de candura e outras, carentes dela absolutamente, como o óleo «Le viol» —"O ferrolho", em francês—, representando uma desfalecida dama prestes a perder sua guardada virgindade nas mãos de um cavalheiro corpulento e meio nu que, com manobras hábeis, tranca à porta antes de dar liberdade a seus instintos. Emocionou-a que o senador Urtiaga Four se preocupou em averiguar suas inclinações artísticas e gastou tanto dinheiro —os Fragonard se cotavam muito bem no mercado de arte europeia— para mimá-la.

—Contaram-me que é seu pintor favorito —retomou seu pai. — Também me disseram que "O viol" é o quadro dele que mais você gosta. Tinha intenções de comprá-lo, mas…

—Esse quadro está no Louvre[11] —interrompeu Micaela, sem apartar a vista do que tinha em frente.

—Sim, assim é. Depois de procurar muito, Otília encontrou em Paris a um colecionador que tinha este, "O sacrifício da Rosa", e o compramos para você. Pode pô-lo na sala de música. Você gostou da sala de música?

Seu pai continuou assim, nervoso e tagarela. Micaela o observava e não o reconhecia. Não era o pai severo e distante que tanto a tinha atemorizado quando menina e ao que tanto queria reivindicá-la agora, como adulta. E que ela tentasse ser afetuosa em suas respostas, custava-lhe. O rancor a cegava e não conseguia perdoar o abandono de quinze anos atrás.

—Convidei a uns amigos para esta noite. Estão ansiosos por te ver —disse Rafael.

A expressão de Cheia endureceu, e Micaela ficou pálida. Tinham conseguido que Otíliamantivesse a boca fechada, e Rafael, o menos pensado, tinha organizado uma festa.

—Pedi para não ver ninguém, ao menos os primeiros dias —expressou Micaela, e tratou de manter um tom educado. — Em especial, não queria que se inteirassem os jornalistas porquê…

—Não se preocupe! — exclamou seu pai, que tinha começado a angustiar-se por causa do jeito de sua filha. — Todos sabem que não devem abrir a boca.

Micaela se disse que, nesse momento, meia Buenos Aires já teria informado de sua chegada, incluídos os jornalistas dos jornais mais famosos.

* * *

[11]O Museu do ***Louvre***, instalado no Palácio do Louvre, em Paris, é um dos maiores e mais famosos museus do mundo

Otília trilava de raiva. Tinha chegado ao redor das cinco e se encontrou com a surpresa de que Micaela já estava na casa, e, para completar o quadro, Rafael lhe informou que receberia a uns amigos essa noite.

—Não tenho o que vestir! — vociferou. — Não posso aparecer com qualquer roupa! Trata-se nada menos que as boas-vindas à Divina Four!

Nesse ponto, Micaela virou para ocultar a risada. Não tinha conhecido mulher mais frívola que sua madrasta, e não entendia como seu pai a suportava. Imaginou que teria uma amante, embora pensou melhor e concluiu que, certamente, a seu pai bastava a política.

Otília se aproximou da Micaela com gesto de desconsolo.

—Minha querida —disse, pegando-lhe as mãos. — Você deve ter as melhores roupas. Ai, Meu deus! Paris, que cidade! E uma que tem que conformar-se com as costureiras daqui. Olhe para você! Se com este pequeno traje —apoiou as mãos sobre a cintura de sua enteada—, já estaria perfeita para esta noite.

A mulher apertou um pouco mais a cintura da jovem e a olhou com estranheza.

—E o espartilho? — perguntou.

—Faz muito que deixei de usar espartilho. Em Paris quase ninguém o usa. É mais saudável —adicionou.

—Não me diga? E como faz para ter esta cinturinha?

—Sendo jovem, formosa e magra. —Rafael, farto da histeria de sua mulher, deu por terminada a conversa e a enviou a dispor o necessário para a noite.

Micaela se retirou ao seu quarto, um pouco aflita. Não tinha desejo de ver ninguém mais.

* * *

Otília demonstrou sua destreza como anfitriã e organizadora de eventos, porque, apesar do pouco tempo, tudo se achava disposto à perfeição. Os convidados se mostravam agradados. Em nenhum momento faltou quem lhes servisse champanha ou um salgadinho. O jantar esteve delicioso, e Micaela se surpreendeu com a excentricidade dos pratos.

Os irmãos de Rafael se fizeram presente essa noite, inclusive tio Santiago, o monsenhor. Tia Josefina chegou sozinha com suas quatro filhas. Seu marido, Belisario Díaz Funes, encontrava-se no estrangeiro. A menor das Díaz Funes, a prima Guillita, resultou encantadora, as outras três, ao contrário, eram iguais à mãe. Tia Luisa e seu marido, Raúl Miguens, um político importante que, comentava-se, não tinha um cabelo de santo, foram os últimos. Fazia tempo que estavam casados e não tinham filhos. A princípio, Micaela pensou que o interpretava mal, entretanto, depois de um tempo, não restou dúvida de que seu tio Raúl a olhava com olhos carregados de lascívia.

Os amigos de Rafael eram os homens ilustres do momento, a nata da nata da sociedade portenha. Até o ex-presidente da Nação, Julio Roca, resistente a sair de casa ultimamente, tinha ido à festa de seu amigo.

Micaela passou uma noite bastante agradável. Conversou animadamente com os convidados, que se mostraram agradados com que a Divina Four estivesse em sua pátria. Não faltou quem lhe perguntasse se tinha intenções de cantar no Colombo, ao que ela respondeu que essa era só uma viagem de lazer, que tinha vindo visitar sua família e que não se encontrava de turnê. Depois de um tempo, desejou um pouco de intimidade, falar com Cheia ou Gastón María em um lugar afastado e sem gente. Procurou o seu irmão com o olhar, mas não o encontrou, e, intrigada, perguntou-se aonde teria se metido.

* * *



Capítulo VI

Contra seu desejo, e tal e como supôs, Micaela teve que receber a meia Buenos Aires nos dias que seguiram. A casa de seu pai se converteu em um desfile de gente. As amigas de sua madrasta eram visitas forçosas à tarde e os de seu pai à noite. Embora devia admiti-lo, o murmúrio e o barulho a mantinham longe de suas lembranças dolorosas.

Pelas manhãs, fechava-se na sala de música e cantava durante horas. Mais tarde, se o desejava, tocava piano. Tinha começado a estudar as partituras da próxima ópera que estrearia no festival de Milão. Dedicava parte de seu tempo matinal a responder a correspondência que chegava da Europa, em especial a de seu professor, que, desconsolado, apressava-a a retornar; havia vezes, inclusive, que a ameaçava indo procurá-la. Mas Micaela necessitava da pausa que estava tendo na casa de seu pai.

Nunca faltava algum assunto que a mantivesse distraída. Com Otília já tinha tido uma briga bastante forte porque não permitia que mama Cheia compartilhasse a mesa com eles. Micaela se zangou também com seu irmão que, durante todo esse tempo, não tinha defendido à babá da injustiça e a ofensa que significava comer com o resto dos serventes e não com a família.

—Quando voltar a Europaeu te levarei comigo —assegurou a Cheia, furiosa. — Como pode ser possível que te tratem assim? Meu pai e meu irmão são uns covardes. Como não me havia dito isso? Você é mais senhora desta casa que essa harpia da Otília Cáceres. —E assim continuou destrambelhando contra todos.

Cheia tentou acalmá-la, não queria que Micaela enchesse sua alma de rancor, já tinha sofrido muito. Era tempo de perdoar e viver em paz.

—Não posso ir com você a Europa, minha rainha. Agradeço-te, mas não. Sinto-me muito bem aqui. Embora não pareça, seu irmão e o Sr. Rafael me necessitam. Você sempre foi mais valente que eles, e porque a viammagra e tímida, diziam o contrário, mas eu sabia que foi a mais forte. Ao contrário, Gastón María e o Senhor nunca superaram a morte de sua mãe.

Mama Cheia lhe contou que, fazia anos, acompanhava Rafael a visitar o túmulo de Isabel no dia de seu aniversário e no aniversário de sua morte.

—Leva-lhe flores e reza um momento comigo. Depois, deixo-o sozinho. Quando sobe na carruagem, tem os olhos chorosos. Sabe o que me disse uma vez seu pai? Que eu sou sua melhor amiga.

Micaela se surpreendeu. Que pouco conhecia ao Rafael Urtiaga Four!

—E seu irmão, minha rainha… Bom, embora me custe reconhecê-lo, é um vagabundo sem remédio. Não posso deixá-lo sozinho; necessita-me. Além disso, sinto-me um pouco responsável. O criei tão mal!

Micaela lhe disse que estava louca se pensava assim. Ela tinha sido a melhor mãe para o Gastón María. Embora fosse certo: seu irmão acabaria mal se não canalizasse sua vida.

Pensou que já tinha suficiente com o Gastón María para somá-los aos problemas sentimentais de sua prima Guillita, mas lhe tinha simpatia e decidiu ajudá-la.

Uma tarde, sua tia Josefina e Otília tomavam chá no jardim da mansão, enquanto as mais jovens jogavam críquete, à exceção da Guillita que, sentada em uma banqueta afastada do resto, mantinha a vista fixa em algum ponto. As vozes atraíram a Micaela, que apareceu pela janela de seu quarto no andar superior. O ar fresco lhe voou o cabelo e o perfume dos jasmins invadiu o ambiente. Gostou da vista do jardim, com seu passeio de ciprestes e o lago com a escultura de mármore. A grama estava minuciosamente cortada, havia canteiros de ligustro que decoravam

alguns setores e grupos de flores que combinavam suas cores de maneira deliciosa. Micaela saiu ao jardim e se desculpou com as convidadas.

—Não vim antes —disse—, porque estava muito compenetrada no estudo de umas partituras.

—Nem tem o que dizer querida! —exclamou sua tia. — Já temos suficiente com que tenha vindo a Buenos Aires nos visitar. Imagino a quantidade de compromissos que terá deixado na Europa para estar aqui, conosco!

Tanta adulação a enojou, e se livrou das mulheres para saudar sua prima Guillita. Convidou-a a seu quarto para conversar com mais tranquilidade, longe do olhar cansativo de Josefina. Entraram, e não passou muito até que Guillita lhe confessou que estava apaixonada por um homem ao que seus pais não aceitavam.

—É que Joaquín não pertence a nosso círculo de amizades —explicou a jovem, com uma resignação que a exasperou. A moça, só dois anos mais nova que ela, a fazia sentir como uma mulher de quarenta.

—Ah, claro, Joaquín não é do círculo de amigos… —repetiu, com certo tom de brincadeira que sua prima não percebeu.

—Sim —afirmou Guillita. — E meus pais me proibiram recebê-lo em casa ou vê-lo em qualquer parte.

— O convidaremos a tomar o chá amanhã mesmo —disse Micaela, e a confusão de sua prima lhe causou graça.

Joaquín Valverde constituía o tipo de pessoa a qual um Urtiaga Four teria rechaçado como potencial membro da família: tratava-se de um homem sem brasões. Pelo resto, resultava encantador. Médico especializado em ossos vivia do que ganhava com suas classes e uns poucos pacientes.

—Tia Josefina! —exclamou Micaela, vários dias depois do encontro com Joaquín. — Têm que saber que convidei a tomar o chá ao doutor Valverde.

Josefina se acomodou na cadeira e tentou simular o espanto que lhe causou a notícia.

—Atreveu-se a trazê-lo para esta casa? —balbuciou a mulher, que por todos os meios tinha tratado de manter oculto o humilhante cortejo.

—Eu o convidei —esclareceu Micaela. — Ai, tia, que homem mais encantador e refinado! Fiquei surpreendida por quão culto é. Falamos de ópera e de música ao mesmo tempo. Em realidade, falamos de muitos assuntos. Fiquei sinceramente encantada.

Josefina a olhava e, à medida que sua sobrinha enchia de flores ao médico, o gesto lhe suavizava.

—E não pude me conter, tia, e lhe perguntei se não tinha algum parentesco com o conde de Valverde, porque a semelhança física me deixou impactada, além, é claro, do sobrenome.

—E, o que te respondeu? —perguntou a mulher, puxada pela curiosidade.

—Disse-me que ele tinha perdido a seus pais quando era muito pequeno e que o tinha criado uma irmã da mãe. Com a família de seu pai não tem contato. Mas me contou que seu avô era da mesma cidade que o atual conde de Valverde, ao sul da Espanha. Que esses homens, os do sul da Espanha, com esse ar mourisco que os faz tão arrumados.

Micaela nunca tinha mentido tão descaradamente em sua vida. Na intimidade, aceitou que não o fazia pela Guillita e Joaquín, mas sim por sua mãe. Os Urtiaga Four tinham sido tão cruéis com ela como eram agora com o doutor Valverde.

* * *

Percebia-se tensão no ambiente. Rafael e Gastón María tinham discutido novamente, e pelo mesmo motivo de sempre. O jovem Urtiaga Four não trabalhava não se ocupava das estâncias e gastava somas muito altas em diversão; inclusive, em algumas noites, chegava ébrio.

Rafael ameaçou tomar sua mesada e jogá-lo para fora de casa... Otília o reprovou que ainda não se casou e o acusou de aventuras "non sanctas[12]" pelos subúrbios da cidade que todo mundo comentava.

—Não se meta! —Vociferou Gastón María quando não suportou mais a intervenção de Otília. — A você ninguém deu vela neste enterro!

—Que atrevido! Que mal-educado! —escandalizou-se a mulher. — Rafael, não pode permitir que me fale assim!

O senador soprou de maneira sibilante, farto de seu filho e de sua esposa. Levantou a mão e indicou a Otília que se abstivesse de falar. A mulher abandonou a sala com o rosto encarnado. Urtiaga Four andou pela sala por um momento antes de prosseguir com a discussão. Tentava armar um discurso que conseguisse intimidar Gastón María, tal e como fazia no recinto do Congresso, embora fosse mais fácil convencer a seus pares que a seu próprio filho. Com ele, as palavras nunca eram suficientemente convincentes nem duras. Tinha tentado todas as formas: pormenorizado e inflexível, amável e déspota; mas Gastón María sempre era o mesmo: um vago sem remédio, mulherengo e jogador.

Rafael se deteve e levantou a vista. Encontrou-se com Micaela, que tinha permanecido muda a um lado da sala. Recordou que toda a família, inclusive ele mesmo, tinha pensado que Micaela, com sua maneira calada e lânguida, não chegaria a nada na vida; ao contrário, tinham posto suas expectativas no filho varão, mais acordado e alegre.

Ao ver o semblante triste de sua filha, Rafael deixou para outro momento a discussão. Não desejava que Micaela o odiasse até mais por tratar com dureza ao Gastón María, que sabia ser sua debilidade. Inclusive, estava a par de que lhe tinha emprestado dinheiro para quitar umas dívidas de jogo muito avultadas contraídas em sua última temporada em Mônaco, dois anos atrás.

Nesse estado de mal-estar sentaram-se à mesa. Otília, além das poucas e curtas conversas que foram iniciadas durante a refeição, mantinha uma postura hierática e a vista por cima dos convidados. Além da impertinência de seu enteado, tinha que suportar a uma negra em sua mesa, e tudo por um capricho de sua enteada.

Quase ao final do jantar, Rubén, o mordomo, apareceu na sala.

—O doutor Cáceres está no vestíbulo. Quer saber se os senhores poderão recebê-lo.

—Eloy! —ProrrompeuOtília. — Rubén faça-o entrar! Sabe que o Sr. Cáceres é da família. Não o faça esperar!

Micaela contemplava a cena com desconcerto. Quem era o tal Eloy Cáceres? Jogou uma olhada a seu pai, que seguia bebendo o café com a mesma parcimônia de segundos atrás, embora um brilho, ausente em seus olhos anteriormente, chamou-lhe a atenção. Gastón María ficou de pé e abandonou a mesa. Micaela o seguiu com o olhar, mas seu irmão não virou uma vez. Perguntou-se, igual a seu pai, aonde iria. Certamente, a esses lugares cheios de mulheres fáceis e mesas de jogo. Momentos depois, Eloy Cáceres entrou na sala.

—Eloy, querido! —ExclamouOtília, e saiu a seu encontro.

Rafael lhe deu a bem-vinda com sincera alegria antes de apresentá-lo a sua filha.

—Micaela, eu tenho a honra de te apresentar ao sobrinho da Otília, o doutor Eloy Cáceres. Não o tinha visto antes porque partiu de viagem o mesmo dia que você chegou. Se não, é assíduo convidado de nossa casa —adicionou.

Eloy tomou a mão da Micaela e a beijou. Claro, o sobrinho de Otília! Sua madrasta lhe tinha falado tanto dele que não se lembrava. Sempre era igual: Otília falava e Micaela assentia ou negava como um autômato, concentrada em suas próprias questões. Com seu falatório fútil, Otília a aborrecia soberanamente, além de enjoá-la com tantos nomes e parentescos. Se tivesse

[12]***Non sanctas***= Aventuras profanas

prestado atenção ao que Otília lhe tinha contado, conheceria vida, obra e milagres desse homem. Como não o tinha feito, só recordava que era diplomata, empregado da Chancelaria.

—Desculpe-me que tenha vindo sem avisar, dom Rafael, mas cheguei esta tarde e tinha muito desejo de vê-los.

Rafael lhe indicou que não se preocupasse com um movimento de mão. Convidou-o a sentar-se e a compartilhar uma xícara de café. A pedido de Otília, Eloy começou a narrar sua última viagem, e Micaela aproveitou para contemplá-lo mais atentamente. De aparência alta e magra, Eloy não era uma pessoa de aspecto comum. Suas feições, sem ser perfeitas, resultavam atrativas; refletiam a personalidade de um homem complexo, cheio de experiências e altamente cultivado. Seus olhos azuis, iguais aos de sua tia, embora de olhar mais gentil e profundo, suavizavam seu rosto severo. O cabelo loiro, com alguns cachos no topete, contrastava com um bigode povoado e bem aparado que lhe conferia mais idade da que tinha.

—Passemos ao fumoir[13] —convidou Rafael. — Têm que me dar à revanche no xadrez. A última vez me deixou malparado frente a meus amigos —disse Urtiaga Four a Eloy, e lhe deu um tapinha nas costas.

As mulheres os acompanharam. Cheia, mais que incômoda, desculpou-se e foi dormir. Otília se alegrou, pois, por um instante, pensou que a governanta teria o topete de acompanhá-los a beber licor e a jogar xadrez.

No fumoir, Rubén serviu seu tradicional Hesperidina[14] ao patrão e ofereceu toda classe de licores e conhaques ao resto. Rafael acendeu seu cachimbo e ofereceu a Eloy um puro. Antes de sair, o mordomo desdobrou a mesinha de jogo e acomodou as peças de xadrez. Micaela se sentou perto de seu pai, em um intento por afastar-se de sua madrasta, que já começava a cansá-la com comentários de modas e eventos sociais que resumia de uma revista.

—Essa não papai, mova o bispo — indicou Micaela.

Rafael se virou, surpreso. Tinha imaginado a sua filha perdida na leitura de algum livro e não perto dele, concentrada no jogo. Sorriu-lhe, mas Micaela manteve o gesto sério, impelindo-o a cumprir sua sugestão.

—Tem razão, filha. É uma jogada perfeita — aceitou, e moveu o bispo. — Nunca me teria dado conta.

Urtiaga Four ganhou o jogo graças às intervenções de Micaela. Eloy se queixou arguindo que ele não tinha recebido ajuda alguma, e pediu uma nova oportunidade para demonstrar sua destreza.

—Quando gostar, Eloy —respondeu Rafael, com soberba fingida.

—Com todo respeito, dom Rafael, mas, a revanche, estou pedindo a sua filha, não a você.

Urtiaga Four riu com vontade.

—Quando gostar, Sr. Cáceres — Micaela parafraseou a seu pai.

—Quem te ensinou a jogar assim?

—Irmã Emma —respondeu muito solta.

Rafael a olhou entristecido ao recordar a essa freira tão peculiar, jovem e formosa, que tinha amado a sua filha possivelmente mais que ele. Micaela se turvou com o repentino desconsolo de seu pai, e terminou por causar pena a ela também.

—Tenho que felicitá-lo, dom Rafael —interveio Eloy. — Sua filha, além de ser uma excelente soprano, é uma mulher muito inteligente.

Era a primeira vez que Eloy mencionava a profissão da Micaela. Farta já de que os convidados de seu pai ou as amigas de sua madrasta a enchiam de perguntas sobre o assunto, a atitude de Cáceres a tinha feito sentir-se muito grata. Pelo menos, não parecia querer submetê-la a uma dissecação como o resto. Além disso, houve certa intimidade na forma em que Eloy se

[13] ***Fumoir***= Local disponível para os fumantes.
[14] **Hesperidina** é um fitoterápico flavonóide, conhecido também como Vitamina P ou citrina.

referiu a ela, e teve a impressão de que eram velhos amigos, que se entendiam desde muito tempo. Que paradoxal, pensou, que justamente o sobrinho de sua madrasta fosse o primeiro argentino que a fazia sentir bem!

—Tenho que admitir, senhorita —continuou Eloy—, você me impressionou uma vez mais.

—Uma vez mais? —repetiu Micaela.

Rafael também o inquiriu com o olhar e Otília, que já tinha abandonado a revista, aproximou-se do grupo interessada na resposta de seu sobrinho.

—O ano passado tive a sorte de me encontrar em Paris quando você protagonizava Faust. Com toda sinceridade, admito que nunca tivesse escutado uma Margarida igual.

—Ai, querida! —Interveio Otília. — Se lhe disser isso meu sobrinho assim deve ser. Ninguém sabe mais de ópera que ele, asseguro-lhe isso. Bom, claro! Exceto você, que sabe mais que ninguém e…

—Nos retiremos para descansar —a parou em seco Urtiaga Four. — Já é muito tarde, Otília. Vamos.

A mulher, mais submissa que de costume, despediu-se de seu sobrinho e de sua enteada, e abandonou o fumoir detrás de seu marido. A porta se fechou e, imediatamente, Micaela e Eloy se olharam.

—Quer tomar algo?

Eloy aceitou agradado.

—Deve perdoar a minha tia —prosseguiu. — É muito veemente; às vezes, até exagerada. Mas não é má pessoa. A aprecia muito.

Micaela o olhou sobre a taça de conhaque e não comentou nada.

—Por que não foi ao meu camarim me saudar? Depois de Faust, refiro-me.

—Confesso-lhe que o tentei. Lembro-me que havia tanta gente que quase não se podia caminhar pelos corredores. Depois, cheguei a um ponto no que me deteve um empregado do teatro e me indicou que não podia avançar. Eu lhe disse que desejava saudá-la, mas me respondeu que você não receberia a ninguém essa noite.

—Teria que haver dado seu cartão a esse homem. Eu o teria recebido encantada —afirmou.

—Pensei-o, mas depois meditei uns instantes e decidi que era melhor não o fazer. De fato, você não me conhecia. Minha tia nunca nos tinha apresentado e eu não tinha ideia se tinha falado de mim.

—OH, sim que me falou de você! —exclamou Micaela. — Muitas vezes!

Ambos prorromperam em uma gargalhada.

—Imagino. Deve havê-la aborrecido com minha história.

—Quer que seja sincera? Quando sua tia fala por mais de cinco minutos, automaticamente meus ouvidos deixam de escutar e meu cérebro de entender. A verdade é que sei pouco a respeito de você.

—Pobre tia —disse Eloy. — Sua tagarelice foi sempre seu grande defeito.

—Me perdoe Sr. Cáceres, fui uma impertinente —se desculpou Micaela. — Não devia me referir a Otília nessa forma.

—Não se desculpe. Você tem razão. Minha tia é insofrível quando começa a falar. Parece que nem um terremoto a deterá. Além disso, estou encantado de que não a tenha escutado, assim eu mesmo poderei lhe contar tudo a respeito de mim. E você me contará sobre sua vida, não?

Rubén bateu na porta e entrou. Perguntou a Micaela se desejava algo mais; a jovem respondeu que não, e o enviou a descansar. Antes que o mordomo abandonasse a sala, Eloy o deteve.

—Sim, senhor?

—Por favor, Rubén, diga a Ralikhanta que já vamos.

Micaela se decepcionou, pensou que conversariam um momento mais; de toda forma, não se atreveu a contradizê-lo. Saíram do fumoir. As luzes apagadas e o silêncio mergulhavam a mansão em uma tranquilidade incomum. Micaela acompanhou Eloy até o vestíbulo. Foram calados e podiam escutar seus próprios passos sobre o piso de madeira. Ao chegar ao vestíbulo, de entre as sombras do cortinado emergiu um homenzinho tão escuro que se tivesse estado nu, nunca o teria percebido. Um pouco sobressaltada, Micaela aguçou o olhar e se deu conta de que não era africano; árabe, indiano, possivelmente. Vestia de maneira estranha: uma calça e uma jaqueta brancos, mais parecidos com os que se usariam em um safári que em uma cidade como Buenos Aires. Tinha os dedos abarrotados de anéis chapeados, e uma corrente grossa com um pingente muito estranho pendurada no pescoço.

—O é Ralikhanta —explicou Eloy. — Meu secretário particular.

—Boa noite —saudou Micaela, incapaz de repetir o nome.

O servente se ergueu e, com solenidade, inclinou a metade do corpo para saudá-la. Não emitiu som nem moveu um músculo do rosto. Eloy se dirigiu a ele em uma língua que ela nunca tinha escutado. Ralikhanta assentiu. Ato seguido entregou a seu chefe as luvas, a bengala e o chapéu, e saiu da mansão.

Micaela teria perguntado muitas coisas a respeito desse homenzinho estranho, mas Eloy mantinha uma atitude distante que a forçou a permanecer calada, com a curiosidade corroendo-a. Despediram-se quando divisaram no pórtico o carro de Eloy com Ralikhanta ao volante.

* * *

Mama Cheia entrou no quarto de Micaela para despertá-la. A jovem já se levantou e se arrumava frente à penteadeira. Cheia tomou a escova e começou a penteá-la.

—Hoje vem o padre Miguel para jantar —lhe recordou Cheia.

—Ah, o querido padre! Que bom! A última vez que veio havia muita gente e não pudemos conversar. Além disso, Otília o sentou na outra ponta da mesa. Acerta que me sentem perto dele esta noite, mamãe.

—Que lhe sente perto do querido padre Miguel ou do querido doutor Cáceres? —perguntou Cheia, com picardia, e Micaela fingiu não entender. — Não te faça a parva comigo. Eu percebi como o olhava ontem à noite durante o jantar.

—É certo, impactou-me. É arrumado e elegante.

—Parece um bom homem. A senhora Otília o adora, é o filho que nunca pôde ter. Seu pai também o quer muito. Parece-me que o doutor Cáceres é muito importante em seu trabalho. Não sei muito a respeito, mas imagino porque passa a vida viajando.

—Viaja muito porque é diplomata, acredito —demarcou Micaela.

—A verdade é que recentemente que o conheço. Quando seu pai se casou com a Otília, o doutor Cáceres não vivia em Buenos Aires. Faz mais ou menos um ano que mudou.

—Têm ideia aonde vivia?

—Acredito que na Índia.

—Na Índia! É obvio: o tal Ralikhanta ou como é que se chame deve ser indiano, então.

—Não sei o que é esse homem, minha rainha, mas que me dá uma sensação ruim, me dá. Olhe de uma forma que… Ai tem olhos de diabo!

Micaela não disse nada, concentrada em recordar o servente de Cáceres. A noite anterior o tinha visto só uns segundos e com pouca luz. Mas sim, mama Cheia tinha razão: seus olhos davam medo, tão grandes e negros eram.

—De quem falam? —Gastón María entrou no quarto sem bater, com essa impetuosidade tão característica nele.

—Poderia chamar antes de entrar —o repreendeu Micaela.

—Escutei-as tagarelar e entrei —foi a explicação. — De quem falavam?

—Do doutor Cáceres e de seu servente —respondeu Cheia.

—Hah! Bom par de idiotas!

—Por que diz isso, Gastón María? —perguntou Micaela, um pouco chateada. — O doutor Cáceres me pareceu uma pessoa educada e agradável.

—Sim, sim, muito agradável —repetiu com ironia. — Esse tipo é um idiota e um alcoviteiro. Quão único quer é congraçar-se com papai para lhe dar um posto melhor na Chancelaria. Como conhece as relações e a influência do "senador Urtiaga Four" passa adulando-o. É falso.

Micaela pensou que se a verdadeira intenção do doutor Cáceres era essa, já o tinha conseguido, porque seu pai se mostrava mais que atento com ele e o tratava como a um filho. Negou-se a deixar se influenciar pela opinião de seu irmão que, a léguas se notava, tinha ciúmes, inveja possivelmente. Não, o sobrinho de Otília lhe tinha dado uma boa impressão.

—Insisto, o doutor Cáceres me pareceu uma boa pessoa.

—Já convenceu a você também —se resignou Gastón María. — Parece que esse estúpido sabe dirigir-se. O único que não o suporta nesta casa sou eu. Até você —disse, e assinalou a mama Cheia— parece encantada quando vem.

—Bom, querido, comigo é muito respeitoso e atento. Não tenho queixa. Além disso, não posso falar, não o conheço.

—É certo que viveu na Índia? —perguntou Micaela.

—Sim. Trabalhava para uma companhia inglesa de ferrovias. Viveu muitos anos lá. Acredito que estava a cargo das relações públicas. Não estou muito seguro. Depois adoeceu. Esteve muito mal, quase à morte. Pegou uma dessas pestes que há nesses lugares. Quando se repôs, decidiu voltar para a Argentina. Papai lhe conseguiu o posto na Chancelaria. É tudo o que sei.

Micaela se vangloriou de sua própria percepção. Depois de tudo, o que acabava de lhe contar seu irmão coincidia com o que tinha percebido a noite anterior: que se tratava de uma pessoa complexa, com uma vida fora do comum, que às vezes a tinha feito sentir muito bem-vinda e que em outras, muito intimidada.

* * *

Micaela tinha se lembrado de Marlene o dia inteiro. Sentia saudade. Em ocasiões, tinha a fantasia de que, quando retornasse a Paris, encontrá-la-ia como sempre, no convento da Rué Copernic. Talvez a carta de Moreschi, recebida essa manhã, tinha-a levado a esse estado de naufraga. Alessandro lhe repetia que a sentia falta dela e que Paris não era o mesmo sem ela e sem a Marlene. Pedia-lhe que retornasse logo.

Mas Micaela não estava pronta para retornar, e assim o fez saber quando lhe escreveu. Não suportava a ideia de voltar para a Europa e não ter Marlene junto a ela. Lutava por vencer esse sentimento, pois detinha sua vida e seus projetos inutilmente. Às vezes, uma força inusitada a embargava e se acreditava capaz de enfrentar o mundo. Momentos depois, a euforia desmoronava e o temor voltava.

Era só a morte de Marlene ou existia algo mais? Marlene tinha sido o eixo de sua vida: mãe, irmã e amiga. Sua morte, repentina e inesperada, tinha-a comovido. Como nunca, havia se sentido sozinha, até com Moreschi a seu lado todo o tempo. De qualquer modo, insistia: era só pela Marlene?

A reunião da noite ajudou a animá-la. Durante o jantar, sentou-se junto ao padre Miguel que a distraiu com suas anedotas paroquiais. Não muito longe, localizou-se Eloy, que tinha chegado acompanhado de um amigo, um homem jovem, não mais de trinta anos. Um momento depois, inteirou-se de que era inglês e que se chamava Nathaniel Harvey.

—Faz muito que vive em Buenos Aires, Sr. Harvey? —perguntou Micaela.

—Não, senhorita. Faz só uns meses —respondeu, em um castelhano fluido e bem pronunciado.

—Assombra-me que fale tão bem nosso idioma, Sr. Harvey —comentou.

—Eloy me ensinou espanhol enquanto vivíamos na Índia.

—Na Índia? —simulou não saber.

—Assim é. Eloy e eu trabalhávamos na mesma companhia de ferrovias. Eu sou engenheiro e ainda trabalho para essa companhia. Faz uns meses me transladaram aqui. Estamos construindo a maior estação terminal da América Latina.

Raúl Miguens, o marido de tia Luisa, inquiriu ao Nathaniel sobre questões técnicas da obra que a Micaela não interessava absolutamente. Ela continuava corroendo-se da intriga pelo entorno que rodeava o Cáceres e queria saber mais. Seu tio Raúl tentou prosseguir com o interrogatório, mas Micaela se apressou e o interrompeu com outra pergunta.

—Como é que você, doutor Cáceres, trabalhou para uma companhia estrangeira e em um lugar tão afastado como a Índia?

—É uma longa e aborrecida história, senhorita. A deixo para outra oportunidade.

Otília indicou aos convidados o jardim de inverno e os convidou a tomar café e a jogar cartas. No momento em que Micaela transpunha a porta, seu tio Raúl tomou pelo braço.

—Vamos, sobrinha, toque piano para nós, ou canta algo com essa voz magnífica que têm.

De um puxão, Micaela se desfez da mão do Miguens e se afastou com asco.

—Não estou com ânimo —arguiu, e se uniu ao padre Miguel e a Cheia.

A festa continuou amena. Micaela conversou com sua prima Guillita e o doutor Valverde, convidado obrigatório, fazia algum tempo, às reuniões familiares. Inteirados da mentira de Micaela, ao princípio se assustaram, em especial Guillita, mas ao compreender que essa era a única maneira de estar juntos, deixaram-se levar pela situação. Tão agradecidos estavam com Micaela que lhe professavam uma devoção que já começava a lhe incomodar. De toda forma, tanto sua prima como o médico eram boas pessoas e se alegrava cada vez que a visitavam.

Decepcionou-se quando Eloy e Nathaniel anunciaram sua partida. Não tinha podido voltar a cruzar palavra com eles.

—Espero que nos visitem logo —disse Micaela.

—Com muito prazer, senhorita —respondeu Nathaniel.

Eloy, ao contrário, limitou-se a contemplar de maneira inquietante. A jovem lhe sustentou o olhar e tratou, sem êxito, de não se sentir intimidada.

* * *

Dormia profundamente quando mama Cheia irrompeu em seu quarto com o gesto alterado.

—O que acontece? —perguntou, e abandonou a cama. — Que horas são?

Mama Cheia lhe indicou que não fizesse ruído, alcançou-lhe um roupão e lhe pediu que a acompanhasse. Caminharam pelos corredores do andar superior com sigilo. Chegaram ao quarto do Gastón María, entraram e fecharam a porta. A penumbra no ambiente a impediu de ver em um primeiro momento; segundos depois, quando seus olhos se acostumaram à pouca luz, Micaela tapou a boca para não gritar: seu irmão jazia na cama e uma mancha de sangue lhe empapava a camisa branca à altura do estômago. Pascualito, filho de dom Pascual e chofer de Gastón María, encontrava-se parado em um canto do quarto. Micaela se aproximou com lentidão e olhou a seu irmão espantada, acreditando-o morto. Tinha os lábios azulados, que contrastavam horrivelmente com a palidez de seu semblante. As mãos ensanguentadas lhe caíam sem vida aos lados do corpo. Deu-se conta de que gritava quando Cheia tomou pelos ombros e a sacudiu para sossegá-la.

—Não está morto! —assegurou-lhe. — Não está morto!

Deixou-se cair em uma cadeira. Tremia e choramingava sem poder controlar-se. Mama Cheia a aconchegou contra seu ventre e a acariciou.

—Não chore minha rainha, está ferido gravemente, mas não está morto.

Micaela advertiu que perdia um tempo valioso e rapidamente se preparou para atender a seu irmão. Pediu a Cheia que trouxesse ataduras e água oxigenada; deviam estancar a ferida. Ao abrir a camisa, deram-se conta de que o corte necessitava sutura.

—Mas se chamarmos o doutor Bartoli, o primeiro que vai fazer é contar a seu pai e não é conveniente que dom Rafael se inteire —assegurou Cheia, que intuía a origem de semelhante ferida.

Micaela retornou a seu quarto, onde procurou o cartão de Joaquín Valverde. Retornou quase correndo e afastou ao Pascualito do lado da cama.

—Quero que vá a este endereço e diga ao doutor Valverde que Micaela Urtiaga Four o necessita. Diga-lhe que tem que fazer uma sutura. Não se esqueça de dizer-lhe. E te apresse.

Ao chegar o doutor Valverde, preparou-se para costurar a ferida. Embora muito enjoado e débil pela perda de sangue, Gastón María havia voltado a si. Joaquín lhe injetou uma dose de morfina e esperou uns minutos nos que o jovem adormeceu. No ínterim, dedicou-se a estudar o corte, produto de uma navalhada, nem profunda, nem grave. Ou Gastón María tinha sido ágil para escapar ao fio da arma ou o atacante, sem intenção de lhe dar uma punhalada mortal, apenas lhe tinha rasgado a carne.

O doutor Valverde começou a suturar. Gastón María, em meio de sua inconsciência, queixava-se e se movia apenas. Mama Cheia, sentada junto a ele, tentava mantê-lo quieto.

Micaela se encontrou com os olhos de Pascualito e lhe fez um gesto para que a acompanhasse fora.

—Agora me diga o que significa isto —o repreendeu.

—Não posso abrir a boca, senhorita, desculpe-me.

—Que me desculpe nem em oito quartos! Diga-me o que passou —Tomou pelo braço e lhe cravou as unhas. — Vamos, fala!

Pascualito ficou atônito. A patroa, usualmente tranquila e contida, parecia uma fera.

—Senhorita, me entenda, seu irmão me vai matar —balbuciou.

—Eu te vou matar primeiro se não me disser. —E o sacudiu outro pouco.

—Foi um aviso —disse o chofer, por fim.

—Um aviso?

—Sim. O jovem anda metido em problemas muito graves com um bandido pior que a peste. Foi ele que o feriu. Disse-lhe que era um aviso, mas que a próxima o matava. Asseguro-lhe, senhorita Micaela, esse homem vai cumprir. A próxima mata-o.

—O que foi o que fez Gastón María para enfurecê-lo assim?

—Ah, eu não sei! —asseverou Pascualito com uma sacudida de ombros. — Seguro que lhe deve dinheiro.

—Dinheiro? Por que lhe deve dinheiro?

—É que o jovem sempre anda metido nos bordéis e casas de jogo clandestino do Varzi e…

Joaquín Valverde saiu do quarto e pediu umas palavras a Micaela. Pascualito viu a possibilidade de se desembaraçar do interrogatório e tentou fugir pelo corredor.

—Nem te ocorra, Pascualito! —ordenou Micaela. — Ainda não terminei com você.

O jovem, com rosto de desconsolo, manteve-se à parte o tempo que sua patroa falou com o médico. Valverde lhe disse que a ferida não era grave se não infeccionasse. Ofereceu-se para curá-la diariamente e aconselhou repouso absoluto por vários dias.

—Estimo que não queira que seu pai se inteire deste "incidente"—especulou Joaquín, e Micaela assentiu. — Não se preocupe. Diremos que Gastón María sofre um problema de fígado e que não pode ser incomodado.

—Obrigado, doutor. Muito obrigado. E desculpe que o tenha feito vir a esta hora e que o comprometa com este assunto.

—Eu devo muito mais a você, senhorita. Embora não seja bom para ninguém, este lamentável acontecimento me dá a possibilidade de devolver em parte o que você fez por mim e pela senhorita Díaz Funes.

Pascualito se ofereceu a levar a doutor de volta a sua casa, mas Micaela se negou.

—Desperte a seu pai e diga-lhe que ele leve ao doutor, e volte imediatamente que quero falar com você.

Logo depois que Pascualito e Valverde se perderam na escuridão do corredor, Micaela retornou junto a seu irmão. Mama Cheia lhe limpava o suor da fronte, enquanto rezava em voz baixa.

—Não se preocupe mama Cheia. Não é grave —lhe assegurou, com um nó na garganta ao pensar que, em realidade, Gastón María sim corria perigo de morte.

Pascualito bateu na porta e Micaela saiu ao corredor para continuar indagando-o.

—Estava me dizendo que meu irmão sempre está nos bordéis e casas de jogo clandestino desse homem.

—Sim, senhorita. Eu lhe digo que é perigoso, mas seu irmão não me faz conta. O Napo Varzi é o pior homem de toda Buenos Aires. Até a cã[15] lhe tem medo.

—Me leve a esse homem, Pascualito. Quero falar com ele.

—O que? Com o Varzi? Não, senhorita! Nem louco a levo a ele! Não me escutou que até a polícia lhe tem medo? Esse homem é o próprio demônio!

Micaela olhou-o com fúria, a ponto de perder a paciência.

—Está bem! Está bem! —disse o chofer, resignado. — Eu a levo, mas não me faço responsável pelo que possa lhe acontecer.

* * *

[15] ***Cã*** = Polícia em gíria portenha



Capítulo VII

De quantos bordéis, casas de jogo clandestino e demais prostíbulos era dono este bandido de Buenos Aires? Fazia uma hora que Pascualito passeava pelos subúrbios da cidade e ainda não davam com ele. Tinham visitado vários cortiços e um cabaré. No último lugar lhes disseram que com certeza o encontrariam no Carmesim. Pascualito reconheceu o nome, subiu ao carro e arrancou depressa.

—Me deixe entrar, senhorita —pediu o chofer. — Verifico se está e a chamo.

—Não. Vou entrar sozinha. Espere-me aqui fora.

—Mas, senhorita... —tentou queixar o jovem.

—Vamos, Pascualito! Não perca tempo e abra-me a porta.

Micaela se disfarçou na capa, cobriu-se com o capuz e entrou. Aguçou o olhar; custava-lhe distinguir o salão, com muita dificuldade iluminado por lustres cobertos com magros tecidos. Um momento depois, acostumou-se a escuridão reinante. O lugar fazia honra a seu nome: era de cor vermelha carmesim. As paredes, o teto, as toalhas das mesas, o tapete que cobria a escada, tudo nesse tom, tão sórdido e vulgar. Sua garganta contraiu e esteve a ponto de ir-se.

Casais dançavam o tango no hall central, e mesas pequenas e redondas circundavam a pista. A um lado, a orquestra com músicos de fraque tocava uma melodia triste e cadenciosa. O lugar tinha desníveis, e nos mais de cima, mergulhados em absoluta escuridão, só destacavam o brilho das lantejoulas e das brasas dos charutos.

A música cessou, e Micaela escutou risadas falsas, saltos sobre o piso de granito, estalos de acendedores e conversas veladas. A orquestra reatou e os casais voltaram para a pista de baile. Deteve sua atenção em um grupo de mulheres que cochichavam ao pé da escada. Olhavam a seu redor, comentavam algo cobrindo o rosto e logo rompiam em uma gargalhada que a melodia tampava, mas que, só de imaginar crispavaseus ouvidos. O que haveria nessas mulheres que, em qualquer lugar que as tivesse encontrado, lhe teriam revelado como prostitutas? Eram seus olhos, tão borrados, com cílios postiços que pareciam lhes pesar nas pálpebras? Possivelmente a pele do rosto, coberta de pó de albayalde[16], com essas pintas artificiais ao lado das bocas? Ou eram seus corpos, voluptuosos, cheios, semidesnudos, logo que cobertos por objetos curtos e pequenos de gaze transparente? E essas estolas de plumas em torno de seus pescoços, caindo aos lados das pernas, só cobertas por meias de seda e cinta-liga.

Dois homens a avistaram na entrada e se aproximaram a passo lento. Um deles, calvo, magro e baixo, desafinava com o outro, que parecia um urso. As pernas lhe afrouxaram e lamentou ter recusado a oferta de Pascualito. Mas já estava ali, devia enfrentar a situação da qual dependia a vida de seu irmão.

—Cala, Mudo! —Disse o mais baixo ao outro, quando estiveram perto. — Parece que esta comprida veio oferecer seus serviços.

Micaela se horrorizou. Como podia confundi-la com uma dessas mulheres? Conteve-se, não estava em posição de ofender-se.

—Poderia ver o Sr. Varzi, por favor?

—Como?

—Se poderia ver o Sr. Varzi. Disseram-me que podia encontrá-lo aqui. Está ele aqui?

—Ele juna você? —perguntou o homenzinho.

---

[16] O termo ***Albayalde*** (o árabe *al-Bayud* , 'brancura') designa o carbonato básico de chumbo (II), um pigmento tradicionalmente utilizado em pintura artística, e, por extensão, a cor do referido pigmento. Eles são sinónimo de Albayalde: branco de chumbo, chumbo branco, cerusita, cerusita branco, alvo de Espanha, blanquíbolo e chumbo orín.

—Como há dito? Desculpe senhor, não o entendo.

"Em que idioma fala este cristão, Por Deus Santo?".

—Pergunto se o Napo conhece você? —E como Micaela ainda o olhava desconcertada, perguntou-lhe: — Qual é sua graça? Quem é você?

—A senhorita Urtiaga Four —respondeu insegura de dar seu nome.

—A... caramba! — exclamou o homem. — Che[17] Mudo, Gastón María Urtiaga Four! Você é algo do safado? A irmã desse presunçoso? —Micaela logo assentiu. — Faz tempo estivemos com ele —comentou risonho. —Che, Mudo, leva-a ao escritório do chefe enquanto eu o busco, acredito que está com a Sonia. —Lançou uma gargalhada. O tal Mudo nem pestanejou; fez um movimento com a mão e lhe indicou que o seguisse.

Conduziu-a escada acima, e, no andar superior, guiou-a por um longo corredor, limitado, a um lado, pela balaustrada que dava ao grande salão, e ao outro, por muitas portas fechadas, de onde provinham risadas afetadas, suspiros e ofegos. Micaela respirou profundamente e se encomendou a Deus.

Ao chegar ao final do corredor, o homem abriu uma porta e lhe assinalou com a cabeça que passasse. Entrou, atendida pelo medo. Escutou a porta bater atrás de si e soube que a tinha deixado sozinha. Olhou em torno. A sala, bem iluminada, não tinha o aspecto indecente do resto do lugar. Havia uma escrivaninha grande e maciça, várias cadeiras fazendo jogo, uma mesa redonda com cartas de baralho desordenadas, um móvel com pequenas gavetas e uma cristaleira cheia de taças e garrafas. Chamou-lhe a atenção os quadros e se aproximou: uma áspera cópia de "A simpática nua"; uma pintura a óleo, quase pornográfica, de Leda e o cisne; e outras reproduções baratas com cenas de mulheres eróticas e homens desejosos. Afastou a vista, enojada.

Aproximou-se da janela para respirar o ar noturno. Tratou de vislumbrar seu carro e ao Pascualito, mas resultava difícil ver com precisão. Uma bruma subia do rio e cobria tudo. Apenas se distinguiu a claridade de uma luz na esquina. Escutou vozes na calçada, que logo se converteram em gritos, e, mais tarde, nada; silêncio outra vez. Uma sensação desoladora a angustiou e precisou aferrar as mãos para que parassem de tremer.

Virou porque sentiu a presença de alguém. Havia um homem na sala, que avançava lentamente para ela e, quando esteve só a uns passos, estendeu a mão e lhe descobriu a cabeça. Micaela não pensou nada. Ocorreu-lhe que a confundia com uma rameira, e estremeceu de medo e de apreensão, mas se manteve aí, firme no mesmo lugar, como se o capuz tivesse caído por seu próprio peso.

Fingiu valentia e o olhou na face, morena, sem barba nem bigode, a pele suave. Era o rosto mais cruel e formoso que tinha visto. A mandíbula, larga e de linhas marcadas, conferia-lhe essa nervura de maldade. Os olhos, ao contrário, enviesados e pequenos, de espessas pestanas, mitigavam a ferocidade daquele rosto. Levava o cabelo despenteado e a camisa aberta até o peito. Os suspensórios penduravam aos lados da calça, que parecia ter sofrido o pisotear de uma manada.

—Dizem-me que você é a irmã de Urtiaga Tour —manifestou com uma voz grave que ressonou na sala.

—Você é o Sr. Varzi? — ela perguntou. Tinha esperado um homem gordo, de pele brilhante e lábios grossos e repulsivos.

—Assim é. Eu sou Carlo Varzi.

—Quero falar com você sem rodeios, senhor.

—Acaba de interromper algo muito satisfatório, senhorita. Espero que o que tenha para me dizer valha a pena —advertiu o homem seriamente, embora logo sorriu.

---

[17] ***Che*** = Exclamação que é usada com valor apelativo para endereçar uma ou várias pessoas que são você, você ou você.

Micaela baixou a vista com a imagem ainda gravada na retina desse sorriso macabro e incrivelmente atraente.

—Sei que meu irmão lhe deve dinheiro —prosseguiu, ao sentir-se mais reposta.

—Isso lhe disse Urtiaga Four?

—Não, ele não me disse isso, mas o suponho. Por que outra razão você lhe teria aberto o estômago com uma navalha?

O homem lançou uma gargalhada que lhe sacudiu os alicerces. "Maldito delinquente! Como pode rir assim quando quase mata ao meu irmão?".

—Volte para sua casa, senhorita. Estas são coisas de homens. Entre homens se têm que arrumar.

—Coisas de homens, diz? Não se confunda "senhor" Varzi. Estas não são coisas de homens. Estas são coisas de criminosos.

Sem esperar a réplica, dirigiu-se à mesa, afastou as cartas do baralho e deixou cair o conteúdo de uma bolsa de veludo que tinha mantido oculta dentro da capa. Um montão de jóias caiu. Contemplou-as um segundo; muitas tinham pertencido a sua mãe.

—Cobre o que meu irmão lhe deve e deixe-o em paz. Aí tem suficiente.

Carlo alternou o olhar entre o conteúdo da bolsa e a jovem, e pensou que nem todas essas jóias poderiam comparar-se com sua beleza. Certamente, a notícia de seu irmão ferido a tinha encontrado na cama porque levava o cabelo solto e cacheado; loiro, longo e ondulado, encontrou-o fascinante. Entretanto sentiu-se tentado a lhe abrir a capa, convencido de encontrar uma camisola leve que lhe delinearia as formas, conteve-se, já a tinha assustado o bastante ao lhe descobrir a cabeça.

Ao contemplá-la com atenção, descobriu uma pequena pinta perto da comissura do lábio. De que cor eram seus olhos? Azuis? Não, pareciam de uma tonalidade mais clara, embora não celeste. Violeta, possivelmente? Podiam ser dessa cor? Estranhos e misteriosos, grandes e amendoados, com pestanas e sobrancelhas bem mais escuras que lhe delineavam o contorno.

Abriu-se a porta da sala do lado, Varzi e Micaela viraram para olhar. Uma mulher, coberta só por uma bata transparente, apoiava-se no marco e os contemplava com indolência. Tinha os peitos ao ar e o tecido logo que recatava as demais partes íntimas. Micaela afogou um gemido de vergonha e lhe deu as costas.

—Vais demorar muito, querido? — inquiriu a mulher.

—Desaparece, Sonia —ordenou Carlo.

A mulher fechou a porta de um golpe. Varzi procurou os olhos da Micaela e a encontrou muito afetada.

—Tome isso, senhorita —disse, ao tempo que assinalava as jóias— e não se meta neste assunto.

—Não é suficiente? —perguntou desesperada. — Agora não tenho muito dinheiro em efetivo, mas posso consegui-lo. Tenho uma propriedade em Paris. Posso vendê-la, se você me der tempo, e lhe pagar o que meu irmão lhe deve. Mas, por favor, não lhe faça mal, não o… —Apertou os lábios, a ponto de chorar.

Como Micaela não recolhia as jóias, Varzi tomou em um punhado e as meteu na bolsa. Sem tomar consciência do que o homem fazia, Micaela se concentrou em sua mão, enorme, com dedos largos e unhas compridas. Não tinha pelo, o qual a impressionou, e experimentou um desejo irracional de tocá-la. Voltou para a realidade quando Varzi lhe dava a bolsa.

Carlo abriu a porta que dava ao corredor e chamou a alguém a gritos. Um jovem apareceu imediatamente, com rosto de susto.

—Acompanha à senhorita à saída —indicou. — Por favor, senhorita. —E a pegou pelo braço para tirá-la do escritório. Micaela se desembaraçou dele com um puxão, e, embora quisesse lhe

dizer algo, não achou as palavras, de tanta raiva que tinha. Ocultou-se sob o capuz e abandonou a sala a toda pressa com o menino brincando de correr atrás dela.

Varzi a seguiu com o olhar até que desapareceu escada abaixo. Fechou a porta, foi até a cristaleira e se serviu um gole. Sentou-se, com a bebida na mão, e fixou a vista em algum ponto. Levava-se o gole à boca mecanicamente e chocava a borda do vidro contra os dentes.

—A irmã de Urtiaga Tour —expressou, por fim.

Sorriu com malícia ao pensar na ironia do destino. Estava seguro de que Gastón María não tinha ideia da façanha noturna de sua irmãzinha; de outra maneira, teria sido como entregar a presa nas mãos do caçador. Neste caso, entretanto, a presa se entregou ela própria. Definitivamente, era uma situação engraçada.

O sorriso lhe apagou e voltou a seriedade de instantes atrás quando recordou que, ao lhe descobrir a cabeça, havia se sentido tentado a tocá-la; o cabelo, a pele do rosto, os lábios, qualquer coisa; a necessidade de acariciá-la tinha sido intensa; tinha lutado por conter-se.

"Mulher ousada!", pensou. Entrar assim, no meio da noite, em um subúrbio como esse, em um bordel como esse! Possivelmente não conhecia os perigos da área e a ignorância a tinha levado a agir com descuido. Não, por mais incrédula e inocente que fosse, a sordidez tão clara do lugar a teria convencido de que se encontrava mais perto do inferno que de qualquer outro lugar.

Recordou suas feições, de uma beleza extasiante, pareciam as de uma boneca de porcelana. Por essa razão, possivelmente, não a havia tocado, por temor de quebrá-la. E a ousadia com a que lhe tinha falado? E a forma em que o tinha olhado? Qualidades que contrastavam com seu aspecto de Donna angelical.

A porta da sala contigua se abriu. Sonia outra vez.

—Vamos, querido, volte para cama —disse, e o rodeou com os braços.

Varzi a tirou de cima e se afastou. Tomou assento em seu escritório e simulou concentrar-se em uns documentos.

—Se vista e vai para o salão —ordenou, sem tirar a vista dos papéis. — Há muitos clientes que atender.

—O que? Estávamos a ponto de…

—Vista-se e anda ao salão —repetiu.

Sonia sabia que não devia insistir. Carlo era homem de "poucas pulgas". Decidia em que momento a desejava e em que momento a queria longe. Ela só obedecia com submissão, pelo amor que lhe tinha.

—Quem era essa mulher, Napo? —perguntou com apatia, embora morresse por saber.

—Ninguém que a você interesse.

—Vamos, querido, não vai me falar? Vai, me conte.

Carlo a fulminou com uma olhada.

—Está certo, tá certo… Tá bem, não te pergunto. —Manteve-se em silêncio uns instantes antes de voltar a referir-se a Micaela: — Linda, a enjeitada!

Carlo abandonou a cadeira disposto a tirá-la a reboque, e a mulher saiu da sala quase correndo.

—Espero-te abaixo para dançar o tango. —E fechou a porta.

Carlo manipulou os papéis sem emprestar atenção a seu conteúdo. Não podia tirar da cabeça à irmã de Urtiaga Four. O menino que acompanhou a Micaela bateu na porta e entrou.

—Já cumpri com o que me pediu chefe.

—Alguém a esperava fora? —perguntou Varzi.

—Sim, um carro. Bem luxuoso, desses que usa a jailaife[18].

---

[18] ***Jailaife***= Pessoas da alta sociedade

—Conseguiu ver alguém dentro?

—Sim, acredito que era Pascualito, o chofer de Urtiaga Four.

—Está bem, pode ir. Diga-lhe a Mudo e a Cabecita que venham.

Logo os homens atenderam ao chamado do chefe. Ao mais baixo e fraco o chamavam Cabecita, por sua calvície. Ao que se parecia com um urso lhe diziam Mudo.

Cabecita, de caráter jocoso e vivaz, entrou ensaiando uns cortes e quebradas. Mudo, ao contrário, deteve-se na porta, e, logo quando Varzi lhe fez um gesto, animou-se a cruzar o portal. Apesar de seu tamanho e seu corpo grotesco, movia-se em sigilo.

—Que acontece, Napo? — perguntou Cabecita.

—Não quero que comentem com ninguém sobre a mulher que veio me ver.

Cabecita fez um estalo com a boca e negou com a cabeça.

—Não acredito que possamos Napo. O grupo inteiro anda perguntando quem era a essa mulher que veio te ver.

—Se te perguntarem você olha para outro lado e te faz de otário, que te sai bastante bem e não te custa nada —indicou Varzi. — Alguém a viu? Digo, se alguém viu seu rosto.

—Como! Se vinha mais coberta que uma freira. Era linda, Napo?

—Algum cliente perguntou por ela? —prosseguiu Carlo.

—Não. Olharam-na passar, mas não abriram o bico.

—Bem — disse Varzi. — Quero que investiguem tudo a respeito dela. Como já sabemos, é a irmã de Urtiaga Four. Mas quero saber todo o resto. Entenderam-me? Tudo.

* * *



Capítulo VIII

Buenos Aires, 1897.

O jovem Carlo Varzi se despediu de seu chefe, um sapateiro bastante conhecido da área, e partiu para seu lar. Ansiava chegar e encontrar-se com sua mãe, Tiziana, e com sua pequena irmã de quatro anos, Gioacchina. Além disso, estava esfomeado; não tinha comido em todo o dia para não gastar. Sua contribuição à família se converteu, virtualmente, na única entrada fixa e segura.

Em 1884, quando Carlo tinha só dois anos, seu pai, Gian Carlo Varzi, sua mãe e ele tinham fugido da Itália. Gian Carlo era procurado pelos carabinieri[19], acusado de anarquista. Conhecido por militar no grupo clandestino de inconformistas de Gaetano Bresci, dos mais violentos e facínoras, lhe imputavam vários atentados.

Tiziana sentiu profunda tristeza ao deixar sua amada Nápoles. Ali tinha nascido e crescido junto a suas primas e primos. Deixou tudo para seguir Gian Carlo, e sua família a repudiou. A jovem Tiziana, bela e culta, pertencia à classe alta da sociedade napolitana, e entre seus ancestrais estavam personalidades destacadas na arte e na política. Gian Carlo, pelo contrário, era o filho bastardo de uma lavadeira, que tinha morrido poucos meses depois de dá-lo à luz. O menino tinha vivido em orfanatos e reformatórios, em meio a agressões e escassez. Era violento e ressentido, embora muito inteligente, além de incrivelmente atraente. Tiziana o seguiu em sua fuga perguntando-se se ainda o amava. Mas era tarde para arrepender-se: tinham um filho. De toda forma, não valeria de nada ficar em Nápoles, sua família jamais a perdoaria, menos ainda com um menino ilegítimo nas costas.

Depois de uma penosa viagem, atracaram em Buenos Aires e ali se instalaram. Alugavam um quarto em um cortiço no bairro de San Telmo, chamado O Testún, e viviam a borda da miséria. Gian Carlo não durava muito em seus trabalhos; os patrões o despediam em pouco tempo por ser ativista e agitador. Fez amizade com um grupo de anarquistas e só conseguiu meter-se em confusões. Tiziana desaprovava as inclinações políticas de seu marido e sempre brigavam. Varzi lhe jogava na cara sua origem aristocrática, e a acusava de insensível e melindrosa. Em mais de uma oportunidade, a rixa terminava em violência.

Paulatinamente, as frustrações levaram Gian Carlo a procurar consolo no álcool e em uma vida dissoluta, cheia de excessos. O pouco que ganhava esbanjava em seus vícios e não contribuía quase nada à família. Tiziana lavava e costurava para fora, mas não chegava nem a pagar o aluguel do casebre onde viviam amontoados. Carlo teve que trabalhar desde pequeno e se fez bom no ofício da confecção de calçados.

À medida que crescia o ódio por seu pai aumentava. Mais de uma vez, interpôs-se entre ele e sua mãe, e recebeu o golpe. Se Gian Carlo chegava ébrio, Carlo sabia que haveria discussão. Pegava a sua irmãzinha, apenas um bebê, deixava-a com Marité, a vizinha do lado, e retornava o quarto, onde a briga já desatava. Nos últimos tempos, acontecia na maioria das noites.

Essa tarde, Carlo saiu do trabalho mais ansioso que nunca, embora não foi só o desejo de ver sua mãe e a sua irmã, ou de comer algo suculento o que o impulsionou para sua casa. Um

---

[19]***Carabinieri***= Policiando as populações militares e civis. Originalmente foi fundada como a força policial do Reino da Sardenha Durante o processo de unificação italiana , foi nomeada a "Primeira Força" da nova organização militar nacional. Embora os Carabinieri ajudaram na supressão da oposição durante o governo de Benito Mussolini , eles também foram responsáveis pela sua queda e muitas unidades foram dissolvidas pelaAlemanha nazista , o que resultou em grande número de Carabinieri juntando-se ao movimento de resistência italiano . Desde 2001, foi uma das quatro Forças Armadas Italianas .

mau pressentimento se apoderou de seu espírito e o obrigava a caminhar a passos largos, quase a correr. De fato, as últimas quadras, percorreu correndo e assim entrou no quarto do cortiço. O Testún.

O primeiro que viu foi a Gioacchina, que chorava rios no piso. Ainda de pé na porta, procurou com desespero a sua mãe e a encontrou jogada atrás da mesa, com o rosto banhado em sangue. Ajoelhou-se ao seu lado, tirou-se o lenço e limpou-lhe a frente.

Tiziana apenas entreabriu os olhos. Começou a balbuciar umas palavras em napolitano, e Carlo aproximou seu ouvido para escutar.

—Carlo, leve a sua irmã para longe daqui. Não permita que seu pai faça mal a vocês também. —Não falou mais. Morreu segundos depois nos braços de seu filho.

Carlo começou a gritar e a amassar a Tiziana contra seu peito, e atraiu aos vizinhos que se amontoaram na entrada. Marité pegou a Gioacchina nos braços e a tirou dali. Outro dos inquilinos se encarregou de chamar um agente de polícia, e, antes que este aparecesse, Carlo já tinha saído em busca do assassino de sua mãe.

* * *

Não lhe resultou difícil encontrar a seu pai em um bordel que frequentava. Uma rameira se interpôs na entrada, mas Carlo a separou de um tranco. Cruzou a sala, chegou à parte traseira do lugar, abriu o cortinado com fúria e o descobriu jogando cartas, com uma prostituta sobre os joelhos que lhe acariciava o cabelo e lhe sussurrava.

Gian Carlo, ébrio por completo, mal entendeu que o jovem que acabava de dar volta a mesa de jogo era seu filho. As cartas e as fichas se esparramaram e os copos e as garrafas se fizeram pedacinhos. A prostituta e o resto dos jogadores vociferavam impropérios. Gian Carlo ficou de pé com dificuldade e, depois de aguçar a vista, reconheceu ao culpado do transtorno, e, embora começasse a insultá-lo e a ameaçá-lo, Carlo não o escutava, permanecia inabalado, com o olhar cravado nele.

A madame entrou na sala e perguntou a gritos o que acontecia. Essa intromissão tirou do transe ao jovem Varzi, que pegou do chão uma das garrafas quebradas, agarrou-a pelo bico e se equilibrou sobre seu pai. Tudo foi muito rápido. Ninguém pensou em sujeitá-lo. Carlo enterrou o vidro estilhaçado na garganta de Gian Carlo, que se contorceu antes de morrer.

O que seguiu Carlo nunca o recordou. O mundo se agitava e se movia a seu redor, mas ele não caía na conta. De pé, ao lado do corpo exangue de seu pai, contemplava-o com fixidez, enquanto pensava que jamais voltaria a fazer mal, nem a sua mãe, nem a ele, nem a sua irmã. De repente, lhe contraiu o peito e a angústia o invadiu; ajoelhou-se no piso e começou a chorar como um menino.

A multidão amontoada em torno do cadáver abriu passo ao escutar a sineta da polícia. Dois agentes se fizeram presentes no lugar e o prenderam.

* * *

Carlo viveu três anos em um reformatório. Sua péssima conduta desconcertava às autoridades do estabelecimento que não sabiam o que fazer com ele. Submetiam-no a longos períodos de castigo, em calabouços muito pequenos, lhe dando de comer na mão e só uma vez por dia. Não lhe permitiam banhar-se e devia fazer suas necessidades ali mesmo. Roedores e insetos eram seus companheiros de cela.

Liberavam-no do tormento e sempre voltava para as aventuras: tentativas de fuga, brigas com seus companheiros, fabricação de armas brancas, e inúmeros delitos. Não passava duas semanas de ter deixado a cela de dois por dois que já retornava para passar outra temporada.

O diretor do reformatório consultou seus superiores e, assim que deram sua aprovação, levou a cabo sua proposta: transferiu Carlo à prisão militar de Puerto Cook, na Ilha dos Estados, no sul do país, perto de Tierra Del Fuego. A maioria dos prisioneiros dessa penitenciária eram presos políticos, por isso a situação do Carlo era bastante atípica.

Assim que chegou, começou com os planos de fuga. Seu companheiro de cela lhe fez entender que o que se propunha era pouco menos que um suicídio.

—Bem-vindo a "Terra Maldita"—começou lhe dizendo. — Daqui nunca poderá escapar. Se conseguir burlar o guarda e sair da penitenciária, ficam poucas possibilidades de subsistir lá fora. Seria um milagre que conseguisse chegar a Punta Arenas, no Chile. O melhor que poderia te acontecer é que se unisse a um contingente de indianos que te ajudasse a chegar. Mas os nativos destas terras são pessoas estranhas: às vezes se fartam dos brancos, matam-nos e os deixam à beira do caminho. Se não te encontrar com os indianos, o mais provável é que morra de fome e frio nos bosques que nos rodeiam porque não sei como poderia fazer para conseguir uma boa embarcação que te leve a terra firme. Não, moço, definitivamente é o pior lugar do mundo para uma fuga. A prova está em que ninguém jamais tentou.

Carlo amaldiçoou sua sorte. Passou dias zangado com o mundo. Não falava com ninguém e gastava suas horas em aumentar seu ódio contra tudo e contra todos. Até tinha em mente uma lista de pessoas das quais se vingaria uma vez que o tivessem liberado: o juiz que o tinha sentenciado, o diretor do reformatório, alguns de seus ex-colegas e os guardas, que sempre o tinham tratado como a uma besta. O desejo de passá-los pela faca o mantinha vivo.

Pouco a pouco, Carlo foi fixando-se em seu companheiro de cela, um alemão chamado Johann Friedrich Von Reinstad, professor da Universidade do Frankfurt, que, perseguido por suas ideias políticas, teve que escapar de sua pátria. Na Argentina só conseguiu piorar sua situação: chamado de revolucionário acusaram-no de cúmplice do assassinato de um policial, o qual tinha sido planejado e consumado, em realidade, pelo anarquista russo Radowitzky, que, anos mais tarde, matou o delegado Falcão e seu secretário. Como resultado, Johann acabou injustamente preso em Puerto Cook.

Carlo foi atraído pela serenidade desse homem. De uns cinquenta e tantos anos, Johann era um alemão típico de constituição robusta, pele muito clara e olhos azuis. Tinha a barba crescida e completamente branca.

O homem matava o tempo com o que mais gostava: ler e escrever. Sua esposa Frida, que tinha ficado em Buenos Aires, enviava-lhe, com frequência, pacotes com livros, plumas, papéis e outros utensílios. Às vezes a entrega não chegava e as encomendas se perdiam em mãos dos guardas.

Carlo e Johann chegaram a ser grandes amigos. Carlo sentia que, quando falava com o alemão, esquecia-se por completo da lista de pessoas a assassinar, das tentativas de fuga e de tudo que o atormentava. Com seu pronunciado sotaque germânico Johann contou-lhe inúmeras histórias fascinantes e, com o tempo, tornou-se seu mestre. Carlo aprendeu muito, virtualmente tudo, já que era quase analfabeto. Empregado desde muito pequeno para ajudar em casa, tinha tido que abandonar a escola nos primeiros anos, e, apesar de que a intenção de sua mãe tinha sido lhe ensinar de noite, o cansaço de ambos os deixava sem forças para virar a folha do caderno.

Johann o ajudou a melhorar sua caligrafia e ortografia, que eram péssimas.

Ensinou-lhe aritmética e geometria. Era bom nessas disciplinas, e mostrou também interesse pela história e a geografia. Johann lhe contou a respeito de Goethe[20], de Schiller[21], de Shakespeare[22], e de alguns mais de sua preferência. Na música não havia ninguém melhor que um tal Beethoven, embora Carlo tivesse que se conformar com o zumbido de Johann fora de sintonia para ouvir suas sinfonias e concertos de câmara.

---

[20]Johann Wolfgang von ***Goethe*** foi um autor e estadista alemão que também fez incursões pelo campo da ciência natural.

[21]Johann Christoph Friedrich von ***Schiller***, mais conhecido como Friedrich Schiller, foi um poeta, filósofo, médico e historiador alemão.

[22]William ***Shakespeare*** foi um poeta, dramaturgo e ator inglês, tido como o maior escritor do idioma inglês e o mais influente dramaturgo do mundo. É chamado frequentemente de poeta nacional da Inglaterra e de "Bardo do Avon"

A rotina de estudo que Carlo e Johann se impunham diariamente os ajudava a resistir as torturas da reclusão: as intermináveis horas de ócio, a estreiteza da cela, a péssima comida, os maus tratos, os grilhões e, sobretudo, o frio.

Graças ao alemão, Carlo foi descobrindo uma nova realidade repleta de coisas interessantes, que, apesar do ambiente abjeto e desumano, conseguiam manter em alta o espírito e a dignidade.

Em meados de 1903, a construção da nova penitenciária de Ushuaia, em Tierra Del Fuego, estava muito avançada. Em novembro desse ano, os presos da Ilha dos Estados foram enviados para o novo presídio, onde se uniram o civil, que já funcionava na Ushuaia, e o militar de Puerto Cook. As comodidades não melhoraram a causa da aglomeração. Além disso, a mistura de presos políticos com criminosos comuns aumentou alarmantemente a violência. Carlo dormia com uma faca sob o travesseiro, se por acaso algum companheiro decidisse lhe fazer uma visita noturna. A comida melhorou um pouco e lhes deram mais mantas para cobrirem-se, mas nunca foram suficientes: o frio continuava sendo o pior.

A novidade desta penitenciária consistia na organização de oficinas de trabalho remunerados para aqueles presidiários com bom comportamento. Carlo foi um dos escolhidos e o destinaram aos bosques, como lenhador. A madeira era enviada à serraria, também manuseada por prisioneiros, e era utilizada no consumo dos poucos habitantes da área. Todas as manhãs, os lenhadores, acorrentados pelas mãos e pés, partiam para os bosques e, ao chegar ao destino, eram soltos das correntes e recebiam um machado ou uma serra. A jornada terminava ao pôr o sol.

Apesar de sua boa conduta, Johann estava isento das duras tarefas da penitenciária devido ao seu frágil estado de saúde. Os longos períodos de baixas temperaturas e a má alimentação tinham minado seus pulmões. A dificuldade para respirar o punham, cada vez mais, à beira da morte.

* * *

No início de 1906, Johann morreu enquanto Varzi trabalhava no bosque. Ao chegar essa tarde à penitenciária, deram-lhe a notícia, e, apesar do alemão tê-lo preparado para esse desenlace, o golpe foi muito duro. Mais uma vez ele teve de suportar a perda de um ente querido. Demorou muito tempo para superar-se, mas jamais recuperou a esperança. Pressentia que a vida lhe seria sempre adversa e que nunca poderia achar paz e felicidade. Mesmo não voltando para as suas aventuras, sua alma se ressentia, tudo parecia ruim e sem sentido, só a ideia de voltar a ver sua irmã o mantinha vivo.

A visão de Gioacchina, que naquela época deveria ter treze anos, era a única coisa que o fazia sorrir. Ele a imaginava linda e terna como sua mãe. O sorriso desaparecia quando presumia as dificuldades que, certamente, teria suportado no orfanato. Atormentava-se, e se culpava por isso: ele tinha falhado com o pedido de sua mãe antes de morrer, e agora sua irmã estava sozinha e desprotegida.

Carlo continuou pacientemente com sua vida na penitenciária. Calado e taciturno, não tinha mais amigos que os livros de Johann. Os outros presos o respeitavam e não o importunavam conscientes do tipo de homem que era. Sua força física, unida à destreza no uso do machado e da adaga, convertiam-no no detento mais temido. Um olhar aterrador denunciava seu sangue-frio. Alguns imprudentes tinham terminado mal ao meter-se com ele.

Iniciou uma correspondência bastante fluída com Frida, a esposa de Johann. A mulher mostrava uma resignação e um consolo que envergonhavam Carlo. Através de suas linhas, revelava também integridade de espírito e inteligência. "Esposa digna de Johann", pensava Varzi. Frida, muito generosa, continuou lhe enviando pacotes com livros, papel para cartas e outros itens, por isso Carlo pôde continuar com suas leituras e escritos, apesar do cansaço com o que chegava à prisão depois de ter cortado madeira durante horas.

O trabalho no bosque e os livros tornavam bastante suportável a permanência na prisão. Ás vezes deixava de cortar a madeira ou deixava de lado um livro e se perdia em agradáveis lembranças. A imagem de Johann contando histórias ou repetindo seus apaixonados discursos sobre a liberdade e o respeito aos direitos do homem, sempre levantava seu ânimo. Ria das melodias de Beethoven cantaroladas com reverência e seriedade, embora de maneira muito pouco melodiosa.

* * *

Dias antes de completar um ano da morte de Johann, o diretor do presídio lhe comunicou que, por boa conduta, tinham-lhe reduzido a pena e que sairia em liberdade.

A primeira palavra que veio a sua mente foi o nome de sua irmã. A vingança e o ódio com que deixara Buenos Aires já não existiam. Só importava o reencontro com sua adorada Gioacchina.

Passou um mês do anúncio de sua liberdade até que deixou Ushuaia. Durante esse tempo continuou trabalhando no bosque; pela tarde, acomodava em caixas os livros e demais coisas que se acumularam durante esse longo tempo.

O dia chegou. Depois de dez anos de reclusão, Varzi pisou no chão como homem livre. Tinha vinte e cinco anos e muitos planos. Tinha-os esboçado minuciosamente e pensava levá-los a cabo, custasse o que custasse.

A viagem a Buenos Aires durou três semanas; o clima não ajudou e tiveram que aguardar dias inteiros até que as tormentas cessassem. Por fim, perto do destino final, tudo ficou mais fácil. Quase não reconheceu Buenos Aires. Tinha mudado muito e, na sua opinião, para melhor, embora concordou que a zona sul mantinha o aspecto miserável de dez anos atrás.

A primeira coisa que fez foi procurar um lugar onde morar. Com o dinheiro economizado na prisão por seu trabalho como lenhador alugou um quarto num cortiço de La Boca, um bairro vizinho ao porto, cheio de genoveses e marinheiros. Depois de instalar-se, saiu para procurar Marité, a vizinha do cortiço O Testún em San Telmo.

Durante sua estadia no reformatório, Marité o tinha visitado com certa frequência e tinha levado notícias de sua irmã. Com a mudança para Ushuaia, tinha perdido contato com ela, e temia que tivesse morrido ou abandonado à vizinhança. Ao chegar à entrada de Testún, Carlo viu que estava ainda mais velho e ruído que antes. Um golpe de memórias tristes o entorpeceu no meio do pátio. Saiu do transe ao escutar a gritaria de uns meninos, e, resolvido, procurou o quarto de Marité.

A porta do quarto onde tinha vivido, totalmente aberto, tentou-o, e olhou com receio da soleira, sem achar a familiaridade que tanto tinha temido. Outros móveis e outra disposição das coisas o salvaram da tortura.

—O que quer?

Carlo virou e se encontrou com Marité que o observava com cara de poucos amigos.

—Marité, não me reconhece?

A mulher franziu a testa e ajeitou melhor os óculos.

—Não —disse.

—Sou Carlo, Carlo Varzi, o filho de Tiziana.

A mulher recebeu um forte golpe. Depois de tantos anos, pensava que Carlo tinha morrido. A última vez, no reformatório, um guarda tinha informado do traslado à prisão de Puerto Cook por má conduta, adicionando também que, se conseguisse sair com vida desse lugar, seria por puro milagre.

Convidou-o a entrar no seu quarto e ofereceu mate e pão com gordura. O encheu de perguntas que Carlo, por educação, teve a paciência de responder, face às ânsias por saber de sua irmã.

—Gioacchina continua no orfanato das Irmãs do Perpétuo Socorro. Já é toda uma mulher de quatorze anos, e tão bonita como Tiziana. Além disso, é carinhosa e doce. Parece um anjinho.

Carlo sorriu com os olhos cheios de lágrimas.

—Ela pensa que sua família morreu em um acidente, Carlo. Embora presenciou tudo, não se lembra de nada. Quando ficou mais velha, começou a perguntar por vocês. Eu não tive coragem para dizer que seu pai tinha matado a sua mãe e que você o tinha matado por isso. Estou segura de que não teria suportado. É uma neném muito sensível. Saber a verdade a teria destroçado.

Sua irmã acreditava que ele estava morto. Isso lhe causou uma imensa dor, embora compreendesse que era o melhor. Não desejava que Gioacchina se envergonhasse de sua família. Que acreditasse que todos estavam mortos: sim, era o mais conveniente.

Carlo pediu a Marité que a descrevesse fisicamente. A mulher contou que sempre usava tranças muito largas cor castanho. Rosto redondo, nariz arrebitado e olhos cor café, assegurou-lhe que a reconheceria entre milhares.

—É o fiel retrato de sua mãe —adicionou.

Marité perguntou se já tinha conseguido trabalho, ao que Carlo respondeu com uma negativa. Recém-chegado à cidade, ainda não se preocupara com o assunto. Primeiro vinha sua irmã. Entretanto, suas escassas economias tinham diminuído muito com o aluguel. Era hora de procurar um emprego. Pensou voltar para o de seu anterior chefe, na oficina de confecção de calçado, mas Marité informou que já não existia e que seu dono havia falecido anos atrás.

—Eu lhe digo Carlo, que a vida está muito dura. Não é fácil conseguir trabalho. Além disso, você tem antecedentes, o que complica tudo. Mas eu conheço um moço que trabalha no porto que anda procurando estivadores. Você parece um homem forte. Acredito que não vai ter problemas para que o empreguem. O que me dizem?

Carlo se mostrou interessado. Ansiava começar a ganhar dinheiro e concretizar seus planos.

* * *

O trabalho de estivador se tornou um jogo de criança para ele. Acostumado a cortar árvores durante horas, nas piores condições climáticas, sem roupa apropriada e com pouca comida no estômago, carregar coisas e as depositar em outro lugar, por mais pesadas que fossem não lhe custava muito. O clima de Buenos Aires era bom, comia duas vezes por dia e usava boas luvas de couro: que mais podia pedir?

O único mal era o salário. Por mais cálculos e economias que fizesse, seus planos se desvaneciam no ar. Poucas coisas importavam tanto como ser rico. De que forma conseguiria a esse ritmo? Mas não descansaria até consegui-lo. Seria um homem de fortuna para converter a sua irmã em uma dama de sociedade que se acotovelaria com pessoas refinadas e cultas, que a tratariam como uma rainha. Carlo estava convencido de que o destino de sua mãe teria sido outro se seu pai tivesse tido dinheiro.

Todos os dias, à saída do trabalho, tomava o bonde —tramway o chamavam os portenhos — que o deixava a uma quadra do orfanato onde vivia sua irmã. Sabia que, entre seis e seis e meia, as meninas tinham um recreio no jardim. Carlo subia no muro e permanecia meio escondido, enquanto a observava jogar com suas amigas. Não custou muito reconhecê-la da primeira vez com os gestos de Marité e a segurança de que se parecia com sua mãe. O primeiro impulso foi jogar-se no pátio, correr para ela e dizer que ali estava ele, que a queria muito e que jamais voltaria a deixá-la sozinha. Precisou de toda sua vontade para conter o impulso, que em seguida julgou desatinado e sem fundamento.

Apesar da aflição que certamente tinha sofrido, Gioacchina parecia como uma menina alegre. Sorria com facilidade e sempre estava rodeada por um grupo de meninas que a olhavam

com reverência e sorriam de seus comentários. Durante a meia hora do recreio, o frescor do rosto de sua irmã o entretinha e permitia que renovasse suas forças para continuar vivendo.

* * *

A fama de Carlo como homem forte e de trabalho se espalhou com rapidez por La Boca e outros subúrbios. De olhar sério e olhar de mau, ninguém ousava incomodá-lo. Criaram-se as lendas mais fantásticas a respeito dele, que só conseguiam aumentar sua fama de homem brutal e sem sentimentos. Era certo que ninguém podia corroborar tais histórias, mas sim estavam seguros de que ninguém tinha sua força nem sua destreza com a faca. Sua fortaleza física se via diariamente nos armazéns do porto, onde trabalhava com esforço e não parecia cansar-se. O manejo da faca só tinham visto uma vez, mas foi prova suficiente. Um grupo de arruaceiros tentou atacá-lo uma noite enquanto jantava em uma hospedaria, e ninguém, exceto o próprio Varzi, saiu ileso.

O nome de Carlo Varzi chegou aos ouvidos de Dom Cholo, o agenciador ou cafetão, segundo o jargão dos estivadores, mais rico e importante da área. Dono de vários bordéis, além de dois cabarés e um restaurante, seu nome era mencionado nas altas esferas do governo. Conhecia a maioria dos políticos e seus segredos, proporcionava a eles amantes e momentos agradáveis em seus estabelecimentos, onde jogavam e dançavam o tango sem restrições. Dom Cholo sabia de tudo e de todos; por esse motivo, a polícia não o incomodava.

Entretanto, recentemente, antigos inimigos tinham atentado contra sua vida em várias ocasiões, com tanta má sorte para Dom Cholo que, no último ataque, Mario, seu único filho, tinha morrido. Os que o conheciam intimamente asseguravam que não tinha consolo, além do que o homem se empenhava em mostrar fortaleza de espírito.

Seus capangas comentaram a respeito de um tal Carlo Varzi, um estivador que, conforme se dizia, era invencível. Dom Cholo o mandou chamar imediatamente.

—Aqui eles me dizem que é bom com a faca e outras armas —expressou.

Varzi o olhou fixo e não respondeu.

—Sabe quem sou eu? — perguntou Dom Cholo, irritado com a reticência do jovem.

—Trouxeram-me até aqui meio arrastado, sem muitas explicações —foi a resposta de Carlo.

—Eu sou Dom Cholo, dono deste lugar —disse, e olhou em torno—, e de muitos como este.

Carlo se limitou a uma inclinação de cabeça e continuou inabalado. Dom Cholo, entretanto, observou-o longa e descaradamente. Pôde ver que se tratava de um homem saudável e de aparência robusta. Usava as mangas da camisa arregaçada, expondo vigorosos músculos. Tinha um olhar sinistro e não parecia vacilante. Além disso, poder-se-ia dizer que estava totalmente seguro.

—Quanto ganha como estivador?

—Não o suficiente.

—E, quanto é o suficiente?

—Qual é o trabalho? — quis saber.

—Manter meus inimigos bem longe de mim e de meus negócios.

Carlo não queria confusões com a lei, e, certamente, o que este homem lhe propunha não era legal; em um lugar como esse nada poderia ser. E ele já tinha os tido de sobra com os anos passados no reformatório e na prisão de Ushuaia.

No início, parecia decidido a rechaçar a oferta, entretanto, Dom Cholo não estava disposto a perdê-lo, queria-o como seu capanga pessoal e não retrocederia até consegui-lo. Tentou-o com tudo que podia um salário dez vezes maior e, como Carlo tinha se proposto a ser rico, renegou suas convicções e aceitou a oferta. Perguntou-se o que diria Johann a respeito de uma decisão como essa. A ideia o desassossegou, no entanto se repôs com facilidade ao pensar em Gioacchina, quão única contava.

—Assim é de Nápoles —disse Dom Cholo, depois de fechar trato. — Bem! O Napolitano Varzi —rematou, e deu uma palmada nas suas costas.

* * *

Dom Cholo passou a amar Carlo como seu próprio filho. Era surpreendente que um homem que fosse tão rude poderia gerar sentimentos tão nobres. A verdade era que o adorava, e Varzi ganhou essa apreciação pela força ao protegê-lo e lhe ser fiel.

Os primeiros meses tinham sido duros; um grupo de bandidos, inimigos de Dom Cholo por questões territoriais, espreitava. Tinham assassinado ao Mario e não descansariam até acabar com o pai. Houve vários enfrentamentos, e, em cada oportunidade, o sangue correu como um rio, e Carlo somou mais assassinatos ao de seu pai. Encarregou-se especialmente do responsável pela morte do filho de Dom Cholo e assim terminou de ganhar seu respeito e admiração.

Os bandidos se dispersaram quando perderam o cabeça do bando e não voltaram a incomodar. Com o "Napo" Varzi por perto, iriam procurar briga em outra parte.

Quando a guerra terminou, Carlo se sentiu desanimado. Suas mãos haviam voltado a manchar-se e se sentia menos digno ainda de sua irmã. "Mas o faço por ela!", tentou convencer-se.

Os tempos de paz trouxeram melhores oportunidades para Varzi. O agradecimento de Dom Cholo chegou até o ponto de associá-lo a seus negócios. Como tinha muito tempo, Carlo aprendeu a gestão dos prostíbulos e cabarés melhor que ninguém, e ficou surpreso ao comprovar o dinheiro que rendiam esses lugares com a administração adequada. Dom Cholo, velho e com uma vida de excessos que o tinham afetado gravemente sua saúde, não era o mesmo de antes; custava-lhe concentrar-se e dirigir às prostitutas e demais empregados, como também agradar adequadamente os clientes dos mais variados antecedentes. Gradualmente, as decisões recaíram em Carlo e quase ninguém consultava mais Dom Cholo. Este passava a maior parte do tempo na cama e, quando visitava suas instalações, o fazia mais como paroquiano que como dono.

Carlo sentiu a morte de seu chefe, ao que também tinha chegado a querer. Contudo, seu falecimento representou o golpe de sorte que tinha esperado para enriquecer. Como tinha prometido antes de morrer, o cafetão deixou os negócios em seu nome. O respeito das pessoas, Varzi já tinha ganhado.

* * *



Capítulo IX

Micaela não pôde dormir essa noite, com a lembrança de Carlo Varzi que lhe dava voltas na cabeça. Não tinha conseguido nada dele, só humilhar-se. Perguntou-se qual seria o montante da dívida já que o homem rejeitou as jóias, que eram muito valiosas. "Ai, Gastón María, lamentou-se, quando sair desta, vai ter que mudar sua vida."

Fechou os olhos uma vez mais, e os abriu subitamente quando o sorriso macabro do Varzi se desenhou em sua mente. Deixou a cama e deu voltas pelo quarto tentando se acalmar. Começava a amanhecer e o horizonte clareava magnificamente. O céu era uma mescla formosa de rosados e azuis. Os pássaros cantavam no passeio dos ciprestes. Abriu a janela cheia de ansiedade por inspirar o aroma dos jasmins e refrescar-se com a brisa matinal. Foi muito agradável e conseguiu apaziguar-se. Voltou para cama e se deitou. Embora seus pensamentos persistissem com o homem do bordel, não voltou a alterar-se, deu-se por vencida e se deixou levar.

* * *

Gastón María se recuperou muito antes do que o doutor Valverde tinha prognosticado. De toda forma, a ferida teria que ser cuidada por algum tempo teve que evitar esforços e abusos. Micaela agradecia ao Joaquín Valverde sua discrição e a história que inventou a respeito de males hepáticos e vesiculares que Rafael e Otília não duvidaram em acreditar. Urtiaga Four propôs que o doutor Bartoli visitasse seu filho, ao que Micaela se opôs ferreamente e argumentou que seria uma ofensa para Joaquín, que, além disso, em poucos meses integraria a família.

Micaela tratou de mostrar-se severa e zangada com Gastón María; entretanto, e como sempre, as graças e bobagens de seu irmão puderam com ela e se rendeu ao carinho que lhe tinha. Embora em princípio pensasse dizer-lhe logo acreditou conveniente ocultar que conhecia a verdade a respeito de Varzi e as dívidas de jogo, assim como também sua visita ao Carmesim, e fez Pascualito jurar que não abriria a boca. Depois de tudo, a aventura no bordel não tinha servido de nada. Tentou saber do seu irmão sobre o ocorrido àquela noite, mas, nesse assunto, o jovem se tornava inflexível e não contava nada.

Agora que Gastón María estava bem, recomeçaria suas aventuras noturnas, não haveria quem o detivesse, nem a ameaça de Varzi conseguiria. Micaela permaneceria em suspense à espera de que lhes avisassem que tinha sido assassinado. Não poderia resistir. Mas seu irmão era assim, um inconsequente que valorizava a vida tanto como nada, e, embora tenha tentado argumentar com ele, pedir-lhe para retificar seu comportamento, seus esforços foram em vão.

—Não sei o que aconteceu com você a outra noite, mas tenho certeza que você tem alguns problemas nesses lugares que vai. Peço-lhe, Gastón María, deixa de estupidez e faz algo bom com sua vida. Pode se dedicar aos campos de papai. Ele não tem tempo e estão nas mãos de administradores e capatazes. Viria muito bem sua presença. Pode formar uma família e ter filhos. Por favor, não continue assim, desperdiça sua vida como se não tivesse valor.

Gastón María ria com gosto e punha fim às tentativas de Micaela com um gracejo ou a deixava sozinha, com as palavras na boca. Por sorte, logo que terminou a convalescença, resolveu passar uns dias na estância de Azul. Apesar do afastamento de seu irmão, Micaela sabia que o problema continuava sem solução, tinha certeza que Carlo Varzi não se renderia até cobrar a dívida ou matá-lo; assim eram estes bandidos. Retornaria para Europa e Gastón María iria com ela.

Naqueles dias tão agitados, Eloy Cáceres significava um consolo. Visitava-a frequentemente e conversavam animadamente. Era um homem culto, que tinha viajado muito, conhecedor de

culturas tão diferentes como a Índia e a árabe. Micaela se deleitava escutando-o. Tinha um tom de voz suave que a sossegava, por mais aflita que estivesse.

Assiduamente, Rafael convidava para jantar ao amigo do Eloy, Nathaniel Harvey, que sempre era encantador. Apesar de sua origem saxã, Nathaniel era todo simpatia e afabilidade, além de possuir a cortesia e o cerimonial próprios de sua raça. Harvey fez uma boa amizade com Micaela. Seu bate-papo, repleto de anedotas divertidas, a fazia rir até mais do que o recato permitia. Quando se separavam do resto, a jovem lhe pedia que falassem em inglês para praticá-lo. De qualquer forma, não durava muito: Eloy sempre os interrompia.

Eloy e Micaela saíram juntos algumas vezes. Buenos Aires era uma cidade enorme, cheia de lugares fascinantes, e Cáceres parecia conhecê-los todos. Levou-a ao famoso Teatro Colombo e Micaela ficou subjugada. Na verdade, ele não tinha motivo para invejar os teatros europeus, talvez sua antiguidade e tradição, já que ele tinha apenas seis anos de vida.

Para Eloy, amante da ópera, assistir a esses shows com a soprano mais conhecida da Europa foi uma honra. A temporada começou em maio com Parsifal de Wagner. O tenor francês Carlos Rousseliére destacou-se, tal como Micaela apontou para Eloy, e embora a jovem soprano também ponderasse o trabalho de Cecilia Gagliardi e Rakowska, ele sabia que ninguém chegava a seus pés.

Depois do teatro, eles costumavam jantar em um restaurante muito luxuoso perto da mansão Urtiaga Four: o Armenonville. Pena que as noites fossem frescas, porque o lugar possuía uns terraços, pérgulas e pracinhas onde seria encantador sentar-se para comer. De toda maneira, o interior não era menos estimulante. Com orquídeas do próprio viveiro do restaurante, e decorado com um luxo sem igual, as noites foram das melhores. Comiam pratos franceses muito elaborados, sempre acompanhados por uma garrafa de champanha.

Apesar destas distrações e de que tinha passado um tempo desde seu encontro com o Sr. Varzi, Micaela não podia apagá-lo de sua mente pela ameaça que representava para Gastón María, embora também recordasse seus olhos negros e esse sorriso cruel, suas mãos formosas e seu corpo avassalador. Como saber mais a respeito desse homem? Apesar do depósito de lixo no que se encontrava, Varzi não parecia formar parte desse entorno, falava bem e se movia com graça. Muito estranho. Pensou em perguntar ao Pascualito, mas decidiu não o fazer e se forçou a esquecer.

* * *

Os cuidados que prodigalizava Cáceres a Micaela não passaram desapercebidos por Otília. Desde sua volta da Índia, Eloy tinha padecido a ansiedade de sua tia para que obtivesse um casamento conveniente. Cada mulher, de certa estirpe e fortuna, representava uma possível candidata. Teimada com o assunto, não deixava de chateá-lo.

Como a conhecia bem, Eloy se arrependeu de haver se mostrado tão interessado em Micaela; agora teria que suportar a perseguição encarniçada que Otília iniciaria. Por certo, a ele não tinha ocorrido à ideia de um romance com a jovem soprano. Tão somente tinha querido mostrar-se cavalheiresco e amigável; e não havia custado muito: Micaela era uma mulher surpreendente.

Na realidade, importava-lhe ficar bem com o senador Urtiaga Four. Tinha-o ajudado muito desde sua volta da Índia e pensava que podia obter até mais dele. Ninguém se igualava a Rafael quanto a contatos e relações. Afirmava-se que no Senado da Nação as decisões relevantes dependiam de sua anuência. Que na Casa Rosada ninguém tinha mais capacidade nem influência. Suas conexões com a Inglaterra chegavam às altas esferas e grande parte de seu poder provinha dali. Entre seus colegas o chamavam "o imortal", porque, apesar das vicissitudes políticas do país e do partido, ele sempre saía ileso, inclusive mais forte. Pois bem, era o homem perfeito para os planos de Eloy.

Não era comum que Otília visitasse seu sobrinho na velha mansão da rua San Martín. Por esse motivo, quando a viu aparecer na sala, soube exatamente a que tinha ido. Depois de alguns conselhos e comentários em vão, Otília começou.

—Rafael me pediu que te convide especialmente para jantar esta noite. Micaela prometeu nos deleitar com seu canto —mentiu. — Mas deseja que só estejam os mais íntimos. Não vejo a hora de escutá-la! Ainda me lembro da Opera de Paris. Que magnífica representação! O público não deixava de aplaudi-la. Foi uma experiência maravilhosa. Além disso, ela parecia tão formosa e…

—Chega tia! — interrompeu Eloy. — Conheço-te muito para supor que todo este dramalhão a respeito de Micaela Urtiaga Four é porque gosta dela. Vá logo ao ponto que estou muito ocupado.

A mulher o olhou ofendida e reprovou a falta de educação e respeito. Eloy insistiu em sua falta de tempo, então Otília decidiu ir ao ponto.

—Eu acredito que seria uma esposa ideal para você, querido.

—Sabia que passávamos por esse caminho!

—Sabe que, desde que tomei conta de você, sinto a responsabilidade de cuidar do seu futuro. —Eloy deu uma gargalhada. — Não vejo a graça.

—Tia, por favor, tenho trinta e sete anos. Não parece que já pode ficar tranquila por meu futuro? Eu vou assumir.

Otília começou a perder a paciência. Em sua opinião, Eloy não tinha feito nada além de estragar as oportunidades que o destino lhe tinha servido em um prato. Micaela era uma delas e não permitiria que a desperdiçasse. Continuaram falando: ela, muito consternada, ele, num tom jocoso a ponto de perder a calma. Por fim, e ao perceber que não obtinha nada, Otília atacou com tudo.

—Você não percebe que ela é uma melómana estúpida que só está interessada em música!

—Bem, bem. — disse Eloy, muito sarcástico. — Segundos atrás era a melhor mulher e agora é uma melómana estúpida.

—Passa-se o dia inteiro trancada; pratica e escuta música, isso é tudo o que faz. É a esposa ideal para você; não te vai incomodar e você vai poder fazer suas viagens e visitas oficiais sem problema, asseguro-lhe isso. Além disso, não é tão feia.

—Não é tão feia? Tia, por favor, não acredito que haja outra como Micaela em toda Buenos Aires.

—Então, você gosta.

—Claro, como não, é muito formosa e agradável, mas não tenho vontade de pensar em casamento agora. Tenho outros assuntos na cabeça.

—Quando pensa fazê-lo, querido meu? Já está bastante crescido. Pense que quando Rafael morrer, a metade de sua fortuna passará para as mãos dela. Jamais voltaremos a ter problemas econômicos. Ou pensa viver toda sua vida do salário da Chancelaria? Fica esta casa velha e feia e o campo que não serve para nada; os arrendatários não querem assinar contrato por outra temporada porque dizem que as terras estão tão exaustas que nem os yuyos[23] crescem. Ai, sobrinho! A única sobra é o bom nome de nossa família.

—Não se casou com o Urtiaga Four para viver folgada o resto de sua vida? Isso foi o que me disse.

—Sabe muito bem que, antes de nos casar, assinei um contrato pré-nupcial pelo qual renunciava a minha parte da herança se sobrevivesse ao Rafael. Se ele morrer, vou receber uma renda vitalícia e poderei viver na mansão, isso é tudo.

[23] ***Yuyos***= Erva daninha, grama de pouco valor.

—Sim, já sei. Mas não pode se queixar. A mensalidade que te dá é suficiente para que viva mais que bem.

—Bah! Era um pão-duro. Para uma mulher de meu padrão de vida e os meus compromissos sociais, esta atribuição é uma bagatela. Não dá nem para o começo.

—Se você diz... Mas eu não acho que o que lhe dá o seu marido é uma bagatela.

—Eloy, por favor, têm que reconsiderar, pense no que digo. Além disso, um bom diplomata necessita de uma esposa que o acompanhe e organize as reuniões sociais. Ou pensa deixá-lo nas mãos da Ralikhanta?

Eloy sorriu ao pensar que não era má ideia. Otília, indignada pelo fracasso de sua empreitada, usou sua última e melhor carta.

—Se você se casar com Micaela, o mais feliz de todos será o senador Urtiaga Four. Sabe que te quer como a um filho. Além disso, sei que está ansioso para ver casada a sua única filha. Dar-lhe-ia uma alegria tão grande que não saberia como te recompensar!

* * *

No meio de seus planejamentos, Micaela recebeu um telegrama de Moreschi no que anunciava sua iminente chegada à Argentina; tinha zarpado semanas atrás sem avisar para evitar que o impedisse. Essa notícia, longe de alegrá-la, só conseguiu mudar de um lugar para outro os seus planos. Tinha pensado em viajar à estância onde Gastón María passava uns dias, convencê-lo a retornar para Europa com ela e partir quanto antes. Agora, devia repensar tudo. Possivelmente, se confessasse a penosa situação de seu irmão ao Moreschi, aceitaria retornar imediatamente a Paris junto com eles. Micaela sabia que convenceria seu professor; complicado seria persuadirGastón María.

Com objetivo de ganhar tempo, escreveu-lhe insistindo, em tom imperativo, que retornasse a Buenos Aires já que em quinze dias partiria rumo à Europa e ele iria com ela. Do mesmo modo, reservou três camarotes em um vapor que zarparia em duas semanas. Micaela teve pena de seu professor, que mal terminaria uma travessia para iniciar outra.

Seus planos, bem pensados, vieram abaixo. A poucos dias de enviar a carta para seu irmão, recebeu a resposta. "Que bicho te picou?", foi o cabeçalho da carta, que continuava em um tom mais respeitoso, embora cada frase mostrasse inconsciência e despreocupação. Que ele não queria ir para Europa, que ele amava Buenos Aires, que seus amigos estavam ali, que já se fartou dos franceses, ingleses e de toda essa gente. Enfim, Gastón María parecia desconhecer a espada do Damocles que pendia sobre sua cabeça.

Ao terminar de ler o que para ela era uma estupidez de seu irmão, Micaela decidiu viajar à estância e confessar que conhecia a verdade sobre o bandido Varzi. Depois repensou e entendeu que não teria tempo para ir e voltar ao campo: Moreschi chegaria nesse meio tempo. Desesperou-se; tinha os nervos à flor da pele. A irresponsabilidade de seu irmão e a chegada de seu professor não ajudavam em nada. Decidiu se acalmar e esfriar a mente, do contrário, a ansiedade a dominaria e não seria nada inteligente. Enquanto seu irmão permanecesse na estância, sua vida não corria perigo. Depois que chegasse Moreschi, teria tempo para reorganizar tudo. No momento, só podia esperar.

* * *

Micaela decidiu aceitar o convite do professor Vinelli, o diretor do Conservatório de Música de Buenos Aires. Fazia tempo que vinha convidando-a e ela, por falta de vontades, sempre lhe tinha apresentado uma desculpa. Tinha pensado melhor e uma visita à escola de música lhe viria bem. Precisava acordar e mudar a cara; sua atitude nervosa e instável e as férias de Gastón María no campo de Azul chamaram a atenção da Cheia, que farejava algum problema. Rafael até olhou para ela pelo canto do olho e perguntou-lhe sobre sua saúde e, como a babá, não entendia o repentino afeto de seu filho pelo campo.

O conservatório, um edifício bastante novo, embora de arquitetura clássica e formal, localizava-se na Rua Liberdade, não muito longe do Teatro Colombo. Vinelli ficou tão satisfeito ao vê-la que Micaela, apesar de estar acostumada as amostras de admiração, sentiu-se incômoda. Pôs um ponto final a recepção pedindo que a levasse para percorrer o lugar. Depois de lhe mostrar as principais salas e a biblioteca, Vinelli pediu que presenciasse uma classe de canto lírico e que emitisse sua crítica. Micaela aceitou e bom grado, e durante uma hora ouviu várias jovens que eram apenas três ou quatro anos mais novas do que ela.

Saiu do conservatório e procurou em frente Pascualito e o carro de seu pai. Ia atravessar quando alguém a reteve pelo braço e a chamou por seu nome. Ao ver quem tinha a sua frente, Micaela perdeu as cores do rosto. Um dos capangas de Varzi, o menor e calvo, sustentava seu braço e a olhava fixamente. No carro, pôde distinguir, além da silhueta de Pascualito, a desse outro homem, que lhe tinha parecido um urso.

—O que quer? — perguntou, e tratou de não mostrar-se intimidada. — Solte-Me!

O homem a soltou, mas não se afastou um centímetro.

—Me acompanhe senhorita —disse, e assinalou outro carro estacionado na quadra seguinte.

—Por que teria que acompanhá-lo? Por favor, me deixe em paz e peça a seu amigo que desça de meu carro.

—Tem que me acompanhar senhorita Urtiaga Four. Meu chefe quer vê-la.

Quem era esse Varzi e o que se acreditava? Estava louco se pensava que ela iria com um de seus capangas só porque ele a chamava. As palavras e impropérios se acumularam na garganta e suas bochechas se coloriram de tanto aguentar. Ao fim, acalmou-se e tratou de raciocinar. Possivelmente, depois de tudo o cafetão aceitaria as joias. Subiu no carro. Pascualito e o outro capanga os seguiram.

* * *

Capítulo X

Foi até a janela do carro e olhou para a rua. Por ocasião do seu encontro com Varzi, a noite escura mantinha a paisagem velada. Agora, em plena luz do dia, ela a apreciava em toda a sua magnitude, e achava estranhamente encantadora. La Boca? Será assim que Pascualito disse que se chamava? Não se lembrava de ter conhecido um lugar tão feio e tão lindo ao mesmo tempo. Mostrava a feiura de um subúrbio de marinheiros, especialmente os odores rançosos e pestilentos do porto. Tinha as pitorescas ruas de paralelepípedos, reluzentes de umidade, e suas construções de zinco, envernizadas e pintadas: a porta verde, a janela amarela, a parede azul. O que teria levado aos donos pintá-las assim? Gostava das luzes nas esquinas e os desenhos da fachada nas entradas dos bares e armazéns. Como uma face da mesma moeda, se podia ver a pobreza dos vizinhos. Deu-lhe pena um grupo de crianças brincando de bola na calçada; vestiam farrapos, tinham os joelhos sujos e os cabelos desgrenhados. Perguntou-se se teriam comido pelo menos um bom prato de comida no dia. Seu pai, como senador da Nação, conheceria essa realidade? Aliás, uma realidade muito contrastante com a da outra parte da cidade.

Cabecita parou o carro e Micaela se sobressaltou. Tão concentrada nas crianças, quase esquecera o motivo de sua visita ao bairro de La Boca. Assaltou-a a ideia de que Varzi tinha mandado chamá-la para indagar sobre o paradeiro de seu irmão. Jamais o diria. E se Varzi a mantivesse cativa e obrigasse o Gastón María a dar a cara? Estúpida, estúpida e mil vezes estúpida! Como tinha se deixado enganar dessa maneira?

Cabecita abriu a porta e ofereceu ajuda para ela descer. Micaela ordenou que se afastasse com uma sacudida de mão. Olhou para trás, e viu Pascualito no carro de seu pai, estacionado na outra quadra, com o gigante ao lado.

—Quero que meu chofer me acompanhe —manifestou.

—Não, senhorita, Pascualito vai esperar fora —respondeu Cabecita, firme, mas muito cordial. Logo, mostrou-lhe a entrada do Carmesim.

O prostíbulo era tão escuro como de noite. Embora vazio e silencioso, conservava o aspecto baixo e indecente. O aroma dos charutos misturado com o perfume barato das prostitutas ainda fedia. A imagem era tão sórdida que Micaela experimentou a mesma sensação daquela noite e desejou fugir. "Meu Deus! O que eu faço aqui de novo?", perguntou-se.

Cabecita indicou a escada e subiram. O mesmo corredor, a mesma balaustrada de madeira e as mesmas portas, agora sem gemidos nem ofegos. Chegaram ao fim do corredor e o homenzinho apontou o escritório de Varzi.

—O chefe já vem senhorita. Sente-se, se quiser —ofereceu, antes de deixá-la sozinha.

A luz do dia entrava em torrentes pela janela. A diferença do resto do local, e se tirassem os quadros com cenas eróticas, esse escritório podia passar pelo de uma casa decente. Já não havia cartas de baralho na mesa, nem sequer a toalha de feltro verde. O escritório estava acomodado. Tudo parecia limpo e arrumado.

A porta que dava para a próxima sala se abriu e Varzi entrou. Micaela se levantou e imediatamente voltou a sentar-se à indicação do bandido. Seguiu-o com os olhos e, apesar de sua bela aparência e, inclusive, elegante, não era tão diferente da primeira noite. Ostentava aquela beleza e ferocidade que tanto a tinham perturbado.

—A Divina Four, não é? —falou Carlo, depois de servir uma taça e tomar assento na mesa.

Esse começo a pegou de surpresa. O que sua carreira de soprano tem a ver com Varzi? Como ele saberia? Pelos jornais? Embora tivesse tentado evitá-los, teve de receber um ou outro jornalista, convencido de que se perseverasse na sua atitude de não dar entrevistas, começaria

a difamar-lhe dizendo que a Divina Four era uma desdenhosa e presunçosa que só se dava com os europeus e que desprezava aos compatriotas. Obrigou-se a acalmar-se. Se Varzi conhecia sua profissão, não havia nada de errado nem arriscado nisso.

—O que quer de mim? —perguntou encorajada, e ficou de pé.

Varzi imitou-a, pôs o copo sobre a mesa e aproximou-se dela, muito perto, pois desejava discernir a cor de seus olhos.

—Eu de você não quero nada —disse. — Foi você a que veio a me pedir algo a outra noite.

—Mas você rechaçou meu oferecimento. Não entendo o que faço aqui agora.

—Como está seu irmão? Senta bem a você o ar de campo? Pelo que sei a estância de seu pai em Azul é das mais importantes da área. Oh, eu esqueci! Parece que você tem planejado voltar logo à Europa e pensa fazê-lo com seu irmão e um tal... Moreschi, se bem me lembro.

Micaela, aturdida, levantou a vista. Seus olhares se encontraram, e foi tão grande o orgulho e o ar de triunfo de Varzi que a jovem sentiu desejo de chorar. Baixou o rosto, torcido e avermelhado. "Jamais poderá escapar deste rufião maldito", disse-se.

—O que quer de mim? —repetiu.

—Beba —ordenou Varzi, e aproximou um copo com grappa[24].

A bebida forte não ajuda em nada e começou a tossir. A imagem não poderia ser mais humilhante. Carlo esperou um momento, e silenciosamente voltou para sua cadeira.

—Você parece disposta a fazer qualquer coisa para salvar seu irmão, não é?

—Sim, estou disposta a fazer qualquer coisa por ele —ratificou.

Depois dessa confirmação, sua segurança se fez em pedacinhos. Como pode dizer a um cafetão, um desgraçado que negocia com os corpos de mulheres, que ela, uma mulher adulta, estava disposta a fazer qualquer coisa? E se ele pretendesse fazê-la trabalhar como prostituta no Carmesim? Nunca! Então mataria Gastón. "Meu Deus! O que faço?", bramou encurralada.

Varzi, conhecedor da alma humana, de suas virtudes e baixezas, adivinhou imediatamente o tormento que tinha sido desencadeado sobre sua vítima, e, por mais que tenha pensado em alegrar-se pelo sofrimento da irmã de Urtiaga Four, não, não poderia fazê-lo tão satisfatoriamente quanto queria.

—Qualquer coisa? —repetiu.

—Bem... Sim... Mas... Que coisa? —perguntou a jovem.

—Eu seria capaz de perdoar a vida de seu irmão...

—Por todos os Santos! Do que estamos falando! —Micaela explodiu. — Você e eu negociando a vida do meu irmão! Quem se acredita que é? Deus, Sr. Varzi? Deus, que pode tirar a vida de outro ser porque ele deve um punhado de dinheiro? Quanto te deve? Conte-me! Eu ordeno! Vou pagar-lhe qualquer quantia e mais, mas deixe-nos em paz. Ou eu vou para a polícia! Eu deveria ter feito isso há muito tempo, quando meu irmão veio para minha casa ferido e....

Uma gargalhada de Varzi a silenciou. Olhou-o sobressaltada, sem disfarces, e se deu conta de que esse homem não temia a nada. Sentou-se, mais derrotada que nunca, convencida de que contra essa valentia não podia lutar.

—Uma vez passou pela porta do Carmesim —retomou Carlo—, ou de qualquer de meus locais, você entrou em um mundo à parte, um mundo paralelo, mas tão real como o seu. As regras são outras e o quem as impõe sou eu. Aqui, a polícia, o juiz, o ladrão e todos outros comediantes do "seu" mundo dependem de mim. Rendem-me homenagem! —levantou o tom de voz, zangado, e Micaela tremeu. — Então —continuou—, não me venha com ameaças estúpidas. A polícia me teme e respeita tanto como você teme e respeita a eles. Nada obterá indo à delegacia de polícia me denunciar. Tudo que conseguirá será armar um escândalo a nível público que arruinará a carreira magistral de seu pai, o senador nacional.

---

[24] A ***grappa*** ou graspa é uma bebida alcoólica de origem italiana. Tradicionalmente, é feita a partir de bagaço, um subproduto do processo de vinificação. Essa bebida já existe desde a Idade Média

—O que quer de mim? —repetiu pela terceira vez.

—Quero que trabalhe para mim.

Tal e como o esperava, o descarado ia pedir que se convertesse em uma dessas mulheres. Ficou em pé e se aproximou da mesa, enfurecida. Carlo, divertido com o enredo, permaneceu quieto em sua cadeira.

—Ey, espere! —exclamou. — Não pensará que lhe estou oferecendo atender aos clientes no salão?

—Se você o chama "atender aos clientes no salão", sim, estou pensando nisso, Sr. Varzi. Que mais poderia esperar de uma pessoa como você?

—Não, não me refiro a isso. Se você cantar para mim uma temporada, eu lhe dou minha palavra que meus assuntos com seu irmão ficarão saldados.

Micaela, farta de tanta confusão, olhou-o em forma suplicante.

—Por favor, Sr. Varzi, aceite o dinheiro da dívida e me deixe em paz. Por que não aceita o dinheiro?

—Dinheiro é o que me sobra, senhorita. Ao contrário, uma cantora é o que mais necessito neste momento. Acaso não disse um rei alguma vez "Meu reino por um cavalo"?

—Uma cantora? O que tem que ver comigo, Sr. Varzi?

—Como o que tem que ver com você? Você é cantora.

—Sim, mas de poesia lírica. Não acredito que a seus clientes interesse muito.

Carlo sorriu ao pensar que alguns de seus clientes em certos dias assistiam às funções no Colombo e em outros visitavam suas instalações. Ele se absteve de comentar e esqueceu-se de responder ao de Micaela.

—Apareceu uma dupla, um tal Gardel que canta e um tal... Razzano, acredito, que toca violão. Quando esses dois se apresentam em algum clube, meus estabelecimentos esvaziam. Entende por que preciso de uma cantora? Preciso cuidar do meu negócio. Você vai cantar tango para mim uma temporada.

—E, por que não contrata a eles?

Não era nada estúpida. Encurralado e tudo, ainda conseguia inspiração para perguntas afiadas.

—Você quer ou não quer que eu resolva meus negócios com seu irmão? —incitou Varzi para abordar a questão. — A este ritmo, acredito que não quer. Vai cantar tangos para mim, sim ou não?

—Tango? Tango, eu? Você deve estar louco. —Pensou uns segundos; logo, adicionou: — Além disso, cantar tangos? Se o tango não é cantado; é música e dança somente.

Carlo se surpreendeu sinceramente.

—Como é que uma melindrosa como você sabe de tango? Não são seus que o consideram coisa de suburbanos e negros? Pensei que, ao mencionar a palavra "tango", não saberia nem do que estava falando.

Varzi era um homem muito hábil para seu gosto. Ele sempre se vangloriava de sua rapidez de mente e julgamento; no entanto, ao seu lado, sentia-se como uma idiota. Decidiu não abrir a boca mais do que o necessário, caso contrário complicaria a situação.

—Vai cantar tangos para mim durante uma temporada, digamos, quatro meses, duas vezes por semana. Acho que é um negócio justo. Você não acha senhorita?

—Pare de se divertir às minhas custas, Sr. Varzi.

—Não, eu não estou me divertindo às suas custas, senhorita Urtiaga Four. Eu faço negócios com você.

A hipocrisia deste homem tinha atingido seu auge, mas não havia outra alternativa senão suportá-lo, bem como aceitar o acordo que havia proposto. O que estava dizendo? Por acaso tinha perdido a cabeça? Certamente ela tinha ficado louca pelo simples fato de considerar a

possibilidade de cantar tangos para aquele delinquente. Por outro lado, seria capaz de cumprir o trato? Em que confusão estava se colocando? Os questionamentos estouravam, uma tormenta de perguntas e dúvidas se desatava em seu interior. Não pediria tempo para pensar, ele não daria. O que fazer? Como salvar seu irmão sem estar envolvida? O dilema era muito difícil de resolver.

—Está bem, Sr. Varzi, aceito.

Carlo experimentou um sentimento semelhante à alegria, que o perturbou muito e logo sufocou, para retornar ao seu estado normal, sardônico e infame. Disse-lhe, com um sorriso, que era a melhor decisão. A jovem não lhe respondeu, nem sequer o olhou. Permaneceu quieta, sem se importar demonstrar o quanto estava abatida e vencida. Carlo olhou para ela com cuidado: ali sentada, meio enrolada, cabisbaixa e as mãos cruzadas no colo, parecia uma criança assustada.

—Acredite-me, senhorita —disse sem sarcasmo—, sua humilhação não é nada comparada com a minha.

Micaela o olhou perplexa e não se atreveu a indagar a respeito da estranha e velada confissão. Varzi mudou abruptamente de tom e, de forma quase jocosa, continuou com algumas indicações, entre elas, que lhe dava quinze dias para preparar-se. Pareceu-lhe pouquíssimo tempo, mas não objetou. Varzi também lhe disse que a apresentaria à orquestra. Nesse ponto, se perguntou se não estava em um sonho ruim. Ela, a Divina Four, a soprano mais requerida e cotada da Europa, cantora de um bordel de La Boca, submetida ao cinismo de um cafetão perigoso, misturada com prostitutas baratas e pessoas viciosas. Nunca soube por que o rosto familiar e querido de Marlene lhe veio à mente nessas circunstâncias, mas lembrar-se dela a ajudou a não se sentir tão só e miserável. Experimentou um calor no peito e se levantou.

—Como quer que a apresente? —escutou dizer Varzi.

—O que?

—Que como quer que a apresente. Imagino que não quererá que o faça como a Divina Four, não? Terei que lhe buscar um bom nome.

—Marlene, lhe diga às pessoas que me chamo assim: Marlene.

—Bem! —exclamou Carlo. — Marlene, então. Bom pseudônimo. Fica bem.

"Fica bem Micaela olhou para ele atônita, e agora, por que ele a amansava?

—Com esse nome, você parece uma franquia inteira - continuou Carlo, muito solto.

Varzi não voltou a tratá-la de você nem a chamá-la senhorita Urtiaga Four, e, embora num primeiro momento sentisse desejo de pô-lo em seu lugar, em seguida se perguntou o que adiantava afinal que diferença teria se a chamava Marlene, Micaela, senhorita ou o que fora. Estava em suas mãos, ela e a vida de seu irmão; era quase como seu dono.

Carlo pediu que o acompanhasse ao térreo para apresentá-la à orquestra. O salão, tão silencioso e solitário momentos atrás, encheu-se de agitação. Mulheres de aspecto simples e pobre limpavam, enquanto os músicos da orquestra, colocados sobre um palco, afinavam os instrumentos. No meio de seu embaraço, a jovem distinguia dois violinistas, um bandoneonista e um idoso sentado ao piano.

—Professor! —chamou Varzi de longe.

O homem ao piano saltou e, muito depressa, desceu do palco e aproximou-se deles.

Micaela julgou que tinha cara de boa pessoa. De constituição pequena, cabelos brancos e um pouco curvado, seus olhos, ao contrário, pareciam os de um menino. Foi difícil definir a idade; talvez, cinquenta, cinquenta e cinco anos.

—Chamou-me, Sr. Varzi? —perguntou, entre temeroso e respeitoso, e com um claro sotaque italiano.

—Mestre, quero apresentá-lo à nova cantora, seu nome é Marlene. Marlene —disse a sua vez, —é o professor Cacciaguida.

Logo depois das saudações de rigor, Varzi se desculpou e os deixou sozinhos.

—Poderia me apresentar ao resto da orquestra, professor? —pediu Micaela.

—Sim, como não, senhorita Urtiaga Four.

Ao escutar seu nome, Micaela perdeu a compostura. A situação tornou-se complicada e grotesca. Cacciaguida tomou-a gentilmente pelo braço e acompanhou-a a uma mesa bem afastada do resto dos músicos. Puxou a cadeira para ela e a ajudou a sentar-se.

—Como notará senhorita —começou o homem—, sou italiano, de Milão. Faz apenas um ano que cheguei à Argentina. Não ia muito bem em meu país, e decidi provar sorte na América. E aqui me tem. Não tenho família que sentir saudade. Além disso, encontrei bons amigos nesta terra que me fazem esquecer aos que deixei na minha. Mas o que eu sinto falta de todo o meu coração é o Teatro alla Scala quando cantava minha soprano favorita, a Divina Four.

Micaela baixou o rosto e começou a choramingar. O homem pegou-lhe na mão e deu-lhe um tapinha.

—Senhorita Urtiaga Four, que honra estar perto de você e pegar sua mão!" Não chore. Você não tem nada para me explicar. Se você está aqui, você certamente terá boas razões. Confie em mim, ninguém vai saber quem você realmente é, se é isso que você quer, como imagino — O músico pediu um copo com água a uma das mulheres que limpava. Micaela bebeu devagar e, pouco a pouco, foi recompondo-se. Mais tranquila, agradeceu ao professor sua amabilidade e discrição. Também confessou seu medo e insegurança.

—Embora não possa contar o que está acontecendo, professor, posso lhe dizer que estou aterrorizada, entre muitas outras coisas, porque não sei cantar tango. E mais, pensei que o tango não se cantava.

—Não se preocupe. Eu a vou ajudar. Com essa voz mágica, quase divina que tem, pode cantar tudo.

Micaela comentou sobre o dueto do que lhe tinha falado Varzi, e Cacciaguida prometeu que ele mesmo a levaria incógnita para que os visse atuar e formasse uma ideia de como se cantava o tango.

—Gosta do tango? — quis saber Cacciaguida.

—Sim, professor —respondeu Micaela, muito desinteressada.

E o músico, embora desconcertado, não se animou a perguntar mais.

* * *

Essa noite tinha convidados na mansão Urtiaga Four. Para sorte de Micaela, só se tratava de uma reunião familiar, embora Eloy Cáceres e seu amigo inglês estivessem entre os convidados.

Depois da entrevista com o Varzi, ela mal podia se levantar. Preferia comer alguma coisa leve em seu quarto e deitar-se cedo, sabendo que não iria adormecer, mas com a intenção de apoiar a cabeça no travesseiro e deixar-se levar por seu deplorável estado de espírito.

Cheia a ajudou a trocar-se; tinha chegado tarde e os convidados a aguardavam na sala. Apesar dos olhos vermelhos e o mal-estar, Micaela recuperou seu aspecto habitual. Maquiou-se ligeiramente e decidiu usar um vestido de seda cor malva.

Durante a refeição, foi preciso força de vontade para prestar atenção às palavras de Guillita, que se dedicou a lhe contar, em detalhes, sobre o casamento.

—Vai ser em dois meses, Micaela. Espero que não tenha voltado para a Europa até lá, porque o que mais desejo é que esteja conosco esse dia.

Micaela foi tocada pelas palavras de sua prima e pensou, amargamente, que ela não seria a dona de seu destino nos próximos quatro meses; pior ainda: ela realmente não sabia o que seria de sua vida.

Ninguém deixou de notar no desânimo da Micaela. Com sua costumeira galanteria e afabilidade, Nathaniel Harvey tentou animá-la, mas não conseguiu. Seu pai a olhou de lado e

tentou descobrir o motivo que a afligia; ela era normalmente calada, geralmente temperamental, mas naquela noite ela parecia mais melancólica do que o habitual. Perguntou-se se sentiria falta da Europa e de seus amigos.

Durante a comida e no fumoir, Eloy permaneceu longe, mas raramente desviou os olhos dela. Micaela sentiu a insistência daqueles olhos e, de vez em quando, ela foi encorajada a olhar para cima e encará-lo. Eloy continuou observando-a como se a vigiasse; finalmente, ela baixou o rosto, muito perturbada.

Seu tio Raúl Miguens pediu, com sua acostumada adulação, que interpretasse algo ao piano ou que entoasse alguma ária curta. Pareceu-lhe uma boa ideia, a música sempre tinha sido seu refúgio, mas não demorou a desistir e negar-se. Jamais consentiria a um pedido desse homem que, apesar de seu parentesco, não tirava os olhos do seu decote.

Finalmente, o vinho e o ambiente tranquilo a derrubaram, e a tensão de um dia devastador se fez sentir em seu corpo. Desculpou-se com o senador Urtiaga Four e se despediu dos convidados, que a olharam partir um pouco ofendidos. Eloy a espetava ao pé da escada. Micaela se assustou, porque, concentrada em seu drama, não o tinha visto.

—Senhor Cáceres! —exclamou.

—Desculpe-me, senhorita! Não quis assustá-la. Venha, sente-se aqui. Parece muito cansada.

Ele pegou sua mão e levou-a a uma cadeira. Sentou-se a seu lado, sem soltá-la.

—Como vai seu trabalho? —perguntou Micaela.

—Como sempre, obrigado. Não a vejo bem, senhorita. Tem algo errado? Devo chamar o médico? Você quer uma bebida? Eu não sei talvez chá.

—Muito obrigado por sua preocupação, Sr. Cáceres. Só estou cansada. Tive um dia exaustivo, é tudo.

—Que pena! Eu queria convidá-la para dar um passeio pelo jardim, mas se você está tão cansada, deixamos para outra oportunidade.

Ao aparecer Nathaniel, Eloy soltou sua mão. O olhar alegre e amigável de Harvey se apagou imediatamente ao vê-los tão próximos. Parecia surpreso e irritado ao mesmo tempo.

—Desculpe-me —se desculpou. — Estão te procurando, Eloy —disse em inglês. — Boa noite, senhorita. —Deu meia volta e se foi.

Eloy acompanhou-a ao pé da escada e acenou secamente. Micaela, surpresa com a mudança de atitude, por fim se esqueceu ao concentrar-se em seu pior pesadelo: Carlo Varzi.

* * *

Carlo terminou a corrida habitual pelos seus estabelecimentos e se dirigiu ao Carmesim, seu centro de operações. Cruzou o salão sem olhar nem saudar. Sonia tentou aproximar-se dele, mas a tirou de cima como uma mosca. Subiu a escada e logo chegou ao escritório, onde se serviu uma bebida e vasculhou os papéis sobre a mesa. Encaminhou-se ao quarto contiguo, cuja decoração se assemelhava a do resto do bordel. Atirou-se sobre o divã e fechou os olhos, sem dormir. Micaela veio a sua mente e um sorriso cheio de ironia despontou em seus lábios.

—Com você, Micaela Urtiaga Four —disse, em voz alta—, seu irmão vai me pagar cada coisa que me deve.

Reviveu as cenas daquela tarde. Como ele a tinha humilhado! Ele jogou com ela desde o primeiro momento. Lembrou-se de sua surpresa e desespero quando mostrou que sabia o paradeiro de seu irmão e seus planos de levá-lo para a Europa. Cabecita e Mudo fizeram um bom trabalho; eles não a perderam de vista, nem mesmo Urtiaga Four. Como eram ingênuos se planejassem se livrar dele!

Tinha desejado violá-la. Transtornado pela tentação, teve que reprimir-se para não a tombar no piso e jogar-se em cima. Por que ele não tinha feito isso se essa teria sido a melhor forma de cobrar a dívida com Urtiaga Four? A resposta que veio à sua mente o enfureceu. Ele deixou o

sofá e caminhou por um tempo para acordar. Minutos depois, superada a alteração, divertiu-se com seu triunfo: durante quatro meses a melhor soprano do mundo cantaria tangos em seu bordel. Não podia acreditar ainda que Micaela tivesse aceito, e teve que reconhecer que era uma mulher valente: a forma em que se apresentou aquela noite e a maneira em que o tinha encarado essa tarde o demonstravam. Um sentimento de inexplicável orgulho encheu seu peito e uns desejos loucos de estar com ela voltaram a importuná-lo.

Sonia abriu a porta e entrou no escritório.

—Tire a roupa —lhe ordenou Varzi, e a mulher obedeceu sem falar.

* * *



Capítulo XI

Micaela foi se recompondo de sua tristeza. Em parte, porque confiou a Cheia a verdade a respeito de Varzi e de Gastón María, e também pela chegada de Moreschi. O primeiro a aliviou; o segundo a alegrou. As circunstâncias a levaram a contar ao seu professor o mesmo que contou a Cheia. Moreschi não compreendeu, e mais, pensou que brincava. Depois, convencido de que era verdade, empalideceu, tossiu, afogou-se, logo, gritou, enfureceu-se, para terminar em um sofá a ponto de chorar.

—Meu tesouro mais prezado! — exclamou. — Minha aluna dileta e adorada! Minha menina! Minha garotinha em mãos de um…!

Mama Cheia se apressou a lhe trazer um chá de tilo e Micaela a acalmá-lo com suas palavras. Tudo parecia em vão, o homem não achava consolo.

—E eu — se lamentava—, que vinha com a intenção de que cantasse no Colombo! Ahimé[25]! Che may sarà[26]? Tangos em um bordel!

Micaela pediu que baixasse a voz; Otília espreitava. Arrependeu-se de ter confessado a verdade, entretanto, teve que aceitar a impossibilidade de cantar no Carmesim sem a ajuda de alguns cúmplices. Cheia, Moreschi e Pascualito se converteriam em peças chave do assunto, especialmente para cobri-la durante suas ausências.

Para alívio de Micaela, nos ensaios não topou com Varzi. O professor Cacciaguida seguia atento, doce e respeitoso. O resto do grupo acabou não sendo tão educado como o diretor, mas não eram maus; falavam como Cabecita, nessa gíria que lhe custava compreender; e se assombrava com seus conhecimentos musicais e da docilidade que mostrava Cacciaguida frente a suas propostas.

Em menos de uma semana de ensaios, Micaela mudou inúmeras coisas. Fez localizar o palco em outro lugar onde a acústica, bastante lamentável em todo o salão, era mais propícia. Tirou as cornetas e colocou os violinos e fez com que executassem os pizzicatos[27] e escutassem melhor aos portamentos[28]. O bandoneonista[29] dirigia com destreza o instrumento e, como ela pouco conhecia do assunto, não fez comentários a respeito. Não custou imitar o modo sensual e cadencioso do tango graças a docilidade de sua voz. Junto a Cacciaguida, visitou um clube no bairro do Palermo, um lugar pior que o de Varzi, cheio de brigas e meretrizes, próximo ao Arroio do Maldonado, onde Gardel estava tocando. O ambiente a estremeceu de pânico. Mais tarde, a voz de baixo[30] do cantor a enfeitiçou e se esqueceu do entorno.

Micaela tinha parado de se perguntar se este era um sonho ruim. Resignada à sua iminente apresentação no Carmesim, ia aos ensaios tal como o fazia nos teatros europeus. Mas havia ocasiões em que se desesperava. A situação, áspera e grotesca, não parecia real, não podia estar acontecendo a ela. Cheia e Moreschi constituíam um grande estímulo nessas ocasiões. Movidos pelo carinho fraterno de Micaela, fazia tempo que não lhe recriminavam o acordo pouco benéfico com o Varzi.

Micaela agradecia que Gastón María continuasse fora da cidade; mais adiante, e arrancando de Varzi a promessa de que não lhe faria mal, pedir-lhe-ia que retornasse. O

---

[25]**Ahimé** – Ai de mim em italiano

[26]**Che may sara** – Isso nunca em italiano

[27]**Pizzicato**é o modo de tocar os instrumentos de corda (geralmente os de arco) pinçando as cordas com os dedos.

[28]**Portamento** (plural: portamenti, literalmente "carregou") é uma expressão musical originada principalmente do italiano que denota um deslize vocal entre os dois arremessos e sua emulação de instrumentos como o violino, e é por vezes utilizado alternadamente com antecipação.

[29]**Bandoneonista –** músico que toca o bandoneón que é um instrumento musical de palhetas livres, semelhante a uma concertina, utilizado principalmente na região do Rio da Prata, Uruguai e Argentina, onde é o principal instrumento da orquestra de tango..

[30]**Voz de baixo**é o tipo de voz mais grave e rara masculina, e tem o menor alcance vocal de todos os tipos de voz. Apoiando-se na caixa torácica, o cantor pode desenvolver as mais profundas sonoridades.

manteria alheio ao tortuoso assunto com o bandido. Se seu irmão chegasse a inteirar-se, provavelmente procuraria ao Varzi e o desafiaria a um duelo a faca. E Micaela não tinha a menor dúvida de quem sairia vitorioso.

* * *

No dia da estreia, e antes de escurecer, Pascualito a levou ao bordel. Os dois ficaram boquiabertos diante de um enorme pôster na porta: "Esta noite canta Marlene".

—Ai, senhorita! — exclamou o chofer. — Em que confusão nos colocamos!

Micaela não respondeu. Pascualito prometeu passar a noite inteira dentro do local, olhando por ela, e Micaela agradeceu de coração, segura de que o chofer ficaria reduzido a nada se o tal Mudo lhe punha um dedo em cima.

Na entrada a esperava Cabecita, que a conduziu ao camarim no andar superior, uma sala mais comprida que larga, com várias penteadeiras mal iluminadas, cabineiros abarrotados de trajes e mulheres seminuas maquiando-se. Micaela entrou e o alvoroço cessou imediatamente. Olharam-na de cima abaixo, com impetuosidade e receio. Um travesti, que havia visto algumas vezes durante os ensaios e a quem chamavam Tuli, deu-lhe a bem-vinda.

—Coisinha mais formosa viram! — exclamou, de maneira afetada.

Caminhou direto para ela, movendo os quadris e agitando as mãos no ar. Levou-a até um espelho, tomou o rosto pelo queixo e a obrigou a olhar-se.

—Olhem garotas! Viram alguma vez cara mais bonita? —Recebeu vaias e insultos por resposta. — Não faça conta, querida. Morrem da inveja. Nenhuma é tão linda como você. Tome cuidado, porque são como leoas em zelo.

Tuli se encarregava do vestuário, maquiagem e penteados das prostitutas, mas, por seu entusiasmo pela nova, relegou às demais e se dedicou totalmente a Micaela. Contemplou-a longa e fixamente, estudou seu rosto e lhe acariciou as bochechas. Envolveu-a com gêneros de diversas cores e riu de alegria pelo fato de que todo mundo estava saindo. Levantou-lhe o cabelo em um coque e também provou deixando-lhe solto.

A porta se abriu e as mulheres começaram a andar: não estavam acostumadas a que Napo visitasse o camarim. O homem avançou em silêncio, deteve-se frente a Micaela e afastou Tuli. Sustentou seu rosto pelo queixo e a olhou fixamente. Envergonhada e impotente, Micaela movia os olhos para os lados e tremia na cadeira.

—Ponha nela uma peruca negra —ordenou ao Tuli.

—Sim, Napo, como diz.

—Maquia-a muito, com cílios postiços.

—Sim, Napo.

—Que pareça uma puta —adicionou.

Micaela afastou o rosto, ficou de pé e o enfrentou. Tuli e as prostitutas prendiam a respiração e esperavam expectantes. Carlo voltou a pegá-la pelo queixo e sorriu para ela, enquanto lhe acariciava com o polegar a pinta sobre a comissura do lábio.

—E este lunar, Tuli, remarque-o bem. — Deu meia volta e partiu.

Micaela baixou a vista, turvada pelas lágrimas. Tuli a obrigou a se sentar e, enquanto falava com doçura, amarrou o cabelo e arrumou uma peruca preta com longos cachos. Maquiou-a excessivamente: o rosto com pó de albayalde; as pálpebras com sombra celeste; remarcou sua pinta perto da boca; colocou-lhe cílios postiços e lhe pintou os lábios de um vermelho furioso. O resultado final a perturbou: não se reconhecia no espelho.

O vestuário tampouco resultou menos escandaloso e extravagante: uma saia calça de lã vermelha, que Tuli chamou jupe-culotte, que pegava aos quadris e insinuava suas curvas, e uma blusa branca muito transparente, com decote baixo. Apesar do adorno, Micaela se destacava do resto por sua elegância natural, sua altura e graça ao caminhar. Tuli, encantado, não deixava de prodigalizar sua admiração.

—Se eu gostasse das de seu sexo —disse—, estaria perdidamente apaixonada por você.

Ante semelhante confissão, Micaela não pôde mais que sentir-se adulada, além de agradecida, porque, em meio de tanta hostilidade, Tuli tinha sido o único amável e carinhoso.

—A você, Tuli, o único que te interessa é Napo Varzi! — gritou uma das putas mais velhas.

—Sim! — apoiaram as demais, em meio a gargalhadas.

—Edelmira diz a verdade! — proclamou outra.

Tuli fez uma careta e se dirigiu a Micaela.

—As garotas têm razão. Estou louca por esse semental, mas, para ele, eu sou um móvel.

—O Napo Varzi só tem olhos para mim —afirmou Sonia, uma que, até o momento, tinha permanecido calada. — Que fique claro Marlene. O Napo Varzi é meu macho e a quem se atreva a olhá-lo arranco os olhos. —E aproximou a ponta de um pente.

—Saí daqui louca! — atravessou Tuli. — Não percebe que você a assusta?

Sonia se afastou para terminar de maquiar-se. Nesse momento, alguém gritou que se apressassem que os clientes estavam chegando. Armou-se um alvoroço antes que deixassem o camarim. Micaela teria preferido que esse grupo de mulheres esganiçadas e vulgares permanecesse ali, junto a ela. O silêncio a oprimiu e se sentiu sozinha e necessitada. "O que faço aqui?", perguntou-se. Lembrou-se de seu irmão e não sabia, nesse momento, se o amava ou odiava. De toda forma, tinha feito um trato com Varzi e pretendia cumpri-lo.

* * *

Aguardou ansiosamente por sua vez. Enquanto isso, Tuli a encorajava e era muito gentil. Disse-lhe que, por mais que cantasse mal, o público a adoraria, só por ser tão linda. Micaela não estava segura, e temia a vaia e o desprezo.

Cabecita veio buscá-la. Mais nervosa que em ocasião de sua primeira Ópera, desceu lentamente as escadas, segurando no corrimão. A sala repleta foi aparecendo ante seus olhos, e por mais que procurasse, não viu Varzi entre as pessoas.

Cacciaguida a acompanhou até o palco e fez a apresentação. Alguns clientes, os mais bêbados, gritaram obscenidades que logo sossegaram com o som dos instrumentos. Micaela pressentiu que a voz não sairia, mas, quando o professor indicou a entrada, seu canto encheu o salão, apesar da acústica.

Cantou com força, em um tom ofegante, enfermo, de acordo com as letras do tango. O amor perdido, a traição e a noite solitária foram repetidos, a tristeza era o denominador comum. Desdobrou seu talento, não regulou potência nem modulações, levou as notas agudas a seu máximo nível e dotou à melodia de uma coloração amarga e grave. A canção terminou e no bordel se fez um silêncio de morte. Seus olhos nublaram, sua garganta estava seca e suas mãos estavam frias. Como cantora de tangos era um fiasco.

Tuli, ao pé da escada, proferiu o primeiro "Bravo!", acompanhado de fortes aplausos, e o resto do público o imitou. O salão pareceu vir abaixo. Cacciaguida deixou o piano com gesto transbordante e se a ela uniu para receber as congratulações.

Varzi, do andar superior e meio escondido na penumbra, observava com extrema atenção. A seriedade de seu rosto dava pavor; seus olhos, escuros e insondáveis, cravavam-se em Micaela. Olhava-a de uma forma que teria atemorizado até o demônio. Carlo Varzi não parecia satisfeito, absolutamente.

* * *

Na noite seguinte àestreia, Micaela sentiu-se mais segura. A primeira experiência foi bem-sucedida. Cacciaguida e os músicos não pararam de felicitá-la; Tuli a abraçou e beijou-a como uma velha amiga; no camarim, as mulheres lhe falaram com bondade, exceto por Sônia, que lhe lançou olhares furiosos. Lembrou-se muito bem de Marlene como a mulher que, há muito tempo atrás, tinha visitado Varzi. E Sonia não era uma tola: sabia que, depois da reunião, Carlo tinha

mudado com ela. "Eu vou ter que cuidar desta papirusa[31] ou, melhor, ela vai ter que ter cuidado comigo", pensou.

Micaela subiu ao palco pela segunda vez e suportou os comentários grosseiros e as olhadas lascivas dos clientes. Sem êxito, procurou Varzi entre as pessoas e se perguntou onde estaria. Logo o tirou da mente, também ao público e a suas obscenidades, e começou a cantar. Cantou o repertório completo, que não era muito. Havia poucos tangos com letra e a maioria tinha sido escrita pelo Carmelo, o violinista. Sobre melodias conhecidas, ele trabalhava na letra. O público pedia mais e mais, e as canções se acabavam. Os clientes pareciam esquecer que, no Carmesim, também podiam dançar, beber, jogar ou deitar-se com as prostitutas. Finalmente, Cacciaguida anunciou a última peça e as pessoas se conformaram.

Em meio aos aplausos e vivas, Micaela deixou o palco. Mudo a seguia por trás, e impedia que a tocassem, tal como Varzi tinha ordenado. O salão parecia cada vez mais largo. Ela só queria alcançar a escada e correr lá para cima. Igual a noite anterior, Tuli estaria esperando-a com uma xícara de café e um roupão. Faltavam poucos passos para chegar ao seu objetivo quando alguém a pegou pelo braço com rudeza. Virou-se e olhou na mão que a sujeitava. Reconheceu-a imediatamente: era a do Varzi.

—Me solte! — ordenou, e tratou de escapar.

Varzi sorriu com malícia ao notar seu desprezo, e a sujeitou mais fortemente, consciente de que estava machucando.

—Professor, música! — ordenou, e disse, a seguir: — Dança comigo, Marlene. Eu te ensino.

Os clientes emudecidos presenciavam a resistência. As prostitutas, por sua parte, pensavam que Marlene era idiota se rechaçava a um homem como o Napo. Sonia, lívida, tentou persuadi-lo a dançar com ela, mas Varzi empurrou-a para longe. A mulher subiu correndo as escadas, chorando.

—Por favor, Sr. Varzi — interveio Cacciaguida. — A senhorita Marlene não...

—Cale-se e toque! — prorrompeu Carlo.

—Me deixe! — insistiu Micaela. — Isto não é parte do trato!

Varzi explodiu em gargalhadas que a paralisaram. Assustada, ela se perguntou em que ela tinha se metido. Acaso pensou que esse rufião manteria sua palavra porque ela era uma mulher decente? Iludida!

—Marlene —disse Varzi—, entende que isto não tem nada que ver com nosso trato. Quero dançar o tango com você e o farei.

—Mas eu não quero que você me toque. Deixe-me! Não quero dançar.

—Música! — ordenou Varzi, um pouco zangado.

Ouvindo os primeiros acordes de El Entrerriano[32] e deixando claro que Varzi conseguiria o que queria, Micaela puxou o braço e o esbofeteou. A música parou repentinamente, e vozes e risos diminuíram. Micaela ainda segurou sua mão perto de Varzi e olhou para ela horrorizada. Carlo, com os olhos apertados e os músculos da mandíbula tensos, virou o rosto lentamente até encontrar seu olhar aterrorizado, que pensou que iria morrer naquela noite, quando Varzi tirou uma faca da bota, agarrou-a brutalmente e, com a ponta da arma, em um movimento rápido, cortou a saia na frente até a coxa que deixou as pernas à vista.

—Para que se mova melhor — lhe disse, e devolveu a faca a seu lugar.

Pegou-a pela cintura e a arrastou ao meio do salão. Com voz grave, repetiu a ordem pela quarta vez. El Entrerriano soou, uma melodia rápida, a preferida do chefe. Carlo se movia como nenhum outro, e apesar de sua resistência, sua dança era harmoniosa, cheia de figuras e

---

[31] **Papirusa** - usado na literatura do tango - significa mulher jovem, bonita e desejável.

[32] **"El entrerriano"** está considerado como el primer tango publicado. Fue compuesto y publicado como tema instrumental entre 1897 y 1898 por el músico afroargentino Rosendo Mendizábal, bajo el nombre de A. Rosendo, con la peculiaridad de estar el título escrito con falta de ortografía como El entreriano.

firuletes. Conduzia-a magistralmente e conseguia dominá-la, embora Micaela insistisse em permanecer ereta como uma vara.

—Ou nos apertamos ou nos pisamos, pequena. —E a aproximou mais ainda. — Eu vou te ensinar.

"Eu vou te ensinar?", ela repetiu para si mesma, e pela primeira vez ousou sorrir para ele. Ele a agarrou pelas costas relaxou e começou uma série de movimentos ágeis e muito sensuais; seus pés eram acompanhados de destreza, e suas pernas, livres de laços, revelavam-se diante dos olhos de todos. A demonstração de sua habilidade era, talvez, melhor do que a dele, e impulsionada pelo orgulho e pela vingança, mostrou-lhe que ele não tinha nada para lhe ensinar.

Carlo foi surpreendido. Entretanto, exigido pelo novo ritmo de sua companheira, retomou a dança com maior vigor que antes. Extasiava-o o caráter felino e cortesão de cada movimento, o roce das pernas de Micaela com seu quadril, seus pés rápidos e fugidios que esquivavam os dele, como se o tivessem ensaiado por anos. Esta, por acaso, era a jailaife que tinha conhecido a bienuda[33] tão finoli[34] que o olhava como se cheirasse merda? A cintura da moça girava em sua mão, suas pernas se entrecruzavam com as dele; tudo o tentava.

O tango terminou, e Micaela compreendeu que só eles dançavam; o resto, em torno, contemplava-os encantados. Não estavam acostumados a ver semelhante amostra de destreza, muito menos em uma mulher que, no geral, dançavam bem mal.

O momento de exaltação cedeu. Humilhada, Micaela tentou livrar-se das mãos segurando-a, mas Varzi não a deixou ir. Ele a atraiu até que ela estava colada a ele e podia sentir a agitação em seu peito. Sua altivez, sem nenhum traço de medo, o excitava.

—Sim, você é uma caixinha de surpresas, Marlene! Puts, como o é! —Logo, deixou-a livre.

Micaela recuou alguns passos, pegando a fenda de sua saia para cobrir as pernas. Virou-se e os rostos de muitas pessoas a afligiram mais ainda. Baixou a vista, envergonhada. Escutou que Varzi voltava a gritar "Música!", quando tinha chegado ao primeiro andar.

Entrou no camarim e Sonia pulou como uma gata raivosa. Tuli explodiu gritando, sem saber o que fazer. Decidiu procurar ajuda, mas antes de chegar à porta, tirou um cabide do armário e golpeou à prostituta nas costas. Sonia, que manteve Micaela deitada no chão, nem sequer se encolheu. Ela se agarrava a ela pelos cabelos e batia sua cabeça contra o chão...

—Eu avisei que não mexesse com ele! — gritava. — Varzi é meu! Eu te avisei!

Micaela, a ponto de perder a consciência, mal ouvia a voz de Sonia e as imagens ao seu redor começavam a apagar-se. O perfume repugnante da mulher a decompunha.

Tuli deixou o cabide e procurou com desespero um elemento mais contundente. Suas mãos tremeram quando jogou no piso os cravos de um vaso de louça. Aproximou-se de Sonia com o vaso no alto e, depois de titubear uns segundos, quebrou-o na cabeça. Sonia gritou e caiu no chão, desacordada. Uma prostituta entrou e ficou pasmada com a cena. Tuli, agachado ao lado de Micaela, tirava-lhe restos de louça do rosto.

—Certo Flora! — apressou Tuli. — Não fique comendo moscas! Chama o Napo!

Sem dizer nada, a mulher abandonou o camarim à carreira.

—Coitadinha, minha Marlene —se lamentou o manflorón[35].

Acomodou-lhe a cabeça sobre a coxa, pegou um roupão da penteadeira e limpou o sangue que lhe emanava do nariz.

Varzi apareceu na porta com Mudo, Cabecita e algumas das garotas atrás.

—Napo, entre! — pediu Tuli. — Sonia quase a mata!

---

[33] **Bienudo (a)** - pessoa bem-nascida de boa família e situação econômica.
[34] **Finoli** – fino (a) na gíria portenha
[35] **Manflorón** –(Termo Pop. Do Modismo Argentino) Homem afeminado

Carlo indicou a seus capangas que se encarregassem de Sonia, que já se movia no chão e dizia incoerências. Então ele afastou Tuli desajeitadamente e levantou Micaela, atravessou o corredor com ela em seus braços e, em seu quarto ao lado do escritório, colocou-a no sofá.

—Traga sais e algodão! — ordenou a Tuli.

Carlo secou o sangue com seu lenço. Pegou um travesseiro, colocou-o sob a nuca e jogou a cabeça para trás para parar o sangramento. Por um momento, deixou o que estava fazendo ao escutar os insultos e golpes de Sonia na sala ao lado. Tuli voltou e depositou os sais e algodão no lado do sofá. Com olhos lacrimejantes, pegou a mão de Micaela e beijou-a várias vezes.

—Coitadinha, minha Marlene! — voltou a dizer. — Tão bonita e talentosa! Essa cadela da Sonia quase a mata. É uma puta sem coração! E tudo porque dançou um tango com você! E que bem que o fez! Nunca tinha visto uma mulher dançá-lo melhor. Ai, que não lhe aconteça nada!

Farto da cena, Carlo ordenou que abandonasse o quarto, e Tuli foi choramingando. O algodão deteve a hemorragia e os sais conseguiram avivá-la. Carlo a ajudou a sentar-se e indicou que mantivesse a cabeça para trás. Micaela via com pouca claridade, com muita dificuldade distinguia as feições de Varzi, e os sons retumbavam na cabeça.

—Não se preocupe Marlene —disse. — Sonia não vai voltar a te incomodar.

Micaela, que teria desejado culpá-lo pela agressão de sua amante, não pôde dizer nada.

* * *

Uma vez seguro de que Micaela se encontrava a salvo, a caminho de sua casa, Varzi procurou Sonia. Entrou em seu escritório, caminhou para ela e a levantou do sofá.

—Ficou louca! — gritou, e a jogou no chão. — Que merda...? Que diabos está errado com você? Que porra...? —Levantou a mão para esbofeteá-la, mas se conteve.

—Por que dançou o tango com ela? Eu disse que não se metesse com você! Você é meu!

—O que diz? Eu não sou de ninguém, entendeu? De ninguém! Menos ainda de uma arrebentada como você!

—Como pode me tratar assim? Você e eu...!

—Você e eu, o que? A ver? Você e eu, o que? Você e eu, nada —resolveu Varzi.

Sonia começou a choramingar.

—Carlo, pelo que mais queira, eu amo você, por favor. Ela se ajoelhou diante dele.

—Vamos, levante-se! Não faça uma cena que eu não estou com humor!

Sonia proferiu um uivo de raiva que o assustou. Tinha o rosto vermelho e os olhos pareciam a ponto de explodir.

—Não vou deixar que essa filha de puta me roube meu homem! Entende? Eu vou esmagá-la, eu vou fazê-la em pedaços, eu vou matá-la, mas nunca, está me ouvindo? Eu nunca vou deixar ela ficar com você.

—A partir de agora —disse Carlo, apontando o dedo indicador para ela, —, você vai trabalhar no bordel San Telmo. Não quero voltar a vê-la no Carmesim. E que fique bem claro para você: se algo acontecer com Marlene, o que seja Sonia, um arranhão ou qualquer outra coisa, eu vou culpar a você. E ninguém vai ser capaz de salvá-la da biaba que eu vou te dar. Você entendeu ou eu repito?

Levantou-lhe o queixo e cravou o olhar nela. Sonia tentou abaixar o rosto, mas Varzi lhe apertou o queixo.

—O que me diz Sonia?

A mulher balbuciou uma resposta, com dentes cerrados e lágrimas contidas.

* * *



Capítulo XII

Em todo este embrulho com o Varzi, o mais difícil era escapulir da mansão sem levantar suspeitas. Os dias que cantava no Carmesim se tornavam um inferno até que, fugindo aos compromissos e as perguntas indiscretas, dirigia-se ao bordel conduzida pelo Pascualito.

Mama Cheia ficava com o coração na boca, rezando o rosário, e se perguntava se o que Micaela fazia era pecado, e, inclinada a acreditar que sim, mortificava-se, segura de que, teimosa como era, jamais conseguiria convencê-la para que se confessasse com o padre Miguel. Paradoxalmente, quem estava mais calmo era o professor Moreschi, que, apesar do pânico que sentia ao pensar nela em meio a um ambiente tão perigoso, aceitava a situação. Converteu-se em seu principal encobridor, e inventava saídas que o obrigavam a passar várias horas fora da mansão sem rumo fixo. Entretanto, tinha vários conhecidos que estavam em Buenos Aires, inclusive, um amigo da juventude, Luigi Mancinelli, dono da Grande Companhia Poesia lírica Italiana, de turnê pela América do Sul, que tinha no Colombo seu destino mais importante. Alessandro e ele planejavam a próxima apresentação da Divina Four, embora Moreschi soubesse que, até dentro de quatro meses, sua protegida só cantaria tangos.

Micaela, por sua parte, simulava um espírito alegre e uma atitude positiva. Por mais que a situação afundasse, não queria ser vista desmoronando. Sensações estranhas e desencontradas a martirizavam. Nos dias que cantava no bordel, era torturada por uma ansiedade inexplicável, semelhante a um forte desejo que se opunha ao que devia experimentar. Era uma sensação nova que nem os cenários mais famosos nem os mais ardentes aplausos haviam provocado. A questão com Varzi a afetava tão intimamente, perturbando-a de tal forma, que se surpreendia com a mudança de sua própria natureza, tradicionalmente firme, judiciosa e sossegada.

Era costume não ver Varzi entre o público. Buscava-o nas curvas mais escuras e na penumbra do andar de cima, mas nunca conseguia vê-lo. Entretanto, como surgindo do nada, o cafetão, ou cafishio[36], segundo o jargão dos paroquianos, aparecia quando ela deixava o palco e a arrastava até a pista de baile. Sem esperar, Cacciaguida e os músicos tocavam algum dos tangos favoritos do chefe. A mente de Micaela começava a girar, enquanto seu corpo o fazia a mãos do Varzi, e, por mais que a dança se assemelhava mais a um duelo no qual cada um queria demonstrar quem era o dominante, sua coreografia sobressaía harmoniosa e estética.

—Alguma noite destas —disse Moreschi—, acompanho-a esse lugar. O Carmesim, não é?

—Ficou louco, professor? Nem pense nisso! Eu o proíbo!

—Por quê? — persistiu Alessandro. — Sabe que eu gosto de dançar o tango e o faço bem. Tenho desejo de dançar. Ainda recordo com alegria as vezes que o dançava com a Marlene ou contigo no bistrô de Charonne.

—Ou no clube da Rué Fontaine —demarcou Micaela, cheia de nostalgia. — Esse era o que Marlene mais gostava.

—Que bem dançava Marlene! Que vontade tenho de dançar de novo!

—Não se dá conta de que é perigoso que se exponha? — retomou Micaela, para deixar de lado as lembranças. — Não, de maneira nenhuma! Você fica aqui.

—Na verdade, eu confesso, eu tenho outro desejo, além do tango. Quero conhecer esse homem, Carlo Varzi.

—Para que? Já lhe disse tudo o que se pode saber sobre ele.

---

[36]Pessoa (geralmente do sexo masculino), que lucra com o desempenho sexual de terceiros.

—Não acredito que saiba tudo a respeito dele. Eu acho que por trás desse homem há algo mais. Você não acha que esta situação é muito absurda e ilógica? Você, cantando tangos em um bordel para pagar as dívidas de seu irmão? Não tem sentido.

—Esse pensamento me martiriza dia e noite. Sim, é certo, eu também notei.

—E agora —continuou Alessandro—, essa mania de dançar contigo. Para que? Por que? Só para te humilhar e te rebaixar?

—Que insinua, professor?

—Não, não insinuo nada. Só me faço perguntas e não encontro respostas. E tudo por uma dívida de jogo? Custa-me acreditar nisso. Falamos de um homem acostumado a essas coisas.

—Tome isso como certo —demarcou a jovem.

—Ele é um homem que vive rodeado de pessoas que lhe devem. Considero que o dinheiro deve correr como água sobre as mesas de jogo e mais de um deve sair quebrado do Carmesim. Com cada jogador se enfurecerá desta maneira? —Finalmente, perguntou a si mesmo: — O que Carlo Varzi realmente quer?

Micaela, pressionada pelo exposto por Moreschi, tentou em vão encontrar uma explicação. As conjecturas pareciam confusas e sem lógica; ela sentia que o homem era movido pela fúria e vingança, talvez pelo desejo de humilhá-la. O jeito que ele a tomava nos braços, o jeito que ele a olhava, o quão abrupto ele era às vezes, as frases carregadas de ironia: Varzi era evidentemente um homem rancoroso.

Quase um mês depois, Micaela recebeu notícias de Gaston Maria que a deixaram inquieta. Soube que tinha abandonado a estância de Azul e, junto a um grupo de amigos, partiu para Alta Gracia, uma cidade de Córdoba. Logo soube o motivo dessa partida surpresa. Eloy disse-lhe que naquele lugar um cassino tinha acabado de abrir, perto das Sierras, o hotel mais luxuoso da área.

Afligida pela ideia de que seu irmão continuava no vício, Micaela perdeu a compostura. Eloy, muito cavalheiresco, tratou de reanimá-la. Ofereceu-lhe uma bebida forte e tomou suas mãos frias.

—O que vocêtem senhorita? Há muito tempo eu tenho notado que você não é a mesma. Certamente ela podia contar com a discrição de Eloy, pensou em confessar a verdade. Além disso, impulsionava-a a crença de que ele seria seu melhor trunfo. Ainda assim, ficou em silêncio.

* * *

No camarim, as prostitutas conversavam e se lamentavam por seus problemas. Aparte, Micaela escutava com atenção a essas mulheres incultas e grosseiras que falavam. Tal como fizera com Cabecita e os músicos compreendiam pouco, embora, à medida que os dias passavam, acostumava-se a essa gíria de bandidos e meretrizes.

Eles não notaram sua presença. Somente Tuli falava com ela, que, encantado com sua beleza e qualidades de cantora, não parava de elogiá-la. Destinava-lhe muito tempo, e, apesar da diferença que fazia as prostitutas não reclamavam. A aparente apatia escondia, na realidade, admiração e respeito, fundados não só em seu canto magnífico, mas na convicção de que ela era a nova mulher de Varzi. De certa forma, estavam agradecidas porque tinha conseguido tirar a Sonia do Carmesim. Nunca tinham suportado sua vaidade e desdém.

—Parece-me que o Mudo teve a sua língua cortada pelo "mocha línguas" —comentou uma das mais jovens.

Micaela ergueu os olhos e esteve a ponto de perguntar o que era o "mocha línguas".

—Que nada! — respondeu outra. — Na noite anterior, quando ele me pegou de surpresa, me deu uma chupeta que quase me afoga. E te juro que tinha língua!

—Você foi com ele para a biblioteca? — quis saber a mais velha de todas.

—E o que queria que fizesse? Atirou-me umas viyuyas[37]. Migalhas, mas eu não me atrevi a me queixar.

—Eu acreditava que o Mudo não falava porque não tinha língua. Dizem que alguém a cortou com uma faca.

—Não seja teimosa! Digo-te que tem uma e muito grande —insistiu a que se deitou com ele. — Se não fala deve ser porque não tem nada que dizer.

—Dizem que a única pessoa com quem fala é com o Napo, mas eu nunca os vi conversando.

—Mais que ter a língua cortada pelo "mocha línguas", me parece que Mudo é o "mocha línguas"—disse uma garota nova que, pelo geral, permanecia calada.

—O que diz Mabel? — saltaram as outras ao uníssono.

—Oh, eu não sei, che! A mim esse homem dá uma sensação ruim. Eu me esquivo dele. Cada vez que o vejo me mijo nas calças.

—Então, melhor anda usando fraldas, queridinha, porque você vai vê-lo direto por aqui.

As demais soltaram uma gargalhada, e Micaela virou para ocultar a risada. Tuli entrou e quis saber o motivo da farra.

—Falávamos do Mudo —respondeu Mabel, a nova. — Têm ideia se é mudo por nascimento?

—Não —disse Tuli. — Viu esse talho que tem na garganta? Bom, um compadre de Palermo o fez faz muito tempo e o deixou mudo. O Napo salvou sua vida nessa ocasião e matou o cara que o machucou. A partir de então, o Mudo vê Napo como um deus. É mais fiel a ele que um cão. Há aqueles que dizem que o ouviram falar, com uma voz rouca, muito feia.

—Tuli —chamou Micaela, uma vez que as moças se foram.

—Sim, princesa?

—Posso te fazer uma pergunta?

—Como não, princesa! Você sabe que sou sua donzela mais fiel. Não peça mais, apenas pergunte.

—O que é esse negócio de… "mocha línguas"? É assim? "Mocha línguas"?

—Oh, minha querida, essa é uma questão que nos afeta muito. Você não leu nada no jornal?

—Não, não leio os jornais. Do que se trata? — insistiu impaciente.

—É um assassino de prostitutas. As degola e corta sua língua. —Micaela estremeceu. — Sim, minha querida. Esse homem dever ter uma alma muito atormentada para fazer algo assim. Já matou muitas, não sei quantas.

—Sabe-se algo? Refiro-me, a polícia sabe algo?

—A cã não sabe nada. Não tem nenhuma pista. Parece que o homem é muito precavido. Diz o jornal que trabalha como um cirurgião. Corta a língua com muita perfeição. O mais aterrador de tudo é que leva a língua com ele, porque a cã nunca pode encontrar nenhuma.

Micaela estremeceu. Ela, em meio dessas prostitutas, bem podia ser vítima do "mocha línguas". O temor deu lugar à raiva: seus problemas e angústias se deviam ao Gastón María que, nesse momento, estaria esbanjando dinheiro em Alta Gracia. Tuli notou sua perturbação e se apressou a animá-la.

—Marlene, querida, não tenha medo de nada. Você não. Varzi cuida de você como se fosse feita de ouro. Ele não vai deixar que ninguém ponha um dedo em cima de você. É sua mulher agora.

—O que! — exclamou a jovem, e ficou de pé. — Sua mulher? Eu não sou a mulher de ninguém! De ninguém! Entendeu-me?

Tuli deu um passo atrás. Marlene, sempre delicada e prudente, surpreendeu-o com esse arranque de fúria. Olhou-a intrigado: apenas uma louca poderia recusar um homem como Napo, rico e bonito.

---

[37]Viyuyas – Dinheiro na gíria dos malandros portenhos no final do século XIX e início do século XX.

Micaela compreendeu que tinha sido grosseira com a pessoa menos merecia. Tuli e Cacciaguida eram os únicos que a tratavam com afabilidade e respeito. Recompôs-se e pediu perdão.

—Por que disse que sou a mulher de Varzi? — quis saber.

—Bom todos pensam.

"Todos?", pensou Micaela.

—O acontece —continuou Tuli—, é que te olha de uma forma que te come com os olhos. Além disso, somente dança o tango com você e não deixa que nenhum outro te tire para dançar.

—E por esse motivo acredita que sou sua mulher? Pois saiba, Tuli: eu não sou a mulher de Varzi nem de ninguém. Diga a todos: Micae… Marlene não é de ninguém.

Tuli se retirou e ela ficou para terminar de arrumar-se.

"Ele não vai deixar que ninguém ponha um dedo em cima de você. É sua mulher agora." Se o propósito de Varzi era humilhá-la, por Deus, estava conseguindo!

* * *

Saiu do camarim convencida de que não aceitaria outro tango com ele. Pareceu-lhe óbvio que as pessoas pensassem bobagens se os via dançar como o faziam, e sentiu vergonha ao recordar as mãos de Varzi ajustadas a sua cintura.

No salão não cabia um alfinete. A popularidade de Marlene tinha ultrapassado os confins de La Boca, e público de outros subúrbios chegava para escutar sua voz e admirar sua beleza. Como cada noite, Mudo a escoltou para protegê-la dos desmedidos. Micaela deu uma olhada fugaz ao rosto desagradável de seu guarda-costas, recordou o comentário de Mabel e pensou que possivelmente se encontraria mais segura com esse homem longe dela. Se não era o "mocha línguas", tampouco tinha cara de santo.

Desde a primeira apresentação, o repertório tinha crescido grandemente. Carmelo, Cacciaguida e Micaela tinham trabalhado duro na composição de novos tangos, com acertos originais que agradavam ao público em que pese a ter mitigado o caráter grosseiro e pícaro de algumas letras. O matiz triste, taciturno e melancólico prevalecia ainda em cada estrofe.

Subiu ao palco, e os homens prorromperam em aplausos. Alguns lhe jogaram cravos, outros insistiram em suas caras lascivas. Aceitou o afeto com um sorriso e evitou aos que a ofendiam. Lançou-se ao tango com paixão, suspensa em um mundo ilusório que só aumentou enquanto ela cantava. Interpretou “La Morocha”, que resultou num dos melhores números do show.

O público se entusiasmava escutando-a e, homens simples e ignorantes como eram, sem necessidade de aparências, não duvidavam em dar-lhe reconhecimento e admiração.

Varzi apareceu enquanto Micaela cantava o último tango. Entrou pela porta principal e ali ficou, contemplando-a. Apesar de estar afastado do palco, atraiu-a com a intensidade de seu olhar e, em um instante, desbaratou sua segurança. Ao terminar o show, deixou apressadamente o palco para escapar de suas garras, mas Mudo pôs o pé no pé da escada e Carlo a pegou por trás. Ela tentou se livrar dele disfarçadamente. Pensou esbofeteá-lo outra vez e gritar umas quantas verdades, mas quando olhou ao redor e comprovou que o olhar de uma centena de pessoas pousava nela e no cafishio, preferiu economizar uma cena e dançar.

Mais tarde, nessa mesma noite, deixou o Carmesim zangada com ela mesma. Tinha decidido não dançar com Varzi e tinha terminado entre seus braços dançando como amantes. Saiu do bordel para o ar frio da madrugada invernal, enrolou-se em sua capa e caminhou para o carro onde a esperava Pascualito. A rua, solitária e escura, aterrou-a e a história do "mocha línguas" voltou para a sua memória.

Assustou-a o ruído de um carro que dobrava a esquina, e o seguiu com o olhar. O veículo se deteve na quadra seguinte e um indivíduo pequeno desceu e entrou em uma casa. Intrigada e convencida de que tanto o carro como o homem pareciam familiar, Micaela aguardou na

calçada. Logo o homem saiu acompanhado de uma mulher, subiram no carro e partiram a toda pressa.

—Por que fica aí parada. Não vê que é perigoso? — Pascualito repreendeu-a, enquanto abria a porta e a ajudava a subir.

—Me desculpe, têm razão. Mas fiquei vendo esse carro que parou na outra quadra. Viu-o? Pareceu-me conhecido.

—Sim, o vi —assegurou o chofer. — Era um Daimler-Benz, igual o que tem o doutor Cáceres. Por isso deve ter parecido conhecido.

—Viu quem dirigia Pascualito?

—Não, senhorita, esta rua é uma boca de lobo.

—Pareceu-me que quem dirigia era o servente do Sr. Cáceres. Como se chama?

Antes que Pascualito respondesse, Micaela gritou ao ver uma figura escura na janela.

—Não se assuste senhorita Marlene! Não se assuste! Sou eu, Cabecita!

Micaela demorou uns segundos em recompor-se antes de perguntar, de má vontade, o que queria.

—O chefe manda dizer que esta noite ele vai levar você em seu carro. Che, Pascualito, diz o Napo que nos siga por trás.

Tudo parecia tão resolvido que Micaela não mostrou objeção. E mais, aproveitaria a oportunidade para pedir ao Varzi que permitisse o retorno de Gastón María; como fosse, arrancaria a promessa de que não lhe faria mal, e, embora não confiasse na palavra de um cafetão, no momento, era seu único recurso.

Micaela subiu no carro e, logo, chegou Varzi, que se sentou na parte traseira junto a ela. Mudo conduzia e Cabecita ia sentado a seu lado.

Contemplou-o de soslaio e voltou a surpreender-se de como era atraente. Usava o chambergo[38] requintado sobre a frente e apenas se lhe viam os olhos. A mandíbula, robusta e quadrada, esticava enquanto dava ordens ao Mudo. Varzi era como o tigre de bengala[39] que tinha visto no zoológico de Paris tempo atrás: um ser de linhas perfeitas, uma criatura formosa, fascinante, de movimentos eróticos, de uma força incrível, mas terrível, maligno e assassino.

—Por que me olha assim? — perguntou-lhe.

—Quero pedir dois favores —se apressou Micaela, e omitiu a pergunta tão difícil de responder.

—Não acredito que esteja em condições de me pedir nada. Mas, tendo em conta que meus lucros aumentaram desde que está no Carmesim, concedo que me peça os dois favores.

—Primeiro quero pedir que permita ao meu irmão retornar a Buenos Aires.

—Eu não impeço seu irmão voltar para Buenos Aires. Pode fazer o que quiser.

—Senhor Varzi, por favor! Não se burle de mim, o suplico.

—Eu não me burlo de você, Marlene.

Nenhum dos dois falou por um momento. De repente, Carlo disse:

—Diga a seu irmão que não continue perdendo dinheiro em Alta Gracia e que volte.

—Promete que não vai lhe fazer mal?

—Se eu quisesse seu irmão já estaria morto.

—Não, por favor! Não diga isso nem em brincadeira!

Varzi olhou para outro lado, zangado, disposto a não voltar a lhe dirigir a palavra.

—Não acredita em mim —assegurou um momento depois. — Está segura de que não vou cumprir.

Micaela não pôde, nem quis negar, e acreditou ver certo abatimento em seu semblante.

---

[38]**Chambergo**- é um chapéu de copa relativamente baixa com uma ou ambas as abas dobradas e anexada a copa com clipes ou fechos. Ele também pode incorporar galões e penas.

[39]O **tigre-de-bengala** (*Panthera tigris tigris*), também conhecido como **tigre-indiano**, é um Grande felino e uma das seis subespécies de tigre restantes, sendo a segunda maior dentre elas, ficando atrás apenas do tigre siberiano. Seu nome deve-se à sua presença em Bengala ocidental, próxima ao Golfo de Bengala.

—Disse-me que tinha dois favores a me pedir. Qual é o outro?

—Queria pedir que não voltasse a me obrigar a dançar o tango.

—Te obrigar? Eu não acredito que te obrigue a dançar comigo. Parece muito contente em fazê-lo. Dança de uma forma que eu nunca tinha visto. Seu corpo inteiro goza quando dança comigo.

—Como se atreve a me tratar assim? Por que, depois de tudo o que tenho que fazer, ainda tem ânimo para me humilhar dessa forma? —Micaela tomou um lenço de sua bolsa. — Não se dá conta de que estou jogando com minha carreira, a vida?

—Por que não quer dançar mais?

—É que as pessoas estão falando bobagens e não quero me ver mais prejudicada do que já estou com tudo isso.

—Ah, sim? E o que dizem as pessoas?

Micaela não responderia essa pergunta nem em um milhão de anos.

—Que é minha mulher?

Na escuridão do carro, Varzi jamais teria notado sua palidez. Mudada, sentiu um tombo no estômago e, em vão, tentou replicar.

—O que acontece é que só danço o tango com quem é minha mulher. Por isso as pessoas estão falando. Conhecem meus costumes.

Ante tal impetuosidade, Micaela duvidou entre agradecer a explicação ou partir algo na cabeça dele.

—Está bem, Sr. Varzi —disse. — Entendo que esse seja seu costume. Mas como não é o meu, melhor pararmos por aqui para que as pessoas não nos interpretem mal.

Varzi a agarrou pela cintura e a atraiu para ele.

—Não seria má ideia dar razão às pessoas. Não te parece, Marlene?

Micaela tentou gritar e insultá-lo, mas não conseguiu; ficou sem ar. Os lábios de Varzi quase roçavam os seus, a ponta do nariz lhe acariciava a bochecha e uma mão na sua nuca a impossibilitava mover-se. O carro se deteve, e ela permaneceu rígida entre os braços dele. Finalmente, e com bastante domínio de si, disse-lhe:

—Não se engane Sr. Varzi. Por mais que vista esta roupa e me maquie desta maneira, sigo sendo a mulher respeitável que você conheceu. Agora, tire as mãos de cima de mim!

Carlo obedeceu sem hesitar.

** *

Cheia abriu a porta dos fundos, que dava nos aposentos dos criados e na cozinha, e Micaela, ainda perturbada pelo episódio com Varzi, entrou tropeçando. Pediu um chá de tília bem forte, com muito açúcar.

—O que aconteceu, minha rainha? Você está pálida—perguntou a negra. — Suas mãos estão congeladas!

Micaela contou-lhe os acontecimentos dolorosos, embora tivesse cuidado para não mencionar seus sentimentos conflitantes. Cheia a repreendeu e não ajudou em nada. Micaela tinha procurado nela uma amiga, mas o papel de mãe de sua babá as afastava. O rosto de Marlene apareceu na sua mente e ela precisava ficar a sós. Despediu-se de Cheia e partiu muito abatida.

Na intimidade do quarto, sentiu-se a salvo de tudo e de todos. Por esses dias aconteceram muitas coisas que a contrariavam. Desejava que os quatro meses tivessem passado e que Paris fosse de novo seu lar. Tinha vontade de voltar; não havia outro lugar melhor. Marlene já não era uma lembrança penosa, converteu-se em uma guia, em um consolo.

—O que faço, Marlene? — perguntou em voz alta. — O que faço?

Imaginou-a pedindo, com disposição aberta e franca, que lhe contasse sobre o tal Varzi. Sorriu, segura de que teria começado por lhe perguntar se era atraente. Micaela a teria olhado

com picardia e, depois de um tempo, haverialhe dito: "OH, sim! O mais arrumado que tenha visto." Marlene, ansiosa como uma colegial, teria querido conhecer o resto: como falava, como se movia, como olhava. E lhe teria encantado saber que dançava o tango melhor que ninguém.

** *

Depois de que Micaela se perdeu na parte traseira da mansão, Varzi ordenou a Mudo que voltassem para o Carmesim, mas antes de chegar à primeira esquina, desdisse-se e mandou que o levasse a sua casa. Mudo e Cabecita se olharam, sem perguntar nem comentar nada.

Carlo se abstraiu rapidamente do contexto e se perdeu nas lembranças, frustrado ao não poder definir se elas resultavam satisfatórias ou desagradáveis. Deixou-se levar pelo que sua memória ainda tinha fresco. Um momento foi suficiente; Ele se recostou no assento, limpou a garganta e esfregou o rosto para se livrar do estado letárgico de um mau passo. Ele foi incitado a não perder de vista os planos desenhados. Nesse aspecto, sentia-se vitorioso, embora faltava o golpe final para que a desonra da senhorita Urtiaga Four fosse completa.

Mudo como sempre, não emitia som, mas Cabecita, que falava pelos dois, já não suportava o silêncio.

—Che, Napo —começou—, têm ideia de como ela sabe dançar tão bem o tango?

Carlo, concentrado nos seus pensamentos, olhou-o confundido.

—Do que você está falando?

—Da Marlene. Sabe onde aprendeu a dançar assim? A muito enjeitada se move como uma ninfa.

—Não —respondeu Varzi, laconicamente.

—Quer que averiguemos?

—Não. Somente façam o que pedi antes: vigiem-na dia e noite, não a percam de vista.

—Está bem —aceitou Cabecita e Mudo assentiu.

—O que fez ontem?

—Esteve em sua casa toda a manhã, cantando essas canções estranhas que ela canta.

—Árias de ópera, animal —o corrigiu Carlo.

—Isso.

—Como sabe que estava cantando?

—Porque me meti no jardim pela parte de trás e a vi. Estava perto de uma janela do piso térreo. Tem um vozeirão mais forte que quando canta tango. Transpassava o vidro, sabe? Depois veio lhe buscar esse fifí e passou toda à tarde com ele.

—Que fifí? — perguntou Carlo, alarmado.

—O tal Eloy Cáceres. Fifí como uma ninfa, meio amanerao[40] para caminhar. Mais fino que uma mina. Buah!

O olhar de Carlo se escureceu e um ciúme louco se apoderou dele.

* * *

[40] Pessoa efeminada agindo estranhamente usando gestos de sexo feminino. Maricas.

Capítulo XIII

Micaela teve um sono agitado e muito assustador. Seja como for, embora tivesse preferido o silêncio, levantou-se cedo e resolveu tomar o café da manhã com o pai. Felizmente, Otília costumava fazer na cama.

Mama Cheia não apareceu para ajudá-la a trocar-se e a pentear-se, o que era estranho. Ao chegar à sala de jantar, aguardava-a uma surpresa: Gastón María conversava agradavelmente com seu pai e com a babá.

—Agora entendo por que não foi ao meu quarto esta manhã —disse Micaela. — Seu filho pródigo chegou e se esqueceu de sua filha mais fiel.

Cheia sorriu. Gastón María se aproximou para recebê-la. Os irmãos se abraçaram com calorosamente e trocaram palavras gentis. Micaela perguntou quando tinha retornado.

—Ontem à tarde. Você não estava. Disseram-me que tinha saído com o Moreschi.

Michelle murmurou e sentou-se à mesa.

—Bom dia, papai —saudou.

Rafael desejou que Micaela, como tinha feito com Cheia e com Gastón, desse-lhe um beijo. Apesar dos últimos meses, continuava fria e distante. Não sabia como aproximar-se o nem como obter seu perdão.

Logo, Alessandro Moreschi se uniu a eles pedindo desculpas pela demora. Rafael foi gentil com ele e ordenou à doméstica que lhe servisse o café da manhã imediatamente.

Gastón María comentou a respeito de sua viagem, e Micaela, sabendo de que seu irmão não relataria nada interessante, estava absorta em suas questões. A primeira coisa que veio à mente foi o sucesso da noite anterior de ter pedido a Varzi para não o machucar. Tinha a convicção de que, enquanto ela cumprisse o trato, Varzi faria o mesmo.

Micaela e o professor Moreschi passaram o resto da manhã na sala de música, presos por árias e exercícios. Num intervalo, Alessandro expôs sua ideia sobre ela cantar no Colombo junto à companhia lírica de Mancinelli. Micaela se mostrou intransigente, e confessou que, se não fosse pelo trato com Varzi, já teria voltado para Paris. Assegurou-lhe que a lembrança de Marlene já não a atormentava como antes e que estava pronta para retornar.

—Eu não peço que você fique em Buenos Aires e não volte para a Europa, eu jamais pediria isso, mas você tem a grande oportunidade de cantar em um excelente teatro. Eu o conheci dias atrás e ele é fantástico. Me atreveria a dizer que tem a melhor acústica de todos os teatros que conheço. —Micaela se surpreendeu. — Sim, tenho certeza — reafirmou Alessandro. — Além disso, não pode desprezar seus compatriotas dessa forma. Você está em Buenos Aires há mais de três meses e nem sequer cantou para seus parentes. Diz-se que é uma presunçosa e vaidosa que só canta para os europeus.

—Não é verdade! —exclamou. — Se eu não cantei, foi porque eu não tive espírito suficiente. Nunca me ocorreu desprezar meus compatriotas.

Na verdade, Micaela tinha antecipado a possibilidade de tal coisa ser dita. Não a pegou de surpresa, embora sim fosse incômodo que interpretassem seu comportamento com tanta malícia.

—Vê-se que os portenhos são muito suscetíveis. Querem-na em seu teatro novo. Além disso, não é bom que se forme uma imagem tão errada de ti. E também na Europa seus colegas a considerarem uma obsessiva com o trabalho e uma tirana autoritária.

—Oh, bem, muito obrigado! Micaela disse ofendida.

O professor e sua discípula continuaram debatendo a respeito dos prós e dos contras de uma temporada em Buenos Aires. Finalmente, e convencida pelos mil e um recursos de Moreschi, Micaela aceitou, embora pusesse uma série de arranjos que, Alessandro estava seguro, Mancinelli não duvidaria em aceitar para ter à Divina Four entre seu elenco.

Iludidos com o novo projeto, tiveram a intenção de comer algo rápido ao meio dia e prosseguir com os exercícios, mas Cheia comunicou que o Sr. Urtiaga Four desejava que almoçassem com ele.

—Ultimamente, você, professor, e minha filha ensaiam durante todo o dia —comentou Otília. — Estão preparando alguma ópera?

Micaela cravou o olhar nela e teve vontade de jogar a taça de vinho na cara dela. De tudo, o que mais a incomodou foi o "minha filha".

—Sim, senhora —respondeu Moreschi. — Desculpe se com nossas práticas a incomodamos.

—Não, de forma alguma, homem! —interrompeu Rafael. — Minha filha e você têm ampla liberdade para fazer o que quiserem. Esta é minha casa: eu decido.

Micaela, satisfeita com a intervenção de seu pai, comentou que um amigo de seu professor, Luigi Mancinelli, dono de uma companhia lírica em turnê pela América do Sul, tinha oferecido um contrato para cantar no Colombo nos próximos meses e que tinha aceito. Rafael se alegrou sinceramente, não só porque veria sua filha no teatro mais importante da cidade, mas sim porque Micaela se mostrou aberta e comunicativa.

—Tinha entendido que não queria cantar em Buenos Aires —disse Gastón María.

—Ao princípio sim, mas agora tenho muito desejo de fazê-lo.

Rafael levantou-se, ergueu o copo e propôs um brinde ao sucesso de sua filha. Então ele se aproximou dela e, sem se importar se ela desejasse ou não, beijou-a na testa. Micaela, perturbada, ficou sem palavras por um bom momento.

—Devemos celebrar! —propôs Gastón María. — Façamos uma festa!

—Sim! —apoiou Rafael. — E que minha amada filha cante para todos.

O resto do almoço se destinou a planejar os aspectos mais importantes da festa que, segundo Otília, seria o acontecimento social do ano.

* * *

Essa noite, Micaela não tinha que partir furtivamente da mansão. Jantou tranquila com sua família e compartilhou com eles um momento no fumoir. Gastón María e Moreschi jogavam cartas, Cheia costurava separada do resto, seu pai lia ‘La Prensa, e Otília ‘El Hogar’, sua revista semanal de intrigas sociais.

A taça de conhaque que tinha tomado e a música suave que soava no fonógrafo a entorpeceram. Fechou os olhos e se perguntou o que estaria fazendo Varzi. Possivelmente, dançava o tango com alguma das moças, porque não lhe acreditava que só o fazia com uma, a que era sua mulher. Certamente, devia ter uma amante em cada esquina.

Voltou para a realidade atraída pelas queixas de Otília que destrambelhava contra seu marido porque lia o jornal e não lhe emprestava atenção. O homem não se incomodou sequer em olhá-la. Ao contrário, comentou uma notícia que o tinha impressionado.

—Outra vez esse assassino do inferno! Esse que chamam "mocha línguas". Micaela se levantou sobressaltada.

—O que passou agora? —perguntou Gastón María. — Ainda segue solto?

—Ontem à noite assassinou outra prostituta —anunciou seu pai.

—Rafael, por favor! —SaltouOtília. — Não mencione essa palavra!

—E o que quer que diga? Se assassinou a uma prostituta, assassinou a uma prostituta. Faz tempo suportamos a esse ser desprezível que matava crianças —adicionou Urtiaga Four. — Agora, isto.

—Quem matava crianças? —quis saber Micaela.

Rafael lhe relatou sobre o adolescente que, dois anos atrás, tinha assassinado a três crianças, possivelmente a quatro, além de atacar a vários outros. Por seu aspecto simiesco e suas enormes orelhas, chamavam-no "El Petiso Orejudo[41]", embora seu verdadeiro nome era Cayetano Santos Godino. O moço tinha confessado descaradamente seus crimes e, para essa época, devia continuar encerrado em um asilo para loucos. Rafael evitou os detalhes mórbidos dos assassinatos para não a impressionar até mais.

—Como vê Micaela —falou Otília—, nesta cidade não temos pausa. Mal terminamos de nos desfazer desse homenzinho desprezível, que já aparece outro alienado que mata prostitutas. Embora, visto de uma óptica mais positiva —adicionou—, possivelmente o tal "mocha línguas" libere a esta cidade de semelhante gentinha, mulheres de má vida, discípulas do demônio.

Todos a olharam com manifesta reprovação. Micaela, por sua parte, levantou-se e se foi.

* * *

No dia seguinte, aproveitou para conversar com seu irmão. Esmerou-se em aconselhá-lo com firmeza, sem perder a doçura e o bom trato, segura de que se o atacasse, o afastaria e seria pior. Mas só obteve gargalhadas e brincadeiras que, por pouco, causam-lhe um ataque de fúria.

A organização da festa manteve a família bastante ocupada. Gastón María dava mais ânimo que colaboração, mas era o responsável por imprimir convites e outros assuntos menores. Micaela e Moreschi se concentraram no motivo principal da noite: as árias que cantaria. Mancinelli, eufórico por contar com a Divina Four entre os membros de sua companhia, comprometeu-se em ajudar. Assim, ele deu o consentimento para o seu melhor mezzosoprano para acompanhar Micaela em um dueto.

Além de uma seleção muito cuidadosa, foi combinado que cantaria algumas das peças mais importantes da próxima ópera que interpretaria no Colombo no mês de setembro: Lakmé, de Leo Delibes, uma das composições favoritas da soprano que fazia tempo desejava cantar. E, embora não a tivesse entre seus planos, Mancinelli aceitou sem vacilar, e se aproximou imediatamente para os acertos necessários de cenografia, vestuário e partituras.

Micaela sentia especial interesse por essa ópera. A ária do segundo ato, Où va la reúne Hindote —"Aonde vai a jovem hindu", em francês—, também conhecida como "os sinos", foi considerado um must-have[42] no repertório de qualquer soprano, muito conhecida por incluir uma nota que atinge um agudo altíssimo. Independente da dificuldade e do esforço que representava Moreschi não tinha dúvida de que sua discípula a interpretaria melhor que ninguém.

* * *

Na perspectiva da grande noite, a dualidade de Micaela se agravou: por um lado, era "a soprano", aclamada por reis e aristocratas europeus; por outro, uma cantora de tangos, admirada por putas e bandidos. O contraste não podia ser maior.

Naquela tarde preparou a comédia de sempre com ajuda do Moreschi e Cheia, e partiu ao depósito de lixo do Varzi. Na porta, esperavam-na Cabecita e Mudo. O primeiro, sempre afetuoso, a recebeu. Mudo inabalado e silencioso como de costume, olhou-a com respeito e a acompanhou até a andar de cima. Antes de subir, Cacciaguida e os músicos se aproximaram e, depois de saudá-la calorosamente, consultaram-na a respeito das canções que interpretaria essa noite. No camarim, Tuli a recebeu com aplausos e louvores, abraçou-a, beijou-a e disse que tinha sentido saudades esses dias. Algumas das moças a saudaram, inclusive sorriram. Mas Varzi não apareceu, e, orgulhosa de que pessoas alheias a seu círculo se sentissem cômodas e felizes com ela, teria gostado que o cafetão presenciasse as amostras de carinho que tinha recebido. De certa forma, gostava de estar ali e ser a estrela.

---

[41] **Cayetano Santos Godino** , mais conhecido por seu apelido **El Petiso Orejudo** (Buenos Aires , 31 de outubro de 1896 - Ushuaia Criminal , 15 de novembro de 1944), era um jovem assassino em série , um dos maiores sociopatas na história da Argentina, desde o início do século XX foi o responsável pela morte de quatro crianças, sete tentativas de assassinato e incêndio de sete edifícios.

[42] Obrigação, dever.

Depois de um tempo com a orquestra, Micaela subiu para arrumar-se. No camarim, as moças comentavam muito preocupadas o último crime do "mocha línguas".

—Não se esquentem garotas —disse Edelmira, a veterana. — Nada vai nos acontecer. Napo cuida bem de nós.

As demais aderiram, e Micaela se assombrou do respeito e carinho que as mulheres professavam ao cafishio que as dirigia, quando tinha acreditado que o odiariam. Pois justamente o contrário: adoravam-no e, certamente, teriam dado qualquer coisa para dançar o tango com ele e suportar as consequências que isso implicava.

—O que há de errado com a Polaquita? —perguntou Tuli ao ver uma das garotas, geralmente afável e alegre, em um canto, muito triste.

—Eu avisei! —proclamou Edelmira. — Não é verdade que eu te adverti, Polaquita? É mentira?

A moça, uma jovem de não mais de dezesseis anos, loira e de olhos claros, embora de feições toscas, levantou o olhar choroso e não respondeu.

—E qual é o problema? Se se pode saber —insistiu Tuli.

—A muito parva se apaixonou por um cliente!

Ao escutar a confissão, as prostitutas falaram em uníssono, e Tuli as silenciou.

—Por quem você se apaixonou, Polaca?

—E quem vai ser? —adiantou-se Edelmira. — Do bom moço, o Urtiaga Four.

Ao escutar o nome de seu irmão, Micaela se pasmou.

—E como Varzi o ameaçou de morte, o muito safado não aparece por aqui nem em pintura. E aí você tem a belezinha feito um trapo!

Outra das mulheres perguntou o motivo da ameaça que pesava sobre Urtiaga Four.

—Dizem que... —começou Edelmira, mas Cabecita, ao entrar no camarim e vociferar que se apressassem, interrompeu a confidência que Micaela tanto ansiava conhecer.

As prostitutas terminaram de se arrumar e saíram, deixando-a em profunda angústia, e embora tentasse perguntar ao Tuli sobre o apaixonado de Polaquita, o manflorón não soube ou não quis lhe dizer nada.

* * *

Deixou o camarim e desceu. No corredor, viu Polaquita entrar em um dos quartos com um homem atrás. E, apesar dos beijos e carícias que prodigalizava o paroquiano, a jovem continuava triste e alheia. Apertou-lhe o coração ao pensar que seu irmão, em sua inconsciência e desamor, produzia tanto dano. Compadeceu-se da moça, convencida de que nada podia fazer por ela.

Tranquilizou-a a ausência do Varzi. Depois da cena no carro, não queria encontrar com ele. Envergonhada e colérica como estava, reagiria mal se voltasse a ultrapassar a linha. Cantou ante um grande público. À medida que passava o tempo, adquiria maior habilidade e segurança; sua voz se tornava mais cadenciosa e suburbana, e sua interpretação avivava os homens. Antes de interpretar o último tango, Varzi já estava aguardando-a. Olhou-o furiosa; o homem, ao contrário, tocou a aba do chapéu e lhe devolveu um sorriso.

Apesar de que tinham combinado interpretar Flor de fango, Micaela se virou para a orquestra e pediu que executasse uma melodia nova que pouco tinham ensaiado. Cacciaguida e os músicos a olharam confusos e, depois de deliberar por uns segundos, começaram a tocar. Micaela fulminou Carlo Varzi com o olhar e, com um sorriso provocador e desdenhoso, cantou fazendo referência a um cafishio com chambergo[43] que, com pressa, dirigia-se ao café que frequentava sua querida Sonia.

Ao terminar o tango, Varzi apagou o cigarro, aproximou-se do palco e estendeu a mão para ajudá-la a descer. Exaltado por esta amostra de galanteria, o público pediu a gritos que

[43] **cafishio com chambergo** – Cafetão usando um chapéu

dançassem. Um cliente ordenou a Cacciaguida que tocasse El Sanducero e outros homens e prostitutas se apertaram para deixar espaço suficiente.

—Está vendo Marlene —começou Carlo. — Só vim te ajudar a descer do palco e todos nos pedem que dancemos. Não fica outra escolha.

Micaela aceitou a mão e desceu consciente de que o tinha desafiado com seu canto e de que tinha que se ater às consequências. Em seguida, Varzi a pegou pela cintura e a segurou assim por uns instantes.

—Lamento muito a imagem que passa a estas pessoas —manifestou. — Estão seguros de que você e eu gozamos juntos na cama.

O comentário a sufocou e sentiu que as bochechas arrebatavam. Tentou se separar dele, mas era impossível. Baixou o olhar e escondeu as lágrimas de impotência. Varzi levantou seu queixo com suavidade. Não queria mostrar-se quebrada, e o enfrentou, apesar dos olhos úmidos e do gesto alterado e, certa de que riria dela, ficou surpresa ao encontrar piedade em seu olhar. Carlo tirou um lenço e lhe secou as bochechas e os olhos.

—Venha Marlene, vamos dançar —sussurrou.

O público, mudo de assombro e no ar, prorrompeu em aplausos quando finalmente o casal avançou para o centro da pista. Cacciaguida deu a ordem e a orquestra começou com El sanducero.

Micaela, oprimida, cansada de resistir, agarrou-se às costas de Varzi e apoiou o peito sobre o dele. Seu corpo estava entorpecido, enquanto suas pernas, esquecidas e desmembradas, reagiam com agilidade às exigências de seu companheiro e começavam uma série de quebradas, corridas, meias luas, paradas e oitos, que a precipitaram em uma vertigem impossível de controlar. Ela não dominava Varzi o fazia. Os tangos continuaram a tocar e ela continuou a dançar, esperando que seu dono se aborrecesse e a deixasse ir, para satisfazer seu desejo e jogá-la fora como lixo.

Os casais dançavam ao seu redor; alguns clientes estavam jogando nas mesas e, de vez em quando, lançavam gargalhadas ou anátemas; sobressaíam o brilho das lantejoulas e as plumas das estolas, as caras borradas das prostitutas e Tuli disfarçado de mulher. Olhou o entorno brilhante e sórdido, e então para Varzi. Uma profunda tristeza se apoderou dela e precisou abraçar-se a ele com ardor. Tentou em vão continuar com o tango, mas as lágrimas voltaram a molhar as bochechas e suas pernas perderam rapidez como se tivesse acabado a corda.

Carlo parou, afastou-a do peito e observou-a por um momento, antes de levá-la pela cintura e acompanhá-la ao pé da escada. Tuli, sempre a caminho, se aproximou.

—Leva-a para cima, Tuli —ordenou Varzi. — Marlene não se sente bem.

Micaela subiu as escadas chorando e sentiu a firmeza de Tuli que a guiou e a ajudou a ficar confortável no camarim. Houve uma batida na porta. Um dos garçons, obedecendo a uma ordem do chefe, trouxe-lhe um copo de vinho quente com açúcar.

—O Napo envia para você —disse Tuli. — Para te animar —intuiu.

—Ou para me envenenar —adicionou Micaela, e seguiu chorando.

—Como você pode pensar em tal coisa! —escandalizou-se. — Quando o Napo iria mandar a alguém uma taça de vinho? Não se dá conta de que está louco por você?

Micaela teria querido tirar Tuli de seu erro e dizer-lhe que ela e Varzi não eram amantes, mas sim sócios em um acordo macabro e insólito que se viu obrigada a aceitar para salvar a vida de seu irmão. Que Varzi não estava louco por ela, nem muito menos; que a obrigava a dançar e mandava uma taça de vinho por que... Bom... Por que... Jamais entenderia a mente tortuosa desse homem.

Terminou de trocar-se e desceu ao salão, onde a esperava Mudo para acompanhá-la até a saída. Procurou Varzi com desespero entre as pessoas e o encontrou dançando com Mabel, a garota nova.

* * *

Carlo se lembrou de Johann e sentiu vergonha, certo de que o alemão teria ficado desapontado ao ver o que ele havia feito com sua vida, o que ele tinha se tornado.

—Carlo Varzi —disse em voz alta. — Cafetão, dono de bordéis e casas de jogo clandestino, e fabricante de facas por profissão.

Lançou uma gargalhada oca e se jogou no sofá. Tentou procurar desculpas. Tinha feito tudo pela Gioacchina; por ela tinha assumido um destino vazio, carente de sentimentos verdadeiros, cheio de mentiras e baixezas. Acreditou-se capaz de suportar o mais desprezível se conseguisse salvá-la e redimi-la. E agora, Gioacchina estava praticamente arruinada, o coração partido, assim como ele. Tinha sacrificado sua vida em vão. O dinheiro e o poder, conseguidos à força de sacrificar crenças e princípios, já perdidos e esquecidos, desapareceram e não serviam nada frente à realidade. O presente o afligia e o fazia perder o rumo.

—Marlene… —sussurrou. — Maldita Marlene! —gritou depois. — Maldita!

Essa noite, embora quebrada e humilhada, tinha-o olhado com dignidade. Seus olhos chorosos e seu gesto doloroso não haviam sido suficientes para ocultar seu ódio por ele. Perguntou-se como essa mulher conseguiria dominar cada situação, por mais complexa ou grosseira que fosse. Ele não se lembrava de uma vez que não se sentia derrotado na frente dela. E tanto quanto a Divina Four cantasse tangos em um bordel, não parecia manchar-se, e mais, parecia enaltecer-se.

—Merda! —explodiu.

Levantou-se e se serviu um gim que tomou num gole. Alguém bateu na porta. Era Mabel. Olhou-a de cima a baixo com uma mescla de descontentamento e curiosidade. A jovem sorria nervosa. Disseram-lhe muito sobre esse homem e suas qualidades na cama que ela não ia deixar passar a oportunidade; depois de ter dançado o tango com ele, estava se preparando para recolher o prêmio.

—Entre —disse Carlo, e fechou a porta.

* * *

Capítulo XIV

Na mansão Urtiaga Four deslumbrava a noite da festa. Organizou-se tudo com bom gosto. Do portão de ferro até o salão de baile, cada detalhe se destacava sem ostentação, mas com elegância. Uma vez mais, Otília tinha dado amostras de excelente anfitriã.

Automóveis e carruagens de cavalos começaram a chegar. O mordomo e seus assistentes recebiam aos convidados e os desembaraçavam de luvas, estolas, paletós, bengalas e cartolas. Personalidades de linhagem, altos funcionários de governo e estrangeiros destacados, só eles aparavam a grande noite onde escutariam cantar pela primeira vez no país à Divina Four.

Micaela, um pouco nervosa, bateu na porta do quarto de seu pai; precisava consultá-lo a respeito de um convidado.

—Entra querida —convidou seu pai, enquanto lutava com o colarinho e o botão de abrir e fechar. — Ai, caralh...! —insultou, quando o botão escapou da mão e rodou sob a cama. — Perdoe-me, Micaela! Este colarinho está me deixando verde. Rubén sempre me ajuda, mas agora está ocupado com a festa.

Micaela se aproximou, tomou outro dos botões da cômoda e arrumou o colarinho de seu pai. Rafael, incômodo a princípio, relaxou depois.

—Não mudaste em nada —disse. — Sempre tranquila e destemida. Não sei de quem o herdou. —Micaela não respondeu e continuou com o laço. — Quando era garota, sua parcimônia de adulto me dava medo. Tinha no olhar a tristeza de uma mulher de quarenta anos.

—Sim, mas só tinha oito —adicionou ela, sem levantar a vista.

—Sim, oito —coincidiu seu pai, e ficou um momento calado. — Alguma vez te disse que é igual a sua mãe?

Micaela pegou o fraque e ajudou-o a vesti-lo.

—Igual —repetiu. — Igual de formosa e igual de triste.

—Ainda a ama, não é?

—Com todo meu coração, filha. E não passa um dia que não pense nela.

Uma lágrima rodou pela bochecha de Rafael e Micaela a limpou com a mão. Beijou seu pai na bochecha e saiu do quarto, sem se lembrar da pergunta que queria lhe fazer.

—Obrigado— disse Rafael, antes que a moça cruzasse a porta. — Por me ajudar com o colarinho —adicionou.

* * *

Serviu-se o jantar. Micaela mal provou a comida; precisava estar pronta para a próxima etapa da festa, sua apresentação como soprano. Desculpou-se com sua madrasta antes da sobremesa e deixou a mesa. Seguida por Cheia e Moreschi, compareceu no salão de baile, onde a pequena orquestra afinava os instrumentos.

Moreschi e Mancinelli se afastaram para resolver certas questões, Cheia se certificou que em cada cadeira houvesse um programa com o detalhe do que se cantaria, e Micaela trocou algumas palavras com a mezzosoprano que interpretaria Malika e com o barítono que faria Nilakantha, dois personagens de Lakmé.

Logo as portas do salão se abriram de par em par e os convidados entraram com Otília à cabeça, de braço dado com seu sobrinho. Micaela olhou rapidamente Eloy; parecia muito arrumado, sua altura e constituição o distinguiam facilmente do resto. Cabelos loiros, olhos azuis, pele branca. "A antítese de Carlo Varzi", pensou. Cáceres se aproximou e a obrigou a recompor-se rapidamente.

—Está muito bela esta noite, senhorita.

Micaela sorriu e inclinou a cabeça.

—Que lástima que o Sr. Harvey não tenha podido vir! — lamentou-se ela.

—Sim, uma lástima. O que cantará?

Micaela se aproximou de uma cadeira, tomou um programa e o entregou. Eloy olhou com surpresa a primeira folha.

—"À memória de minha mãe, Isabel Dallarizza" — leu. — Pelo que soube, sua mãe era atriz.

—E das melhores, senhor.

Mancinelli os interrompeu com o anúncio do iminente começo da apresentação. Micaela comprovou que os espectadores se demoravam na primeira folha do programa e comentavam com a pessoa ao lado. Procurou Otília e não pôde evitar um sorriso ao encontrá-la muito zangada.

Mancinelli, como mestre de cerimônia, anunciou a próxima temporada de Divina Four no Colombo. Prosseguiu com o comentário resumido da primeira ária, enquanto o auditório escutava com a vista no programa.

Micaela cantou por mais de uma hora. A seleção foi um sucesso e passou por um momento magnífico. A consagração chegou com as duas últimas peças. Mancinelli explicou que correspondiam à ópera da qual Micaela participaria próximo no teatro e que, por ser a primeira vez que a soprano as interpretava, constituíam um marco em sua carreira. Um murmúrio invadiu a sala e o público se vangloriou com a distinção.

A mezzosoprano e, em especial, Micaela obtiveram, segundo os críticos presentes, uma interpretação acabada e perfeita do dueto Viens, Malika. A doçura e o brilho de seu canto fascinaram aos convidados, e o assombro os embargou quando Micaela, na parte final do "ária dos sinos", com sua voz poderosa e extensa, chegou, sem esforços, à nota mais aguda. De pé, ovacionaram-na longamente. Rafael, muito emocionado, se aproximou, beijou-lhe as mãos e lhe sussurrou, com voz estrangulada, que sua mãe teria se sentido muito orgulhosa.

Logo veio o baile. Os serventes recolheram as cadeiras, os músicos iniciaram com uma valsa e os casais não demoraram em encher o salão. Micaela recebia sem trégua as saudações de seus admiradores. O diretor do Colombo e os membros da Junta Diretiva não paravam de elogiá-la. Alguns jornalistas, convidados pela Otília, queriam entrevistá-la. Esgotada pelo assédio, escapou para o jardim de inverno. Abriu a janela francesa e uma tempestade de neve fria a reanimou. Gostou do perfume fresco do sereno e o céu estrelado. Ficou olhando-o, absorta.

—Miss Urtiaga Tour —chamou alguém, lhe provocando um sobressalto.

Era o servente de Eloy, do qual não recordava o nome.

—Senhor! — zangou-se. — Assustou-me terrivelmente!

O homem se aproximou com a atitude servil de um escravo, e Micaela recordou a noite em La Boca quando tinha parecido vê-lo no Daimler–Benz de Eloy. Desculpou-se com ela e indicou que seu espanhol era muito pobre; pediu-lhe que lhe falasse em inglês.

Micaela perguntou o que necessitava. O servente indicou que o Sr. Cáceres a esperava no escritório de seu pai e, intrigada, seguiu-o sem questionar. Eloy ficou de pé ao vê-la entrar e saiu para recebê-la. Falou com o servente em hindi antes de fechar a porta atrás dele. Imperturbável como sempre, convidou-a a sentar-se.

—Senhorita Urtiaga Tour —começou, e pegou suas mãos. — Você está muito bela esta noite e cantou como um anjo. Sua voz é o dom mais extraordinário de que fui testemunha. Sua interpretação da última ária foi um canto no qual, parafraseando a Dante, Ele colocara mão no Céu e na Terra...—assim continuou, sem soltá-la.

—Por favor, Sr. Cáceres, não me lisonjeie —disse Micaela, e se liberou.

—Desculpe-me se a incomodei.

—Você queria falar comigo? Seu assistente me disse que queria me ver.

—Sim, claro. Presumo que terá escutado o que se comenta entre os convidados.

—Conversei com tantas pessoas hoje que sinceramente… —se justificou Micaela.

—Sendo você A Rainha da noite, vaidosa presunção a minha pensar que tenha chegado a seus ouvidos o que se comenta sobre mim.

—Acontece-lhe algo grave, Sr. Cáceres? Preocupa-me.

—Não, não, nada grave! Na realidade, me alegro de que não tenha escutado nada e de que eu seja o que lhe dê uma notícia que me alegra muito. Nas altas esferas do governo se baralha meu nome para possível Ministro das Relações Exteriores.

O comentário inesperado e a desconcertante atitude do Sr. Cáceres a assombraram. Eloy a olhou esperando uma resposta que nunca chegou.

—Possivelmente —retomou por fim—, a ânsia por progredir em minha carreira me leve a superestimar esta notícia. Entendo que para você não signifique o mesmo.

—OH, não, por favor! —Micaela se reprovou a falta de tato e tentou repará-la — a notícia é muito importante. Acontece que me tomou de surpresa e não soube o que dizer. Por tudo o que conversamos, sei as expectativas que tem postas em sua carreira e conheço os esforços que você faz. Acontece que nunca pensei que uma oportunidade assim chegaria tão cedo.

—Em grande parte, o devo a seu pai. Suas conexões permitiram que meu nome tivesse entrado entre os possíveis candidatos.

—Estou convencida, Sr. Cáceres, de que meu pai pôs suas esperanças no melhor. Saiba que ele jamais o ajudaria se você não o merecesse.

Eloy se mostrou agradado e o rosto se iluminou com um sorriso. Conversaram um momento mais e Cáceres aproveitou para lhe contar que no dia seguinte, muito cedo, partiria rumo ao Brasil em missão diplomática.

—Do êxito desta missão depende, em parte, o outro —explicou.

Micaela lhe desejou sorte e perguntou se retornaria para a estréia de Lakmé.

—Por nada no mundo eu perderia —assegurou isso.

Despediram-se, Eloy tinha que voltar para sua casa e Micaela à festa. Saiu desconcertada do escritório de seu pai: embora tivesse feito amizade com o Sr. Cáceres, nunca esperou essa deferência. Era certo que ultimamente o notava mais cavalheiresco e atento, e, embora em ocasiões o tivesse descoberto olhando-a com insistência, nele ela encontrava ao irmão responsável e preocupado que não tinha.

Escutou-o falar com seu servente no vestíbulo e se escondeu para ver o que faziam. Logo, Ralikhanta voltou com suas luvas, seu paletó e sua bengala, ajudou-o a vesti-los e juntos saíram pela porta principal. Retornou sem vontade ao salão de baile. Na entrada, interceptou-a Otília.

—Viu meu sobrinho? — perguntou.

—Acaba de ir-se.

—Como que acaba de ir-se! Sem despedir-se? O que lhe terá passado? E eu que queria lhe contar o que se comenta!

—O que se comenta? — surrupiou Micaela.

—Que vai ser o próximo Ministro das Relações Exteriores. O próximo chanceler!

—OH! — simulou a jovem.

Escutou com estoicismo a sua madrasta durante um momento e voltou para a festa. Moreschi e Mancinelli lhe saíram ao seu encontro e ficou a conversar.

—A mulher mais linda da noite não vai rechaçar-me para esta valsa, não é?

Micaela se virou e encontrou com seu tio Raúl Miguens. O homem esperava a resposta.

—Agradeço-lhe, tio, mas estou um pouco cansada. —E lhe deu as costas para continuar com o bate-papo.

—Ah, não! — disse Miguens, divertido. — Não vou aceitar uma negativa.

Moreschi e Mancinelli, alheios a aversão de Micaela por esse homem, insistiram para que fosse e teve que ceder. Durante o jantar, sentada junto a ele, tinha suportado seu discurso a

respeito da moral e o bem comum, aguentado com a hipocrisia de um político barato. Sua mulher, a tia Luisa, olhava-o extasiada enquanto Miguens dissertava. "Merecem-se", pensou.

—Suponho que estará cansada de receber felicitações esta noite — falou Miguens, e como ela não adicionou nada, o homem seguiu: — Agora é meu turno para te dizer que esteve maravilhosa. Nunca gostei de ópera, mas de agora em diante vai me encantar; mas somente nas vezes que você cantar.

Micaela ocultou um bufo e olhou para outro lado. Passou um momento em silêncio, e acreditou que, por fim, seu tio se deu conta de que não queria voltar a escutá-lo. Suas esperanças se desfizeram quando Miguens retomou.

—Se não estivesse casado com sua tia —disse, seriamente—, me casaria com você.

Micaela parou em seco e se livrou de seu abraço incestuoso.

—Mas eu —esclareceu—, nem em um milhão de anos o aceitaria. —Deu meia volta e se foi.

* * *

Varzi abriu a janela de seu escritório e voltou para escrivaninha. Cabecita entrou sem bater e Mudo aguardou na porta até que Varzi indicou que entrasse.

—O que há? — perguntou Carlo.

—Viemos da casa da Marlene —respondeu Cabecita. — Minha Mamma, que garufa[44] está acontecendo lá esta noite! Um festão de merda! E o que digo casa! Palácio, melhor! Essa mina tem mais gaita que as águas dos rios, Napo!

—Que mais averiguaram?

—Demos umas viyuyas a um servente e nos cochichou que a festa era para que Marlene cantasse isso que canta ela.

Carlo olhou para Mudo e o homem assentiu.

—Está bem — disse Varzi. — Desçam que eu já vou.

Antes de ir, Cabecita comentou que não havia muitos clientes essa noite.

—Quando não canta Marlene, vem a metade das pessoas. —E saiu com Mudo atrás.

—Che, Mudo! — chamou Varzi, e lhe fez um gesto para que voltasse. — Se meteram no jardim? —Mudo assentiu. — A viu? —O homem voltou a assentir. — Estava com esse infeliz, o tal Cáceres? —O capanga negou e Varzi logo enviesou os lábios. Encheu duas taças, deu uma ao capanga e se aproximou da janela.

—Aonde quer chegar? — irrompeu Mudo, em um resmungo rouco que teria estremecido às pedras.

—Não sei —aceitou Carlo.

—Disse que iria se divertir com a irmã do pipiolo[45] Urtiaga Tour —insistiu o capanga—, e que depois, quando se cansasse, iria se encarregar dele, um trabalhinho mais que fácil para você.

—Sim, sim! —saltou Varzi. — Não precisa me recordar de cada maldita coisa que falei.

—Mas me parece que a diversão com a irmãzinha do Urtiaga Four ainda não começou e vai longe.

—Que a melhor soprano do mundo cante tangos em um quilombo não te parece divertido?

—Pode ser —conveio Mudo. — Mas não é suficiente.

—Para mim, nada vai ser suficiente.

—E?

—E o que? —bramou Carlo.

—Quando vai jogar com a irmãzinha e quando vai passar pela faca ao irmãozinho?

---

[44]A palavra **Garufa** é uma gíria que significa festa, diverção, bebedeiras, orgias e alegria, pessoa divertida. É usado tanto na Argentina e no Uruguai e aparece em vários tangos.

[45]**Pipiolo**significa simplesmente " *inexperiente* "em espanhol.

Mudo sentou e se serviu outra taça. Doía-lhe a garganta de tanto falar, mas precisava esclarecer certos pontos. Não gostava nada a forma que se encaminhava o assunto de Marlene e seu irmão. Se dele dependesse, Gastón María Urtiaga Four já não contaria o conto. Tinha acreditado que, depois de que o Napo o feriu em questão de dias daria a punhalada mortal. Mas não tinha acontecido desse modo. Se Marlene não tivesse aparecido àquela noite com o monte de jóias, Urtiaga Four já estaria morto. Sua surpresa aparecendo em cena levou ao Varzi a idealizar esse estúpido jogo que complicou tudo, a seu julgamento, desnecessariamente. Convencido de que não obteriam nada do maldito bienudo, Mudo se perguntava para que deixá-lo viver um minuto mais. A atitude de seu chefe o contrariava.

—O tempo corre e o assunto, que você conhece bem, se complica cada vez mais —assegurou o capanga.

—O tempo corre —repetiu Varzi. — Sim e, contra o tempo, não posso fazer nada.

—Então, o que está esperando? Esse filho de puta te humilhou e te arruinou. Agora tem que pagar.

—Você sabe que o melhor seria que Urtiaga Four cumprisse seu cargo no assunto. Tenho o palpite de que posso convencê-lo.

—O que vai, Napo! —saltou Mudo, e levantou um pouco o tom áspero de seu sussurro. — Foda-se! Sabe melhor que ninguém que esse bienudo filho da puta nunca vai fazer cargo do assunto. Faz muito que nos conhecemos e sabe que sempre te digo o que penso. Quer que te diga o que penso agora? —Varzi assentiu. — Que está metido até as tampas com essa Marlene e que não querem matar o Urtiaga Four por ela.

—O que diz, Mudo! —vociferou Varzi— Estás louco ou o que?

—Então, por que merda não agarra a essa soprano e te tira de cima o irmão? Não me diga que está esperando que a papirusa caia rendida a seus pés. Você olha de uma maneira que te joga veneno pelos olhos. Não vai se aproximar nunca. Vamos fazer isto —propôs: — eu lhe trago ela amanhã arrastada até aqui, a atiras ao chão, abre-lhe as pernas e se diverte um momento. Depois, bem tranquilo, procura o irmão e o estripa. Isso sim, antes de estripá-lo, que se inteire bem informado do que fez à irmã dele, com luxo de detalhes, como tínhamos pensado. Lembra-se, não?

Varzi ficou sem fôlego. O relato descarnado do que ele mesmo tinha planejado tempos atrás o afligiu; entretanto, soube ocultar sua debilidade frente a Mudo.

—Feito. Amanhã, então —concordou.

Mudo assentiu e não voltou a falar durante o resto da noite.

* * *



Capítulo XV

Na manhã seguinte, e para discutir os detalhes da noite, a família se reuniu para o café da manhã, incluindo Otília, que costumava fazê-lo em seu quarto. Ansiosa como uma adolescente, ela só queria falar sobre a nomeação iminente de Eloy. O espetáculo brilhante de Micaela não significava nada comparado com o de seu sobrinho. Em pouco tempo, ela teve o suficiente com seu discurso e, embora a maioria se esforçasse para responder e fazer um ou outro comentário, Gastón María se dedicou a provocar e fazer piadas.

—Não pense que eu não percebo que você está caçoando — advertiu Otília. — O que acontece — continuou—, é que morre de inveja porque meu sobrinho é tanto e você tão pouco.

Gastón María soltou uma gargalhada e disse coisas até menos apropriadas. Micaela olhou seu pai, que mantinha essa atitude indolente que o caracterizava quando o assunto correspondia a seu filho ou a sua esposa, e pediu sua intervenção com um gesto. Rafael pôs fim à discussão e, para desviar as tensões, perguntou algo a Cheia. Micaela, por sua parte, agradeceu que Moreschi não estivesse em casa essa manhã: tanto seu irmão como sua madrasta a teriam envergonhado terrivelmente.

—A festa foi um êxito, não, filha? — perguntou Rafael, e deu origem para voltar para assunto.

—A filha do juiz Mario de Montefeltro não deixou de te olhar em toda a noite, Gastón María —contra-atacou Otília. — Anita do Montefeltro seria uma esposa estupenda para você.

—Sim —ratificou seu pai. — Acredito que seria bom que tomasse o touro pelos chifres e encaminhasse sua vida.

Gastón María começou com sua costumeira farra até que Micaela o interrompeu.

—Papai tem razão, Gastón María. Já se divertiu o suficiente. Já é tempo de que sente a cabeça. Ou qual é sua ideia de futuro?

O jovem, atacado pelos quatro lados, procurou apoio em mama Cheia.

—Não olhe a mamãe —ordenou Micaela. — Por mais que te mime e te mal crie, ela sabe melhor que ninguém que sua vida não pode continuar assim.

—Deixem de incomodar! — bramou, e ficou de pé. — Eu nunca vou casar. Jamais! Entenderam? — E saiu da sala de jantar feito uma fúria.

Mama Cheia tentou segui-lo, mas Micaela a pegou pelo braço e a obrigou a sentar-se.

—Não, mamãe —disse. — É hora de que Gastón María deixe de jogar como está fazendo. Muita gente sofre por sua culpa.

Deixou a mesa e subiu ao seu quarto preocupada e desgostada. Gastón María era um cabeça-oca; embora lhe doesse, ela tinha que admitir. Sua tolice já não era divertida; sua irresponsabilidade afetava e machucava aos que o queriam. Adorava-o, mas estava perdendo a paciência.

Sentia esgotamento, e Varzi representava seu maior pesar, não só por ser o cafetão que a tinha aprisionada, mas também por seu comportamento enigmático. Desde aquela conversa com Moreschi, para Micaela tinha ficado claro que os problemas de Gastón María com o Carlo Varzi excediam o dinheiro.

Essa noite tinha apresentação no Carmesim e, mesmo sendo cedo, preparou-se e saiu sem maiores inconvenientes: seu pai trabalhava no Senado, Otília, como sempre, no Harrod's, tomando o chá ou vendo um desfile de modas, e Gastón María, com seus amigos.

Pascualito se surpreendeu de que sua patroa desejasse ir tão cedo ao bordel, mas não comentou nada e preparou o carro. Chegaram passadas as cinco. Sentiu o lugar incrivelmente familiar e Micaela sorriu ao lembrar o espanto que tinha lhe causado a primeira vez. Não achou

ninguém no térreo, tampouco no camarim. Decidiu ficar à vontade e escolheu um dos muitos vestidos que Tuli tinha separado para ela. Alguém entrou, e reconheceu as vozes de Edelmira e Tuli.

—Essa garota vai adoecer se continuar assim —assegurou a mulher.

—Pobre Polaquita! Vai morrer de amor —suspirou Tuli.

—Mas que caralho, esta Milonguita! Vir a se apaixonar pelo presunçoso do Urtiaga Four.

—O Napo tem jurado esse jailaife —adicionou Tuli. — O vai estripar há dito. Eu não sei o que espera.

—Che, Tuli —começou Edelmira, em tom confidencial. — Você que sabe tudo, a você que nada te escapa, vamos, me conte, che. Por que o Napo tem jurado o bienudo?

—Mata-me Cabecita se te disser.

—Que nada, Tulito formoso…

—Não venha você me fazer mimos…

—Ah vai, não me deixe com vontade —insistiu a mulher. — Sou uma tumba. Juro! —e fez a cruz sobre os lábios.

—Se chegar a abrir o bico, eu te mato —ameaçou Tuli. — O que fez Urtiaga Four é bastante grave. O muito filho da puta deixou grávida à protegida do Napo e não quer casar com ela.

Micaela sentiu um tremor no corpo.

—O Napo tem uma protegida? Quem é? Uma amante? — perguntou Edelmira.

—Com essa mente podre que tem para você todas são amantes! Não, não é sua amante. É uma garota, jovem, muito jovem, que o Napo cuida como se fosse de ouro. Tem-na em uma caixinha de cristal. E este enjeitado do Urtiaga Four vem e a mancha.

Micaela se sentou no chão e cobriu o rosto com as mãos.

—Mas isto não é o pior —continuou Tuli, e Micaela ficou em guarda. — O pior do pior é o que o jailaife fez depois de que se inteirou que a papirusa ia ter um filho. Mas não posso contar isso

Edelmira lhe rogou em vão. Micaela esperou atrás do biombo que deixassem o camarim. Tinha o ânimo decomposto e a respiração fatigante. "Senhor Varzi!", pensou, "Este era seu grande mistério!".

—Tenho que falar com o Sr. Varzi —se disse. — Tenho que fazê-lo —repetiu, decidida.

Terminou de fechar o vestido e saiu como louca do camarim.

—Senhor Varzi! —gritou no corredor. — Sr. Varzi!

Edelmira e Tuli apareceram e tentaram acalmá-la. Micaela, fora de si, não as olhava nem respondia; continuava chamando-o, temerosa de que não estivesse no bordel.

—Senhor Varzi! Onde está o Sr. Varzi?

Carlo reconheceu a voz do piso térreo e subiu os degraus de dois em dois.

—Senhor Varzi! —exclamou Micaela ao vê-lo; se aproximou e o pegou pelas lapelas. — Sr. Varzi! Por que não me disse a verdade? Por quê? Por quê?

Carlo passeou seu olhar atônito de Tuli a Edelmira em busca de uma explicação. Ambos sacudiram os ombros e devolveram um gesto de confusão. Carlo pegou Micaela, desfalecida agora, e a levou até seu escritório. Ajudou-a a sentar-se e se dispôs a servir-lhe uma taça.

—Não me dê nada! —prorrompeu. — Não quero tomar essa coisa horrível! Me diga, por favor, e não minta mais, o que é todo este assunto de sua protegida e de meu irmão. É certo que meu irmão a engravidou e que não quer se casar com ela? Que outra coisa pior ele tem feito? Quero saber! Ai, Gastón, que baixo tem caído! —cobriu o rosto e começou a chorar.

Varzi ficou sem palavras, com a mente em branco. Recuperada em parte, Micaela insistiu com firmeza que queria conhecer a verdade. Carlo se dirigiu a escrivaninha, pegou uma fotografia da gaveta e a entregou. Havia uma jovem, de uns dezesseis ou dezessete anos, muito bonita.

—Essa fotografia é um pouco velha —comentou Carlo. — Olho tanto que a estraguei toda.

Ao ver que Varzi não prosseguia, Micaela se animou e o interrogou.

—É uma menina muito formosa. É sua protegida?

—Não, não é minha protegida, é minha irmã Gioacchina. Minha querida e adorada Gioacchina.

Micaela tirou os olhos do retrato e o contemplou sem reservas. Era esse homem o mesmo que ela conhecia o bandido bruto e desumano? Sim, era. Seus olhos negros e seu rosto formoso permaneciam imutáveis; ao contrário, lhe tinha suavizado a voz, e seus movimentos, atentos e rápidos, pareciam entorpecidos. Parecia triste.

—Sua irmã, Sr. Varzi?

—Aí tem dezesseis anos. Recentemente completou vinte e um. Mas continua tão linda e angélica como nessa fotografia. Igual a minha mãe.

Mãe? Irmã? Depois de tudo, Carlo Varzi era um ser humano e, aparentemente, com sentimentos nobres.

—Por favor, Sr. Varzi, não me deixe em suspense. Quero saber, preciso saber, que circunstâncias uniram a vida de meu irmão com a desta jovem.

—Por razões que não vou explicar minha irmã pensa que estou morto. Ela vive em uma casa decente com uma mulher honrada que se encarrega de sua educação e cuidado. A senhora Bennet é uma institutriz inglesa das melhores e, ajudada pela boa disposição e a natureza dócil da Gioacchina, fez dela uma dama de sociedade tão distinta como você, o asseguro. Graças a minhas conexões com as altas esferas, minha irmã acessa aos mesmos círculos sociais onde se move sua família.

—Gioacchina Varzi? Não, não recordo a ninguém…

—Gioacchina Portineri.

De todo o modo, Micaela não reconheceu o nome.

—Ela leva o sobrenome de nossa mãe.

—De sua mãe?

—Seu irmão enlouqueceu por ela e não deixou de persegui-la. É bonita, doce e culta. É meu tesouro maior, o único puro e formoso que tenho na vida. E Urtiaga Four a tomou como se… — Fechou o punho e uma contração endureceu seu rosto. — A desgraçou e a deixou grávida. Por mais que o ameacei de mil maneiras, seu irmão nunca concordou em cumprir com ela e…

—Senhor Varzi —o deteve Micaela—, deixa-me pasmada. Não sei o que dizer. Há muitas coisas que não entendo e outras que eu gostaria de saber. Mas antes de continuar, quero lhe prometer que farei o impossível para que meu irmão assuma sua responsabilidade.

Varzi assentiu, com pouco entusiasmo.

—Onde está sua irmã? Sua saúde é boa?

—Por seu estado, minha irmã teve que sair da cidade junto à senhora Bennet. Até a última notícia que recebi de saúde se encontra perfeitamente, embora, de ânimo, não posso dizer o mesmo.

Micaela teve piedade da jovem, que tinha que ocultar-se, escapar de sua casa, de seus amigos e afetos, envergonhada e humilhada, tudo por culpa do irresponsável do Gastón María. Passavam os segundos e a ira da Micaela aumentava.

—Pelo que entendi a má ação de meu irmão não termina aqui. Há algo mais que deva saber?

—Seu irmão tentou forçá-la a terminar com o embaraço. Tratou de tirá-la a força da casa para levá-la com uma curandeira. Se não fosse pela senhora Bennet não sei o que teria acontecido.

—OH, Meu deus! Tem certeza?

—Entendo que não acredite na palavra de um homem como eu —disse Varzi, ostensivamente ofendido.

Micaela se apressou a esclarecer que acreditava nele, só que era uma verdade tão dolorosa que desejava que não fosse certa.

—Eu sou o primeiro a desejá-lo, senhorita Urtiaga Four, mas é a triste realidade. Minha irmã Gioacchina está esperando um filho de seu irmão e ele se comportou como o pior dos rufiões.

Micaela e Carlo se olharam longamente; havia tantas coisas que esclarecer tantas verdades que exigir. A essa altura, nenhum dos dois tinha certeza se queriam falar sobre as sórdidas questões que os tinham mantido unidos todo esse tempo.

—Devo ir —Micaela ficou de pé repentinamente. — Há algo que quero fazer e não pode esperar.

—Vai voltar?

—Sim, Sr. Varzi. Você e eu temos um trato, e penso cumpri-lo.

* * *

Micaela entrou na casa de seu pai feito uma fúria. Rubén, o mordomo, sobressaltou-se quando a jovem patroa perguntou muito exaltada, onde se encontrava Gastón María.

—No salão de jogos, jogando bilhar com uns amigos.

—Micaela! —exclamou Gastón María ao vê-la. — Que sorte que chegou! Estes meus amigos querem te conhecer.

—Senhores, por favor —disse—, permitam-me ficar a sós com meu irmão. Tenho algo urgente que falar com ele.

Olharam-se entre si, confusos, deixaram os tacos sobre a mesa e saíram.

—Ficou louca! —gritou Gastón María.

—Não seja grosseiro. Não me fale assim.

—Está bem. O que acontece? O que têm que me dizer?

—Gioacchina Portineri, isso tenho que te dizer.

O efeito do nome foi imediato: Gastón María empalideceu.

—Já sei tudo o que teria que saber em relação ao assunto. Têm algo para dizer em sua defesa? E não invente coisas, não minta. Conheço-te melhor que ninguém e saberia se está mentindo. Por favor, com a pouca dignidade que têm…

—Como se atreve a dizer que tenho pouca dignidade! —enfureceu-se Gastón María.

—Ah, o senhor tem o topete de ofender-se! Como chama a isto? Deixar grávida a uma garota inocente abandoná-la, não se casar com ela e, para rematar, tentar obrigá-la a fazer um aborto. Eu tenho muitos qualificativos, e te asseguro que nenhum adulador. Você como chamaria? Ter dignidade? Se for assim, querido irmão, o que têm é bastante transtornados os princípios.

—Não seja sarcástica! Você quer?

Micaela pensou que a discussão poderia seguir por esse rumo indeterminável e infrutífero durante horas, sem obter nada. Terei que retificar o teor da conversa.

—Olhe Gastón María, eu não quero ser juiz nesta confusão. Somente quero te ajudar a procurar a melhor solução.

Mas Gastón María seguia irritante e não retrocedia em suas rabugices. Brusco, inquiriu-lhe como se inteirou do assunto; Micaela se negou a responder, e, pacientemente, suportou seus atrevimentos, que foram os de um jovem de quinze anos e não os de um homem de vinte e três a ponto de ser pai. Gastón María pôs dúvida a paternidade do menino. Micaela lhe pediu que fosse sincero e que, por um momento, deixasse de lado suas baixezas. Envergonhado, Gastón María não insistiu, e a atitude tranquila de sua irmã o obrigou a aplacar-se. Sentaram e conversaram longamente, e, embora Micaela estivesse indignada pela falta de vergonha de seu irmão, manteve a calma. Escutou-o com atenção e falou com firmeza, cuidou de não mencionar o Varzi e teve que fazer esforços para não danificar a coerência de seu relato.

Logo depois do bate-papo, Micaela percebeu que Gastón María estava muito confundido e desorientado. Sem princípios nem moral, tinha atirado sua vida pela amurada, apesar de contar com os meios para acessar a qualquer situação proveitosa. Não estudava, não trabalhava, e vivia da renda de seu pai. Farras, álcool e outros vícios ocupavam seus dias. Depois de tudo, em meio de semelhante transtorno, era admirável que não tivesse terminado pior muito antes.

—Envergonho-me de você, Gastón María —retomou Micaela. — O que fez com a senhorita Portineri não tem nome. Percebo que é uma jovem boa e educada. Eu me pergunto por que você ficou entusiasmado com ela? Estou certa de que não faltam mulheres que te satisfaçam, mulheres da má vida que valham tanto como você. Se algo ficar da dignidade que diz ter, procura em sua consciência a solução. Até que não resolva honradamente a situação dessa pobre garota, não vou voltar a te dirigir a palavra.

* * *

Depois da discussão com seu irmão e voltando ao Carmesim, Micaela sentia dor de cabeça. Uma exaustão em todo o corpo a forçou a se inclinar para trás no assento, e adormeceu. Pascualito a acordou quando ela chegou, e ela saiu do carro e tropeçou. Ele ajustou o cabelo um pouco e entrou no bordel. Era tarde e já havia muita clientela. Pensou ter passado despercebida, mas alguém, em uma mesa, a viu e a seguiu avidamente com o olhar.

Na bagunça do camarim, não conseguia encontrar a roupa, a maquiagem, nem a peruca. Tuli apareceu e, com eficiência, ajudou-a a se trocar. A porta abriu de repente e provocou um estrondo. Uma figura colossal se projetou sob o pórtico e, por causa da luz tênue, até que não avançou uns passos, Micaela não percebeu que se tratava de seu tio Raúl Miguens.

—Tio Raúl! —exclamou horrorizada.

Tuli, confuso, disse que não podia entrar e tentou tirá-lo pelo braço, mas Miguens, possivelmente mais corpulento que Mudo, tirou-o do meio.

—Que surpresa mais grata, querida sobrinha! Sabia que era você! Esses olhos, essa boca, essa forma de mover os quadris, são só teus. Mas que coisa! Ontem à noite, na festa, foi uma cantora de ópera; hoje, uma puta.

—Tio, por favor! —suplicou Micaela. — Eu posso explicar…

—Não, para que? Não me explique nada. Esquenta-me mais agora que é uma puta. Já estou imaginando as coisas que vou te fazer na cama.

—O que disse, desgraçado! —reagiu. — Depravado! Asqueroso! Não se dá conta de que está falando com sua sobrinha?

—É o que mais gosto, que seja minha sobrinha. —E se jogou sobre ela.

Apertou-a contra seu corpo, levantou-a no ar e a beijou no peito. Micaela gritou e berrou sem esperança de que a escutassem. A música do salão e os gemidos e ofegos do corredor jogavam contra. Chutou e tentou morder, mas em vão; a força de seu tio era imensurável contra a dela.

Tombou-a no chão bruscamente. Agachado a seu lado, agarrou-a pelo pescoço, enquanto lutava para abrir o cinto e o zíper da calça. Micaela se sacudia e golpeava. No fim, quando abriu suas calças e a cueca, seu tio se atirou em cima dela, asfixiando-a, esmagando-a. Ela ficou impotente sob semelhante peso e só conseguiu continuar pedindo por socorro. Não custou muito ao Raúl Miguens tirar seu vestido e convertê-lo em farrapos. Passou a língua pelos peitos, o pescoço, a boca e a beijou descontroladamente…

Tuli se levantou muito tonto, mas ao ver o espetáculo que tinha a sua frente, pareceu recompor-se imediatamente e saiu em busca de ajuda. Correu ao escritório de Carlo e o encontrou pensativo em sua mesa.

—Napo, venha! —irrompeu. — Miguens está estuprando Marlene!

Varzi saiu correndo do escritório com Tuli atrás. Perto do camarim, podiam ouvir os gritos desesperados da jovem e, ao chegar, viram que Miguens a esbofeteava com as costas da mão.

Carlo o pegou pelas costas e tirou de cima com facilidade. Micaela estava esparramada no chão, desmaiando. Tuli se atirou a seu lado e arrastou-a para longe da luta. Aproximou uma garrafa de perfume que a despertou, mas permaneceu ali deitada ao seu lado, encurralada e impossibilitada de escapar sem risco de se machucar mais.

Lutaram até que Carlo, com um empurrão, jogou Miguens para trás, que se levantou furioso e voltou a atacar.

—Vou te matar! —disse, e puxou uma faca.

Ele aproximou-se ameaçadoramente, com o corpo agachado, cortando o ar com a sua arma. Varzi, desarmado, só contava com sua destreza para escapar dos ataques que lançava o adversário. Movia o corpo para um lado e para outro, enquanto procurava ao redor algo com o que se defender. Recuou até a penteadeira, pegou um par de tesouras e se lançou na briga. Ambos demonstravam domínio na luta e, embora Raúl Miguens fosse mais corpulento, Carlo era mais ágil e não menos forte.

Micaela soltou um grito quando seu tio feriu Carlo no braço, que mal fez um gesto de dor e continuou lutando. Miguens, em vantagem, aproximou-se com rudeza e apertou a ferida; Varzi rugiu como uma fera e tentou cravar as tesouras no seu peito. Havia um emaranhado confuso de corpos que Micaela e Tuli seguiam com olhos selvagens sem saber quem liderava o caminho.

Em um segundo tudo aconteceu: Carlo mergulhou várias vezes as tesouras na barriga de Miguens e sangue coloriu sua camisa branca rapidamenteA faca escorregou de suas mãos, e logo ele estava sem vida. Micaela desmaiou de novo.

* * *

Voltou a si em uma cama que não era a sua. Uma luz lânguida lhe permitia ver com muita dificuldade que havia alguém sentado a seu lado.

—Não se assuste senhorita —disse a pessoa. — Não, por favor, não se levante — lhe pediuao mesmo tempo em que acendia outro abajur.

Micaela viu com claridade a uma mulher de uns cinquenta e cinco anos, branca, gordinha, de olhos azuis, de aparência e sotaque inconfundivelmente germânicos. Onde estava? O que tinha acontecido? Como tinha chegado lá? Sua angústia se manifestou.

—Não se altere querida, agora está a salvo, na casa do Sr. Varzi.

—A salvo? —perguntou mordaz. — Como posso estar a salvo na casa de um delinquente?

O rosto pálido da senhora se tingiu de vermelho, o olhar endureceu e sua voz perdeu a doçura ao dizer:

—Não permitirei. Carlo não é nenhum delinquente. —E ficou de pé.

Micaela tentou contestar, mas a mulher estava determinada a continuar.

—A vida levou Carlo onde está. Se tiver faltas, são filhas das circunstâncias e não porque seja naturalmente inclinado ao mal. Não deveria julgá-lo tão duramente sem conhecer suas desventuras e pesares. É um bom homem, que sofreu como ninguém.

Essa reverência a deixou muda. Olhou à defensora de Varzi com assombro, convencida de que se tratava de uma pessoa de aspecto decente. Vestia-se com sobriedade e sua forma de se expressar e de mover-se eram as de uma senhora. Tentou perguntar de onde conhecia Varzi e se realmente o conhecia, mas não pôde: a porta abriu nesse momento e Carlo entrou. Andava zangado de um lado ao outro, sem olhar para cima. Micaela notou que seu braço tinha sido enfaixado e de que sua camisa ainda estava manchada de sangue.

—Frida —disse de repente à mulher—, nos deixe sozinhos, por favor.

—Sim, Carlo, é obvio.

Frida deixou o quarto sem despedir-se. Varzi aguardou que fechasse a porta para olhar Micaela pela primeira vez.

—Cheguei a tempo? —perguntou de forma brusca.

Micaela assentiu incapaz de falar agora que as imagens se repetiam em sua cabeça.

—Miguens, filho da puta! —insultou Varzi.

—O que aconteceu com ele?

—O que aconteceu com ele? Você viu o que aconteceu com ele. Está morto! Ia violá-la, a tomá-la a força e eu o matei. Sou um assassino. Mas para você eu sempre fui um lixo! Algo que se rechaça, que dá asco.

Micaela se encolheu confusa por tal explosão.

—Ganhou senhorita Micaela Urtiaga Four! Você venceu! Eu não quero vê-la novamente. Não voltará a cantar em meus humilhantes bordéis nem a se expor no meio de putas e arruaceiros. Acabou-se! Você ganhou! Basta!

—Mas, Sr. Varzi, e meu irmão...?

—Acabou-se! Basta!

Deu meia volta e saiu batendo a porta. Micaela parou por um momento, sem saber o que fazer. Ela se levantou pronta para sair daquele lugar o mais rápido possível. Quando se levantou, sentiu tontura, e uma dor em sua mandíbula lembrou-a do sopapo de Miguens. Raúl Miguens, seu tio, o marido da irmã de seu pai, morto! Afogou um gemido e se apoiou contra a parede.

Mudo bateu na porta e entrou.

—Você se salvou esta noite, senhorita —disse, sem pensar precisamente no que fez Miguens.

Pegou-a pelo braço e indicou com a cabeça que o acompanhasse. Micaela, mais desconcertada por escutá-lo falar que pelo que havia dito, não pensou em nada. Ficou olhando-o até que a obrigou a avançar. Mudo dirigia, Cabecita ia sentado ao seu lado; Micaela, no assento de trás, fechou os olhos para conter as lágrimas.

—Dormiu —assegurou Cabecita, e ao escutar que pensavam que estava adormecida, continuou fingindo. — Que filho de mil putas esse Miguens! —prosseguiu o capanga. — Ele voltou no bordel quando Napo o tinha proibido. Da última ele se salvou de ser morto por um milagre. Que descarado! Com a quantidade de dinheiro que devia fora que foi pego batendo nas garotas! Na Edelmira deu uma biaba a última vez que a deixou tonta por vários dias. E agora meter-se com a Marlene! Com a Marlene! Jamais Napo permitiria! Justamente com ela!

Micaela se esforçou para permanecer calada e quieta no assento de atrás, embora cada palavra de Cabecita desatava uma tormenta de conjeturas que ansiava decifrar.

—Parece que Miguens era desses que se esquentam se batem na mulher. Que maricas de merda! Depois, via-o dando ares de bienudo e jailaife, dando uma de honesto e trabalhador. Se todos soubessem a merda que era!

* * *



Capítulo XVI

A polícia encontrou Raúl Miguens morto por várias punhaladas em Oco das Cabecitas, um lugar sinistro, próximo ao antigo convento dos Recoletos, onde os bandidos realizavam seus duelos a faca.

Micaela usou seus dotes de atuação e se mostrou comovida e impressionada, embora não cabia dúvida de que seu tio merecia o acontecido, e não se importava um cominho que essa aversão fosse contrária a seus princípios morais e cristãos. Miguens tinha sido um depravado: sua morte era justa. Ainda sentia asco e ódio ao recordá-lo manuseando-a e lambendo seus peitos.

Para evitar o escândalo, Rafael apelou a seus contatos, subornou algumas pessoas e conseguiu que se informasse que Miguens tinha morrido de um enfarte. Na opinião de Micaela, o velório e o enterro foram uma paródia: suas tias e primas choraram sem consolo, os homens comentaram em voz baixa a boa pessoa que tinha sido, e Rafael, em um discurso, remarcou de tal forma as virtudes do defunto que Micaela se perguntou se referia-se ao mesmo homem que tinha tentado estuprá-la duas noites atrás.

Viu muito pouco a seu irmão durante esses dias; cruzou-o no velório e o olhou de longe no enterro. Gastón María parecia triste e abatido, apenas levantava a vista e não falava com ninguém. No que se referia a ela, sua atitude era claramente esquiva, situação que a ajudou a manter a promessa de não lhe dirigir a palavra. No dia seguinte ao enterro, mama Cheia lhe contou que Gastón María tinha arrumado uma mala e se foi, com a única promessa de escrever mais adiante.

—Aqui tem gato escondido —assegurou a babá. — Nunca vi seu irmão dessa forma. Parecia outro, tão calado e triste. Estou certa de que você sabe algo.

Num primeiro momento, Micaela duvidou em confessar a verdade; o assunto de Gioacchina e seu embaraço a destroçariam. Finalmente, contou. Cheia não concebia que seu adorado Gastón María tivesse caído tão baixo e chegou a pôr em dúvida a palavra de Varzi, ao que pontuou de cafetão e delinquente. Micaela saiu em sua defesa e explicou que Gastón María tinha ratificado a história ao repreendê-lo dias atrás.

—E agora não sei o que vai acontecer — adicionou.

—O que vai acontecer com o que? — perguntou Cheia.

—Com minhas apresentações no Carmesim. Varzi disse que não queria mais me ver lá. Expulsou-me.

—Expulsou? Por quê? O que foi que aconteceu?

Não tinha forças para contar o resto. Além disso, Cheia já pensava bastante mal de Varzi para acrescentar a morte de Miguens. Por outro lado, a babá exigiria detalhes e, sem querer, atormentá-la-ia com perguntas que não desejava responder; sentia asco de só recordar.

—Não sei o que aconteceu —mentiu. — Alterou-se extremamente ao me contar sobre sua irmã e Gastón María. Disse para que eu fosse e que não voltasse mais.

—Graças a Deus —concluiu a babá.

Micaela não se conformava em agradecer a Deus. As coisas tinham terminado de uma maneira abrupta e sem sentido. O sacrifício, os riscos corridos, a humilhação, o medo, tudo por nada. Seu irmão continuava em dívida com Varzi; agora tinha fugido como um covarde e, certamente, não voltaria a dar as caras. Acaso não sabia que Varzi o encontraria onde fosse?

Recordou a noite na casa “Del malevo[46]” e reviveu cada instante: a conversa com a tal Frida —quem seria? —; a forma como Varzi a tinha olhado; a maneira que tinha falado colérico e, ao mesmo tempo, destruído; as coisas estranhas que havia dito.

"Isto é tudo?", perguntou-se. “Assim termina? Assim tem que terminar?". Custava-lhe acreditar. Acostumou-se ao Carmesim, a preparar as fugas da mansão, a ensaiar com o Cacciaguida e os músicos, ao Tuli. Querido Tuli! Com suas maneiras efeminadas e sua voz esganiçada. Inclusive, familiarizou-se com as moças e um sentimento estranho a unia a elas; divertia-se as escutando falar de seus problemas e aventuras, sempre relacionadas com homens e dinheiro; já não lhe era incompreensível a gíria e, em ocasiões, sentia-se tentada a usá-las. Do Cabecita também sentiria saudade, jovial e bagunceiro, tão minúsculo ao lado de Mudo. Mudo: só nomeá-lo lhe gelava o sangue. Voltou a estremecer ao recordar suas palavras na casa de Varzi: Você se salvou esta noite, senhorita. Voz rouca e ébria, rosto marcado. Tremeu ao pensar no famoso "mocha línguas"; embora não, Varzi não manteria entre sua gente a um maníaco assassino de prostitutas. Varzi não deixaria que... Varzi, Varzi. Como arrancá-lo da cabeça? Como esquecer seu sorriso sinistro, suas mãos, seus enviesados olhos negros? Reteve o fôlego ao imaginá-lo perto, como quando dançavam o tango, ou como naquela noite no carro, quando a pegou pela cintura e segurou-a pela nuca. "Não seria má ideia dar a razão às pessoas", havia-lhe dito.

Voltou para a realidade subitamente. Nada importava. Por Deus, nada importava! Nem o Carmesim, nem Tuli, nem as garotas, nem Cabecita, nem ninguém, e muito menos Varzi, o pior de todos, o mais perverso, malvado e estúpido, mas, no final, o mais humilhado e sofrido dos irmãos. Que labirinto! Por mais que procurasse uma saída, sempre voltava para o mesmo lugar.

* * *

No fim de julho, os dias frios e chuvosos se repetiam com uma assiduidade que a frustrava e deprimia. Parecia um inverno feito para pressagiar coisas más. Por mais que tivesse começado com os ensaios de Lakmé e que o entusiasmo de Moreschi aturdisse, sentia-se triste e melancólica. Pensava em seu irmão, se perguntava onde estaria, e se culpava também, pois tinha negado sua ajuda ao condená-lo e marginalizá-lo. Mama Cheia tentava consolá-la.

—Eu acredito —lhe dizia— que só o fato de que possa perder seu carinho o fará repensar. Quer-te mais que a ninguém, asseguro-lhe isso.

Mas Micaela não se convencia, e a culpa a torturava. Moreschi, por sua parte, a impelia a deixar de lado os problemas e a concentrar-se exclusivamente na ópera. A estréia seria em setembro e, embora contassem com tempo suficiente, deviam praticar e ensaiar sem trégua.

—Por sorte —comentava—, esse assunto tão sinistro com o Varzi terminou bem. O vagabundo te deixou tranquila antes do tempo. Não se preocupe por nada, querida. Seu irmão é um homem; que ele mesmo resolva seus problemas.

Micaela lamentava a ausência de Eloy, só a sua presença já a tranquilizava. Seguro e de caráter definido, a fazia sentir protegida, a salvo, embora devia reconhecer que, em certas ocasiões, seu olhar endurecia, e os gestos, até a postura do corpo, faziam ver as claras que preferia estar sozinho.

Alegrou-se o dia que seu pai recebeu uma carta de Eloy e a compartilhou na hora do jantar. Encontrava-se muito confortável no Rio de Janeiro, assegurava que os brasileiros eram pessoas encantadoras e que o tratavam muito bem, e que até pareciam ter esquecido do anterior rancor de Figueroa Alcorta e seu ministro das Relações Exteriores, Estanislao Zeballos; agora se mostravam afáveis e abertos com os funcionários argentinos. Houve partes que Rafael evitou assuntos relacionados com questões políticas que só a eles correspondiam.

—Diz quando pensa voltar? —PerguntouOtília.

---

[46]Um homem briguento, provocativo, hábil no manuseio da faca; Sua figura tornou-se um personagem de tangos e esboços nas primeiras décadas do século XX.

—Aqui diz que… "Quanto a minha volta, não o espere antes de fins de agosto, dom Rafael, embora tenha a certeza de que ali estarei para a estréia de Lakmé. ”

Todos olharam para Micaela, que baixou o rosto envergonhada. Otília ostentava um sorriso de orelha a orelha.

A expectativa pela apresentação da Divina Four em Buenos Aires tinha exaltado o ânimo de jornalistas, críticos, aficionados e amigos da família. Diariamente, recebia convites, visitas ou o pedido de algum jornal ou revista para entrevistá-la. As comemorações aconteciam e começavam a cansá-la. Nada a agradava.

No momento, só contava com os ensaios, e, apesar de que em outros tempos lhe enchiam a vida, agora não bastavam. Seus dias transcorriam de maneira monótona, entre as idas ao Colombo, as práticas na casa de seu pai e os compromissos sociais. Às vezes pensava visitar seus amigos do Carmesim. Conhecia bem os horários de Varzi e sabia que se visitasse o bordel ao meio dia não toparia com ele. Ou queria topar com ele? Não, a ideia de ir ao Carmesim era tão descabelada como querer encontrar-se com seu dono.

Moreschi desfrutava como ninguém, orgulhoso pelo triunfo de sua discípula, não cabia em si. Tinha recebido convites de teatros em Santiago do Chile e de Lima que rogavam uma temporada com a Divina Four, mas Micaela o obrigava a declinar dos oferecimentos.

—Termino no Colombo e voltamos para a Europa —afirmava, sem hesitar.

* * *

No dia 28 de junho de 1914, em Sarajevo, Bósnia, um terrorista sérvio assassinou ao arquiduque Francisco Fernando e a sua esposa, e Micaela jamais pensou que a morte do herdeiro ao trono do Império Austro-húngaro resultaria em um desastre mundial. Durante os primeiros dias de agosto, a Europa já era um caos: França, Inglaterra e Rússia tinham declarado guerra a Tríplice Aliança, integrada pela Alemanha, Áustria, Hungria e Itália.

—Que néscios estes alemães! — exclamou Rafael. — Supor que podem fazer frente aos ingleses. Iludidos se pensarem na vitória! Julio Roca crê o mesmo. Hoje fui visitá-lo e o encontrei consultando uns mapas em seu escritório. Disse-me sem voltas que os alemães já estão derrotados.

Esta situação mudou totalmente os planos de Micaela: Moreschi se opunha a retornar a Paris enquanto durasse a guerra e contava com o apoio de Urtiaga Four para convencê-la. Aceitou que era uma imprudência aventurar-se e aceitou permanecer em Buenos Aires depois da apresentação de Lakmé.

—Ao menos por uns meses —esclarecia—, para ver o que acontece na Europa.

—Já verá que não faltarão propostas de outros teatros, aqui, na América. Eu gostaria de conseguir uma apresentação no Metropolitan Opera de Nova Iorque. Dizem que é estupendo.

Moreschi seguia fazendo planos; Micaela, indiferente, olhava-o sem entusiasmo.

Lembrou-se muito de Marlene nesses dias e imaginou o medo de havê-la sabido exposta a essa estúpida guerra; arrepiava a pele ao pensar nas carências e mortificações de que teria padecido. De certa forma, alegrou-se: Marlene descansava em paz, enquanto o mundo "civilizado" se rompia em pedaços.

O que haveria dito Marlene se lhe tivesse confessado a inquietação que a afligia? Não só pela guerra, nem por seu irmão, nem por nada em especial.

Tratava-se da angústia de sempre, sem motivos aparentes, sem causa justificada. Sorriu com relutância: com certeza, depois de lhe escavar na alma, Marlene a teria levado a confessar coisas que, no momento, preferia manter ocultas.

Para piorar a situação, em 9 de agosto morreu o presidente da República. Torre Sáenz Peña tinha assumido quatro anos atrás sofrendo de uma diabetes galopante que, pouco a pouco, esgotou-o. Não gozava da estima do Partido Autonomista: seu projeto de lei eleitoral, com voto secreto e obrigatório, punha em risco a estrutura política, econômica e social que se montou,

muito meticulosamente, desde 1880, na primeira presidência de Roca. Entretanto, brindaram-lhe com um enterro solene; homens vestindo jaquetas e damas com trajes de luto. A exclusão do povo, a quem não se permitiu aproximar-se do cortejo, gerou mal-estar, e Micaela, presente no funeral, perguntou-se uma vez mais pela outra face da moeda, a que ela tinha visto, muito por cima, em La Boca. Questionou-se se todos participariam da prosperidade e riqueza do país. Teria apostado que não.

A morte do Sáenz Peña aconteceu em um momento crítico, e milhares de dúvidas afloraram depois de que assumiu Victorino do Plaza. A mansão Urtiaga Four se converteu no centro de operações do ramo mais conservador do Partido Autonomista, que desejava, sobre tudo, deter a reforma eleitoral e conseguir, no plano internacional, a união com os aliados.

Do Plaza não só manteve a lei Sáenz Peña, mas também declarou a neutralidade argentina. Rafael e outros políticos importantes estrilavam: estas decisões minguavam o poder que tinham ostentado durante anos e que, por outro lado, tinha levado o país a ganhar o apelido de "celeiro do mundo". Os setores mais proeminentes da sociedade portenha coagiram para dar apoio a Inglaterra. Do Plaza se manteve na mesma posição e não passou muito até converter-se em um dos personagens mais impopulares de Buenos Aires.

As portenhas de linhagem, horrorizadas pela invasão alemã na Bélgica, organizaram atividades de beneficência em auxílio aos aliados; realizaram-se coletas para a Cruz Vermelha francesa e para os meninos e anciões belgas que, fora do alcance alemão, tinham sido transferidos a acampamentos nas costas da França ou da Grã-Bretanha. Quanto a Micaela, a guerra incrementou sua vida social, e, convidada a cada um destes eventos, em mais de uma oportunidade se converteu no motivo da reunião: a Divina Four entoaria algumas árias. Apesar de seus ensaios, com esse tempo doado ela ajudava.

* * *

Cansada de festas beneficêntes, noites em mansões suntuosas e desfile no Harrod's, Micaela tinha recusado todos os convites essa noite. Otília e seu pai se preparavam para um baile e Cheia costurava em seu quarto. Decidiu conversar um momento com sua babá; não desejava ficar só no quarto porque, sem remédio, uma e outra vez, aventurava-se a lembranças que não devia ter.

O silêncio lhe oprimia o peito. Sem Gastón María e seus amigos jogando cartas ou bilhar, a casa ficava em uma calma exasperante. Como não encontrou Cheia em seu quarto, dirigiu-se à cozinha, onde topou com o servente de Eloy. O homem ficou de pé e se inclinou para saudá-la. Apareceu Cheia e explicou que Ralikhanta tinha trazido carta de seu patrão à senhora Otília, que tinha ordenado que lhe servisse algo de comer.

Micaela tomou assento frente a ele e o contemplou com curiosidade. Sem dúvidas, tratava-se de um homem estranho, além de sua aparência. Estranha sua maneira de olhar, de mover-se, sempre com sigilo; estranho seu comportamento, quase o de um escravo bem treinado, de maneiras distintas.

Mama Cheia serviu o jantar e, quando quis lhe servir vinho, o homem tampou a taça com a mão.

—Just water, please —disse a seguir.

—Quer água, mamãe —traduziu Micaela.

Ralikhanta lhe agradeceu a intervenção e deu chance para lhe perguntar por que não desejava vinho. O homem explicou que sua religião não o permitia.

—A que religião pertence Sr. Ralikhanta?

—Sou muçulmano.

—Ah, muçulmano! Eu pensei que na Índia todos eram hindus, que acreditavam em Brama, Trimurti, Visnú e essas coisas.

—Sim, uma grande maioria é hindu, embora os do Islã não sejam menos. Enfim, senhorita, eu acredito que nós dois oramos ao mesmo Deus, só com um nome diferente.

Micaela aprovou o comentário e se deu conta de que o servente de Eloy era um homem de cultura e refinamento. Continuaram conversando. Como não sabia uma palavra de inglês, mama Cheia se sentou na ponta da mesa e seguiu bordando, e, embora tivesse sono e desejasse ir dormir, nem louca deixaria sozinha Micaela com esse 'personagem'.

Ralikhanta se confirmou como um homem instruído e, pelo que Micaela pôde entender, membro de uma família nobre de Calcutá que, por maus negócios políticos e econômicos com os ingleses, tinha perdido tudo. Surpreendeu-a o quão falante e amigável ele era; obviamente, o pobre homem não tinha com quem conversar.

—Não sabe nada de castelhano, Sr. Ralikhanta?

—Nenhuma palavra, senhora. Não falo com ninguém, exceto com o amo Eloy, e com ele o faço em hindi, às vezes em inglês.

—O Sr. Cáceres poderia lhe ensinar castelhano ou contratar um professor. Nunca conseguirá se relacionar se não souber o idioma.

Ralikhanta fez um gesto como se Micaela tivesse sugerido uma loucura. A moça pressentiu que havia extrapolado, e, para mudar de assunto, contou-lhe que logo estrearia uma ópera a respeito da relação amorosa entre uma sacerdotisa hindu e um cavalheiro inglês. Ralikhanta, muito interessado, quis conhecer outros pormenores da história, e a Micaela ocorreu convidá-lo à estréia de Lakmé. O homem se negou a aceitar com a desculpa de que o amo Eloy não o consideraria apropriado, mas a insistência de Micaela diminuiu sua resistência e acabou aceitando. Ele saiu do seu lugar, ficou na frente dela e disse:

—De hoje em diante, senhorita, sou seu mais fiel escravo.

Mama Cheia não tirava os olhos de cima, pronta para saltar como uma leoa se tentasse bancar o esperto com sua menina. Mas Ralikhanta se inclinou como de costume e saiu da cozinha. Micaela o seguiu avidamente com o olhar; ela ainda tinha coisas para descobrir e, embora estivesse morrendo de vontade, não sabia como perguntar se o homem que ela vira naquela noite em La Boca, em um carro semelhante ao de Eloy, era ele.

* * *

Capítulo XVII

"Concentre-se na ópera ou será um desastre!", disse-se no camarim do Colombo. Continuou se arrumando e Tuli veio a sua cabeça. "Como isso é diferente!", pensou. Com Tuli se arrumava para cantar tangos em um bordel de La Boca; aqui se preparava para se sobressair em um dos teatros líricos mais famosos do mundo. Entretanto, a sensação não era muito diferente.

Alguém bateu na porta: um assistente do maestro lhe comunicou o início do espetáculo. Ficou nervosa, a ansiedade a invadiu e começou a sacudir as pernas e a retocar a maquiagem. Chegou Moreschi e, como sempre, brindou-lhe palavras de ânimo. Disse que na sala não cabia um alfinete, e que seu pai, Otília e Cheia já tinham se estabelecido. Até Do Plaza, o presidente, ocupava o camarote oficial.

—Não viu Gastón María? —perguntou, cheia de esperanças de que seu irmão tivesse saído do esconderijo para vê-la cantar. Tinham passado mais de três meses de sua fuga; era meados de setembro e nada se sabia dele. Seu pai não parecia alarmado, e, seguro de que seu filho retornaria quando acabasse o dinheiro, limitava-se a esperar sua aparição.

—Não, querida, não o vi. —Micaela baixou a cabeça. — Deixo-te —acrescentou Moreschi depois. — Preciso ultimar detalhes com Mancinelli.

Continuou pensando em Gastón María, e inevitavelmente terminou em Varzi. "Que mais eu posso fazer? Fiz o que pude, embora deu tudo errado." Sentiu-se desanimada; por mais voltas que desse ao assunto, nada a tranquilizava. "Esquece o problema", disse-se sem convicção.

* * *

Saudou o público pela quarta vez e a ovacionaram como na primeira. No camarote de sua família, Cheia agitava as mãos e seu pai, de pé, vociferava "Bravo!", sem recato. Eloy, inabalado, não tirava os olhos dela.

Estava difícil chegar ao camarim; a cada passo tinha que cumprimentar ou aceitar congratulações de alguém. Moreschi a escoltava e recebia as amostras de admiração junto com ela. Por fim, entraram. Ramos de flores e caixas com laços coloridos quase não deixavam espaço. Deixou-se cair no banquinho do toucador e tirou o cocar. Pouco depois chegou Emília, uma jovem designada para ajudá-la. Moreschi colocou os óculos e leu os cartões. O presidente Do Plaza tinha enviado um arranjo floral especialmente chamativo. Outros, não tão exuberantes, representavam as famílias mais elevadas da cidade.

—E isto? —perguntou Moreschi.

—Trouxe-o um moço minutos antes que a senhorita entrasse —explicou Emília.

—Não tem cartão —comentou o professor.

—Permite-me ver? —pediu Micaela.

Moreschi aproximou um pacote não muito grande envolto em papel de seda, amarrado com um laço verde esmeralda. Desfez-se do embrulho e, de uma caixinha, tirou uma orquídea branca, sua flor predileta. Emocionou-se e, por mais que procurou o remetente, não o achou.

—Foi você, professor —afirmou Micaela, com picardia.

—Não, querida —assegurou Moreschi, aflito ao perceber que não tinha lhe comprado nada.

—Quais enviaram presentes?

Moreschi repassou os nomes dos cartões: Do Plaza, Díaz Funes, Anchorena, Peña, Pinedo, Canhé, Luro, mas nunca disse Cáceres. Micaela sorriu divertida: a orquídea devia ser dele, não cabiam dúvidas.

* * *

O êxito de Lakmé ocupou todo seu tempo: se não se encontrava no teatro empenhada em um ensaio ou no acerto de algum detalhe, atendia aos jornalistas e críticos; tinha-os de todas as nacionalidades, inclusive um ianque, em quem Moreschi tinha colocado sua atenção de olho no Metropolitan de Nova Iorque.

Se antes tinham abundado os convites, agora a sobrecarregavam, e devia declinar a maioria por falta de tempo. Não demoraram a chegar os oferecimentos para novas apresentações. Mancinelli a queria em sua companhia até o final da temporada no Colombo, que, raramente, terminava em novembro. Importantes teatros do Brasil, Chile, Peru e México a reclamavam, e, como a guerra continuava na Europa, Moreschi sabia que, cedo ou tarde, Micaela terminaria por aceitar alguma das propostas.

Sim, o ambiente luminoso daqueles dias, semelhante ao da Ópera de Paris ou do Scala de Milão, mantinha-a bastante distraída, mas a noite chegava e irremediavelmente caía com todo seu peso. Gastón María representava sempre sua maior aflição. Dias atrás, mama Cheia tinha recebido um bilhete onde o jovem Urtiaga Four se limitava a informar que estava bem, e foi suficiente para tranquilizá-la.

Sem querer, sua mente divagava e tomava caminhos incríveis. Às vezes, uma vontade louca de dançar o tango a levava a ensaiar passos em seu quarto, sozinha, sem música nem companheiro, com La Cumparsita[47] soando em sua cabeça. Fechava os seus olhos e apareciam os de Varzi. Podia sentir sua mão férrea circundando-a, o joelho fendido entre suas pernas, o aroma de sua pele suada, o brilho de seu cabelo engomado, seu rosto brutal e formoso. Que castigo!

* * *

Na segunda semana de Lakmé, o Colombo destacou-se como na primeira, sempre cheio, não só de portenhos, mas também de provincianos e pessoas de países vizinhos.

Terminou de se arrumar sem dificuldade; já o fazia como um autômato. No espelho estava a última orquídea branca que Cáceres enviara, como de costume, na caixinha de papel de seda branco e com o laço verde. Riu, entre adulada e divertida. Embora o mistério se repetisse e as flores continuavam chegando, sem remetente, a atitude enigmática e romântica de Eloy, usualmente hierático e formal, a encantava. Mostrou-se mais atencioso desde sua volta do Brasil; sempre consciente, não tirava os olhos dela, e, embora, com a morte de Sáenz Penã e a ascensão De la Plaza, seu projeto para ocupar o Ministério de Relações Exteriores se viu desfavorecido, não parecia frustrado, ao menos não com ela.

—Senhorita Urtiaga Four, um minuto e começa — avisou Emília, sua assistente, e virou para deixá-la sozinha.

Micaela subiu ao palco e, antes que começasse a cantar, olhou dissimuladamente aos camarotes mais próximos em busca de pessoas conhecidas, em especial seu irmão. Chamou-lhe a atenção que o camarote de proscenio[48], usualmente vazio, tivesse o cortinado entrecerrado e que, por uma fresta, aparecesse à silhueta de alguém. Não pôde saber de quem se tratava até que Varzi abriu as cortinas e a olhou aos olhos. Micaela terminou a cavatina[49] com muita dificuldade. Nilakantha foi o seguinte, e dando-lhe um momento para se recompor, embora o barítono terminaria logo e seria ela outra vez. Não conseguia concentrar-se com Varzi ali, ao alcance da mão. Fez um esforço para abstrair do ambiente, mas sua confusão não diminuiu e os outros do elenco perceberam sua mudança. "Este maldito homem não vai me perturbar. Não me importa que ele esteja aqui", disse-se, sem firmeza, mas tanto o repetiu que o primeiro ato passou normalmente.

Micaela se lançou sobre Moreschi que, dos bastidores, a via atuar.

---

[47] Nome de um tango argentino

[48] Local do antigo teatro grego ou latino, que fica localizado entre o palco e a orquestra.

[49] **Cavatina** - Pequena ária para solista, com seção única, sem repetição.

— Varzi está aqui! —exclamou.

—Que Varzi? —perguntou, como um parvo.

—Como que Varzi! Professor, por Deus! Carlo Varzi, o cafetão! Está ali, sentado no camarote de proscenio. Mais perto, impossível.

Embora muito surpreendido, Moreschi deu pouca importância para não piorar o ânimo de sua pupila.

—Bem, querida, se você tiver suficiente dinheiro para pagar um camarote, ninguém pode lhe impedir que o faça.

Antes de voltar para o palco, se proibiu de olhá-lo; no entanto, e apesar dos esforços, em várias ocasiões, ele olhou de soslaio. Varzi, elegante em seu smoking, sério como não o tinha visto antes, contemplava só a ela, sem se importar com quem cantasse. Sua atitude a desconcertou; tinha esperado um sorriso sardônico, possivelmente um gesto lascivo, ao contrário, topou-se com a atitude de um crítico. Por que a olhava assim, com essa intensidade que a fazia perder o controle? "Deixe de me olhar assim!", ordenou-lhe com a mente.

Fechou os olhos para entoar "a ária dos sinos", a mais difícil. Ao reabri-los, tomou consciência de que o teatro vinha abaixo em aplausos e vivas, percebendo que o tinha interpretado melhor que nunca e ruborizou.

A cortina caiu, e o elenco saiu para agradecer ao público. Micaela avistou o camarote de Varzi. Não havia ninguém: Varzi tinha ido. Uma desilusão esmagadora a invadiu e abandonou o palco rapidamente. Chegou ao camarim, fechou a porta depressa e se deixou cair em uma poltrona. Emília tirou sua toga e os sapatos.

—Minha Madonna! —explodiu Moreschi. — Excelente! Soberbo! Magistral! Nunca tinha cantado tão bem "Où vai a jeune Hindoue[50]". Como um anjo! Como um anjo! —repetiu, entre comovido e entusiasmado, sem conseguir a atenção de Micaela que continuava encostada na poltrona com a vista perdida e a mente em outro lugar.

Moreschi, que não conseguia permanecer quieto, despediu-se dizendo que o diretor da orquestra precisava trocar umas palavras com ele. Antes que Alessandro fechasse a porta, Micaela escutou as vozes alegres do exterior, e sua relutância se acentuou.

—Ah, esquecia-me, senhorita! —DisseEmília. — Um menino trouxe esta carta para você faz um momento apenas.

Micaela abriu o envelope e leu: "Um carro te espera na Rua Tucumán, na esquina com Liberdade. C.V.". O tom imperioso e a precisão da ordem a seduziram. Recusou a ajuda de Emília, a quem dispensou sem explicações, e se trocou depressa. Escolheu um vestido que ainda não tinha estreado, desenho de uma jovem couturière[51] que revolucionava a moda em Paris por esses dias, uma talCoco Chanel. De encaixe lilás com forro de tafetá no mesmo tom, era ousado pela profundidade do decote; muito apertado à cintura, apesar da falta de espartilho, longo e em forma de sino na parte baixa, Micaela parecia esplêndida nele. Completou o traje com luvas brancas e um chapéu não muito ostentoso. Envolveu-se no manto e, antes de sair, perfumou-se com uma loção que Moreschi havia lhe trazido da Europa.

Olhou para o hall principal do foyer[52] e se deu conta de que não passaria inadvertida. Voltou para a área dos camarins, e um empregado indicou a saída pela Rua Tucumán. Na esquina a esperava um carro negro e um homem bem vestido, que a ajudou a subir sem pronunciar uma palavra. Com as cortinas fechadas, Micaela não podia ver para onde a conduzia. Inquietou-se: O que estava fazendo? Tornou-se louca? Sim, totalmente louca. Outra vez na boca do lobo, outra vez em suas garras como uma estúpida. Precipitou-se, mas pediria ao chofer que parasse e desceria. Passou um momento e se deixou levar.

---

[50]Onde está o jovem hindu (trecho da Ópera)

[51]Costureira em francês

[52]**Foyer** - salão, nos teatros, onde os espectadores aguardam o início de uma apresentação, ou tomam drinques etc., nos intervalos.

O carro se deteve. Micaela olhou ao seu redor sem saber onde se encontrava, embora algo desse lugar lhe parecesse familiar. O chofer indicou a entrada de uma casa tipo colonial que lembrou a do Passeio de Julho.

—Onde estamos?

—Em San Telmo, senhorita.

São Telmo! Bairro de cortiços, bordéis e arruaceiros. Bairro de gente como Varzi. O chofer insistiu em que se aproximasse da entrada e agitou um sino pendurado em uma cancela de ferro fundido. Uma mulher abriu a porta.

—Entre, senhorita Urtiaga Tour — convidou.

—Frida?

—Sim, senhorita. Vejo que se lembra de mim. Entre. O Sr. Varzi a receberá em um momento. Está esperando-a ansiosamente.

Pegou-a pelo braço e quase a arrastou ao interior da mansão. Na recepção, pediu-lhe o manto, o chapéu e as luvas.

—Me acompanhe à sala, por favor.

Saíram do vestíbulo, cruzaram um pátio coberto por uma videira e entraram em uma sala pouco iluminada. Do pátio, Micaela escutou sua própria voz em um disco de vinil.

—Sente-se. Carlo não demorará a vir. — e se foi.

O fonógrafo soava com a interpretação da Aída que tinha gravado no ano anterior para a RCA Victor. Bisbilhotou outros discos e viu que Varzi tinha as poucas gravações que tinha feito. Também encontrou música de Beethoven, Tchaikovski, Mendelssohn e um disco de Carmen, a cargo de outra soprano.

Ouviu um ruído na sala contigua, completamente às escuras. Distinguiu a brasa de um charuto e o brilho lustroso de um cabelo engomado. Carlo deu uns passos e se mostrou em meio à penumbra. E embora esperasse o inevitável encontro, ao vê-lo ali, tão perto, tão real, precisou apoiar-se contra um móvel.

—Olá, Marlene —disse, em um tom tranquilo, incomum.

—O que quer de mim? —replicou ela.

Carlo sorriu lastimoso, apagou o charuto e avançou. Micaela foi para trás, mas o móvel com pequenas gavetas a impediu. Deslizou para um lado, sem tirar os olhos dos de Carlo.

—O que quer de mim? —repetiu. — Sabe algo de meu irmão?

Não podia culpar Varzi, tinha entrado em seu jogo livremente. Subjugada, deixou-se conduzir até ele, que agora, de pé frente a ela, conseguia dominá-la como a uma inexperiente. Encontrava-se tão próximo, só a dois ou três passos, e a olhava como no teatro, sério, incólume.

—Por que me trouxe aqui? —insistiu.

—Comprei-os recentemente —comentou Carlo, e assinalou os discos. — O fonógrafo também é novo. Comprei-o para você.

Micaela se moveu com a clara intenção de sair dali. Carlo a tomou pelos ombros, virou-a, forçando-a a se apoiar no móvel com pequenas gavetas, e reclinou o peito contra suas costas. Um instante depois, sua mão pressionava seu ventre. Virou-a um pouco para ele com delicadeza. Seu olhar a despojou de vontade e o roce de seus dedos lhe acelerou o coração. Apertou as pálpebras e imaginou seu rosto de mau, de cruel, e estremeceu com repulsão, convencida de que jamais se entregaria a um homem sem honra, a um suburbano assassino.

—Tanto me odeia Marlene? —escutou-o dizer, e foi brusco ao pô-la de novo frente a ele. Micaela o confrontou contra suas convicções, pois sabia que não devia olhá-lo.

—Não — disse.

—Não, o que? — perguntou Carlo.

—Que não o odeio —murmurou apenas.

Um calor que lhe subiu da parte inferior se apoderou inclusive de suas bochechas; tentou baixar o rosto, mas Carlo a impediu.

—Não, bobinha, que te estou olhando.

Atormentada, impotente frente a ele, deu-lhe as costas.

—Basta —ordenou.

As mãos de Carlo a liberaram, e ouviu que se afastava.

—Passemos a sala de jantar para podermos jantar.

"Para jantar?". A situação se tornava confusa segundo a segundo. Tinha que partir, logo, tinha que sair daí. Em um instante, seu olhar se cruzou com o de Varzi, e, embora pensasse chamar Frida para lhe pedir seu casaco, avançou em direção a ele e, com um movimento de cabeça, deu-lhe a entender que aceitava o convite.

Entraram na sala. Varzi acendeu as luzes e Micaela se dedicou a inspecionar a mesa. A única janela dava à rua, com uma grade colonial similar à da cancela. Um lustre iluminava a mesa, muito bem-posta. O mobiliário clássico a surpreendeu, não tinha nada que invejar ao que Otília havia trazido de Paris.

—Espero que goste da decoração, Fräulein[53] —desejou Frida, enquanto acomodava uma travessa sobre a mesa. Micaela a olhou confusa, e tentou decifrar sem êxito o comentário.

—Com a fortuna que gastou, deve ser o melhor mobiliário do mundo — se queixou Carlo.

A mulher lhe lançou uma olhada, murmurou em alemão e saiu. Micaela teria preferido que ficasse, não queria estar sozinha com Varzi. “Então, para que tinha aceitado jantar com ele? ” Fingiu distrair-se em um quadro. Logo, como se ele estivesse segurando sua cintura, ela o sentiu atrás dela.

—Você gosta de minha casa?

A pergunta a fez rir e tampou a boca.

—O pouco que conheço, sim, eu gosto. Faz-me lembrar da casa de minha infância.

Voltara-lhe a vontade de rir, desta vez a gargalhadas, já não pela pergunta, mas sim pelo cômico da absurda situação. Conteve-se; Varzi parecia tomá-la com muita seriedade.

—Por que me trouxe para sua casa, Sr. Varzi? É pelo assunto de meu irmão?

Entrou Frida com uma travessa.

—Ainda não convidou à senhorita a sentar? — repreendeu-o.

Varzi lhe indicou seu lugar, à direita da cabeceira. Aproximou-se, indecisa. "O que estou fazendo? Nada me retém só minha vontade. O que me passa? Aonde quero chegar?", e enquanto as perguntas se precipitavam, sentou-se. Olhou para Varzi, ainda de pé, e se deu conta de que estava inquieto. Logo, descobriu ao lado de seu prato uma caixinha branca com um laço verde esmeralda. Varzi lhe indicou que a abrisse. Tremeram-lhe as mãos: a mesma orquídea branca. Tinha sido Carlo Varzi, todo o tempo tinha sido ele. "E eu que pensava ser de Eloy", riu.

—Do que ri? — quis saber, ofendido.

—Cada vez que estou com você, Sr. Varzi, quão único faço é me perguntar: O que faço aqui? Acaso me voltei louca? Por que não vou embora? Por que não me afasto deste homem tão mau? É o único que me passa pela mente.

—Ao contrário, cada vez que estou com você, eu me pergunto: por que é tão linda? De que cor são seus olhos? Como será o perfume de seu cabelo? Como será lhe beijar os lábios? Por que não a levo para cama?

Micaela soltou a orquídea e fez o intento de levantar-se, mas Carlo apoiou uma mão sobre seu ombro e a obrigou a permanecer na cadeira. Frida entrou com outra bandeja. Micaela, alterada e sem força nas mãos, não pensou em nada, e Varzi lhe serviu.

—Espero que goste de comida alemã, Fräulein — disse a mulher.

---

[53]Senhorita em alemão

—Não acredito que ela goste —replicou Carlo, e Frida fez cara de desespero.

—Sim —murmurou apenas—, eu gosto.

—Ah, sim? — interessou-se Frida. — Comeu alguma vez comida alemã?

—Sim, muitas vezes —respondeu Micaela, com mais ânimo.

—Não me diga. E onde?

—Bom... Em vários lugares... A primeira vez foi em Munich, em um festival de música.

—OH, sim! O festival de Munich. Meu marido Johann e eu íamos quase todos os anos. Também íamos ao de Bayreuth. Cósima Wagner era conhecida de meu marido e sempre nos convidava. Eu o desfrutava especialmente, porque sou oriunda de Offenbach, que embora não pertence ao estado da Baviera, está à borda do Main, o mesmo rio que divide ao Bayreuth. Eu estava acostumado a pensar: "As mesmas águas que regam minha terra, regam as de Bayreuth". Sentia-me realmente como em casa cada vez que ia a esse festival.

—Sim, claro, o festival anual de Bayreuth. Eu participei algumas vezes.

—Sério? — assombrou-se Frida. — Conheceu Ernest Vão Dick, esse tenor tão famoso? Lembro que era o preferido de Cósima.

—Sim, claro, Ernest e eu cantamos uma vez em Tannhauser. Junto a Caruso, é um dos melhores que conheço.

—Embora suponha que você preferirá as óperas de Rossini e de Puccini às de Wagner já que...

—Bom basta de ópera! — interrompeu Varzi, farto de um assunto do qual não tinha o maior conhecimento.

Frida pegou a travessa, disposta a partir.

—Não janta conosco, Frida? —perguntou a jovem.

Varzi, com uma careta significativa, deu-lhe a entender que desaparecesse.

—Não, querida. Esta noite eu como na cozinha. —E se foi.

—Prefere compartilhar a mesa com ela que é mais de sua classe, não? Que sabe mais de suas óperas e essas coisas.

—Ai, Sr. Varzi! Deixe de estupidez e me diga, de uma vez e por todas, para que me trouxe aqui. —Tomou a orquídea e a sacudiu um pouco. — E o que significa isto também, se for tão amável.

—É sua flor preferida.

—Quer me tirar do sério! É evidente!

Outra vez ameaçou levantar. Carlo pegou sua mão e, com gesto suplicante, disse-lhe:

—Não vá, Marlene. Fique para jantar comigo. — Eimediatamente, corrigiu o tom: — Mas como! Não gostaria de compartilhar uma refeição com um velho sócio?

Voltou a sentar-se, completamente vencida. Varzi ainda segurava sua mão e já não lhe importava. A mão de Carlo Varzi: suave, morena, sem pelos; recordou como a tinha impressionado aquela noite. Lindas unhas. Quadradas, bem cuidadas. Sem pensar, acariciou-a. Carlo respondeu ao contato e a apertou um pouco mais.

—Senhor Varzi, não entendo nada.

—Que não entende?

—E agora, o que quer?

—Jantar com você.

Micaela negou com a cabeça, soltou-se de sua mão e o olhou fixamente. Os olhos negros de Carlo, impenetráveis e insondáveis em outro tempo, agora se mostravam generosos e lhe permitiam ver que desejava sua companhia.

—Jantarei com você. Espero não me arrepender.

Carlo sorriu e suas feições se revelaram mais bonitas do que nunca. Micaela respirou fundo para disfarçar o prazer que lhe tinha provocado esse sorriso.

—Tenho tantas perguntas que não sei por onde começar.

—Primeiro de tudo, quero felicitá-la. Embora não saiba nada de ópera, vi como a estavam aplaudindo, eu percebi que tinha se saído mais que bem.

—Obrigado, mas ao vê-lo ali, sentado no camarote, tão perto, quase me faz passar vergonha. Por um momento pensei que minha voz não sairia.

Carlo se divertiu com a confissão. Micaela pegou a orquídea, admirou sua deliciosa beleza e voltou a olhá-lo.

—Como sabe que a orquídea branca é minha flor preferida? Muito poucos sabem.

—Era a flor preferida de sua mãe. —Micaela se sobressaltou. — Seu irmão comentou com minha irmã; disse-me isso a senhora Bennet.

—Meu irmão? Onde está? Viu-o? Fez-lhe algo? Fez-lhe mal?

—Não! — explodiu Carlo, ferido. — Não lhe fiz nada. Parece ter retificado sua conduta. — Micaela franziu o cenho. — Assim parece. Depois da morte de Miguens, veio me ver e perguntou onde estava Gioacchina. Pediu-me perdão por seu comportamento e me disse que queria casar-se com ela.

—Sério? OH, Sr. Varzi, que felicidade! Que alegria!

—Não tão rápido Marlene. Gioacchina o rechaçou, disse-lhe que não queria voltar a vê-lo. Está muito ressentida. A senhora Bennet me comentou por carta que Gastón María vai todos os dias a vê-la. No princípio, nem o recebia; agora, graças à intervenção da senhora Bennet e ao amor que sente por seu irmão, Gioacchina está afrouxando. Acredito que, cedo ou tarde, vão se casar. Eu gostaria que fosse antes que nascesse o bebê, mas falta muito pouco.

—Onde estão?

—Não posso lhe dizer isso. Gastón María me pediu que não o dissesse a ninguém. Quer estar sozinho e tranquilo por um tempo —concluiu Carlo.

Micaela assentiu e trocou de assunto. Perguntou-lhe pelo Tuli, Cacciaguida, os músicos, inclusive por algumas das moças; afeiçoou-se a Polaquita e Edelmira. Varzi lhe comentou que sentiam falta dela, em especial Tuli e Cacciaguida, que o haviam deixado louco perguntando o motivo de seu repentino desaparecimento.

—Se quiser, um dia destes, trago-os aqui para que fale com eles.

Já estava difícil continuar à mesa desse homem sem pôr em dúvida sua prudência. "Se quiser, um dia destes, trago-os aqui para que fale com eles". Acaso pensava que voltaria para sua casa? O que passava pela sua mente? Esgotada de conjeturar, decidiu adotar uma atitude mais passiva.

Frida serviu o último prato e se retirou.

—Frida é sua governanta, Sr. Varzi?

—Assim o dizem vocês? Governanta? Soa bem: governanta. —Riu, e Micaela o olhou zangada. — Na realidade, Frida era a esposa de meu grande amigo Johann. Depois de ficar viúva, fez-se cargo de minha casa. É como uma mãe para mim.

Micaela contemplou os detalhes da decoração, como brilhava o piso de madeira e a prataria, o bem-posta que estava a mesa, o ramo de rosas brancas no centro, a toalha de linho, a baixela de porcelana, e confirmou o que tinha pensado dessa mulher a noite da morte de Miguens: tratava-se de uma pessoa decente, culta, com a educação e as maneiras de uma dama. Que fazia com um homem como Carlo Varzi? "É como uma mãe para mim". E com certeza Frida também o queria; tinha demonstrado aquela mesma noite quando quase o defendeu com capa e espada. Que Carlo não tem culpa de nada, que é filho das circunstâncias, que isto, que aquilo. Saberia Frida quem era realmente Carlo Varzi e do que vivia? E quem tinha sido o tal Johann? Onde teriam se feito amigos? Conhecido da Cósima Wagner habitue do festival de Munich e de Bayreuth. Um mistério.

—Disse-me que esta casa a fazia recordar a de sua infância.

—Sim, esta casa é de estilo colonial. A casa de minha família, que nos pertenceu por muitíssimos anos, era muito parecida com esta. Um pátio central onde convergiam todas as salas e os quartos. Meu pai a vendeu. Depois a demoliram e se construiu uma financeira.

—Não acredito que não tenha gostado da mudança. Estou seguro de que o palacete de seu pai é dez vezes melhor —comentou, não sem certo sarcasmo.

—Não estou a favor nem contra. A casa de meu pai não me pertence; não é meu lar. Eu sou uma convidada. Meu lar está em Paris. Ali tenho minha casa, meus amigos, meu mundo. Se não existisse esta guerra, já teria retornado.

Carlo ficou sério e desviou o olhar. Micaela pensou que diria algo; ao contrário, bebeu um pouco de vinho e continuou comendo lentamente.

—Quando era menino —disse Varzi, por fim—, e voltava de trabalhar, sempre passava pela porta desta casa. Naquela época era um cortiço do pior. O cortiço onde eu vivia era um paraíso comparado com este. Eu parava na calçada da frente e a olhava um por um tempo. Eu gostava muito dela. E o que mais eu gostava era porque tinha pertencido a um vice-rei, acredito que ao Vice-rei do Pinheiro. A Casa da Vice-Rainha Velha, assim a chamavam. Foi construída em 1788. Comprei-a de um galego[54], o dono do inquilinato, e a reformei completamente. Coloquei água corrente e luz elétrica. Ficou muito bom. O que opina?

—Já lhe disse que do pouco que conheço, eu gosto.

Embora lhe custasse acreditar o que conversavam, sentia-se estranhamente cômoda, além de adulada; tinha o pressentimento de que Varzi não contava a qualquer pessoa a história da Casa da Vice-Rainha Velha.

“Que homem bonito! ” A fascinava sua mandíbula quando mastigava porque remarcava o osso e esticavam seus músculos. Gostava de sua boca, brilhante por causa do azeite da salada, sua pele, escura e suave, bem barbeada, o sombreado natural de suas pálpebras que lhe davam aquela veia escura, e seu pescoço, largo e forte. Micaela olhou para o contorno de suas costas e para baixo, aos seus braços; a camisa tinha subido um pouco e lhe permitiu ver o pulso, grosso e fibroso; e a mão que tantas vezes a tinha tocado.

Um ruído na outra sala atraiu sua atenção. Pareciam os movimentos de várias pessoas, que arrastavam móveis ou acomodavam coisas, mas a penumbra mantinha o mistério velado. Inquiriu Varzi com um gesto, mas não precisou de uma explicação. Ouviu dois ou mais violinos, um bandoneón, um violão: na outra sala, uma orquestra tinha começado a tocar um tango. Varzi ficou de pé, deixou o guardanapo sobre a mesa, tirou o casaco e lhe estendeu a mão.

—Dança comigo, Marlene.

Hesitou um instante, logo aceitou. Carlo a guiou até o pátio da videira com lentidão, o corpo ereto e a cabeça firme; era evidente que se preparava para a dança. No meio do chão revestido, ele a pegou pela cintura com tal força que chegou a doer, mas ela não protestou e, como no Carmesim, deixou-se envolver pela cadência lasciva e embriagadora do tango, que, entre os braços do Varzi, potencializava-se e, por momentos, a fazia desfalecer, embora tratasse de manter-se atenta a seus passos e giros e seguia-o com precisão parecendo antecipar-se ao próximo corte ou quebrada.

Livre novamente desatou os desejos que reprimiu a noite toda. Carlo a sentiu afrouxar e a abraçou um pouco mais. Acelerou a dança, e Micaela respondeu envolvendo seu quadril com a perna; ele correu a saia do vestido, pegou-a pela panturrilha e a fez girar sobre o outro pé. Acariciou sua perna, e Micaela fechou os olhos para suprimir em vão um gemido que o enlouqueceu.

Os pés se detiveram repentinamente. Carlo a atraiu até quase colar seu rosto ao dela, voltou a afastá-la e continuaram com as figuras, cada vez mais vertiginosas e eróticas. Por último,

[54]Natural da galícia, branquelo, loiro, louro, sarara, descascado.

dobrou-a até o piso e, ao incorporá-la, sujeitou-a pela nuca e beijou seus lábios. Micaela ficou inerte, com os braços caídos aos lados e a cabeça imóvel entre os dedos de Varzi. À medida que a boca dele se abria com desenvoltura, ela experimentava uma quebra de onda de calor, um comichão entre as pernas também, que logo se tornou uma dor aguda. Abraçou-se a ele e correspondeu com igual frenesi.

Varzi pegou-a pela mão e a fez entrar por outra das portas francesas que davam ao pátio. Acendeu a luz, e Micaela reconheceu o quarto onde tinha despertado na noite do ocorrido com Miguens. O som do tango minguou quando Carlo fechou a porta. Ele tirou a camisa e a atirou ao chão. Micaela admirou o jogo dos músculos em seu peito e, fascinada, tocou-o, desenhando com o indicador o contorno dos peitorais. Varzi a deixou fazer, embora estivesse agitado e lhe custava manter-se quieto. Teve a intenção de lhe tirar o vestido, mas Micaela se afastou um pouco e o olhou aterrada, consciente de que era muito tarde para voltar atrás.

—Marlene —sussurrou.

—Senhor Varzi, deixe-me ir.

—Me chame Carlo. —E a beijou no pescoço.

—Carlo…

Chamou-o pelo nome e se esqueceu de que ia protestar. Ela disse o suficiente e se rendeu. Fechou os olhos e jogou a cabeça para trás, derrotada. Carlo se desfez do vestido e da anágua com facilidade, soltou-lhe o cabelo e a obrigou a deitar-se sobre a cama. E ali, sobre a cama de Varzi, virtualmente nua, com as mãos fortes dele sobre sua pele, voltou a atormentar-se com a ideia de que se tratava de um homem sem escrúpulos, do pior, do mais baixo, um cafetão, um assassino. Afogou um soluço, e Carlo, recostado a seu lado, percebeu seu pânico.

—O que está errado? — perguntou com uma ternura que a angustiou ainda mais. — Te desejo. Não há nada que deseje mais. Não vou te machucar. Confia em mim. —E beijou suas costas, repetidas vezes, até que conseguiu relaxá-la. — Assim, muito bem, relaxe.

Passou-lhe os lábios úmidos pela nuca, inspirou o perfume do seu pescoço e admirou a suavidade de seu cabelo loiro enquanto o escorregava entre seus dedos escuros. Por fim, tirou-lhe a calcinha e beijou suas nádegas.

—Vou deixar as meias postas. Eu gosto assim, toda nua com as meias postas.

Micaela tinha uma tormenta em seu interior. Debatia-se entre o físico, uma sensação forte, perturbadora, exageradamente perturbadora, e a vergonha, a indecisão, a incerteza, o pudor. Os dedos de Carlo acariciavam suas pernas, subiam lentamente, percorriam-na com impudência, seus lábios depositavam pequenos beijos. Demonstrou-lhe que sua ousadia não tinha limites ao entreabrir suas coxas e colocar a mão no seu centro, menos ainda o prazer que conseguiu lhe proporcionar. Ela arqueou e gemeu. Varzi sorriu e se deitou em cima dela.

— Você me deixa louco, Marlene, eu sou louco por você. E embora ele murmurasse outras coisas, ela não entendeu. Parecia estar desaparecido, pulando e respirando inquieto.

Varzi deixou a cama para tirar o resto do smoking. Na pressa, jogou os sapatos pelo ar, desfez-se das caneleiras à força e a calça terminou perto da camisa. Micaela se levantou para vê-lo: completamente nu, projetou-se diante dela como uma estátua de pedra escura. Ele suava, e seus músculos estavam marcados pelo esforço. Sua virilidade esmagadora assustou-a; ela o chamou pelo nome e estendeu a mão.

Deitou sobre ela, colocou um joelho entre as pernas e obrigou-a abrir-se. Ele sentiu as duas coisas ao mesmo tempo: que Micaela estava gritando e que, com seu membro, ele rasgou algo dentro.

—É virgem? Meu Deus! Por que não me avisou, heim? —ele a repreendeu. — Por que não me disse? —insistiu, enquanto a beijava e afastava o cabelo revolto do rosto.

—Doeu, dói —se queixou Micaela, imóvel. Carlo, ainda dentro dela, no momento se mantinha quieto.

—Claro que doeu. Por que não me avisou? Fui um bruto. Eu pensei que...

—Eu estava com vergonha.

—Vergonha? —assombrou-se Carlo. — Vergonha de ser minha e de ninguém mais?

Perdeu-se em seu pescoço e reiniciou a investida, agora mais cuidadosa, embora não menos firme. Micaela sofreu até que Varzi ofegante, o movimento ondulante de sua pélvis e seu rosto contraído com alegria e gozo a transportaram a um mundo mórbido e quente, onde só escutava seus ruídos e não sentia mais dor.

Separou mais as pernas e levantou-as para rodear completamente a parte inferior das costas; rendeu-se aos seus movimentos e ondulações e o corpo vibrou instintivamente. Carlo a tomava com força e parecia querer fundi-la em seu corpo, seus movimentos se aceleravam e ela os imitava. Um calor se apoderava de seu corpo, pressagiando um final que culminaria com sua prudência. Micaela sentiu que estava vindo e conteve a respiração. O profundo gemido de Varzi acentuou o prazer indescritível que se espalhava entre suas pernas.

O carro se deteve na esquina da mansão dos Urtiaga Four. Tal como tinha ordenado seu patrão, o chofer acompanhou Micaela até o portão traseiro e, logo quando a viu a salvo, partiu.

Se a porta da cozinha estivesse trancada, teria que chamar à janela de Cheia e seria um desastre. Provou o trinco e a porta cedeu, o que significava que a mama já tinha levantado. A lenha que ardia na cozinha confirmou suas suspeitas.

Correu na ponta dos pés, temerosa de encontrá-la descalçou os sapatos no começo da escada e subiu às pressas. Entrou em seu quarto e trancou. Deixou os sapatos atirados, desfez-se da túnica, das luvas, do chapéu, com nervosismo, como se picassem sobre seu corpo. Tirou o vestido, a anágua e a roupa interior. Nua, com as meias postas, abriu o roupeiro e se contemplou no espelho. "Vou te deixar as meias postas. Eu gosto assim, toda nua com as meias postas." Fechou os olhos e se acariciou seus pelos pubianos, colocou os dedos e lembrou-se dele movendo-se sobre ela, gemendo, ofegando. Ainda o sentia entre as pernas, ainda o tinha dentro.

Ela abriu os olhos de repente, horrorizada, e se afastou do espelho. Tomaria um banho, cheirava a ele e não tolerava. Encheu a banheira, pulverizou sais aromáticos e deslizou para dentro, muito lentamente, até que a água morna a cobriu por completo. Emergiu um pouco agitada. Alguns segundos depois, sua respiração se acalmou e o calor da água a aliviou.

Ela nunca tinha experimentado essa sensação, esse desejo inescapável de ser possuída. Guiada pelo instinto, entregou-se a ele, que a tomou completamente, entrou e lhe fez entender com carícias e suspiros o que mais tarde o confirmou com palavras. "Você sempre será Marlene para mim, Marlene, minha mulher! "

"Nunca mais voltarei a vê-lo", disse a si mesma.

* * *

Capítulo XVIII

Cinco dias depois do encontro com Varzi, Micaela continuava alterada, de mau humor. Definitivamente frustrada. Sabia que Carlo tinha enviado o carro no dia seguinte, Pascualito tinha ido espiar. E ela mesma o tinha visto na esquina de Liberdade e Tucumán, cada noite, à saída do teatro. Fez grande esforço para não correr e pedir ao chofer que a levasse novamente aos braços de Varzi.

O tempo apagaria tudo. Ela tinha que deixar passar os dias e logo esqueceria. Sim, logo o arrancaria da mente. Às vezes, ao sentir-se vencida pela atração desse homem, ela se desmanchava em lágrimas. Carlo Varzi tinha o poder, mas ela era forte e não cederia.

Ela olhava no espelho e se via tão diferente que temia que Moreschi ou Cheia notassem e começassem a perguntar. Possivelmente estava imaginando e não parecesse realmente mudada. Não, sabia que tudo estava diferente. Carlo Varzi a tinha feito sua mulher e o pior era que ela se sentia assim, sua mulher. Sacudiu a cabeça para afastar essa ideia absurda.

Cheia entrou no quarto e sorriu maternalmente. Micaela devolveu o sorriso, feliz em vê-la. Felizmente, sua mama e Moreschi haviam acreditado no relato do inocente jantar com Varzi no qual só tinham conversado sobre Gioacchina e Gastón María. A notícia do arrependimento do jovem Urtiaga Four e o desejo de desposar à senhorita Portineri os maravilhou e logo se esqueceram de Carlo Varzi e de seu jantar.

—Esta noite vêm seus tios e primas — comentou Cheia . — Até monsenhor Santiago aceitou o convite.

—Ah, que divertido — replicou Micaela, irônica.

—Por você fala assim? — Cheia perguntou, aflita . — Faz dias que noto que está mudada, de mau humor. Você está bem?

Micaela se inquietou, pediu desculpas e argumentou que ela estava cansada de Buenos Aires e queria voltar para Paris.

—Não se atreva no meio de uma guerra — suplicou Cheia.

—Que importa se houver guerra? Na Europa, milhares de pessoas estão convivendo com a guerra e não acontece nada.

—Micaela! — gritou mulher. — Cala a boca! Você não sabe o que está dizendo! A guerra é uma coisa horrível. A escassez de alimentos, nenhum carvão para aquecimento ou para a eletricidade, há fome, medo, frio. Morro se você voltar para a Europa agora.

—Eu ia levá-la comigo para que você pudesse cuidar de mim, — brincou, abraçando-a. Sentiu-se grata e feliz com a preocupação de Cheia mesmo depois de tantos anos e que estivesse já crescida.

—Nem louca me leva para lá!

—Você não acha que uma guerra é melhor do que suportar Otília? —Continuou Micaela.

—Há momentos que sim — concordou. — Embora você não possa dizer a mesma coisa sobre o sobrinho, hein?

Micaela ficou séria e a soltou; desgostou-lhe pensar em outro homem que não fosse Varzi.

* * *

Menos tia Luisa que, pelo luto, saía de sua casa só para ir à igreja, toda a família se reuniu na mansão Urtiaga Four essa noite. Eloy também participou, junto com seu amigo Nathaniel Harvey, para a alegria de Micaela que não o tinha visto fazia algum tempo.

Colocaram-na perto de Guillita e seu marido, o doutor Valverde, e ao lado de Nathaniel, com quem conversou animadamente. Entretanto, não era o mesmo que tinha conhecido meses

atrás; notou-o mais circunspeto, menos inclinado a brincar. Ela teria perguntado o motivo, mas decidiu que não se importava tanto.

Eloy, sentado à direita da cabeceira, falou com seu pai e não a olhou em toda a refeição. Micaela olhou para ele furtivamente em várias oportunidades e se surpreendeu de quão sem importância o encontrava. O cabelo loiro, a pele branca, os olhos claros; esse conjunto não a atraía agora.

—Minha amiga Martita Pereyra Núnhez — comentou Otília a tia Josefina— leu em uma revista parisiense que os penteados curtos prevalecem.

Josefina e suas filhas solteiras se mostraram muito interessadas na informação, e pediam mais detalhes. Otília, orgulhosa da novidade, recostou-se na cadeira e as silenciou para contar. Micaela olhou para Cheia com um sorriso zombeteiro. A mama cobriu a boca para esconder o riso.

Tinha pouco desejo de estar lá, entre as pessoas afetadas e superficiais! Observou a cada um com atenção e recordou as palavras de Émile Zola: "A grande preocupação da alta sociedade era saber em que diversões iam matar seu tempo... Paris se sentava à mesa e pensava piadas verdes às sobremesas." Embora essa noite se reprimiriam e não as contariam: tio monsenhor se ofenderia com elas.

— Micaela, você deve cortar o cabelo — sugeriu Otília. — Já não se usa o cabelo tão longo como você.

—Seria um crime — atravessou Eloy. — O cabelo tal como usa a senhorita Micaela fica muito bonito.

Fez-se um incômodo silêncio Micaela olhou para Eloy contemplativamente e pensou que ele estava certo: Carlo Varzi não gostaria que seu cabelo fosse cortado. Otília, exultante pela intervenção de seu sobrinho, convidou os comensais a tomar café no jardim. A noite oferecia um espetáculo agradável, com o céu estrelado e a lua cheia. Acendeu as luzes que delimitavam a fonte e outros criados colocaram mesas e cadeiras à parte.

Micaela sentou ao lado de seu professor e Mama Cheia. O marido de tia Josefina e tio monsenhor acharam muito agradável a conversa de Moreschi e não se afastavam dele. Perguntaram-lhe pelos planos futuros de sua discípula, como se Micaela não estivesse ali.

—A temporada do Colombo se estendeu até novembro — começou Alessandro.

—Oh, sim? — surpreendeu-se Díaz Funes.

—Sim, e o teatro e a companhia de Mancinelli ofereceram a Micaela para estrelar a próxima ópera, La Traviata, e talvez no próximo ano para participar de La Flauta Mágica.

Tio monsenhor comentou enfurecido que La Flauta Mágica era uma ópera de maçons e, à beira de prosseguir com sua injúria, Otília pediu a atenção e teve que se calar ficando na vontade.

—Escute ouça, monsenhor, você vai se interessar — disse a mulher. — É o comentário que fez El Hogar a um artigo da revista parisiense “Fémina” que afirma que, em Paris, o tango venceu ao ragtime. Escutem: "O ragtime, o dobro ragtime, o triplo ragtime foram, em outros dias, danças elegantes nos salões seletos de Paris; mas, este ano, dança elegante é o tango argentino, que chegou a se dançar tanto como a valsa. Como podemos ver, os salões aristocráticos da grande capital acolhem com entusiasmo uma dança que aqui, por sua terrível tradição, nem sequer é nomeada nos salões, onde, além disso, as danças nacionais nunca gozaram de nenhum favor. Paris, que impõe tudo, acabará por nos fazer aceitar o tango argentino na nossa boa sociedade? Não é de se esperar, embora Paris, tão caprichosa em suas modas, fará todo o possível para isso." Além disso — continuou Otília—, o artigo acrescenta que, por causa da sensualidade da dança, da origem pecaminosa e da difusão notável que alcançaram na França, os arcebispos de Paris, Cambrai e Sens, e os bispos de Lyon, Verdun e Poitiers foram obrigados a condená-lo. O que acha monsenhor? É o cúmulo! Não acredita?

Surgiu uma controvérsia e eles concordaram com o padre presente em que o tango era uma dança "diabólica". Rafael, que se tinha mantido alheio à controvérsia, pediu a opinião de Micaela, que demorou alguns segundos para responder.

—Acredito que vocês detestam mais ao homem do tango que ao tango em si. Tango é música e nada tem a ver com decência ou moralidade.

Houve um murmúrio de desaprovação. Ignorando o descontentamento geral, Rafael se interessou em saber mais.

— Você não acha filha, que a origem "non sancta[55]" do tango tenha degradado desde o início suas linhas estéticas, se é que as tem? Acredito que a origem o condenou para sempre.

— Se algo é bom, é bom, e o brasão não tem nada a ver com isso — afirmou Micaela. — O único salvo-conduto válido é o talento. Acaso Shakespeare não era de origem humilde, filho de pais analfabetos? E ninguém nega a magnificência de suas obras por causa das circunstâncias de seu nascimento.

— Então você acha que o tango é bom? — perguntou tio monsenhor, e a condenou com um olhar.

Ela não brigaria com pessoas que nunca a compreenderiam, pessoas que realmente não queriam conhecer suas opiniões, mas só queria impor-lhe as ideias que, de acordo com suas crenças, coincidiam com a classe social a que pertenciam.

—Às vezes me pergunto — começou Micaela—, por que será que, em vez de admirar e aplaudir o que nós gostamos, atacamos e enfurecemo-nos contra aquilo que não nos agrada. Que cada pessoa desfrute do que goste e sejamos todos felizes!

Os presentes ficaram surpresos, sem possibilidade de resposta. Micaela inclinou os lábios e deixou a cadeira, pronta para sair. Teria gostado de ficar conversando com seu pai sobre o tango, mas decidiu que o custo de escutá-lo seria muito alto. Não tinha intenção de suportar ao tio monsenhor, um inquisidor desagradável, nem a Otília, que não diria duas palavras sensatas. Mas antes, e com a intenção de mexer com eles um pouco mais, deu um tapinha na mão do monseigneur e disse:

—Não se preocupe tio monsenhor. O tango eu gosto em Paris, onde está na moda. Aqui me acho nojento. Boa noite. — E se foi.

— É igual à mãe — disse Josefina no ouvido de Otília, e Rafael sorriu satisfeito.

Micaela atravessou o jardim de inverno e, antes de chegar às escadas, Ralikhanta apareceu do nada.

—Ralikhanta!

—Desculpe-me, senhora, desculpe-me — ele implorou, inclinando-se uma e outra vez.

— Está bem não importa. Você está procurandoo Sr. Cáceres?

—Não, senhora, procurava você. Eu queria agradecer a entrada que me enviou para o teatro.

—Ah, sim, a entrada! Pôde ir? O seu senhor te deu permissão?

Ralikhanta baixou a vista e se espremeu as mãos.

—Nem sequer mencionei ao Senhor que você, tão amavelmente, tinha me dado uma entrada. Eu teria de devolvê-la.

—Então, não foi.

—OH, não! Eu fui. O Senhor sai muito a noite nestes dias e, em uma de suas saídas, escapei e pude vê-la.

— Estou feliz, Ralikhanta. Espero que tenha gostado.

— Sim, muito, senhora, muito. Lakmé me fez lembrar meu país e seus costumes, que eu não posso tirar do meu coração, mas o que eu mais gostei foi como a minha senhora cantou. Você foi abençoada por Alá, minha senhora. Você é metade mulher, metade anjo.

---

[55] Non Sancto: Não é sagrado em latim – é aplicado para a pessoa ou para a coisa que é considerada ruim ou pervertida: prostitutas, estupradores, assassinos, pedófilos, viciados em drogas, ladrões, criminosos.

Ele pegou sua mão e beijou-a, e saiu de casa tão rápido que ela não teve tempo para lhe agradecer os elogios.

* * *

No dia seguinte, Micaela lia em seu quarto quando Rubén avisou que um sr. a esperava no hall.

—Deve ser o jornalista do El Hogar.

Preparou-se antes de descer. No hall não encontrou a ninguém e procurou no vestíbulo. De pé, perto da entrada principal, Carlo Varzi observou-a vir. Micaela parou.

—Faz seis dias que te espero. Eu mandei o carro, como tínhamos combinado.

—Eu não... — gaguejou, e se calou.

Um silêncio se seguiu. O olhar turvo de Carlo Varzi a intimidou; não sabia o que fazer; não sabia se o mandava embora ou se o convidava a entrar. Convidá-lo a entrar! Em que diabos ela estava pensando?

—Esta noite não têm apresentação no Colombo. O carro vai te esperar na esquina. Melhor que venha.

—Não, não vou — disse incrivelmente segura.

Carlo avançou até ficar a um passo dela.

— Olha Marlene, é melhor você vir. Se você não vier, eu volto para te buscar. Mas te garanto que, quando voltar, vou estar furioso. E eu não vou ter paciência. Então, vou jogá-la no chão, e aqui mesmo te tomo outra vez.

Ajeitou o chapéu, deu meia volta e foi em direção à saída. Atordoada, Micaela se concentrou em sua vestimenta. Ele usava calças leves, um lenço de seda em volta do pescoço e um casaco que marcava a cauda, pequena e firme. Viam-se as perneiras[56] brancas. Os sapatos negros bicudos, com salto alto, símbolo dos arruaceiros, rangiam sobre no piso de mármore.

—Carlo! — gritou, e correu escadas abaixo.

Varzi parou na varanda e se virou. Micaela cobriu o trecho que os separava e disse:

— Leve-me agora, Carlo, quero ir com você agora.

Varzi a estudou seriamente antes de pegá-la pela mão e forçá-la a caminhar atrás dele. Abriu a porta da frente do carro e fez sinal para que ela subisse; então, contornou o carro e sentou ao volante. Ele ia dirigir uma faceta que ela não conhecia. Com a vista à frente e o gesto sério, ignorava-a. Seduzida por sua atitude, sentiu desejo dele.

O trânsito se tornou precário quando chegaram ao centro: carretas, carruagens a cavalo, camelôs cheios de ninharias e elementos de vime. As ruas eram estreitas e o tramway complicava a situação. Varzi, irritado, tocava a buzina e manobrava.

Ao chegar a San Telmo, Micaela caiu em conta de que era a primeira vez que o visitava de dia. A manhã limpa, plena de luz, não conseguia redimir a esse lugar. As casas velhas e ruídas, das quais entravam e saíam pessoas malvestidas, conferiam-lhe o aspecto deprimente que se apropriava de cada canto desse subúrbio. Um cão fraco ladrava depois da carreta do abacateiro, enquanto um grupo de meninos descalços tentava apanhá-lo. Havia senhoras sentadas nos saguões, atentas à rua; e era suficiente que passasse um carro para que cochichassem.

—Nem sempre foi o que é agora — falou Varzi, que pareceu adivinhar seu pensamento. — Faz uns anos, San Telmo era o bairro dos de sua classe. Em 1871, sobreveio a febre amarela e, quem não morreu, fugira para o norte, para o lado da mansão de seu pai.

Carlo deteve o carro frente à sua casa e, com um movimento de cabeça, indicou-lhe que descesse. Frida conversava na porta com uma jovem bastante bonita.

—Bom dia, Sr. Varzi! — saudou muito simpática. — Como vai?

---

[56]**Perneira** - Tipo de bota de couro masculina que protege as pernas, indo do joelho ao pé.

Carlo tocou a asa do chapéu e lhe dirigiu um sorriso encantador. Micaela o teria esbofeteado: para ela, os sorrisos sempre eram sarcásticos. Passou ao lado das mulheres sem saudar. Carlo arrancou com o carro e dobrou a esquina. Frida se despediu da moça e seguiu Micaela. Encontrou-a no vestíbulo um pouco desorientada.

—Boa tarde, senhora.

—Por favor, Frida, não me chame senhora. Chame-me Micaela.

—Te chamarei de Marlene, como faz Carlo. Venha querida.

Pegou-a pelo braço e a levou ao pátio. Sentaram-se sob a sombra da parreira. Micaela inspirou o ar fresco e o aroma adocicado da videira selvagem. Havia vasos com plantas saudáveis e floridas, recentemente regadas; o aroma de terra úmida a relaxou.

Embora Micaela recusasse tudo que lhe oferecia, Frida continuava com sua enxurrada de iguarias e bebidas. Uma vez que se deu por vencida, começou a detalhar os nomes de suas plantas e, sem perceber, a questão terminou na Alemanha. Frida, satisfeita em conversar com alguém familiarizado com seu país, deu lugar à nostalgia.

Micaela sentia-se estranha porque não conseguia entender o que estava fazendo à sombra de uma parreira com a governanta de Varzi falando sobre plantas e alimentos alemães; ela teve que aceitar que desfrutava, e, antes que ela pudesse perguntar a Frida sobre seu marido Johann, Carlo entrou pela parte de trás, olhou para ela e saiu para seu quarto.

—Vá com ele, Marlene — insistiu Frida. — Esperou muito tempo. Está ansioso por você.

Micaela ruborizou e ficou sem palavras. Frida levantou-se e saiu do quintal silenciosamente. Conseguiu se acalmar e recuperar o controle antes de ir para o quarto de Varzi. Encontrou-o afastado. Já tirava o lenço do pescoço e a camisa. Tinha deixado o chapéu e o casaco em uma cadeira. Ao redor do torso nu e fechado nas costas com uma fivela, um cinto de couro sujeitava a adaga. O tirou com destreza e pendurou-o em um cabideiro. Depois apoiou o pé direito na beirada da cadeira, levantou a barra da calça e tirou uma adaga pequena da perneira. Micaela olhava para ele, em êxtase, da porta que não ousava transpor; mas quando ele a notou, não foi capaz de sustentar o olhar. Baixou a vista e desejou que a terra a tragasse.

—Feche a porta e venha aqui — o escutou dizer.

Ela obedeceu-o submissa. Carlo jogou o chapéu e o casaco no chão, sentou-se na cadeira e a obrigou a ficar de joelhos. Afastou as mechas de seu cabelo e acariciou as maçãs do rosto.

— Você tem vergonha de mim, não é?

—Sim — respondeu Micaela, e ela queria acrescentar "e medo".

—Por que tem vergonha de mim, heim?

—Não sei por que. Tenho vergonha de você.

— Eu gosto disso — disse ele. — Eu gosto que seja envergonhada e inocente.

—Não sei o que estou fazendo aqui de novo.

— Nós estaremos juntos novamente, é por isso que você está aqui. Eu sei que você gostou da outra noite, eu senti que você vibrar debaixo de mim, você se divertiu tanto quanto eu, eu sei.

—Se disser essas coisas me sinto pior.

—Ai, Coitadinha! — zombou Carlo. — Tão tímida e inocente! Não fique zangada e muda essa cara. Bem, você gosta que eu te beije aqui — e beijou seu pescoço—, ou ele morda você aqui — e mordeu seu lábio—, ou que te toque assim — e acariciou seus seios.

O corpo de Micaela estremeceu e abandonou a rigidez. Consentiu o descaramento da boca de Varzi e a lascívia de suas mãos, que escaparam ao seu último vestígio de pudor. No entanto, e como um golpe, chocou-lhe a ideia de que estava ali para saciá-lo. Tornar-se consciente de que Varzi só precisava dela para satisfazer seu desejo sexual a humilhava, e teve que afogar o pranto. Naquele momento, ali, em seu quarto, não era muito mais que a Sonia, a prostituta que ela desprezava.

— O que está errado? — perguntou Varzi.

Acariciou-a com suavidade e a olhou docemente. Micaela não conseguiu conter as lágrimas e começou a chorar. Notou o desconcerto do Carlo e se sentiu bem quando ele a abraçou.

— O que está errado? Porque você está chorando? — insistiu. — Não chore, eu não gosto.

Eles acabaram na cama. Micaela tinha se acalmado e a opressão tinha deixado seu peito. Agora ela via com claridade: Carlo Varzi redefinia seu conceito de homem. Nem ser espiritual nem racional, a não ser um puramente sexual. E sua sensualidade a assustava, embora, maldito seja, a atraía sem remédio. Compreendeu também que logo depois de despertar entre seus braços já não seria a mesma; o espelho não lhe devolveria a imagem de sempre, nunca mais veria a Micaela Urtiaga Four, agora refletiria a Marlene. Marlene, a que se deitou com o Varzi.

Carlo tirou o resto da roupa e se deitou ao seu lado. Sem tocá-la, estudou suas feições um bom momento.

—Meu deus! —murmurou de repente. — Você é linda!

Micaela sorriu para ele, lisonjeada e satisfeita por gostar tanto dela. Pelo menos gostava.

—Quando te conheci aquela noite, no Carmesim — começou ela—, pareceu-me que seu rosto era o mais bonito que tinha visto. Foi estranho, também me deu medo. Seus olhos, especialmente, me atraíram. São lindos. Eu gosto muito dos seus olhos, Carlo.

— Você realmente gosta deles? Eu realmente pareço bonito para você?

—Não finja. Sabe que é lindo. Não é por isso que as mulheres são loucas por você? — perguntou irônica.

—Só me importa o que você pensa nada mais — assegurou ele. — Que você me veja bonito, isso é a única coisa que conta para mim.

—Sim, claro! — Ficou em silêncio alguns segundos, depois retomou sarcasticamente. — É você um homem muito vaidoso, Sr. Varzi. Pode-se saber, por que quer que eu o veja lindo?

— Você ainda não sabe? — Olhou-a com picardia e começou a tirar seu vestido. — Quero que me veja o homem mais bonito do mundo para que só me deseje. Quero que me deseje como eu desejo você. Quero que, quando estiver longe de mim, sinta o mesmo desespero que eu sinto. E quando me tiver perto, não possa evitar me tocar, como acontece comigo. Quero que pense em mim dia e noite, que tudo faça você lembrar-se de mim, até a coisa mais insignificante; eu vejo seu rosto e seu corpo aonde vou. Todos meus lugares estão cheios de você. Entende Marlene? Quero ser o único para você.

Surpreendida com semelhante confissão, ficou sem fala, e, enquanto ele continuava desabotoando a roupa acariciou os músculos de seus braços, beijou seus ombros e enredou os dedos no seu topete.

O erotismo descarado e implacável de Carlo a estremeceu e, embora um pouco assustada, deixou-o agir com liberdade. Entregou-se a ele e permitiu que ele fizesse o que quisesse. Terno e suave enquanto controlava aos sinais de amor, suave, inclusive romântico, não parava de perguntar "Está bem, pequena?"; acariciava-a, beijava-a. Um momento, ao notá-la insegura, sussurrou-lhe que não se preocupasse que não lhe faria mal, que iria devagar. Então se olharam intensamente, e a paixão que fluiu dos olhos de Varzi teria sido suficiente para subjugá-la com prazer, mas ele deu mais ao agarrar-se ao seu corpo e beijá-la com ardor, ao estudá-la avidamente com as mãos, ao revelar as partes íntimas e secretas que, soube sempre reivindicaria como próprias. Micaela respirou fundo e se abriu para ele. Mais consciente dessa vez, sentiu sensações que a dominaram, que a transbordaram. As pulsações aceleravam estranhas energias corriam através dela, e nasceu nela o desejo de não ser separada desse homem novamente.

* * *

O som de uma vibração na janela acordou-o. Ele se estendeu entre os lençóis e com a mão encontrou o corpo quente de Micaela. Alegrou-se ao vê-la ali, tão tranquila. Tinham gozado juntos, e, no momento de maior prazer, ela tinha pronunciado seu nome.

Levantou-se devagar para não a despertar. A vibração se repetiu e soube que devia ser cerca de quatro horas, momento em que Frida alimentava os pássaros. Através das frestas da veneziana, viu à mulher que jogava migalhas aos pardais e às pombas. Sonhou que seu mundo tinha mudado magicamente: sua esposa dormia na cama, sua mãe alimentava as aves a qualquer momento apareceriam crianças brincando de correr e gritando.

A fantasia se esfumou em um abrir e fechar de olhos. Marlene não era sua esposa, Frida não era sua mãe, ele não tinha filhos. O era um rufião. Olhou novamente para Micaela e recuperou o bom humor. Seu cabelo estava espalhado sobre o travesseiro; raios de luz filtravam por uma fresta e iluminavam a pele, que parecia cetim branco. Era mais do que jamais tivesse imaginado. Sorriu, abatido. Depois de dez anos de reclusão, as mulheres se converteram em sua obsessão; sempre havia alguma revoando, e, salvo o momento de prazer físico na cama, o resto do tempo queria a elas longe, estorvavam-no. Não com Marlene. Perguntou-se o que estaria acontecendo com ele que precisava tê-la perto, sempre. Esses seis dias de espera o tinham assustado, consciente de que agora dependia dela e de sua paixão.

Micaela entreabriu os olhos e ela encontrou Varzi de pé na frente da mesa, completamente nu, empenhado em uns papéis. Manteve silêncio para olhá-lo quanto quisesse. Carlo guardou os documentos na gaveta e anotou algo em uma caderneta. Dirigiu-se ao roupeiro e tirou uma muda de roupa. Passeava pelo quarto com impetuosidade. Seus movimentos naturais e livres realçavam o corpo nu. Micaela o contemplava com admiração, pois era magnífico.

— Você não está dormindo? — perguntou Varzi.

—Olhava-te — confessou.

Carlo encontrou com uma menina em sua cama. Grandes olhos inocentes, rubor nas bochechas. Suas pequenas mãos segurando os cobertores na altura do queixo. Deixou a roupa e se aproximou.

—Olhava-me? — repetiu, e tirou o lençol de cima dela. —E vai me dizer que nada te passava pela mente?

—Pensava também que isto parece um sonho. Depois de tudo o que aconteceu a nós, ainda me custa acreditar que…

—Que sejamos amantes? — Sugeriu ele.

Amantes. E outras palavras que vieram à mente, entre elas furtivo e proibido; imoral, adicionou logo sem maior convicção; por fim, insano e perigoso, que, aparentemente, descreviam com sinistra precisão o que significava ser mulher de Varzi.

—Somos amantes — afirmou Carlo, e se perdeu em seu pescoço.

Estremeceu-a o som rouco de sua voz, cheio de segurança, e desejou que não voltasse a referir-se ao que havia entre eles com tanta certeza, principalmente quando ela ainda se perguntava que fazia ali.

—Tenho que ir — assegurou Micaela, e abandonou a cama envolta no lençol.

— O que foi Marlene? — perguntou Carlo, zangado, louco de desejo.

—Tenho que ir. Que horas são? Deve ser muito tarde.

—São quatro e meia.

—O que? Por Deus! Faz horas que saí da casa de meu pai. Devem estar me procurando.

—Mas, Marlene… — E tentou abraçá-la.

— Pare com isso, por favor, eu tenho que ir.

Carlo se irritou, não com ela, com a situação: para ele, seus momentos foram roubados, clandestinos. Tentou afastar o mau humor, não queria despedir-se zangado. Recolheu a roupa do chão e a entregou. Logo, colocou um roupão e abandonou o quarto sem dizer uma palavra.

Ao retornar, Micaela tinha se trocado e estava escovando o cabelo. Tomou-a pela cintura e a olhou seriamente.

—Amanhã te mando o carro. Vai estar no mesmo lugar que hoje.

—Carlo eu não sei…

—Não Marlene. Não há mais desculpa para mim.

Ele segurou seu rosto com as mãos e tomou posse de seus lábios quase violentamente. Micaela matou o último vestígio de insegurança, convencida de que no dia seguinte iria encontrar seu amante.

* * *

Micaela encontrou Moreschi e Cheia à beira da histeria. Rafael, teimando almoçar com a filha, e eles que não sabiam onde estava. O jornalista do El Hogar esperara mais de duas horas. Rubén os colocou na pista dizendo-lhes que um homem tinha vindo buscá-la.

—Vestido de compadrito[57] — adicionou o mordomo, com desprezo.

Cheia e Moreschi trocaram olhares de horror: Varzi. Bastou a Micaela olhá-los para adivinhar que intuíam sobre sua escapada com o Carlo. Subiu os degraus rapidamente para não lhes dar tempo de falar. Moreschi voltou para a sala com gesto resignado, sentou-se frente ao piano e começou a brincar com as teclas. A mama, ao contrário, seguiu-a enfurecida.

—O que te passou pela cabeça! Sair com um homem assim! Poderia abusar de você! Poderia te matar!

—Ai, mama! Não exagere. Como você acha que poderia me matar?

—E têm o topete de me perguntar isso — bramou a negra. — Quase mata seu irmão com uma faca, é um cafetão, vive entre prostitutas e bandidos, gerencia bordéis. O que quer que pense? Que é um anjo do Senhor?

A enumeração correta dos assuntos do Varzi a curvou. Sim: cafetão, chefe de um exército de capangas, exímio com facas, homem de baixo calão, mas terno com ela como ninguém o tinha sido. Sabia que era tão desejada por ele que nada dito anteriormente contava.

—O que fez com ele todo o dia? Suponho que não terão falado de ópera, não é?

—Não, claro que não. Somos amantes — acrescentou muito solta.

Convencida de que sofreria uma vertigem, a mama se deixou cair sobre a cama.

* * *

[57]**Compadrito**: como era chamado um jovem de modesta condição social que vivia nas margens da cidade... Algo como um gaúcho natural. "O compadrito está associado ao tango porque foi um dos protagonistas da criação do gênero."



Capítulo XIX

Surpreendida pela notícia, Cheia confirmou à Moreschi o caso entre Micaela e o suburbano e, por dias, não lhe dirigiram a palavra. Sem se importar, Micaela continuou vendo Varzi, entregue aos momentos maravilhosos que viviam juntos, os mais felizes que se lembrava; nada tinha lhe dado tanto prazer.

Depois de um tempo, a mama e o professor chegaram a admitir que Micaela parecia radiante. Era seu melhor momento como soprano, apesar de ensaiar pouco. Lakmé tinha terminado. Agora se preparava para a última ópera da temporada, La Traviata, de Verdi. No ano anterior, tinha interpretado o papel de Violeta Valéry em um festival de música em Veneza e o dilacerador "É Tardi" do terceiro ato a tinha consagrado como "a" Violeta do momento. Os portenhos aguardavam com ansiedade sua atuação.

Com a desculpa dos ensaios, Micaela rejeitava os convites e se esquivava da insistente Otília, que não parava de chamá-la para eventos de caridade, desfile de modas ou jantares com evidente intenção de sentá-la junto ao Eloy. Compartilhava seu tempo livre exclusivamente com Varzi, que enviava o carro logo depois dos ensaios no Colombo cada vez mais frequentemente.

Micaela chegou à casa de San Telmo e Frida saiu para recebê-la.

—Carlo ainda não chegou — informou, aflita. — Saiu cedo e ainda não voltou. Mas é melhor assim, — pensou bem — eu realmente queria conversar com você...

Como o calor já não permitia que sentassem sob a parreira, elas conversavam na sala de jantar ou na cozinha, enquanto Frida continuava com os afazeres domésticos. Em outras ocasiões, lanchavam na sala enquanto os discos que Carlo tinha comprado para Micaela soavam no fonógrafo. O chá ao ponto, os confeitos deliciosos e a música de fundo criavam o local ideal para o bate-papo de Micaela e Frida que parecia não ter fim, pois um assunto se juntava com outro. Micaela tinha se dado conta de que a alemã não gostava de falar de Carlo e seus negócios, nem sequer da relação com seu marido Johann, e, por prudência, não insistia, embora se roesse de curiosidade.

Depois de um tempo, ela começou a se preocupar, ansiosa para Carlo chegar, para tomá-la em seus braços e fazer amor com ela novamente e novamente, com intervalos de sono. Às vezes comiam algo ou tomavam banho juntos. A tarde passava e eles teriam jurado que se tratava de minutos. A paixão os afundava em uma dimensão sem tempo ou espaço; apenas seus corpos e uma cama para deitar; o resto era fútil.

Quando chegou, Varzi não estava disposto a compartilhá-la com ninguém. Frida desligou o fonógrafo, recolheu a mesa e partiu à cozinha. A casa voltou a ficar no silêncio de costume; entretanto, algo no ambiente lembrou-lhe as noites tumultuosas no bordel de La Boca. Carlo colocou a pua sobre o disco de massa e um tango começou a soar. Pegou-a pela cintura e disse ao ouvido que sentiu falta dela o dia inteiro.

Micaela dançava livremente, despojada de medos. Não temia ao toque de suas mãos, de sua perna na dela, da respiração excitada que golpeava seu rosto. Os momentos de repressão foram deixados para trás; agora fazia o que queria. E, embora a música continuasse com seu som melancólico e canyengue[58] no fonógrafo, a dança durou pouco, e, se não fosse pela negativa de Micaela, Carlo a teria tomado no chão da sala.

As noites de Varzi não lhe pertenciam, ela não tinha o direito de questioná-lo ou de se sentir chateada, sabia que não valia a pena atormentar-se, as regras do jogo eram claras e ela tinha

[58]O tango **canyengue** era o dançado nos subúrbios e pelas prostitutas nos cabarés por sua maneira extremamente sexual e provocativa devido a suas características de interpretação.

que aceitá-las. No entanto, a ideia de Varzi em seus bordéis, cercada por mulheres gananciosas e sem preconceitos, que dariam qualquer coisa para dançar o tango com ele, a perturbava até as lágrimas. Agora compreendia o ciúme de Sonia.

* * *

Carlo, deitado de bruços na cama, recebia satisfeito as carícias de Micaela.

—Por que você suspira? — quis saber a jovem.

Varzi se virou, colocou a cabeça no travesseiro e esticou os braços para tocar suas bochechas.

—O que acontece? — insistiu a jovem.

—Estou contente. Mais que contente, estou feliz.

O coração da Micaela vibrou e uma alegria inefável inundou seu peito. Satisfeita e lisonjeada, segura de ser a causa da felicidade de seu amante, preparou-se para ouvir a confissão que finalmente faria.

—O que te faz tão feliz? — perguntou.

—Hoje pela manhã recebi um telegrama da senhora Bennet…

—A senhora Bennet? — interrompeu Micaela, sem esconder a decepção.

—A institutriz da minha irmã. Lembra-se que te falei?

Micaela apenas assentiu e Carlo continuou transbordante.

—O telegrama diz que minha irmã já teve o bebê. Um varão! Estou que não posso de felicidade!

Micaela olhou Carlo durante um longo tempo, incapaz de impedir que a desilusão se transformasse em ressentimento: ela nada tinha a ver com seu estado de ânimo.

—Não vai me perguntar nada? Afinal, também se trata de seu sobrinho. A senhora Bennet diz que seu irmão vai dar seu sobrenome e que, até o momento, Gioacchina fez objeções. Por acaso não te interessa?

—Não… Sim! … Quero dizer… Claro que me interessa! Como não! Meu primeiro sobrinho. Estou muito feliz.

Embora continuasse a ensaiar frases curtas, acompanhadas de exclamações e sorrisos fingidos, a desilusão não a abandonou e a desilusão se misturou com a culpa por não estar feliz com o nascimento do filho de Gastón María. Ele tentou manter sua aparência boa perguntando-lhe os detalhes, enquanto o fazia, abandonava a cama e começou a se vestir. Para Varzi, absorto em sua história, não parecia se importar. Que vai se chamar Francisco, que é são, que com certeza se parece comigo, que isto, que aquilo. Micaela o olhou de esguelha e pensou que, em outra ocasião, ele teria rogado que ficasse; agora, pelo contrário, dava-lhe a roupa íntima e os sapatos.

Deixou a casa de San Telmo humilhada e deprimida. O carro estava esperando por ela na calçada e subiu sem olhar para trás. Carlo a observou partir da janela com um gesto sombrio que amargurava seu semblante.

Micaela tentou tranquilizar-se, embora suas ideias não a ajudassem. Ao lado de Carlo Varzi vivia os melhores momentos, além de outros escuros e confusos que davam vida à pergunta que tanto a angustiava e que se repetia com uma insistência irritante: O que ela significava para o Varzi? Um momento na cama? Um momento desejável, apetecível, sim, mas nada mais; um momento similar a tantos outros compartilhados com mulheres mais de acordo com suas exigências. Bateu na janela do carro quando percebeu que estava se apaixonando por ele. Varzi, por outro lado, nunca havia falado de amor. Chegou à casa de seu pai e se esgueirou pela área de serviço.

—Micaela! — a voz de Moreschi a deteve no patamar da escada. — Quero falar com você.

Entraram na sala de música. Micaela quase arrastava os pés, sem ânimos para discutir assuntos relacionados com os ensaios, La Traviata, o Colombo e essas coisas.

—Quero falar com você sobre o Sr. Varzi, se posso chamá-lo de senhor.

Ele a pegou de surpresa. Deixou a cadeira e caminhou até a janela.

—Faz tantos anos que estamos juntos, querida, que acredito ter o direito de te falar sobre este assunto. Além de ser minha pupila, eu te quero como a uma filha. É uma jovem encantadora, pura e boa, além de talentosa e inteligente. Como não ia chegar a te querer como te quero?

—Professor — exclamou Micaela, comovida. — Obrigado. Eu…

—Deixe-me continuar. Para mim não é fácil falar disto e acredito que para você não é fácil escutar dos meus lábios.

Com o olhar no chão e as mãos cruzadas, Micaela voltou a sentar-se.

—Vi os homens mais ricos, elevados e cultos da Europa caírem rendidos aos seus pés. E vi também como os rejeitou. Não posso compreender, então, o motivo que te leva a manter uma relação com um homem tão baixo, sem moral nem honra.

Micaela levantou o olhar e tentou rebater o ataque de Moreschi, mas não encontrou palavras.

—Eu te imploro — continuou Alessandro—, me diga se… —A porta se abriu.

—OH, desculpe-me, professor! — desculpou-se Cheia. — Pensei que não havia ninguém na sala.

—Entre, Cheia, por favor. É importante que você participe desta conversa. Como te dizia — prosseguiu Moreschi—, me diga se esse homem te obrigar a ser… Bom… Você sabe.

—Sua amante? — Sugeriu ela. — Não, ele não me obriga. Sou sua amante por vontade própria.

—Como pode ser possível, Micaela! — explodiu Cheia. — Um homem como ele, do pior tipo! Fico com Jesus na boca cada vez que vai a sua casa. Não há nada além de desonra em seus encontros com ele. Esse homem não tem moral. Esse homem põe sua vida em perigo em cada ocasião. Leva-te a cometer um grande pecado.

—Não, não é verdade — disse Micaela, e ficou de pé. — Aqui, nesta mesma casa, há mais desonra e indecência que na de Varzi. Aqui me rodeiam mais perigos que quando estou com ele.

—Micaela, o que você está dizendo! — escandalizou-se a negra Cheia. —Eu não permito que diga isso!

—Não me permite? — disse incrivelmente segura de si. —Exceto você e o professor, nesta casa se vive com hipocrisia e falsidade.

Cheia precisou se sentar. Moreschi teve que pedir a Micaela para se acalmar e explicar a natureza de sua acusação.

—Acredito que tudo está claro, professor. De qualquer maneira, vou explicar. Você poderia chamar meu irmão de honrado e decente? A meu irmão, que persuadiu e engravidou uma jovem inocente que ele mais tarde abandonou ao seu destino? Sem esquecer, é obvio do espetáculo que se foi quando, arrastando-a, quis obrigá-la a praticar um aborto.

—Micaela! — disse Cheia exasperada. —Cale-se!

—Não, mama. É hora de pôr as cartas na mesa. Você poderia chamar decente a Otília, uma mulher que só vive para as aparências, que só se importa se suas amizades e relações são para se tirar proveito? Uma mulher ambiciosa, sem escrúpulos, que se casou com meu pai por dinheiro e posição? Não me olhe com essa cara, mama Cheia, ou terei que te considerar você hipócrita e mentirosa também. E, por favor, não me faça falar de meus tios e tias; embusteiros e aproveitadores. O pior de todos: tio monsenhor. Velho inquisidor!

Neste ponto, Cheia fez o sinal da cruz e começou a chorar. Moreschi tentou acalmá-la, em vão. Micaela continuou a discussão sem se importar com as lágrimas de sua babá.

—Possivelmente pensam que o fato de levar sobrenomes "patrícios" e ter dinheiro os exime de ser indecentes e amorais. Eu digo que não! E mais, ser assim, ricos e cultos, impõe-nos obrigações. Fomos beneficiados com muitas coisas materiais e espirituais, devemos devolver ao mundo parte do que recebemos. Ao contrário, aqui só encontro ambição desmedida e falta de caridade. Por exemplo, não vejo meu pai, como senador, fazer nada pelas pessoas que vivem na parte sul da cidade, amontoados, famintos e doentes. Vejo meninos fracos, mirrados, sem sapatos nem roupa decente. Meninos que trabalham desde muito pequenos! E o senador se debate com a oposição por uma parte maior de poder. Enquanto o povo morre de fome!

—Se essa gente, da parte sul da cidade, é tão pobre — opinou Cheia—, deve ser porque merece.

—Não posso acreditar que você diga isso, mama Cheia. Você, que foi pobre como os ratos! Você, que padeceu a falta de tudo!

—Micaela, minha querida, por favor, acalme-se —pediu Moreschi. —Venha, sente-se e faça uma pausa. O que você diz é verdade e muito sábio, mas o ser humano é assim, ambicioso e maligno, falso e egoísta. Não podemos fazer nada para mudá-lo. Você nunca estará a salvo de tais coisas. Eles são próprios da natureza do homem. O que podemos fazer? Mas Carlo Varzi é, além disso, um homem perigoso, capaz de matar. Tenho medo de que te faça mal. Tenho medo de que te mate.

Micaela riu de forma afetada, e surpreendeu Cheia e Moreschi.

—Têm medo de que Varzi me faça mal? De que me mate?

—Micaela, basta, não ria! — ordenou Cheia. — O que têm para nos dizer em sua defesa? Não se esqueça de que ele esfaqueou seu irmão e quase o mata.

—Você sabe muito bem que ele fez isso para defender Gioacchina, além disso, ele não tinha intenção de matá-lo, só assustá-lo.

—Ah, bem, assim me deixa mais tranquila! — disse Cheia, sarcástica. — Espero que, quando tocar você, também tenha intenções de só te ferir e não te matar.

—Não acredito —retomou Micaela. — Às vezes fere com toda a intenção de matar, como fez com o asqueroso Miguens.

Moreschi e Cheia a olharam confusos.

—Não corro nenhum perigo com Carlo Varzi, fiquem tranquilos — assegurou mais sossegada. — Ele me cuida e me defende. Como aquela noite em que Miguens me encontrou no Carmesim. Parece que era habitué. Saibam que o "bom homem" gostava de práticas violentas com as prostitutas? Já tinha maltratado várias moças, e por isso Carlo tinha proibido seu acesso a qualquer um de seus bordéis. Naquela noite ele entrou e me viu no salão. Ele me seguiu até o camarim e tentou me estuprar.

—Deus Santo! — interrompeu Cheia.

—Por favor — retomou Micaela, com a vista baixa—, não me peçam detalhes. Cada dia eu tento esquecer esses momentos. Eles me enchem de desgosto e vergonha... Carlo o tirou de cima de mim antes que... Tirou-o de cima a tempo. O muito cínico o atacou com uma faca que tinha escondido. Carlo estava desarmado. Defendeu-se com umas tesouras e brigaram. Foi espantoso! — Segurou o rosto e soluçou uns instantes. — O resto eu não me lembro. Desmaiei.

Houve silêncio. Cheia e Moreschi não sabiam o que fazer ou dizer. O relato sórdido, quase inverossímil, os invadiu, lhes tirando qualquer possibilidade de reação. Ao ver que sua pupila se dispunha a abandonar a sala de música, Alessandro voltou à sua ideia original: separá-la de Carlo Varzi, por assim dizer.

—Nada teria acontecido se não tivesse estado nessa maldita pocilga, o Carmesim.

—Claro! — disse Cheia.

—Você não se perguntou o que aconteceria se a imprensa soubesse que a Divina Four anda com um amoral de La Boca? Alguma vez te passou essa idéia, pela cabeça? Não, você não percebe que seria o fim de sua carreira? Não pode continuar com ele —rematou o homem.

"Continuar com ele?", Micaela repetiu para si mesma. Olhou para eles tristemente e sorriu com resignação antes de sair da sala.

—Está completamente apaixonada por esse maldito —lamentou Cheia.

* * *

Micaela subiu correndo as escadas, entrou no quarto e se jogou na cama. "Continuar com ele?", repetiu. Chorou amargamente porque sabia que era loucura. Não demoraria muito para que Varzi a tirasse de sua vida. Ela era uma de muitas. Maldito o momento em que se sentiu sua mulher! Para ela, ser sua mulher significava ser sua única mulher, e sabia que um homem como ele jamais teria só a uma. Seu ser sexual, seu machismo avassalador, seu entorno abjeto, sempre o empurrariam para a lama, e, por mais que o tenha defendido frente à Moreschi e Cheia, Varzi não estava longe da descrição que seu mestre lhe dera.

No dia seguinte, a notícia de que o carro de Carlo estava esperando por ela na outra quadra fez com que ela esquecesse a noite ruim e as reflexões atormentadas, especialmente porque não estavam acostumados a se encontrar às terças-feiras.

—Tem certeza de que é o carro do Sr. Varzi? — perguntou a Pascualito, sem incomodar-se em ocultar a ansiedade.

—Sim, senhorita. O Cabecita mesmo está ao volante.

No caminho para San Telmo, Cabecita disse-lhe em voz congestionada que algo assustador tinha acontecido no Carmesim e Micaela se alterou ao pensar que tinha que ver com o Carlo.

—Fique calma, Marlene, não aconteceu nada ao Napo... Trata-se de Polaquita. Pobre Polonesa! —exclamou.

—Não me mate de ansiedade, Cabecita, e diga-me o que aconteceu!

—O "mocha línguas", isso aconteceu.

Um frio percorreu sua coluna vertebral e sua pele arrepiou.

—O que quer dizer com o "mocha línguas”? —Balbuciou.

—Ele matou Polaquita ontem à noite. Ele cortou sua garganta e cortou sua língua.

—Não, Meu deus!

Cabecita completou a história com detalhes assustadores. Embora as meninas de Varzi fossem proibidas de deixar os bordéis com os clientes, Polaquita tinha desobedecido. De acordo com Mabel, a menina há muito queria deixar essa vida. Outra das meninas disse que Polaquita tinha um cliente secreto que tinha prometido tirá-la do bordel e torná-la sua esposa. Ninguém o tinha visto. A condição imposta tinha sido total discrição. Polaquita o fez entrar no local incógnito e rapidamente o acompanhou em uma das salas do piso térreo. Ontem à noite foi encontrada morta no quartinho de um cortiço não muito longe do Carmesim.

—E como de costume, a língua não aparece em lugar nenhum—adicionou Cabecita. — Não imagina como Napo está! Está como se levasse o diabo! Se pegou com a gente. Às garotas deu um sermão de padre. Ao Tuli não sei o que disse que o fez chorar. Até Cacciaguida ligou. Quase me mata porque diz que ontem à noite não estive atento e deixei que Polaquita escapasse. Depois me gritou para que fosse te buscar e que não voltasse até te encontrar. Ainda bem que te encontrei Marlene. Espero que ele não te dê um sermão também.

Micaela perguntou se a polícia tinha alguma pista.

—De jeito nenhum! A cã está perdida. Não sabem para onde rachar. Varzi ligou-se com os chefes, os caras grandes, você sabe, e eles estão tentando averiguar algo.

Nesse ponto, Micaela se lembrou de Mudo. Possivelmente Varzi convivia com o assassino e não se dava conta. Sentiu um pânico atroz.

—Pobre Polonesa! — disse Cabecita. — Sabe Marlene? O muito filho da puta antes de matá-la pôs uma peruca negra e pintou uma pinta perto da boca.

—Eu sabia sobre a peruca, mas uma pinta negra?

—Parece que faz isso com todas. Peruca negra e pinta perto da boca. Depois as degola e corta a língua.

Na casa de Varzi, uma das empregadas veio informá-la de que Frida tinha saído, e Micaela preferiu esperar por Carlo no quarto. A intimidade que encontrou no quarto a tranqüilizou. Ficou surpresa ao perceber que ela nunca ultrapassou as bordas da cama ou banheira. Não tinha ideia do que estava no armário, ou nas gavetas da mesa, ou no armário do banheiro. Ansiava se acostumar com suas coisas, queria conhecer suas roupas, seus artigos de higiene, seus papéis. Abriu uma gaveta do guarda-roupa e encontrou a foto de Gioacchina. Observou-a por um longo tempo, e se culpou novamente pelos sentimentos infames que sentira no dia anterior. Admirou-se com a candura de seu semblante e a doçura de seus olhos tão bonitos. Ela era a única coisa que Varzi amava. Tentou dissipar a raiva e o ciúme sem sucesso, e novamente enfrentou a discussão que tinha deixado na tarde anterior. Fechou a gaveta e se dirigiu a penteadeira para refrescar a cabeça.

Aventurou-se no nécessaire masculino, ávida de curiosidade: uma broxa com cabo de marfim e uma navalha fazendo jogo, uma loção de lavanda que reconheceu como a que impregnava os lençóis e sua roupa, um frasco com pomada branca e outro com goma Brancato. Cheirou as toalhas e o conhecido aroma a encheu.

Escutou um ruído no quarto e soube que se tratava dele. Tomou uns instantes serenar-se.

—Estava aqui! —surpreendeu-se Varzi. —Cabecita me disse que havia te trazido. Pensei que estava com a Frida na cozinha.

—Frida não está, saiu.

Micaela não disse mais nada, fechou a porta do banheiro e se sentou na cama. Varzi olhou-a seriamente enquanto tirava o casaco e o lenço de seda.

—Vêm aqui —ordenou, e ela se aproximou com prontidão.

Rodeou-a com seus braços e a apertou contra ele. Beijou-a repetidamente nos lábios, na testa, nos olhos, nas bochechas, puxou-lhe os cabelos para trás, acariciou suas costas, enterrou o rosto no pescoço e beijou-a de novo e a abraçou para respirar.

—O que acontece, Carlo?

—Nada acontece. Eu quero você perto de mim. Tão perto. Que ninguém te machuque. Eu quero te proteger de tudo e de todos.

As palavras de seu amante a reconfortaram como nada, e tentou armar com elas o mais parecido a uma declaração de amor. Emocionada, pediu-lhe que a fizesse dele.

* * *

Passava o tempo e Carlo não comentava sobre o assassinato de Polaquita.

—Cabecita me contou do "mocha línguas"— esboçou insegura.

Carlo resmungou e parou de acariciá-la.

—Sabia que esse otário não ia se conter.

—De qualquer maneira, eu saberia pelo jornal — disse ela.

—Não, este assassinato não vai sair no jornal. Já arrumei isso.

Micaela se alterou ao vislumbrar pela primeira vez sua influência e domínio.

—Soube algo mais? — continuou. — A polícia descobriu algo? — Carlo negou com a cabeça e tentou fazer uma careta de aborrecimento. —Não quer falar do assunto, não é?

—Não quero desperdiçar o tempo que tenho com você falando de assassinato. Basta.

—Tenho medo —confessou Micaela.

—Do que têm medo? — Carlo a abraçou e a beijou. — Vocês não têm que ter medo de nada. Eu cuido de você.

—Não, não tenho medo por mim. Tenho medo por você. De que algo te aconteça.

—Medo por mim?

—Onde esteve Mudo ontem à noite? — disse sem preâmbulos, e Carlo levantou as sobrancelhas. — Por que você faz essa cara? O que há de errado em querer saber onde ele estava na noite passada?

—Por Deus, Marlene! Que ideia entrou em sua cabeça? Mudo esteve comigo toda a noite, não se separou de mim um instante.

—Seguro?

—É obvio que estou seguro! — exclamou farto de um interrogatório ao que não estava acostumado. —Além disso, Mudo é a pessoa em que mais confio, meu homem mais fiel.

—Ah. A pessoa em que mais confia… E em mim, Carlo, confia em mim?

—Que estranha está hoje! Que inseto te picou! Você é uma mina. Não confio nas minas. Sempre se acaba sofrendo se confiar em uma mina. Vocês são todas umas falsas.

Micaela virou as costas, magoada pela resposta. Deixou passar uns instantes e, sem se virar, perguntou-lhe por que a mandara chamar se não se viam naquele dia.

—Está curiosa hoje. Prefiro você calada, como de costume. Por que você acha que eu mandei te procurar? Porque eu estava desesperada para te ver. Eu não aguentava mais. —Beijou-lhe as costas e lhe acariciou as nádegas nuas. — Ah, Meu deus! O dia inteiro eu imaginei este corpo junto ao meu.

Ela fechou os olhos e parou de respirar enquanto as mãos de Carlo deslizavam pela curva de sua cintura. O poder que tinha sobre ela era incomensurável, conseguia apagar com uma simples carícia os temores e inseguranças a dominaram quando ela estava longe dele.

—Pergunto-me se teria existido alguma vez amor maior que o de Abelardo e Eloísa — comentou Micaela, ao bordo da rendição.

—Não sei quem terão sido esses dois —disse Carlo, brincando —, o tal Abelardo e a tal Eloísa. O que sei é que não existiu nem existirá o desejo que meu Abelardo sente por sua Eloísa. — E apenas roçou os pelos pubianos.

Micaela riu divertida e voltou a olhá-lo.

* * *



Capítulo XX

—Mandou dizer pelo Pascualito que não pode vir — informou Cabecita, quase com medo.

Sem levantar a vista dos papéis, Carlo despachou o capanga.

—Maldita seja! — amaldiçoou, depois de fechar a porta. — Maldita seja Marlene! —repetiu, com um golpe sobre a mesa.

Fazia quatro dias que não a via. A primeira inquietação se converteu em desespero que começava a tornar-se angustia, uma angústia que o inundava em um desassossego que não tinha experimentado antes. A desculpa da estreia da La Traviata já não servia. Ele não era tolo: Marlene fugia, não desejava vê-lo. Por quê? A última vez eles tinham vivido um momento incrível, possivelmente o melhor, embora também recordasse havê-la notado estranha, insegura entre seus braços.

A angústia, o desespero e a tristeza o enfureceram: Marlene tinha o controle. O que estava lhe acontecendo que não podia passar um dia sem vê-la? Vagava pelas salas da casa como um leão enjaulado procurava-a nos cantos, na sala, onde dançavam o tango, no pátio de parreiras, onde conversava com a Frida, em sua cama, onde faziam amor. Nos bordéis, distraía-se, repetia as ordens, esquecia-se de assuntos importantes, perdia os papéis. Não dançava o tango com ninguém, e desconcertava seu pessoal que comentava a mudança do chefe.

—Maldita Marlene! — exclamou.

Alguém bateu na porta, e Carlo convidou a entrar. Sonia entrou e fechou a porta atrás de si.

—Olá, Napo — saudou insinuante, enquanto se aproximava.

—O que faz aqui? — bramou Carlo. — Disse-te que não queria voltar a te ver no Carmesim.

—No clube de San Telmo não me querem. Além disso, a imbecil da Marlene não trabalha mais aqui. Não foi por ela que me tirou do Carmesim? E agora que Polaquita não está, faz falta uma boa fêmea como eu, não te parece, querido? —Acariciou sua bochecha e lhe roçou os lábios.

—Aqui que dá as ordens sou eu. Volte ao bordel de San Telmo e não volte mais.

—Ey, que humor! O que está errado? Marlene não te dá uma bola? Cansou de você? Talvez ela encontrou outro macho e te deixou.

A ideia de Marlene nos braços de outro o descontrolou e esteve a ponto de esbofetear Sonia.

—Epa, que mau humor! — protestou a mulher. — Parece que acertei. Marlene te abandonou.

Carlo a pegou pelo braço e a arrastou até a porta.

—O que eles dizem sobre você é verdade, então — disse Sonia, em uma última tentativa. Que a idiota da Marlene tem você como um louco pode se ver claramente. Você não é mais o mesmo. Dizem que você parece um zonzo, baboso atrás dessa estúpida. Parece mentira, che, que um macho como você se deixe dominar isso por uma papirusa inexperiente!

—Deixa de dizer besteiras! — trovejou Carlo. — Cale-te ou te faço engolir as palavras. Sou o mesmo de sempre. A mim nenhuma mulher move um fio de cabelo, entendeu? Nenhuma.

—Demonstre-me isso então — ordenou Sonia.

* * *

—Cabecita estava jogando faíscas, senhorita — comentou Pascualito. — Diz que o Napo vai ficar furioso. Faz quatro dias que a espera.

—Pode se retirar — disse Micaela, de mau humor.

O assunto com Varzi estava fora de controle, até os criados opinavam. Tinha dirigido mal as coisas desde o princípio. Muita gente junta que falava sem autoridade; não devia ter contado

a ninguém. E mais, ela não deveria ter sucumbido à grande atração de Carlo Varzi. Na verdade, ela não deveria ter aceitado o convite para jantar naquela noite, aquela primeira noite. A propósito, teria sido melhor não ter cantado no Carmesim. Na verdade, não tinha que ter ido ao prostíbulo na noite que Gastón María chegou ferido. Conhecer Varzi tinha significado o maior revés do seu destino: era suficiente vê-lo uma vez para ficar enfeitiçada, tanto que, desde esse momento em adiante, só fez o que ele lhe disse.

Ela se sentia presa, nas mãos de alguém sem compaixão ou escrúpulos. Não voltaria a cair sob sua influência, se absteria de retornar à casa de San Telmo embora lhe custasse lágrimas pelas noites. Moreschi tinha razão: a relação com Carlo não tinha rumo certo. O que pretendia? Que lhe propusesse casamento?

"Cabecita estava jogando faíscas, senhorita. Diz que o Napo vai ficar furioso." Assustou-a saber, que com sua decisão de não voltar a vê-lo, feria o orgulho de macho e compadrito. Teve medo e pensou nas mil formas que usaria para extorqui-la. Sabia muito a respeito dela e de sua família.

Bateram na porta. Rubén, extraordinariamente exaltado, pediu que se apressasse alguém a esperava no hall. E se fosse Varzi? Ai, Deus bendito! Um tremor sacudia suas pernas enquanto descia a escada. Antes de entrar na sala, inspirou profundamente, arrumou a blusa e o cabelo. Não estava preparada para o que seguiu: de pé perto da lareira, Gastón María e, sentada junto a ele, uma jovem com um bebê nos braços. Apesar de seu semblante pálido e cansado, não lhe custou reconhecer a Gioacchina.

Permaneceu muda, com o olhar fixo na cena. Não podia reagir enquanto via que seu irmão avançava em direção a ela. Quando o teve a uns passos, deu-se conta de que brilhavam seus olhos. Abraçaram-se, soluçaram e Gastón María lhe pediu em um sussurro que o perdoasse. Micaela optou como resposta apertá-lo e beijá-lo nas bochechas.

—Micaela, eu quero apresentar minha esposa, Gioacchina, e nosso filho, Francisco.

Gastón María se aproximou da jovem e a ajudou a levantar.

—Sua esposa? — balbuciou Micaela.

—Sim, casamo-nos ontem e decidimos retornar hoje mesmo. Eu não podia esperar para apresentá-la — assegurou e lhe rodeou a cintura.

Micaela carregou seu sobrinho, a quem encontrou incrivelmente parecido ao seu tio Carlo. Entrou Cheia, seguida pelo Moreschi, e continuaram as apresentações. A mama monopolizou o menino que parecia gostar do seu colo porque dormiu logo. A agitação atraiu Rafael, logo a Otília. Por fim, chegou Eloy, que ia a uma entrevista com Urtiaga Four, e se uniu ao desconcerto geral.

Por um momento, Micaela abstraiu-se e olhou para a família de um canto. O gesto dos poucos amigos de seu pai tinha cedido graças ao rosto bondoso e a voz doce de Gioacchina, à ternura do menino e a assombrosa mudança de atitude de seu filho, onde a jovialidade quase impertinente tinha dado lugar a uma compostura e circunspeção que levaram Rafael a consentir sem falar. Micaela ficou atônita ao ver, pela primeira vez, um gesto sincero em Otília, que insistia em pegar a criança, enquanto Cheia se mostrava relutante em entregar-lhe. Mesmo Eloy, sempre sério e lacônico, parabenizou Gaslón María e a sua esposa, e lhes dirigiu lindas palavras.

Mas faltava Carlo. Ele, possivelmente, mais que ninguém, merecia desfrutar deste triunfo, sem pensar duas vezes, e esquecendo-se da terminante decisão de momentos atrás, resolveu ir buscá-lo, ansiosa por compartilhar a feliz noticia e lhe dizer que Francisco tinha seus mesmos olhos enviesados e pequenos.

Disse a Pascualito que a levasse a mansão de San Telmo, mas logo, na metade caminho, percebeu que o encontraria no Carmesim. Ao chegar, subiu depressa as escadas. Não o achou em seu escritório, e, ansiosa, abriu a porta do quarto contiguo. Carlo e Sonia estavam na cama.

—Sinto — disse, com um fio de voz.

Correu até a saída, sem prestar atenção em Tuli que a chamava da escada. Varzi saltou da cama e assim, nu, saiu ao corredor; tropeçou com Tuli, que escondeu o rosto, envergonhado.

—Corre e diga a Marlene que me espere!

Retornou correndo ao quarto, onde se vestiu rapidamente, alheio às reclamações de Sonia. Na rua, encontrou Tuli sozinho.

—Quando cheguei — começou o manflorón—, o carro de Marlene dobrava a esquina.

Carlo deu coices contra o piso, murmurou insultos e segurou a cabeça entre as mãos, incapaz de diminuir a dor que feria sua alma.

—O que fez Napo? — quis saber Tuli. —Estava com outra? — O silêncio do Carlo foi eloquente. —Por que você fez isso? Não se dá conta de que Marlene não é como as outras? Ela nunca te vai perdoar.

Incapaz de reagir viu Tuli entrar no bordel e deixá-lo sozinho no meio da calçada. Olhou em torno, sentiu-se perdido, não sabia o que fazer. "Ela nunca vai te perdoar", voltou a escutar.

* * *



Capítulo XXI

Gastón María e sua família permaneceram com os Urtiaga Four por dez dias, tempo no qual o jovem quitou assuntos pendentes desde sua repentina partida. Depois de confessar ao seu pai as circunstâncias do casamento com a senhorita Portineri, precavido em não mencionar os detalhes mais acidentados, expressou seu desejo de estabelecer-se no campo de Azul e assumir a administração daquela fazenda e das propriedades vizinhas. Rafael se mostrou intransigente ao saber que a princípio tinha abandonado a sua sorte uma jovem como Gioacchina; entretanto, o sincero arrependimento de Gastón María e seu interesse nas estâncias o levaram a perdoá-lo.

Além do barulho reinante, Micaela vivia um de seus piores momentos. Invejava a sorte de seu irmão, que, apesar de ter feito as coisas da pior maneira, tinha saído vitorioso; ela, em seu afã por ajudá-lo, convencida de que agia juiciosamente, arruinou sua vida. Também a atormentava o desejo de que Gioacchina deixasse a casa quanto antes, porque a lembrava de Carlo.

Em várias ocasiões, e sem motivos lógicos, sentia-se inclinada a revelar ao Gastón María sua relação com Varzi, inclusive, em uma oportunidade em que conversava com Gioacchina, certa malícia, certo orgulho ferido, certa sede de vingança, quase a levam a confessar que seu bondoso e misterioso protetor não era mais que seu irmão, um cafetão sem princípios. Nunca fez nem um nem outro.

La traviata foi um sucesso. Como sempre, a Divina Four enchia a sala e assombrava com sua voz prodigiosa, embora os mais próximos, em especial, Moreschi e Mancinelli, notavam que a força e o vigor da soprano não eram os habituais, principalmente no referente ao dramatismo que a obra requeria, onde se mostrava insossa.

—Está um pouco cansada — a justificava Moreschi, consciente de que o cansaço não se encaixava na melancolia de sua pupila.

Micaela não podia esquecer Carlo Varzi. Tinha-o na cabeça permanentemente; de noite, meio adormecida, agitava-se e se movia entre os lençóis; de dia, inquietava-a a sensação de perceber o aroma de sua pele, e o buscava desesperada, com a ilusão de vê-lo aparecer depois do cortinado do palco ou atrás do biombo do camarim.

Mas devia esquecê-lo. Varzi era ruim, um homem sem coração. O que pretendia ao apaixonar-se por um homem sem coração? Acaso tinha ficado louca? Sim, completa e absolutamente louca por ele. Odiava-o por fazê-la sentir-se assim, odiava-o por amá-lo tanto e ele nada. Embora não o culparia, tinha estado consciente de com quem se metia, e, fazendo ouvidos surdos a sua razão, tinha continuado com a ideia maluca. Agora devia pagar. Pagar, pagar e pagar. Um erro que custaria caro.

E o preço aumentou quando Varzi a perseguia e a procurava. Absteve-se de ir a casa de seu pai, coisa que estava grata, mas a tinha perseguido pelo resto da cidade. Cabecita e Mudo conheciam seus passos e, de vez em quando, Varzi os acompanhava no carro. Enviava-lhe arranjos florais, presentes caros, e nunca faltava a orquídea branca depois das apresentações, às que assistia com a perseverança de um aluno aplicado, sentado no camarote de proscenio. Notas lhe pedindo que se encontrassem, que precisava vê-la, que a desejava, que Abelardo sentia falta da Eloísa, que deviam dançar o tango, mas nunca "perdão", nem o indício da palavra "amor".

Micaela se enfurecia consigo mesma cada vez que lia os cartões em busca do arrependimento e a amostra de sincero carinho que tanto desejava. Como permitir-se esperar

um pedido de perdão de Varzi se ele estava convencido de que não tinha feito nada errado? Iludida e mil vezes iludida!

Na verdade, o papel de crédula e tola ela que tinha interpretado. Carlo jamais tinha lhe prometido nada nem se obrigou de maneira alguma. Por que ela exigia uma fidelidade que não lhe tinha devotado? Ciumenta e humilhada, ferida e traída, representavam qualificativos que não lhe cabiam; só a faziam ficar como estúpida. Por mais que lhe partisse o coração, a imagem sórdida de Carlo e Sonia na cama lhe tinha tirado a venda dos olhos. De outra maneira, até quando teria continuado com ele, sem sentido nem rumo, expondo-se e arriscando sua carreira, além do bom nome de seu pai? Ah, que vontade de estar em Paris! Maldita guerra!

* * *

Em sua necessidade de fugir de Varzi, Micaela estava decidida a retornar à Europa, e, envergonhada de si mesma, teve que reconhecer sua covardia. Até quando fugiria de suas más lembranças? Quase um ano atrás, fugira de Paris para esquecer Marlene; agora, precisava abandonar Buenos Aires para fugir de Varzi.

Eloy levou uma tarde para dissuadi-la. Os relatos que recebiam na Chancelaria declaravam que a guerra fazia estragos e que o povo sofria sérias carências. As histórias doentias que ele detalhava impressionavam Micaela e, embora parecesse convencida, Eloy ainda tinha alguns escrúpulos.

—E saiba, senhorita — adicionou—, que algumas das batalhas acontecem tão perto de Paris que os soldados tomam um táxi para chegar à frente.

Micaela estava convencida de que nem mil Varzis juntos a fariam cair naquele inferno. Devia ser corajosa e enfrentá-lo. Ele logo pararia sua perseguição e a deixaria em paz.

—Desculpe-me por tê-la perturbado com minhas histórias— expressou Cáceres—, mas me desesperei quando disse que desejava retornar a Paris e não encontrei outra forma mais efetiva para obrigá-la a desistir que lhe expondo os fatos tal como são.

Micaela não falou; ao contrário, e sem recato, contemplou-o fixamente. Tranquilizou-a a suavidade de seu olhar claro e a bondade de seus gestos.

—Obrigado, Sr. Cáceres — disse. —Agradeço que se preocupe comigo e com meu bem-estar. — fez uma pausa; depois comentou que tinha passado uma tarde muito agradável junto a ele. —Espero que se repita — adicionou. —Fazia tempo que não o via em casa, e não tinha vindo para nos visitar.

—Na verdade, eu estive vindo a casa de seu pai com a assiduidade de costume. É você a que não se deixava ver por aqui. Nos últimos tempos, era quase impossível encontrá-la —afirmou Eloy incisivamente.

Micaela corou e olhou para baixo.

—Comentou-lhe minha tia que há uma festa na casa dos Paz no sábado? — perguntou Eloy, para mudar de assunto. — Eu gostaria de fazer a honra de me acompanhar?

—Será um prazer.

Tanto Eloy como Micaela lamentaram a interrupção de Gastón María. Cáceres se desculpou e abandonou a sala.

—Só impressão ou o idiota está tirando vantagem de você? — brincou Gastón María, puxando uma cadeira.

—Pensei que tinha mudado — comentou Micaela—, mas vejo que não perdeu alguns de seus costumes.

—O fato de que tenha retificado minha má conduta com Gioacchina não tem nada a ver com eu pensar que ele é um idiota. Quer escalar posições na Chancelaria seja como for e não vai se deter por nada. Você não percebe que, a todo o custo, quer congraçar-se com papai para conseguir seu objetivo, ser o novo Chanceler? Eu entendo que ele quase conseguiu, mas a morte

de Sáenz Peña arruinou seus planos. Bem feito! Pelo menos, o inútil do Sáenz Peña serviu para algo.

—Não entendo que mal te fez o Sr. Cáceres para que o odeie tanto.

— Ele não fez nada comigo, não tenho nada específico para reclamar, eu simplesmente não gosto dele. É ladino, especulador, e mais estranho que não sei o que. Dá-me uma sensação ruim e saber que quer conquistar você faz meu cabelo ficar em pé.

— Não vamos falar sobre o Sr. Cáceres, não tem sentido — sugeriu Micaela, e mudou de assunto para prosseguir: — Faz tempo que quero conversar com você, mas não pude. Com tanto alvoroço que armou com sua chegada, sempre há alguém te rondando.

—Eu também quero te perguntar algo. Como descobriu o que havia entre Gioacchina e eu?

Não esperava a pergunta e se reprovou a falta de previsão. Deveria ter planejado uma resposta com tempo. Agora, os nervos e a urgência a jogavam numa arapuca, e nada de lógico e plausível lhe veio à mente.

—Não posso trair a pessoa que me avisou — lhe ocorreu. — Por mais que insista, jamais te darei o nome de quem me contou suas aventuras.

—Está bem — disse Gastón María, ressentido. — Mas não se preocupe, já imagino que foi a velha Bennet. Poucos sabiam.

Micaela se lembrou da senhora Bennet e pensou que deixar cair a suspeita sobre a institutriz inglesa não era má ideia, qualquer coisa contanto que não surgisse o nome de Carlo Varzi.

—Bom, está bem — aceitou Gastón María—, já não tem importância. Na realidade, vim te dizer que manhã vamos à estância de Azul.

—Tão cedo?

Apesar de que em um princípio ver Gioacchina diariamente a machucava, a iminência de sua partida lhe causou algum embaraço.

—Sim — acrescentou seu irmão—, quero chegar ao campo quanto antes e organizar minha vida de uma vez.

—Não vá, fiquem vivendo aqui — suplicou.

—Nem louco! —Gastón deixou a cadeira e começou a caminhar. — Sabe que não suporto Otilia. Com papai as coisas melhoraram, mas não nascemos para viver sob o mesmo teto. Além disso, quero me afastar um tempo, e afastar também Gioacchina. Não vão faltar pessoas maliciosas que perguntem e quero evitar-lhe essa humilhação. Outro dia ela mal suportou o interrogatório de tia Josefina.

—Sim, suponho que têm razão — se resignou Micaela. — Por outro lado, no campo vai realizar uma atividade digna que vai te manter afastado do jogo e da bebida.

—Não se preocupe, irmãzinha. Nunca mais vou descer tão baixo. Nunca mais vou te defraudar.

Micaela abraçou seu irmão e, sem soltá-lo, perguntou-lhe se amava sua esposa.

—Sim, muito — foi a resposta de Gastón María.

—E por que não queria se casar com ela? Precisava fazê-la passar por tudo aquilo se a amava?

—Quando Gioacchina me disse que esperava um filho, não tenho medo de confessar, fiquei apavorado. Senti o peso do mundo sobre meus ombros e, como um idiota, procurei a saída errada. O casamento me dava pânico. Todos os exemplos ao meu redor demonstravam que não se podia ser feliz se for casado. Não posso imaginar a tia Luisa apaixonada pelo Miguens, nem a tia Josefina feliz ao lado do Díaz Funes. E para não falar de papai e Otilia! Uma farsa.

—Mas papai e mamãe se amaram — atravessou Micaela.

—Papai e mamãe? O que você está falando, Mica? Você se esqueceu de que mamãe cortou suas veias?

A imagem de sua mãe morta na banheira a cegou como um raio, e a realidade em torno dela ficou suspensa no tempo. Ao voltar, Gastón María tinha deixado a sala.

***

Cabecita e Mudo entraram no escritório de Carlo.

—Que notícias me trazem? — perguntou.

Tuli tentou sair da sala, mas Carlo ordenou que ficasse.

—Volte ao seu trabalho — adicionou.

Tuli continuou com a tarefa que Carlo lhe tinha encomendado desde algum tempo, dada sua habilidade com os números e a contabilidade.

—Hoje não tem apresentação — começou Cabecita.

—Eu sei disso — disse Varzi, olhou para cima.

—Sim, claro, que estúpido, não? Bom… eh… Parece que há garufa no sábado em um desses palacetes de jailaije, e Marlene está convidada. Me cochichou Carmencita, a criada a que atiramos umas viyuyas por informação.

—O que fez esta tarde? — perguntou Carlo.

—O de sempre. Ensaiou em sua casa e foi ao teatro.

—Recebeu as flores?

—Eh… Bom… Sim. Justamente, Carmencita as recebeu, mas…

—Vamos, otário, desembuche! — enfureceu-se Carlo.

—Ta certo, che! — queixou-se Cabecita. — É um castigo te dizer as coisas de Marlene ultimamente! Você reage em seguida. O que aconteceu foi que Marlene disse a Carmencita que as jogasse no lixo.

Varzi escondeu a dor da notícia e continuou com algumas notas sem olhar para seus funcionários.

—Ah, esquecia-me! — disse Cabecita. — Carmencita me disse que, depois do almoço, Micaela e Cáceres conversavam muito tempo na sala de música.

Carlo fez ranger a mesa com um murro. Quis saber os pormenores da conversa entre Micaela e o bienudo, e Cabecita, gaguejando, disse-lhe que não tinha ideia, que Carmencita mal os ouvia.

— Parece que Marlene estava falando sobre voltar para a Europa e o cara queria persuadi-la a ficar. Carmencita me disse que conversavam tão baixo que não pôde escutar mais.

A visão de Marlene e Cáceres sussurrando, tocando, olhando um para o outro apaixonadamente, o deixou louco; seu rosto avermelhou e apertou as mãos até seus nódulos ficarem brancos. Bufou e ficou de pé.

— Também descobrimos sobre Gioacchina — disse Cabecita, com esperança de mudar seu humor.

—Eu pedi que descobrisse algo de Gioacchina? — perguntou Carlo.

—Não.

— Então, que merda você está descobrindo sobre ela? Vamos, fora daqui! Mexa-se!

Cabecita saiu tropeçando. Mudo deu uma longa olhada antes de sair da sala. Oh, porra, como eu odiava essa Marlene!

Tuli não sabia o que fazer, ir ou ficar, mas interpretou que a ordem não era para ele e continuou com as contas, que repassaria em outro momento com a mente tranquila e o pulso firme.

Varzi não tentou retornar aos papéis. Bebeu uma grappa com a vista perdida no porto de La Boca. O sol se escondia e a atividade entre os estivadores diminuía. Escutou os apitos que punham fim a outra jornada de trabalho e lembrou de seus dias como empregado nos barracões; angustiou-se ao refletir que, embora tivessem sido tempos difíceis, de cortiços imundos, comida ruim, poucas moedas no bolso e trabalho duro, seu espírito era mais sereno e íntegro. Murmurou

um insulto, movido pelo remorso, arrependido de tantas coisas. Gioacchina e o sacrifício que representava já não o confortavam.

—Cacciaguida me disse — se atreveu Tuli—, que Marlene é uma conhecida cantora lírica. Que, na realidade, chama-se Micaela Urtiaga Four.

—Melhor que Cacciaguida mantenha a boca fechada ou eu mesmo vou cortar sua língua.

—Napo, por favor! — Tuli escandalizou-se. — Com o que aconteceu com a pobre Polaquita (que Deus a tenha em sua glória), não fale de línguas e essas coisas. — Carlo se mostrou momentaneamente confuso e vulnerável. — Além disso, você sabe que eu adoro a Marlene. Eu nunca iria fofocar a ninguém. Cacciaguida me disse porque ela sabe que eu a quero de verdade e que seria incapaz de prejudicá-la. — Tuli estava impaciente por não ter outra resposta além de um grunhido. — Depois de conhecer o sobrenome de Marlene, me dei conta do resto. Ela é a irmã de Urtiaga Four, não? Que deixou grávida a sua protegida, não?

O olhar de Carlo Varzi o intimidou e pensou que permanecer calado seria uma boa opção, entretanto, não pôde e continuou.

— Marlene não é como as minas a que você está acostumado, Napo. Ela é uma senhorita culta, refinada, com princípios e…

—E quem diabos te deu vela neste funeral! Quem caralho te deu permissão para comentar!

Tuli saltou da cadeira e se encostou na parede.

— Eu falo porque eu adoro a Marlene! — gritou, encorajado de repente. — Marlene e eu somos amigos! Eu a quero muito bem!

—Já chega da cantinela de que a quer muito! Não mexa mais, entendeu? Ou quebrarei sua cabeça.

Carlo virou-se, com a intenção de deixar o escritório. Ele tinha que sair dali ou mataria alguém. Fúria, ciúme e rancor dominaram seu entendimento, cegavam-no.

—Napo! —chamou Tuli. — Por que não a deixa em paz? Não a faça sofrer. Não percebe que ela não é mulher para você? Que pertencem a mundos diferentes, ou melhor, opostos? Teria que morrer e nascer novamente para que ela te amasse, você teria que ser o homem que não é o que é impossível. Marlene jamais amaria a um cafishio.

Tuli estremeceu com a portada de Carlo e, quando conseguiu se recompor, dirigiu-se ao camarim para juntar suas coisas, certo de que estava despedido.

* * *

Carlo deixou o bordel e se aventurou entre os quartéis do porto. Os rapazes cumprimentaram-no com respeito e convidaram-no para beber mate. Ele devolveu a saudação e deixou o convite para outra oportunidade. A nostalgia provocara lembranças que o abateram sem remédio, e a retrospecção o levou clandestinamente até a tarde em que assassinou seu pai. A imagem de Tiziana ensanguentada, Gioacchina chorando ao seu lado, Gian Carlo embriagado, no meio de putas e cartas, quase o rompem com lágrimas de impotência e de raiva. O que podia fazer um homem com tanta dor? Depois veio o reformatório e seus eternos dias na prisão, seguido da transferência para a Ilha dos Estados, que, apesar do frio, da fome e da peste, lembrou-o como um marco em sua vida: Johann, seu amigo Johann, seu amigo de alma, tinha significado sua redenção. As perdas se tornaram uma constante, e o sofrimento quase o destrói com a morte do alemão, embora suas palavras sábias tremulassem em sua cabeça por um tempo e o ajudassem a voltar para seu curso. Então a liberdade, a ansiada e sublime liberdade. E Gioacchina. Tudo para Gioacchina. Por ela se tornou um assassino novamente, e, pouco depois, um cafetão.

Ele alcançou a borda do cais e, sem se importar com o odor fétido que emanava da água, ficou ali, de pé, com o olhar perdido. O rio turvo golpeava o paredão e salpicava seus sapatos de verniz. Mais além, no convés de um navio, dois marinheiros cantaram El Entrerriano, o primeiro tango que ele dançou com Marlene. Sua boca tremia e seus olhos nublaram. Fechou os olhos.

Ainda podia imaginá-la enfurecida, ereta como uma vara entre suas mãos. Divagou, relembrou, e admitiu, por fim, que sempre tinha lhe proporcionado momentos agradáveis, mesmo que, furiosa e humilhada, o tivesse desprezado e insultado. Além de sua beleza e de seu savoir-faire[59] requintado, existia um dom nessa mulher, diferente de tudo que tinha conhecido, mágico possivelmente, que brilhava em seus olhos tão estranhos, um dom que o deixou irremediavelmente apaixonado.

"Teria que morrer e nascer de novo para que ela te amasse."

Carlo Varzi se sentiu capaz de tudo, inclusive de morrer e nascer de novo.

* * *

[59]**Savoir-faire:** Locução francesa = Habilidade, perícia (habilidade de obter êxito, graças a um comportamento maleável, enérgico e inteligente; tino, tato).



Capítulo XXII

Apesar de sua relutância, Micaela fingiu entusiasmo e foi à festa dos Paz, uma das famílias mais elevadas e influentes de Buenos Aires, proprietária de um periódico que apoiava a gestão de seu pai. Não podia faltar: a senhora Paz, membro da Junta Diretora do Colombo, desejava honrá-la como à figura mais destacada do ano.

Gostou da ideia de ir com Eloy Cáceres, e a notícia de que Nathaniel Harvey também iria tirou o último vestígio de preguiça. Junto a eles, não seria ruim, pelo contrário, receberia com gosto as galanterias do Sr. Cáceres, enquanto as brincadeiras do engenheiro inglês complementariam a diversão.

Rafael consentiu a sua filha, apesar das reclamações de sua esposa, e chegaram aos de Paz na vitória. Micaela apreciava o passeio, sentada ao lado de seu pai e encarando Eloy; Otilia, segurando seu chapéu desnecessariamente, mostrou sua pior atitude durante o curto trajeto.

Apesar de quente, à noite, estrelada e tranquila, a agradou, e, à medida que Pascual açulava os cavalos, uma brisa fresca e aromática acariciava seu rosto e provocava nela ânsia de chegar e dançar a noite inteira.

Por que teve que se perguntar, nesse exato momento no qual tudo ia tão bem, o que estaria fazendo Carlo Varzi? Ficou ostensivamente desconfortável, tanto que Eloy notou e se inclinou para observá-la melhor.

—Sente-se bem, senhorita?

Seu pai olhou para ela com preocupação, tomou sua mão e reiterou a pergunta. Otilia a olhou de esguelha e virou à vista para rua. Zangada consigo mesma por não controlar suas lembranças, minimizou sorrindo, embora os cavalheiros insistissem em aludir a sua palidez.

—Deve ser o calor. O calor sempre me afeta muito — mentiu.

Eloy lhe tirou o leque de sua tia, que se sobressaltou, e o abanou perto do rosto de Micaela.

—Isso mesmo, filho — apoiou Rafael—, isso. Um pouco de ar vai fazer muito bem a ela.

Micaela estava desconfortável até o rubor, repetia, em vão, que já era suficiente. Ao observar a cena, Otilia mudou a cara e apoiou seu sobrinho.

—Não poderia ter esperado nada melhor de você, querido Eloy. Eduquei-te como a um gentleman e isso é o que é — se gabou.

A fila de luxuosas carruagens e modernos automóveis saía do perímetro da mansão e avançava sobre o quarteirão. Vários minutos se passaram antes que a vitória dos Urtiaga Four parasse sob o pórtico e seus ocupantes descessem. Rafael ofereceu seu braço a Otilia e o mesmo fez Eloy com Micaela.

Entraram no salão, cheio de gente, e a maioria dos olhares se fixou neles. Micaela deslumbrou com sua beleza e elegância, e seu vestido foi alvo de comentários. Cheia tinha se esmerado no penteado, um coque na base da nuca, sustentado por forquilhas de pérolas, e emoldurado por pequenos cachos de cabelo. O rosto claro e pouco maquiado revelava a perfeição de sua pele e o vermelho de seus lábios.

Micaela olhou de soslaio seu acompanhante, correto e circunspecto como sempre, elegante em seu traje.

—Está linda esta noite, senhorita — comentou Eloy, e a surpreendeu com um olhar e um tom de voz que não eram os habituais; talvez, tenha vislumbrado um pouco de ardor no conjunto.

A senhora Paz os recebeu, acompanhada por elogios dirigidos especialmente para Micaela, a quem não duvidou em chamar de sua convidada de honra. Conduziu o grupo ao salão de

festas, uma réplica da "Salle de Gardes[60]" de Versalhes, conforme informou, e acrescentou detalhes a respeito da qualidade dos mármores e das boiseries de feixo que Micaela não ouviu.

—Por favor, senador Urtiaga Four — disse a Sra. Paz — meu marido está com o Sr. Presidente, eles desejam falar com você — e ele apontou para o outro lado da sala.

Quando os viram avançando, o grupo de homens abriu-se e deu lugar a Victorino de la Plaza, um homem pequeno e moreno, que saiu ao encontro de Micaela.

—Por fim chegou a convidada de honra! — exclamou, com sincera alegria, o primeiro mandatário.

—Jamais consentiria em tal distinção, quando o presidente da República se encontra na festa — respondeu Micaela.

Rafael sorriu orgulhoso da facilidade e engenhosidade de sua filha. Continuaram as saudações e as apresentações e, por fim, o grupo de homens fechou a roda novamente e prendendo Rafael e Eloy entre eles. A anfitriã, Otilia e Micaela foram obrigadas a procurar diversão em outro lugar. Obrigado a parar a cada passo para cumprimentar as pessoas, demoraram para chegar à sala de música onde Moreschi e Mancinelli davam as últimas indicações à orquestra.

—Estou tão agradecida, professor — comentou a senhora Paz a Moreschi—, de que tenha vindo um pouco antes para ajudar com a organização da música... A você também, professor Mancinelli, estou imensamente grata a você. É uma honra. Verdadeiramente uma honra, e a Divina Four cantando em minha casa!

Micaela olhou para o local onde se encontrava Eloy. Achou-o muito envolvido em sua conversa com o presidente. Rafael o observava com semblante satisfeito e o resto dos homens, com admiração. Por mais que Micaela insistisse com o olhar, Eloy não se virou uma vez.

Pouco se cumpriu do que tinha esperado: o Sr. Cáceres falou de política grande parte da noite, enquanto Nathaniel Harvey, em quem tinha posto o resto de suas esperanças, recebeu de bom grado os cuidados de Mariana Paz, filha da anfitriã e única herdeira da fortuna de seus pais. Apesar destes contratempos, a festa para Micaela não foi ruim, absolutamente.

—Aí vem a Pacini — comentou Otilia com desdém. — É uma insolente. Ela me pediu para te apresentar.

—E por que não o fez? —perguntou Micaela.

—Não a suporto, é uma intrusa — ela conseguiu responder antes de saudar a dama em questão. — Regina, querida! — prorrompeu, e estendeu suas mãos para pegar as dela. — Eu vi você se aproximando e não pude deixar de comentar com Micaela sobre o lindo vestido que usa esta noite. Ah, querida! Finalmente posso te apresentar a minha filha, Micaela Urtiaga Four. Micaela, a senhora Regina Pacini, esposa do Sr. Marcelo de Alvear.

Micaela e Regina cumprimentaram-se mutuamente com amabilidade, e, imediatamente, se travou uma conversa amena e espontânea. "La Pacini", como a chamavam os portenhos, não pertencia à classe alta de Buenos Aires, mas um conveniente casamento com Marcelo de Alvear, filho do aristocrático primeiro intendente da cidade capital, dom Torcuato, a tinha levado às altas esferas da sociedade, finalizando assim sua carreira de cantora lírica.

Havia muitas coisas que uniam Micaela e Regina, sobretudo o amor pela música e pelo canto, e teriam falado a noite inteira, esquecendo-se da festa e dos convidados, não fosse por Micaela ter sido requerida, antes de jantar, para interpretar umas árias de Rossini, compositor predileto da anfitriã. Moreschi fez a seleção e agradou à senhora Paz e ao resto da platéia, e, embora ela não tivesse ouvido essas melodias a algum tempo, Micaela voltou a surpreender pelo domínio de sua voz, doce e extensa. Entre os presentes, Regina a aplaudiu com sincera gritaria e ovacionou sem se importar com a limitação do resto.

---

[60] Salle de Gardes: Sala da Guarda do palácio de Versailles - França

E antes de ir à sala de jantar, Micaela recebeu os parabéns do Presidente De la Plaza, alguns senadores amigos de seu pai e, com especial emoção, de Cáceres que murmurou, entre sério e risonho, que. as duas primeiras peças de dança, reservasse para ele. Desfrutou do resto da noite, apesar de que, durante o jantar, teve que anular seu ouvido esquerdo para não escutar sua madrasta, incapaz de comentar outra coisa além das requintadas ostras chilenas, a soberba pasta de trufas e o "ao ponto" do faisão, e aguçar o direito para deleitar-se com as anedotas da Regina Pacini. Nathaniel, longe, por um momento, dos encantos do Mariana Paz, interessou-se pela conversa, e Eloy, embora calado, manteve-se atento com os olhos fixos, a maior parte do tempo, sobre ela.

Durante as duas primeiras valsas, ela manteve a palavra e dançou com Cáceres, que se mostrou ansioso e efusivo ao comentar que seus antigos planos de assumir o Ministério das Relações Exteriores voltavam a tomar curso.

—Quanto me alegro! — disse Micaela. — Você trabalhou tanto que seria uma injustiça que não o obtivesse. Além disso, tenho certeza de que não haverá melhor Chanceler que você, Sr. Cáceres. Duvido que muitos pensem o contrário.

—Apesar de que a conheço pouco, pude ver que sua opinião é raramente concedida. Portanto, o que acaba de me dizer tem muito valor para mim.

Quando chegou em casa e ficou a sós em seu quarto, pela primeira vez em muito tempo, se sentiu bem. Tinha conhecido a uma nova amiga, com a qual se encontraria no dia seguinte à hora do chá, e a um novo amigo, porque Eloy Cáceres, com sua atitude mais aberta e humana, tinha mostrado uma faceta de sua personalidade que gostava muitíssimo.

Desde sua chegada a Buenos Aires, Micaela mantinha uma comunicação epistolar com alguns colegas europeus e, quando comentou que desejava retornar porque sentia falta deles e de Paris, logo responderam que não se aventurasse nessas terras em guerra e que ficasse onde estava. Estas sugestões, somadas aos comentários, quase rogos, de Eloy, sepultaram a ideia de voltar, ao menos por um tempo. Moreschi, mais tranquilo com a decisão final de sua pupila, dedicou-se a planejar as atividades líricas do ano seguinte, com o apoio de Mancinelli que já falava em uma turnê pela América do Sul.

Aproximava-se o final de 1914, e Micaela não concebia que se passava um ano da morte de Marlene; parecia-lhe um século. Seu irmão se casou e tinha um filho. Lembrou a noite em que Gastón María chegou ferido a casa de seu pai, a noite que escutou falar de Napo Varzi. Também voltou a sua mente a primeira vez no Carmesim, e a segunda, e a terceira. Todas guardavam algum segredo. E a última vez, tão dolorosa e humilhante.

Odiava Carlo Varzi, odiava-o com cada fibra de seu ser. Odiava-o por ser o homem que era e por ter feito dela a mulher que era, uma mulher triste, melancólica, a que nada animava muito. Nem na música encontrava quietude. Odiava-o por isso.

Fazia dias que não ouvia nada sobre ele. Já não chegavam à casa de seu pai os caros arranjos de flores nem as caixas com bombons. Nenhuma carta, nem sequer um bilhete, nada. As apresentações no Colombo tinham terminado e com elas a oportunidade de tê-lo perto, no camarote mais baixo. Melhor assim. Carlo Varzi não tinha nada a lhe oferecer, nada bom, ao menos, e ela trocaria seu amor por indiferença, sim, seu imenso amor em um imenso desinteresse. Mas, como fazer para não pensar nele a cada instante? Como fazer para não se sobressaltar cada vez que chegava a correspondência? Para não procurar um pretexto e ir à parte sul da cidade?

Carlo Varzi se cansou dela, e nunca mais ouviria falar dele. Já não voltaria a ser dele! Impossível. Em um tempo não muito longínquo tinham vivido uma paixão tão intensa que a ideia de não voltar a vê-lo parecia loucura. Não, não era loucura! A melhor coisa que podia acontecer era que Varzi não voltasse a cruzar seu caminho.

Ignorou a suscetibilidade e raciocinou que, por ter estado nas mãos de um homem como ele, sem escrúpulos ou princípios, tudo tinha terminado convenientemente bem. No princípio, a ideia de uma extorsão a tinha mergulhado no pânico. E se a obrigasse a voltar sob a ameaça de contar tudo à imprensa ou a sua família? Também a atormentava a possibilidade de que enviasse Mudo e Cabecita para buscá-la e de que a forçassem a subir no carro e a levassem até ele. Evitava sair sozinha, embora não tinha dúvida que nenhuma escolta deteria os capangas de Carlo Varzi. Quem lhes faria frente? Moreschi? Pascualito?

A maior parte do dia sofria com estes monólogos. Gostava de dormir porque nesses momentos não o tinha na cabeça, e, se sonhasse com ele, na manhã seguinte não lembrava. Porque se escrevesse uma carta, cada duas linhas se detinha e pensava em Varzi; se lia a partitura de uma nova ópera, cada duas notas, seu rosto moreno e malicioso a inquietava; se tocasse o piano, o mesmo, e se comesse, se caminhasse, se se olhasse no espelho, se tomasse um banho, enfim, se respirasse.

Os momentos com Eloy eram tranquilos, e não demorou muito para que ela percebesse que sua bondade e sua galanteria não tinham outra intenção senão conquistá-la.

* * *

— Você deve encontrar um pretendente — sugeriu Regina Pacini.

Micaela olhou para ela. Às vezes, os maneirismos e o humor de sua amiga lembravam, em parte, a Marlene.

—É jovem, bonita e talentosa. Deve ter milhares de pretendentes. Deveria se decidir por algum e se casar — concluiu.

—Me casar? — repetiu Micaela. — Não, me casar tiraria minha liberdade que é o mais sagrado que tenho. Certamente, teria que deixar de cantar e não poderia suportá-lo.

—Têm razão, querida. Eu tive que abandonar minha carreira. Meu marido e sua família não viam com bons olhos. Mas eu o amo muito e o fiz por ele — adicionou triunfal. — O dia que se apaixonar não haverá obstáculos para estar com seu homem.

Essas palavras mexeram com ela e ela fez um esforço para não se preocupar na frente de sua amiga.

—Poderia ter um amante — insistiu Regina. — Um amante é melhor.

—Agora entendo por que Otilia e suas amigas não te querem — disse Micaela. — É muito liberal e frontal para elas. Mas eu gosto assim.

Regina riu com vontades e insistiu na ideia do amante.

—Que tal Dr. Caceres? Diz-se que ele arrasta a asa por você. É verdade?

— É muito galante e atencioso comigo, mas nada mais. Às vezes, ele é o homem mais charmoso e amável no mundo; em outras, parece a milhares de quilômetros, seu olhar sério e seu jeito me dão medo.

—Não têm que se preocupar— assegurou Pacini. — Assim são os políticos. Meu marido é igual. Há momentos em que poderia atropelar uma manada de cavalos e não perceberia. Mas existem outros em que... Ai, que romântico é meu Marcelo!

Micaela invejou a sorte de sua amiga e ansiou encontrar a paz e a quietude que, a léguas se notava, Regina vivia em sua casa. Voltou de seu devaneio quando a Pacini lhe recordou sobre a fundação para ajudar a jovens de escassos recursos que desejavam estudar canto lírico.

De volta da casa de Alvear, pensou em Carlo durante todo o caminho. Quanto tempo fazia que não o via ou sabia dele? Mais de dois meses. Tinha começado o ano de 1915, e nenhuma notícia dele. Além de doloroso, era incrível que tudo tivesse acabado. Abrigava o triste presságio de que já não voltaria a sentir-se como entre seus braços. Continuou com seus pensamentos para o resto da tarde, durante o jantar e depois, enquanto compartilhava um momento em família.

A primeira a se despedir e deixar o fumoir foi Cheia. Por fim, orgulhoso por ter ganho a partida de xadrez contra Cáceres, Rafael deu boa noite e partiu. Imediatamente, Otilia afastou a revista que folheava e perguntou a Nathaniel Harvey se já tinha mostrado alguma vez a coleção de arte do andar de cima.

— Eu nunca mostrei para você?" Que descuido, Sr. Harvey! Que falta de cortesia! Tenho esculturas e pinturas dos mais prestigiados artistas da Europa. Por favor, venha, eu vou mostrar para você.

Nathaniel insistiu em deixar a visita guiada ao museu familiar para outra ocasião, mas Otilia insistiu como uma menina de cinco anos. Rechaçá-la teria significado uma grosseria. A educação do inglês pesou mais que sua relutância, e terminou por aceitar.

—Iremos você e eu, sómente — adicionou Otilia, satisfeita. — Meu sobrinho conhece a coleção de cor. Para que aborrecê-lo novamente? E Micaela só encontra prazer na música. Para que torturá-la sem necessidade? Venha, vamos.

—Eu não gostaria de deixá-lo sozinho, Sr. Cáceres — disse Micaela, logo depois de que Otilia e o inglês saíram. — Mas amanhã é um dia cheio de compromissos e devo me deitar cedo. — Ficou de pé e Eloy a imitou. — Por que não acompanha seu amigo e sua tia?

—Por favor, senhorita, não se retire ainda. Tenho que lhe falar.

Eloy se aproximou e Micaela o olhou com assombro. Parecia perturbado, um pouco pálido.

—Sim, como não, Sr. Cáceres. Sentamo-nos?

—Sim, claro.

—Deseja tomar algo?

—Não, obrigado. — Eloy aproximou a cadeira ao canapé de Micaela. — Verá você, senhorita... Micaela. — ele pegou suas mãos e ela as notou fias e suarentas. — Micaela, já não posso ocultar meus sentimentos. Faz tempo que os reprimo, mas já não quero fazê-lo. Me permita lhe dizer quanto a admiro e a amo.

Eloy a observava com desejo, expectativa e medo da resposta, mas Micaela, aturdida como estava, não sabia o que dizer.

—Por que reprimia seus sentimentos, Sr. Cáceres? — foi o que articulou, quase sem pensar.

—Por medo. Sim, por medo — repetiu, ao ver a expressão dela. — Eu não sou ninguém. Você, ao contrário, é a melhor soprano do mundo, aclamada onde quer que vá. Você é formosa, além de boa, pura e sagaz. Você é perfeita, Micaela. — beijou suas mãos com fervor incomum. — Você é a divina Four e eu não sei se tenho o direito, não sou ninguém.

—Não diga isso, Sr. Cáceres, por favor. Você é um homem excelente. Aspira à Chancelaria da Nação; não acredito que esse seja um posto para um dom ninguém. Eu o admiro e o respeito. E embora o decepcione, senhor, me permita dizer que estou muito longe de ser perfeita. Acredite em mim.

—Não, não! Você é perfeita! — assegurou exaltado. — Não me canso de observá-la. Faz tudo bem e com correção. É uma dama para caminhar, para falar, para comer, para tudo. Nada faz errado. Canta como os anjos, além de ser uma boa pessoa, de ter uma nobreza sem comparação. Você, Micaela, com sua beleza e seu dom, poderia ser soberba e vaidosa. Ao contrário, é toda doçura e bondade. E eu a amo por ser assim. Você é pura, muito pura. —voltou a lhe beijar as mãos. — Micaela, adorada Micaela, case-se comigo. Case-se comigo e me salve.

Ela o olhou fixamente, sem piscar, cheia de dúvidas. Caceres não era um menino, mas um homem de quase quarenta anos. Tanta paixão provocava que desejasse abandonar sua mente letárgica e confortável? Tanto a amava? Havia muitas coisas de que falar, questões que resolver e esclarecer.

— Não pense que ao casar comigo você perderá a liberdade — se apressou a dizer Eloy, pois tinha interpretado mal o silêncio de Micaela. — Poderá continuar com sua carreira como antes.

Nem por um segundo tinha pensado em sua carreira. Na realidade, estava pensado em Carlo Varzi. A porta abriu e Nathaniel entrou. Ao vê-los tão próximos e de mãos dadas, deteve-se em seco e ficou in albis[61]. Recuperou-se imediatamente e fez gesto de sair.

—Por favor, Sr. Harvey — chamou Micaela—, não se vá. Entre, por favor. De toda forma, eu já ia. Amanhã tenho um dia exaustivo.

Eloy olhou para dela desesperadamente, mas não murmurou nada.

—Sim, é obvio — disse Nathaniel sério. — Todos temos que trabalhar amanhã. Melhor irmos, Eloy.

Micaela inclinou-se para fora da porta e chamou o mordomo, que veio com seus chapéus e bengalas, e acompanhou os cavalheiros na saída.

* * *

No dia seguinte, Micaela desceu para tomar café da manhã cedo. Cheia e seu pai, sentados à mesa, conversavam animadamente; Rafael, com o jornal na mão, explicava uma notícia, enquanto a mama assentia com gravidade. Ao vê-los da porta, Micaela pensou na alegria que lhes causaria se contasse a respeito dos sentimentos do Sr. Cáceres e a proposta de casamento; seu pai, em especial, mostraria-se contente. E mama Cheia, só de saber que o fantasma de Carlo Varzi estaria longe, daria seu consentimento sem hesitar.

—O que faz aqui?

Moreschi a surpreendeu por trás e juntos entraram na sala de jantar. Micaela saudou com um beijo a sua mama e ao seu pai e sentou.

—Sente-se bem Micaela? — perguntou Cheia. — Têm olheiras. Dormiu bem, querida?

—Não, realmente, não.

Cheia e Moreschi a olharam com compaixão. Dias atrás tinham comentado como estava taciturna e calada, e sabiam a razão de sua tristeza.

—Sim, é verdade, não parece nada bem — opinou Rafael.

Continuou uma enxurrada de conselhos que a jovem recebeu de bom grado, com atitude de quem sabe que nada do que digam aliviará sua dor.

—Hoje vou para a estância de Azul —disse Rafael, a seguir. — Vou passar uns dias com meu neto. Por que não me acompanha, filha? O ar do campo e ver seu irmão e seu sobrinho vão te sentar muito bem.

Nem Cheia nem Moreschi apoiaram a ideia, e Micaela o rejeitou em sua raiz. Os dias que seguiram foram de relativa calma em Urtiaga Four sem o desfile de amigos e conhecidos do senador. Otilia, aproveitando a ausência de seu marido, aumentou suas horas fora de casa e só retornava para dormir. Cheia tinha aceito o convite e partira junto a Rafael ao campo de Azul. Com Moreschi e a música por companhia, Micaela ansiava pela vida social agitada do ano anterior apenas para não pensar. A calma do verão portenho a exasperava e a predispunha pior ainda.

Na ausência de seu pai, Eloy não visitou a casa. Em mais de uma ocasião, Micaela se sentiu tentada a lhe enviar uma mensagem com um convite para jantar, mas não o fez. Depois da conversa que haviam tido, a ideia de voltar a vê-lo a aterrava. Entretanto, aceitava que sentia falta dele. Sentia falta de suas conversas, sempre interessantes, seu cavalheirismo e boa educação, as partidas de xadrez e a taça que tomavam no fumoir, em suma, sentia falta de Eloy porque o distanciava da dor e lhe dava paz. Sim, paz. Seus olhos claros eram um remanso e sua voz profunda e suave, uma melodia que a acalentava.

Cheia e seu pai retornaram da estância em meados de fevereiro. Passada uma hora, Micaela ainda continuava escutando a respeito das gracinhas e encantos de seu sobrinho.

—Sem dúvida, é igualzinho a mim — disse Rafael.

---

[61] **In albis:** inteiramente alheio a um assunto; sem noção do que deveria saber.

—Desculpe-me, Sr. — disse Cheia—, mas não acredito que se pareça com você em um fio de cabelo. É moreno e além disso tem esses olhinhos afinados e pequenos. Honestamente, não sei quem ele parece.

Cheia se calou de repente quando viu o rosto desfigurado de Micaela, que se desculpou e saiu. A mama a encontrou em seu quarto, chorando. Abraçou-a e disse palavras de consolo; também assegurou que nenhuma dor durava a vida inteira.

—Depois que meu bebê morreu — continuou a negra—, pensei que nunca voltaria a ser feliz, que nunca voltaria a sorrir. Não passou muito e Deus pôs vocês dois no meu caminho, meus dois anjinhos. E não vou negar que, de vez em quando, aparece uma lágrima quando penso em meu Miguelito, mas então escuto sua voz ou a de seu irmão me chamando ou me pedindo algo, ou quando me dão um beijo ou me dizem que me querem, é aí que tenho minha recompensa, meu alívio a tanto sofrimento. — Cheia mudou o semblante para lhe dizer: — Têm que esquecer esse homem. Ele não era bom para você. Ao seu lado, somente iria encontrar sofrimento e humilhação.

—Eu quero me esquecer dele, mama, juro-lhe isso, mas, como faço?

—O tempo, querida. O tempo vai curar as feridas. E enquanto isso, busca outro amor, trata de amar outro homem. Moreschi sempre me conta a quantidade de pretendentes que tinha na Europa. Aqui, em Buenos Aires, eu mesma vi como te olham os amigos de seu irmão ou os de seu pai. Mas têm que abrir seu coração, se predispor a isso. Se teimar com esse lixo, você não vai ver além de seus narizes.

As palavras de Cheia a levaram ao dia em que, morrendo, Marlene lhe deu seu último conselho. “Prometa-me algo, Micaela. Prometa-me que você não vai esquecer de amar. Que você vai procurar um homem que vai querer com todo o seu coração e que você vai se casar com ele. Não há outra maneira de ser feliz neste mundo do que amar, acredite em mim. "

* * *

Micaela bateu na porta do escritório de seu pai e entrou. Ao vê-la, Eloy ficou com entusiasmo.

—Boa tarde, Sr. Cáceres. Fazia tempo que não vinha nos visitar — comentou, com certa vivacidade que desorientou Eloy. — Parece que somente a presença de meu pai o atrai a esta casa.

—Não, absolutamente, senhorita. Acho agradável a companhia de toda a família de dom Rafael. O que acontece é que meu trabalho me manteve mais que ocupado estes dias.

Micaela percebeu a impaciência de seu pai; evidentemente, tinha interrompido uma conversa importante.

—Muito bem, Sr. Cáceres. Não o entretenho mais. Meu pai parece ansioso por continuar seu bate-papo. Se me fizer o favor, quando terminar com ele, espero-o na sala de música. Quero lhe fazer um comentário. — Virou-se e saiu do escritório, sem perceber que deixava Eloy em meio de uma agitação que soube ocultar aos olhos de Urtiaga Four.

Meia hora depois, Micaela parou a Marcha turca que executava no piano e o convidou a entrar.

—Uma xícara de chá? — ofereceu a Cáceres, e lhe indicou o sofá. — Está recém feito. Cheia acaba de me trazer. Eloy agradeceu o chá e sentou depois de Micaela. Por um momento, só se escutou o tamborilar das colheres contra a louça, tinido que quase acaba com a prudência de Cáceres, que tentava parecer tão incólume e hierático como de costume. Micaela, ao contrário, estava tranquila.

—Não tivemos oportunidade de conversar depois da outra noite — começou a jovem, e levantou a vista: Eloy tinha congelado com a xícara a meio caminho entre sua boca e o prato.

Ocultou um sorriso e prosseguiu: —Desculpe-me se naquela oportunidade não disse nada. Me pegou tão de surpresa que…

—Não, por favor, senhorita, não se desculpe. Quem deve desculpar-se sou eu. Ainda não sei como me atrevi a importuná-la com minha estupidez. Asseguro-lhe que não voltará a acontecer e…

—Estupidez?

— Eu imploro seu perdão. Eu me empolguei por um impulso e tudo que eu consegui foi incomodar. Isso não vai acontecer novamente. A partir de agora …

—Senhor Cáceres, quer dizer que retirou sua proposta?

Aturdido, Eloy gaguejou e teve que deixar a xícara sobre a bandeja.

— Você não quer mais se casar comigo?

—Não, claro que não! Digo, claro que sim quero me casar com você! Digo que não retirei minha proposta de casamento. Ainda segue em pé. Posso me permitir pensar que você a considerou e que deseja ser minha esposa?

—Sim, aceito ser sua esposa.

Eloy saltou do sofá e arrastou Micaela com ele. Rodeou-a com os braços e a apertou contra o peito.

—Micaela, querida Micaela. Não posso acreditar que me aceitou. Não posso acreditar. — Separou-a um pouco de si para perguntar: —Está segura? Não vai se arrepender? Minha situação, refiro-me, minha situação econômica é muito diferente da de seu pai. Eu não vou poder te dar os luxos aos que está acostumada, mas, prometo, tentarei te agradar no que possa. Nada te vai faltar e…

Micaela o silenciou colocando um dedo em seus lábios e, na ponta dos pés, o beijou.

* * *

A nomeação de Eloy como novo ministro das Relações Exteriores chegou logo depois e, junto com ela, a iminência de uma viagem à América do Norte. Como só iriam se casar dali a vários meses, adiantaram a data do casamento, e Micaela não apresentou objeção. Nem Otilia, apesar de saber que os dias seriam curtos para ela preparar a cerimônia.… Aceitou a mudança de data de bom grado, sem gritar. Contanto que seu sobrinho se casasse com a filha do senador Urtiaga, ela saberia como lidar.

Rafael sentia uma alegria imensa e Cheia e Moreschi, grande alívio. Gastón María, ao contrário, escreveu uma longa carta a sua irmã, onde expressou seu desacordo e disse tudo que pensava a respeito de seu futuro cunhado. Depois de muito pedir, Micaela conseguiu convencê-lo para que assistisse às bodas, embora Gioacchina e o menino permaneceriam na estância, em companhia da senhora Bennet.

Nunca se manifestou tanto como nos dias prévios às bodas a diferença de opinião entre madrasta e enteada. Entretanto, como Micaela não estava disposta a desperdiçar dias inteiros nos preparativos de um evento que duraria poucas horas, delegou a organização para Otilia, depois de impor três condições: a festa não superaria os sessenta convidados; não haveria anúncios nos periódicos — se manteria em absoluta reserva—; e a cerimônia religiosa não teria lugar na mansão, como era acostume entre os da classe alta, a não ser na Igreja de La Mercê, onde tinham se casado seu pai e sua mãe.

—Em La Mercê! — escandalizou-se Otilia. — Mas é na pior área da cidade. Que espanto! O que dirão nossos amigos!

Micaela tentou manter a calma e explicar seus motivos.

—Depois de tudo — disse Otilia com sarcasmo—, o fato de que seu pai e sua mãe se casaram nesse lugar não é de bom agouro se tivermos em conta a forma em que terminou esse casamento.

O comentário, súbito e cruel, deixou-a sem fala e, até que Otilia saiu a sala, não pensou nem disse nada. Só podia ficar surpresa com o quanto Eloy era diferente da mulher que o criara; esta ideia desembocou em outra: o pouco que conhecia o homem com quem se casaria, e, embora se angustiou a tarde inteira, ao chegar Eloy na hora do jantar, seu sorriso e seu olhar lhe devolveram o bom ânimo.

Micaela gostaria que Eloy a convidasse para ir com ele aos Estados Unidos, mas como não propunha e a data se aproximava, decidiu pedir-lhe — Eu adoraria te levar comigo, querida, mas é impossível. OH, Micaela, não fique triste, suplico-lhe isso! Sei que é muito compreensiva, e possivelmente estou abusando. Não me cabe a menor duvida de que nenhuma mulher aceitaria que seu marido partisse de viagem no dia depois das bodas, mas esta é uma missão muito importante para minha carreira. Atreveria-me a dizer que é decisiva. Com a guerra na Europa e as pressões que recebe a Argentina para abandonar sua neutralidade, as conversas com os norte-americanos são muito importantes. Não terei tempo para nada mais e não quero te descuidar. Pelo menos, aqui está com seus familiares. Em Washington, estaria sozinha o dia inteiro. Quando retornar, prometo, teremos nossa lua de mel.

No dia das bodas, a família Urtiaga Four madrugou. A cerimônia se celebraria perto do meio-dia e faltavam alguns detalhes. Cheia entrou no quarto de Micaela e, muito alterada, obrigou-a a levantar-se, ajudou-a com o vestido e a encheu com recomendações. Micaela sorriu: pelo visto, só ela mantinha a calma. Rafael estava emocionado; Otilia, insuportável; Gastón María, que tinha chegado de Azul a noite anterior, insistia em seu mau humor, em completo desacordo com a escolha de Micaela. A jovem não compreendia tanto descaramento por parte de seu irmão e se perguntava com que autoridade julgava um homem como Eloy, trabalhador, culto e educado.

Ao entrar na igreja do braço de seu pai, e encontrar-se com o olhar e o semblante feliz de seu prometido, Micaela se convenceu de que fazia o correto. Não amava Eloy Cáceres, mas o respeitava e lhe tinha grande afeto, e, com a convicção de que com o tempo chegaria a querê-lo, jurou frente ao altar lhe ser fiel.

Os convidados e os curiosos se reuniram à saída para felicitar aos recém-casados. Caras conhecidas e desconhecidas os circundavam; Micaela repetia "obrigado, obrigado" a qualquer um que se aproximava. Eloy, mais dono de si, inclusive conversava com quem o saudava. Em meio a confusão, Micaela pareceu escutar que alguém gritava seu nome. Marlene. O grito se repetiu, e Micaela procurou entre a multidão para localizar de onde provinha.

—Marlene! Maldita seja, Marlene!

No meio do átrio, despenteado e desarrumado, com uma garrafa na mão e o chapéu na outra, Carlo Varzi continuou amaldiçoando-a.

—Tirem esse tipo daqui! — ordenou Otilia, morta de vergonha. — Eu te avisei Micaela! Este é um bairro de gentinha. Sabia que algo assim podia ocorrer, por isso insisti em que a cerimônia fosse celebrada em casa.

A mulher prosseguiu, mas Micaela não a escutava. A ponto de perder a compostura, procurou seu irmão entre os convidados e se tranquilizou um pouco ao ver que Gastón María avançava em direção ao cafishio. Mudo e Cabecita apareceram de algum lugar e, entre os três, levaram-no para a rua. Em uns segundos, a imagem de Varzi se perdeu e sua voz sossegou. Micaela não recordava ter experimentado maior agonia em sua vida.

—O que faz aqui Varzi? — perguntou Gastón María, ao encontrar-se a salvo dos olhares curiosos. — Acaso ficou louco? Que merda faz aqui? Cheira a álcool!

Carlo, completamente ébrio, tratou de agarrá-lo pelas lapelas, mas tropeçou, e seus capangas o sustentaram.

—Vamos, Carlo — disse Cabecita.

—Não! — repôs ele enfurecido. — É um imbecil Urtiaga Four! Merda, por que não me avisou antes?

—Te avisar? — replicou Gastón, desorientado. — Se cheguei ontem à noite, quando queria que te avisasse? Esta manhã te mandei uma nota com o Pascualito. Além disso, te esclareci que vinha sozinho ao casamento de minha irmã e que Gioacchina…

—Não imbecil! Por que não me avisou da Marlene?

—Da Marlene? Que Marlene?

—Da Marlene, minha Marlene. Por que não me avisou que se…

—Bom, basta! —trovejou Mudo, e silenciou-o imediatamente.

Gastón María ficou perplexo ao escutá-lo falar e esqueceu por um instante o transtorno de Varzi, instante que o capanga aproveitou para arrastar seu chefe até o carro e jogá-lo dentro.

Quando Gastón María retornou ao átrio, a maioria das pessoas tinha partido para a mansão, e Micaela e seu marido saudavam os últimos convidados. Seus olhares se encontraram, e Gastón María descobriu tal constrangimento em sua irmã que se aproximou às pressas.

—O que aconteceu? O que queria esse homem?

—Nada, Mica, nada. Fica tranquila. Um pobre bêbado chamando a não sei quem. Já se foi, não se preocupe. Não vai voltar a incomodar.

* * *

Carlo lavou o rosto e secou com brutalidade. Jogou a toalha no piso e golpeou a parede com o punho. Tuli lhe deu uma xícara de café, que Varzi bebeu a contragosto.

—Ai, Napo, que desgraça! — exclamou Tuli, histriônico[62] como de costume, e Carlo o olhou sobre a borda da xícara. — Mas imagino quão linda deve ter estado Marlene! Estava formosa, não é certo, Napo? Como era o vestido de noiva?

—Sai daqui antes que te mate! — vociferou Carlo, e o outro desapareceu.

Ele soltou um suspiro: na sala contigua o esperavam Cabecita e Mudo para lhe render contas.

—Têm algo a dizer antes de que passe os dois pela faca?

Avançou lentamente para seus capangas, com olhar avesso que fez estremecer inclusive a Mudo.

—Eu posso te explicar, Napo — balbuciou Cabecita.

—Que merda vai me explicar? Que são um par de inúteis? Que os pago para que cocem as bolas? Querem me dizer que caralho fizeram todo este tempo que não se inteiraram de que Marlene ia se casar com o infeliz do Cáceres?

—Nós estivemos ao pé do desfiladeiro, como sempre —se defendeu Cabecita. — A seguíamos a todas partes, mas não nos demos conta de nada. Parece-me que queriam que ninguém se inteirasse. Nem nos jornais saiu o aviso do casório.

—Não pode ser! — afirmou Carlo. — Não pode ser que não tenham se informado de que Marlene e esse cretino iriam se casar! Caralho! Caralho e mil vezes caralho!

Sobreveio um silêncio no qual só se escutava a respiração agitada de Varzi.

—E a criada, aquela Carmencita? Não era que se vocês jogavam algum dinheiro a mina soltava verbo? Que porra aconteceu com ela?

—Faz tempo que a expulsaram de Urtiaga Four. Parece que ficou grávida…

—Não me importa o que lhe aconteceu! — E perguntou, com mordacidade: — Não havia outra para subornar? Essa mina era a única criada de semelhante mansão?

---

[62]**Transtorno de personalidade histriônica** (TPH) é definido pela Associação Americana de Psiquiatria como um transtorno de personalidade caracterizado por um padrão de emocionalidade excessiva e necessidade de chamar atenção para si mesmo, incluindo a procura de aprovação e comportamento inapropriadamente sedutor, normalmente a partir do início da idade adulta. Tais indivíduos são vívidos, dramáticos, animados, flertadores e alternam seus estados entre entusiásticos e pessimistas.

—Não, claro que não — respondeu Cabecita. — O que acontece é que, ultimamente, era difícil meter-se no jardim ou falar com as criadas. A negra Cheia, a que é governanta, tinha-nos na mira. Uma vez mandou Pascualito nos dizer que se não nos fossemos embora, ia chamar à cã.

—Não vou falar mais o quão inúteis foram — retomou Varzi, em um tom mais baixo, embora igualmente duro. — Está feito. De agora em diante vão cumprir minhas ordens a risca, se não vão procurando trabalho em outra parte. Quero que sigam Marlene aonde vá, que saibam o que faz, o que come, quando dorme, quando sai, quando entra, tudo, absolutamente tudo. Não vou tolerar desculpas.

Varzi lhes indicou a saída e Cabecita deixou a sala. Mudo, por sua parte, fingiu destemor. Entretanto nos anos que levavam juntos e que, em incontáveis ocasiões, tinham compartilhado situações de risco, não recordava ver Carlo nesse estado, completamente fora de controle, desorientado, e o pior, entristecido.

—Napo — implorou Mudo, cansado de uma perseguição que, a seu critério, levaria seu chefe à perdição. — Por que não renuncia? Não se dá conta de que essa mina não pertence a nosso mundo? O que pretende seguindo-a a todos lados? Ela se casou com Eloy Cáceres. — disse com ironia: — O Chanceler da República. Marlene não ia escolher menos para se casar. Ela é da jailaife e alí vai ficar. Assim são as coisas.

—Me escute bem, Mudo. Marlene é minha mulher. Minha mulher. De ninguém mais. Se quiser trabalhar para mim, vai ter que digerir esta ideia. Se não entender, pode ir. Marlene é minha e ninguém, nem sequer ela mesma, vai nos separar. Capito[63]?

Mudo assentiu, e Carlo indicou que partisse.

* * *

[63]**Capito=** Entendeu em italiano



Capítulo XXIII

Eram seis da tarde; a festa tinha terminado ao redor das quatro. Agora, sentada junto a seu marido, Micaela se dirigia ao novo lar.

Eloy parecia cansado; tinha profundas olheiras e quase não falava. Teve piedade dele ao recordar que, no dia seguinte cedo, ele embarcaria rumo aos Estados Unidos em uma missão muito difícil. Fechou os olhos e voltou a abrir, subitamente estremecida.

—Qual é o problema, querida? — perguntou Eloy, e pegou sua mão. Micaela enviesou os lábios e negou com a cabeça. — Com certeza são os nervos pelas bodas. Tudo aconteceu e correu muito bem. Agora, acalme-se.

Micaela fingiu um sorriso e apertou a boca para conter as lágrimas. Como explicar a seu marido, tão gentil e galante, que estava pensando em outro? Que se ela fechasse os olhos não era seu rosto o que aparecia, mas sim um moreno e malvado que ela adorava? "Tudo está começando mal", disse-se, e supôs que se Varzi não tivesse ido à igreja naquela manhã, o tormento não seria tão grande. O eco de seus gritos voltou a chocar seus ouvidos, e baixou o rosto para enxugar as lágrimas.

Ralikhanta tomou a Rua San Martín e parou frente à mansão que por décadas tinha pertencido à família Cáceres. Micaela desceu do carro e ficou olhando a residência colonial. A fachada envelhecida lhe deu má impressão. O interior da casa não era menos lúgubre. Em hindi, Cáceres deu ordens a Ralikhanta, que se preparava para abrir as cortinas e as janelas.

—Como verá querida, faz muito tempo que nenhuma mão feminina se ocupa desta casa. Espero contar com seu bom gosto para remoçá-la. Sinta-se livre para fazer e desfazer. Acredito que se manterá ocupada até minha volta.

Micaela atravessou o corredor e entrou no salão principal. Seu calcanhar retumbou no chão de madeira e intensificou o silêncio reinante. O teto, pintado de marrom, banhava a sala de jantar com a escuridão. Os móveis, enormes e maciços, de estilo espanhol muito antigo, pareciam emergir sobre eles; ocupavam muitíssimo espaço, sem embelezar a sala absolutamente. "É a primeira coisa que farei desaparecer", pensou.

—Você gosta de sua nova casa? — quis saber Eloy. Pegou-a pela cintura e a fez virar. — Sei que não é nem a décima parte do que está acostumada, mas é o que tenho para te oferecer. Por agora — adicionou.

—É muito linda — mentiu Micaela—, mas, como bem disse, necessita a mão de uma mulher. O estilo é colonial e eu gosto. Acredito que se pode fazer algumas reformas para que pareça melhor.

Eloy a abraçou e beijou. Micaela agarrou-se ao seu pescoço e respondeu ansiosamente, em busca da quietude que não achava em si.

—Meu amor — sussurrou Eloy—, quero te fazer feliz.

Micaela se sentiu melhor ao escutar a voz suave de seu marido. Estava-lhe dizendo a ela que queria fazê-la feliz. Soube, então, que não tinha cometido um engano casando-se com ele. Ao seu lado encontraria a estabilidade e a sensatez que nunca teria alcançado junto a esse, de quem não queria, sequer, recordar o nome.

—Ralikhanta, acompanha à senhora ao seu dormitório — ordenou Eloy. — Disse a Ralikhanta que a acompanhe ao seu quarto, querida.

—Meu quarto? — balbuciou Micaela. — Pensei que compartilharíamos o quarto.

—É o que você diz agora — repôs Eloy, e sorriu—, mas eu lhe asseguro, você não pensará o mesmo quando perturbar você à noite, ou deixar tudo desordenado. Melhor você dormir sozinha, tranquila e sem incômodo.

—Mas não vai me incomodar. Não sinto isso Eloy! É meu marido.

—Eu fico lendo até muito tarde, querida; às vezes, nem durmo. Tenho muito trabalho e estou acostumado a trazê-lo para casa. No meu quarto, tenho minha biblioteca e meu escritório. Seria muito irritante para você ter que dormir com a luz acesa e eu rondando por aí.

Micaela continuou argumentando e Eloy a rebateu inteligentemente. Por fim, e ante a insistência de sua esposa, prometeu-lhe que voltariam a discutir isso na sua volta da América do Norte.

Ela seguiu Ralikhanta por um sombrio e longo corredor como o resto da casa, lotado de quadros velhos e desbotados. Ao final estava seu quarto, de grandes dimensões, com vista para rua. Aproximou-se da cama com dossel e pensou que era mais velha do que Matusalém. Apalpou o colchão e o julgou muito duro. Não gostou nem da toilette, nem dos canapés, nem a escrivaninha, embora admitisse que tudo estava limpo e arrumado.

—Deixe tudo no chão, Ralikhanta — ordenou Micaela em inglês. — Amanhã irá a minha casa e trará o resto das coisas. Ainda ficaram dois baús e outras coisinhas. — Ralikhanta se limitou a assentir. — E agora, por favor, mande uma das criadas para que me ajude a desempacotar.

—Nesta casa não há criadas, senhora —afirmou Ralikhanta, incômodo.

—Não há criadas? E quem se encarrega de tudo?

—Eu mesmo, senhora. Duas vezes por semana vem Casimira, que me ajuda um pouco com a limpeza e a roupa do senhor, mas nada mais, embora não nos entendamos. Ela só fala castelhano e eu quase não a compreendo.

Não quis fazer comentários com o servente e o despachou. Sentou-se na beira da cama e olhou em volta. Havia muito a ser feito e ela recuperou um pouco de seu humor, pois permaneceria ocupada durante a ausência do marido e não teria tempo para ficar entediada ou pensar. Estava muito cansada. Deitou-se, olhou para o dossel e adormeceu.

* * *

O quarto de Micaela tinha uma janela para a rua, e de lá veio o barulho que a acordou. Deu-se conta de que estava na casa de seu marido e de que tinha anoitecido. As cortinas puxadas e as venezianas totalmente abertas permitiam que a lanterna da rua regasse sua luz com profusão dentro do dormitório.

Levantou-se, correu as cortinas e acendeu as luzes. E agora, o que? Não se escutava ruídos, nem vozes. O relógio da parede mostrava dez da noite. Funcionaria bem?

Tinha fome e vontade de tomar um banho. E Eloy? Já teria se deitado? Não, ele não podia ter se deitado ainda. E a noite de núpcias? Tudo era estranho e incomum.

Ela saiu para o corredor em busca do marido. Escutou vozes que vinham de um dos quartos. Aguçou o ouvido e reconheceu a voz de Eloy que falava com Nathaniel Harvey, porém, pelo tom das vozes e as contínuas interrupções, deduziu que discutiam. Bateu na porta e entrou. Os rostos desarticulados dos homens confirmaram suas suposições.

—Micaela, querida! — exclamou seu marido, e fingiu serenidade. — Olhe quem veio!

Ambos se adiantaram para recebê-la. Nathaniel, formal e cavalheiresco, beijou-lhe a mão e a felicitou.

—Pensei que estivesse em Salta, Sr. Harvey — disse Micaela—, tratando do assunto da rede ferroviária. Não havia me dito isso, Eloy?

—Sim, sim — se apressou o inglês. — Mas pude escapar para cumprimentá-los, embora eu temo que cheguei muito tarde. Eloy me contou que tudo acabou por volta das quatro.

—Sim. Eloy precisava se liberar o mais cedo possível. Amanhã parte para a América do Norte.

—Estava me contando isso — disse Nathaniel e olhou sério para seu amigo. — Eloy não tem ideia do engano que comete ao deixar sozinha uma esposa tão bonita como você. Todos os homens de Buenos Aires estarão esperando ansiosamente sua partida para nos lançarmos em sua conquista — brincou.

Micaela sorriu; ao Eloy, entretanto, o comentário não foi divertido.

—Querida, convidei Nathaniel para jantar conosco. Poderia avisar a Ralikhanta que ponha outro lugar na mesa?

Micaela escondeu o desgosto por educação, embora ela não concebesse a falta de tato de seu marido ao compartilhar sua noite de núpcias com um amigo, ou a coragem de Harvey de aceitar. Nada sensato lhe veio à mente e, certa de que não podia evitar a irritante intromissão, ela pediu para Eloy lhe mostrar o caminho para cozinha.

O jantar foi um fiasco. Ralikhanta não era bom cozinheiro; a carne, além de meio crua, estava excessivamente temperada, e a salada, muito sem gosto. Eloy e Nathaniel conversaram sobre política; a guerra na Europa e suas derivações acabaram ganhando o lugar preferencial e não se afastaram desses assuntos até o final da noite. Cáceres parecia respeitar a opinião do inglês porque o escutava com atenção e quase não o interrompia. Micaela se surpreendeu da mudança de atitude, quando uma hora antes os tinha encontrado envolvidos em uma discução. Por que teriam discutido? Enfim, a jovem se manteve calada grande parte do jantar, e se esforçou para engolir a carne e achar a salada saborosa.

— Apenas vá, minha querida — disse Eloy no final da refeição —; em um minuto estarei com você.

Micaela se despediu de Harvey e entrou na escuridão do corredor. A ideia de preparar-se para receber seu marido a excitava. Cheia tinha arrumado o enxoval em uma bolsa de mão. Tirou a camisola de seda e renda, o déshabillé[64] que fazia jogo e uma camisola de cetim, tudo confeccionado pelas mãos da nana. Entre as roupas estavam sacos de tule com sementes de lavanda, sabonetes com perfume de rosas, uma garrafa com loção para as mãos e um perfume. Cada coisa a emocionava ao extremo; mama Cheia tinha comprado os tecidos, costurado e preparado tudo com amor. Não pôde evitar que algumas lágrimas, aos poucos, se transformassem em um pranto amargo. Assustada, perguntou-se por que chorava, e, embora soubesse a resposta, negou-se a aceitá-la. Enxugou o rosto e decidiu tomar um banho.

Olhou-se no espelho satisfeita; a camisola, além de elegante, era sensual e insinuante e, para mostrá-la, decidiu não usar o déshabillé. Sentou frente a penteadeira, esfregou as mãos com a loção de limão e se perfumou generosamente. Por último, começou a escovar o cabelo, enquanto fantasiava sobre Eloy encontrá-la nessa posição.

Tanto foi escovado que o cabelo foi eletrificado, e longe de obter volume e suavidade, conseguiu pouco brilho e aspereza. Voltou o olhar para o relógio de parede: fazia uma hora que Eloy se despedia de seu amigo. Certamente, continuariam envolvidos em suas polêmicas. Furiosa, pegou o déshabillé e foi em sua busca. Novamente, ao final do corredor, escutou as vozes levantadas. Desta vez, ela não teve nenhum desejo de entrar e retornou para seu quarto muito abatida, onde tombou sobre a cama à espera de seu marido.

* * *

Micaela abriu os olhos e viu Eloy de pé, ao lado da cabeceira.

—Tudo bem, querida, volte a dormir.

—Que horas são?

---

[64]**Deshabillé** = O mesmo que négligé (robe feminino de tecido fino e transparente, ger. adornado de rendas ou babados.)

—Uma e meia. Me desculpe ter te despertado. Dorme outra vez.

—Estava te esperando — disse Micaela irritada. — Por que demorou tanto tempo? Nathaniel já foi?

—Sim, já foi. Eu estava estudando alguns papéis que necessito a primeira hora amanhã.

Ostensivamente chateada, Micaela cravou seu olhar no de Eloy, que se ajoelhou ao seu lado, pegou sua mão e a beijou.

—Me perdoe, meu amor. Comportei-me como o pior dos homens, me perdoe. —Voltou a lhe beijar a mão. — Possivelmente não deveríamos ter nos casado até minha volta. Assim, teria tido as bodas que merece, com lua de mel e todo o resto. Mas, confesso, não podia esperar; queria que fosse minha o mais rápido possível e não pude aguardar até minha volta. Tinha medo de que, quando voltasse, você tivesse se arrependido. — reclinou-se sobre ela e a beijou, primeiro na testa e logo nos lábios. — Micaela, meu amor, ainda não posso acreditar que tenha me aceito. Não acredito que esteja aqui, em casa, de que durma nesta cama, perto de mim. É o mais puro e lindo que há em minha vida.

Micaela lhe acariciou o rosto e sorriu.

—Por que discutia com Nathaniel?

—Discutir? —repetiu Eloy.

—Sim. Esta noite, quando fui te buscar para jantar, escutei que discutiam.

—Ah, sim! Não se preocupe, não foi nada.

—Se não foi nada, pode me dizer — pressionou ela.

—Disse-me que está loucamente apaixonado por você e que, enquanto eu não esteja aqui, vai vir a esta casa e vai te raptar. Não, é uma brincadeira! — esclareceu imediatamente. — Nathaniel e eu temos alguns negócios em comum e, às vezes, não estamos de acordo. Isso é tudo.

—Que tipo de negócios?

—Recentemente, minha tia Otilia lhe vendeu sua parte do campo. Agora, ele e eu somos sócios. Nenhum dos dois sabe muito a respeito de vacas e essas coisas, mas não vai tão mal. De toda forma, e como escutou, às vezes, discutimos. Acredito que não foi boa ideia mesclar a amizade com os negócios.

Eloy voltou a beijá-la brandamente e ficou de pé disposto a partir.

—Já vai? — perguntou Micaela desconcertada.

—Sim, querida. É muito tarde e amanhã tenho que madrugar. Prometo que, quando voltar, teremos nossa noite de núpcias. Agora estou cansado e nervoso. Não fique zangada, meu amor. Na minha volta, te farei a mulher mais feliz do mundo.

Apesar da doçura de suas palavras, o semblante de Eloy a convenceu a não insistir, e, apesar da desilusão, aferrou-se a sua promessa e manteve o bom humor. Sim, desejava com todas as suas forças amar Eloy Cáceres e alcançar a felicidade junto a ele.

Na manhã seguinte, acostumada com a ajuda de Cheia, ela levou tempo para se vestir para acompanhar Eloy até o porto, e conseguiu deixá-lo de mau humor. "Primeira lição, disse-se, o Sr. Cáceres é muito pontual." E embora se desculpasse, Eloy continuou pensativo e sério durante a viagem até as docas. Ao chegar e ver um grupo de amigos que tinham ido dizer adeus, seu humor mudou radicalmente, e Micaela ficou aliviada. Entre as pessoas, descobriu seu pai, e, em seguida, perguntou-lhe pelo Gastón María.

—Saiu muito cedo esta manhã. Voltou para a estância porque tinha uns assuntos pendentes. Eu acredito — adicionou, com um sorriso—, que seu irmão não pode estar separado de sua mulher e de seu filho muito tempo. Quem o viu e quem o vê!

"É claro que sim!", demarcou Micaela para si, convencida, além disso, de que Gastón María só queria evitar Cáceres.

Otilia se mostrou mais irritante que de costume e encheu de recomendações o seu sobrinho, que as recebeu pacientemente e de bom grado. Micaela sentiu ciúme: ela só tinha demorado uns minutos em vestir-se e Eloy se zangou; Otilia, chata como poucas, recebia sorrisos condescendentes e beijos no rosto.

Nathaniel se aproximou, pegou suas mãos e a olhou nos olhos.

—Não fique triste, senhora — sussurrou. — Verá que o tempo passa rapidamente e, antes que se dê conta, teremos o Sr. Cáceres de volta em Buenos Aires.

—Obrigado, Sr. Harvey. Suas palavras são um grande consolo. Mas agora que somos como da família, peço-lhe que me chame Micaela.

—Será uma honra, Micaela. E você, me chame Nathaniel. Prometo-lhe que não se sentirá sozinha. Irei visita-la diariamente.

—Acreditei que voltava para Salta. Seus negócios com as ferrovias não estão lá agora?

—Sim, é certo — afirmou o inglês—, embora tenha questões muito importantes que me reterão um bom tempo em Buenos Aires.

—Do que falavam? — quis saber Eloy.

—O Sr. Har… Digo, Nathaniel estava me dizendo que não tem que retornar para Salta no momento. Ficará em Buenos Aires e será uma companhia para mim. Prometeu me visitar diariamente, não é verdade?

—Claro que sim. Pode ir tranquilo, Eloy, eu cuidarei de sua esposa.

—Não será necessário — assegurou Eloy lacônico. — Eu arranjei tudo para que minha esposa esteja tão protegida como se eu estivesse em casa. E agora, se nos desculpar Nathaniel, quero me despedir dela a sós.

—Sim, é obvio.

Harvey se afastou e Cáceres o seguiu com o olhar até que se perdeu no meio do grupo. Surpreendida pela severidade de seu marido, Micaela não se atreveu a pronunciar uma palavra e esperou que ele começasse. "Segunda lição, disse-se, o Sr. Cáceres é muito ciumento."

—Micaela, meu amor, não acredita que seria melhor que fosse para casa de seu pai enquanto eu me ausento? Estive pensando nisso a noite toda. Acredito que é o melhor.

—De maneira nenhuma, Eloy. — A firmeza de sua esposa o deixou boquiaberto. — Agora minha casa é a da rua San Martín. Não vou me mudar dalí. Além disso, no tempo que você não esteja, quero fazer algumas melhoras. Ajudará a me manter ocupada.

Os passageiros do vapor começaram a subir. O grupo voltou a juntar-se ao redor de Eloy para despedir dele, e Micaela, com muita dificuldade, recebeu um rápido beijo na bochecha.

* * *



Capítulo XXIV

—Que sensatez de sua parte reformar esta casa! — disse Regina Pacini. — Certamente, é espantosa. Parece com essas construções góticas, escuras e tenebrosas. Não sei como seu marido pôde viver tanto tempo em um lugar como este. Deve ser por isso que ele tem esse rosto amargurado e poucos amigos. Como não, se mora em um lugar como este! Não te dá medo dormir sozinha de noite? — Micaela ficou olhando-a. — O que foi? Tenho algo no rosto? — perguntou Regina, e passou a mão pela fronte.

—Não, não — respondeu Micaela. — Te olhava porque me lembrou alguém muito querido para mim.

—Sim? A quem?

—A Irmã Emma, uma freira do internato da Suíça.

—A fiz lembrar de uma freira? E o que eu tenho a ver com uma freira?

—Era uma freira muito especial. Na realidade, seus pais a mandaram ao convento à força. Não se parece fisicamente a ela, mas sim no caráter. Emma era assim como você, livre e autêntica; sempre dizia o que pensava, sem rodeios.

—Acaso existe outra forma de dizer as coisas? É a única maneira das pessoas entenderem. Ah, mas não! Todos insistem e insistem em ocultar e disfarçar a verdade. O único que conseguem são falatórios e intrigas. Por exemplo, a morte do seu tio Raúl Miguens. Quem acredita que morreu de um infarto? Todos sabem que foi morto com uma navalhada em um desses bordéis dos que era habitué.

Micaela tremeu e, incapaz de ocultar sua perturbação, deixou-se cair no sofá.

—Me desculpe querida! Fui uma bruta, como sempre! Acreditei que sabia.

"E bem que sei", pensou.

—Mudemos de assunto — ordenou Regina, enquanto aproximava um copo com água. — Não aceito voltar a tocar em assuntos tristes. Diga-me escreve com frequência para essa freira, com a...? Como era?

—Irmã Emma. Não, morreu faz mais de um ano.

—Hoje não acerto uma! — explodiu Regina, e, involuntariamente causou a alegria de sua jovem amiga. — Pelo menos eu te fiz rir. Faz dias que percebo você triste, preocupada. É seu marido?

—Sim, pode ser.

—Ai, estes políticos! — exclamou, com as mãos ao céu. — Não se preocupe, quando voltar, tudo vai melhorar.

* * *

Para as reformas, Urtiaga Four recomendou o arquiteto da moda, Alejandro Christophersen, um homem calado e taciturno, mas com bastante engenhosidade para mudar a aparência de uma casa que ele definiu como "desesperadamente desatualizada". Novas aberturas, cores pastel nas paredes, mobiliário inglês nas salas e vasos com flores em qualquer parte obtiveram o milagre. O escritório de Eloy estava fora do alcance do arquiteto e, embora Micaela insistisse em abrir a porta, Ralikhanta jurou que não tinha a chave. Uma carta de Cáceres deu por confirmada a interdição: "Proíbo qualquer tipo de reforma em meu quarto e em meu escritório". "Nova lição, pensou Micaela, o Sr. Cáceres é muito ciumento com suas coisas." Finalmente, Christophersen cobrou uma fortuna que a jovem pagou com prazer.

No tempo que duraram as obras, Micaela se hospedou na casa de seu pai. Não custou convencer mama Cheia de que, uma vez terminada a remodelação, mudasse com ela para casa

de Eloy. Moreschi, por sua parte, decidiu alugar um apartamento próximo à Rua San Martín, mas a teimosia de Rafael atirou seus planos pela borda e teve que aceitar o convite para ficar vivendo na mansão por tempo indefinido.

Na opinião de Micaela, as coisas se encaminhavam e, pouco a pouco, a paz e a ordem retornavam a sua vida. Aguardava ansiosa a volta de Eloy, certa de que sua presença completaria o perfeito círculo de tranquilidade que tinha traçado ao seu redor.

Havia uma última questão pendente: a servidão. A tal Casimira acabou sendo um desastre e não demorou muito até que Micaela a despedisse e contratasse duas novas empregadas, uma para a cozinha e outra para a limpeza, sujeitas às ordens de Ralikhanta, mordomo e chofer desde esse momento.

—Acontece algo, Ralikhanta? — quis saber Micaela, que, fazia algum tempo, notava-o estranho.

—A senhora tem feito tantas mudanças… Acredita que serão do agrado do senhor?

—Tenho certeza. Esta casa não podia continuar assim, Ralikhanta. Mudanças radicais eram necessárias.

—Espero que a senhora me desculpe pela impertinência, mas, acredita que seja necessário que as empregadas novas fiquem morando na casa? Não seria melhor que só viessem umas horas no dia?

—Não, de maneira nenhuma. Esta casa é muito grande e é necessário que fique impecável. Não se esqueça de que o Sr. Cáceres é o chanceler da Nação. Devemos nos preparar para receber personalidades importantes. A casa deve estar perfeita e o serviço deve ser de primeira. Outra coisa — adicionou Micaela, sem dar tempo para réplica—, a partir de segunda-feira começa a ter aulas de castelhano. No momento, Tomasa e Marita ficarão sob minhas ordens, mas logo, esse assunto, eu delego a você.

Ralikhanta não pensou dizer uma palavra, surpreso, além de aterrorizado, pelas consequências que, com certeza, viriam de tantas mudanças. Retirou-se no momento em que o Sr. Harvey, presunçosamente, entrava na sala. Vendo Nathaniel, Micaela o convidou a entrar cortesmente e fez um esforço para ocultar seu aborrecimento. O Sr. Harvey tomou muito a sério a promessa feita a Eloy no porto e não tinha passado um dia que não a visitasse e se preocupasse com seu bem-estar.

—Venho da casa de seu pai — informou o inglês, entregando-lhe um buquê de perfumados narcisos. — A senhora Otilia me avisou que já tinha voltado para casa de Eloy.

—Obrigado — disse Micaela, e ficou de pé para procurar um vaso. — Que delicioso perfume!

—Tenho que felicitá-la, fez maravilhas com esta casa. Parecia um caso perdido, e agora se converteu em um lugar encantador. Quanta luz! Além disso, respira-se ar fresco.

—Os narcisos vão ajudar — demarcou Micaela, para terminar com tantas adulações. — Acompanha-me em um chá?

O inglês aceitou de bom grado. Sentaram-se. Harvey falou primeiro e comentou sobre a guerra. Informado de questões arrepiantes, detalhava-as com uma precisão que a exasperava, e, sem se importar com a palidez da jovem, prosseguia com o relato.

—Por favor, Nathaniel, rogo-lhe que mude de assunto. Não posso suportar as atrocidades que me conta.

—Desculpe Micaela! Que falta de tato! Um pouco de chá lhe fará bem. —Aproximou a xícara e a incitou a beber. Arrastou a mão através da mesa e pegou a dela. — Micaela, você é tão frágil e terna, como pude incomodá-la com estes relatos? Olhe para seu rosto, tão pálido. Não me perdoarei por ter ofuscado a sua beleza. Seus lindos olhos por um momento escureceram. Eu não tenho perdão!

Micaela afastou a mão e olhou para ele com seriedade. A que se propunha esse homem? Acaso estava insinuando-se? À medida que os dias passavam e sua relação se aprofundava, Nathaniel Harvey revelou-se como um homem enigmático.

* * *

Esquecera-se de Carlo Varzi. Sim, ela o tinha esquecido; com certeza. Virou para se olhar no espelho. Sim, questão superada. Ela ficou parada, olhando sua própria imagem. Mentira, não o tinha esquecido nem um pouco. Se não, por que repetia como uma néscia: esqueci-o, esqueci-o? Fazia meses que não sabia nada dele e a ideia de que ainda existisse em alguma parte, de que vivesse sua vida normalmente, era insuportável. Que diabos tinha esse homem que não podia arrancá-lo de seus pensamentos?

Eloy chegaria no dia seguinte e, com ele, a paz que ansiava. Percorreu a casa pela centésima vez: verificou se os talheres brilhavam, arrumou os buquês nos vasos, endireitou os quadros, tirou pelinhos das almofadas e ordenou a Marita examinasse os móveis. A casa devia estar perfeita para causar uma boa impressão.

A missão na América do Norte tinha sido um êxito. Um grupo numeroso de políticos e amigos recebeu Eloy e a sua comitiva no porto de Buenos Aires. Foi difícil para Micaela chegar até seu marido e, quando conseguiu, teve que dividí-lo com Otilia que o encheu a perguntas.

—Conheceu o presidente Wilson? Foi à Casa Branca? É tão luxuosa como dizem? Que outros lugares você visitou? Conheceu alguém famoso?

Eloy tentava responder com paciência, dando olhares condescendentes para sua esposa. Pareceu uma eternidade, mas, logo depois de um almoço na mansão dos Urtiaga Four e uma reunião com os políticos mais ilústres, o casal Cáceres partiu para o seu lar.

Por enquanto, nada estava sendo como esperado: as reformas não agradaram a Eloy, absolutamente, e, em vez de avaliar os acertos e as novas aquisições, limitou-se a perguntar pelos móveis velhos, os quadros do corredor, as cortinas de voile que tinham pertencido a sua avó, e a comentar como seria irritante entrar no salão principal por esse lado; mais tarde, chegou Harvey e ficou para jantar. Na opinião de Micaela, a sobremesa durou muito, e o inglês a prolongou até esgotar os assuntos com uma minuciosidade exagerada.

Não lhe importou a boa educação, nem o convidado de seu marido, e alegou cansaço para levantar-se da mesa, com desejo de enforcar Eloy ao escutá-lo dizer: "Até manhã, querida, durma bem". Encaminhou-se ao seu quarto feito uma fúria, que se converteu em pena quando encontrou mama Cheia acomodando o enxoval sobre sua cama. Permaneceu de pé na porta com os olhos cheios de lágrimas.

—Por que não sentou para jantar conosco, mama? —perguntou, ao recuperar a compostura.

—Teve tempo de dizer ao seu marido que estou vivendo aqui?

—Não, ainda não comentei nada. Não estive um minuto a sós com ele. Além disso, Harvey ficou para jantar. O que tem a ver com isso o que te perguntei?

—Seu marido não é um homem fácil, Micaela. Tenho medo de que não aceite que eu fique nesta casa.

—Esta casa também é minha casa. Você vai viver aqui porque assim decidi.

Custou-lhe conciliar o sonho; virou na cama e pensou muito até que o cansaço a venceu. No meio da noite, foi despertada por gritos angustiantes. Saiu ao corredor, onde vislumbrou Ralikhanta que se deslocava como uma sombra no quarto de seu marido. Olhou para a porta dominada pelo medo: o indiano, tremendo, tentava despertar Cáceres de um pesadelo. Aturdido, Eloy se levantou, tomou o remédio dado por Ralikhanta e o mandou embora imediatamente depois. Micaela o interceptou no corredor.

—O que aconteceu, Ralikhanta? O que foram esses gritos?

—Senhora! — sobressaltou-se o homem. — Nada, não se preocupe. Volte para a cama. Já passou tudo.

—Ralikhanta, por favor! Me diga o que aconteceu ao meu marido!

—O Sr. Cáceres sofreu uma febre muito ruim no meu país. Desde então, de noite, está acostumado a ter pesadelos. Já tomou seu remédio, logo voltará a dormir.

Ela entrou no quarto de Eloy, que ainda permanecia sentado em sua cama, pálido e suado.

—Entende por que não quero que durma comigo? — murmurou. —Seria uma tortura para você suportar meus pesadelos quase todas as noites.

Micaela sorriu da porta e se animou a avançar a um gesto de Eloy. Pegou um lenço na mesa de cabeceira, mergulhou-o na jarra e passou em sua testa. Roçou-lhe as bochechas e beijou seus lábios.

—Micaela, meu amor, não te mereço. É muito para mim. Sou um egoísta. Não te mereço.

—Não diga nada e me beije — sussurrou ela.

Cáceres a rodeou com seus braços e encheu seu rosto de beijos. Deitou-a gentilmente na cama, acariciou seu corpo e tirou o deshabillé. Micaela abstraiu-se e tentou concentrar-se na paixão do marido, determinada a sentir o mesmo; entretanto, logo desistiu, pois, o desejo não vinha de seu corpo, e, embora Eloy se esforçasse em agradá-la e mostrar-se excitado, sua expansividade era fingida e vacilante. Tão diferente de Carlo Varzi. A lembrança desse homem naquele instante a atormentou e teve que controlar o impulso de tirar o Eloy de cima.

—Não, não posso! — gritou Cáceres, e se deitou ao seu lado. — Não posso — repetiu, e levou as mãos ao rosto.

Micaela o observou boquiaberta antes de pronunciar qualquer palavra.

—Eloy, querido, o que acontece? Sente-se mal?

—Micaela — murmurou Eloy, e se jogou em seus braços. — Não te mereço, não te mereço.

—Está bem, Eloy, não se preocupe. Talvez esta não seja a melhor noite. Você acabou de chegar de uma longa viagem, teve um dia muito difícil e, para completar, o pesadelo que tanto o aborreceu. Amanhã vamos tentar novamente. Não se preocupe.

—Estou com um anjo? — perguntou-se Eloy. — Como pode ser tão compreensiva? Não, Micaela, não posso te agradar porque estou doente. Os médicos me disseram isso, mas eu pensei que, te amando como te amo e sendo tão formosa como é, poderia superar minha impotência.

—Impotência?

—Faz mais de um ano sofri uma febre muito estranha na Índia. Quase morri. Durante dias permaneci inconsciente e, quando voltei em mim, estava tão fraco que não podia manter os olhos abertos. Pouco a pouco, fui me recuperando, embora essa maldita peste me deixou estropiado para sempre. Já não sou um homem, sou um despojo.

—Não diga isso, Eloy! — zangou-se Micaela. —Claro que é um homem. Um grande homem. Não pode ser que esta doença tenha causado tanto dano. Você consultou outros médicos?

—Os médicos na Índia me disseram que não havia nada a fazer. Micaela me perdoe! Suplico-lhe isso! Perdoe-me! Juro que não quis te enganar. Eu te amo. É a mulher que sempre quis como companheira. Não quis te prejudicar.

—É obvio que não quis me prejudicar, querido. Não se atormente.

—Seria justo se quisesse me abandonar e anular nosso casamento. Está no seu direito. E continuo sendo um egoísta por desejar com todo meu coração que sempre esteja ao meu lado. Não poderia viver sem você. Não me abandone, por favor!

—Se tranquilize, Eloy, não vou abandoná-lo — expressou, insegura. — Estou convencida de que se pode fazer algo. Não acredito que na Índia existam os melhores médicos. Consultaremos outros especialistas. Alguma solução tem que existir.

—Não me deixe meu amor! — Apertou-a tão forte que Micaela sentiu dor nos lados. — Não poderia viver sem você! Me ajude, meu amor! Me salve!

Ela se compadeceu de seu marido, vulnerável como um menino, e, sem refletir, repetiu que não o abandonaria.

* * *

Capítulo XXV

Antes de se casar, apesar da oposição de seu professor, Micaela tinha decidido tirar um ano sabático, ansiosa por cuidar de seu marido e de sua nova casa. Logo, as ilusões foram desfeitas e entendeu que cantar seria o melhor refúgio.

Moreschi estava entusiasmado e sem qualquer perda de tempo ele avaliou e organizou as ofertas. O teatro municipal de Santiago do Chile recebeu muito bem a admissão de Divina Four para participar do Festival de Beethoven no início do ano seguinte, tanto na ópera Fidelio como na Nona Sinfonia. No fim de novembro, e como fechamento da temporada, o Colombo estrearia A Flauta Mágica, de Mozart, e Micaela interpretaria a Rainha da noite.

Suas atividades a mantinham ocupada, longe de pensamentos acidentados e problemas sem solução imediata. De toda a forma, o temperamento incerto de Eloy a levava ao maior desespero; por momentos, a doçura e o encanto o convertiam em uma pessoa adorável; em outros, tornava-se áspero e solitário. Por causa de sua deficiência física, subestimava-se, e acreditava ver em cada homem um possível amante de Micaela. Tinha ciúme de todos, menos de Nathaniel Harvey, quem, na opinião dela, sustentava a única insinuação notória, beirando a insolência. Se antes Harvey tinha parecido gracioso e afável, agora o achava afetado e falso.

A situação envolveu alguma dificuldade, e exigiu tato e prudência. Segundo Eloy, durante sua enfermidade na Índia, Nathaniel Harvey se manteve incondicionalmente ao seu lado; cuidou e velou por ele dias e noites inteiras. Ele o levou para sua casa e ordenou que seus servos fossem tratados como reis, especialmente Ralikhanta, que ele dispensou de outras responsabilidades domésticas. Harvey mesmo falava com os médicos e se encarregava de conseguir os remédios, escassos e custosos. O agradecimento cobria como uma atadura os olhos de Eloy e o impedia de ver os defeitos de seu amigo. Sem dúvida, Nathaniel Harvey exercia uma ostensiva ascendência sobre seu marido.

Por mais que tentasse, Micaela não podia amar Eloy Cáceres; apreciava-o e se compadecia dele, mas nada mais. Depois da noite da confissão, a harmonia e o bom trato caracterizaram sua relação, e o conhecimento que cada um tinha do outro parecia de anos. Se Cáceres estava disposto, falavam horas e horas; se ostentava esse semblante sério, Micaela se retirava e o deixava sozinho em seu escritório. A princípio ela achou desconfortável, inclusive chocante, mas, com o tempo, Micaela se acostumou às visitas noturnas de seu marido, e, embora não tivessem aproximações amorosas, conversavam como velhos amigos.

—Por que foi viver na Índia? — perguntou Micaela uma noite que o notou mais afável que de costume.

—Fui à Índia seguindo uma mulher — respondeu sinceramente. —Lembra que te contei que minha tia me enviou para estudar em Cambridge?

—Sim, lembro-me.

—Em Londres, conheci a filha de um general britânico. Iniciamos uma relação. Depois de um ano, me disse que seu pai tinha sido transferido para Índia e que ela devia ir com ele. Não podíamos nos casar ainda; recém-graduado, eu não tinha um tostão, e ela estava acostumada à boa vida. Como já trabalhava na companhia de ferrovias, pedi transferência para Índia e me concederam isso. Era estranho que alguém se aventurasse de boa vontade nessas terras longínquas. Como já sabe, na Índia contraí essa enfermidade. Os médicos falavam diariamente com minha prometida e, quando disseram que eu... Bom, que eu tinha ficado incapacitado rompeu nosso compromisso e retornou à Inglaterra. Nathaniel me contou que se casou com um general inglês, colega de seu pai.

—Quanto lamento, Eloy. Não sabia que, além de tudo, tinha sofrido um desengano amoroso. Sinto muito. Você a amava muito?

—Sim, eu a amava muito, mas não adiantou. Me abandonou porque não ia poder agradá-la na cama. Eu tinha muito mais para dar. O amor não pode se reduzir somente a isso. Eu tinha muito mais para dar — reiterou, nostálgico.

—Como se chamava?

—Fanny Sharpe.

—Lindo nome. Com certeza é bonita.

—Está com ciúme? — inquiriu Eloy com um sorriso.

—Com ciúme? Não. Por que eu teria ciúme?

—Eu adoraria que estivesse com ciúme da Fanny.

Eloy abandonou a cadeira, tomou-a pela cintura e a aproximou de seu corpo. Sussurrou que a amava e a beijou febrilmente. Pela primeira vez, Micaela sentiu a paixão sincera de seu marido e se deixou levar, imersa em um mundo de ilusões que ressurgiram depois de tanto tempo.

—Micaela, não, por favor. Não posso. — Afastou-a de seu peito e desviou o olhar. — Me perdoe, deixei-me levar e te iludi, mas não posso.

Micaela controlou sua agitação, que nesse momento a humilhava demais, e ajustou o robe e o cabelo.

—Está bem, querido, não se aflija. Algum dia poderá.

—Não, nunca vou poder. Não entende? Nunca vou poder.

—Não seja pessimista, Eloy. Concordamos em consultar outros médicos. Talvez o seu problema tenha uma cura. Então…

—Então, nada! — irritou-se Cáceres. — Não exija de mim algo que nunca poderei te dar! Isso me enche de frustração. Eu já disse o que os médicos diagnosticaram, por que você insiste? Para me atormentar ainda mais?

—Sempre é bom pedir uma segunda opinião — afirmou Micaela brava. — Você não pode se prender ao que os médicos da Índia disseram, um país tão primitivo.

—Não se engane, Micaela, a Índia não é um país primitivo. Longe disso, está cheio de uma sabedoria que você nunca entenderia. — Logo depois de uma pausa adicionou: —Pensei que era diferente, mas vejo que é igual a todas. Igual a Fanny. Tudo o que importa é a cama.... Outras coisas importantes, que eu poderia te dar como ninguém, não te interessam… —Ele saiu do quarto e bateu a porta.

* * *

No dia seguinte, Eloy se desculpou. Micaela aceitou, mas seu afeto se ressentiu, e soube com certeza que, além da possível recuperação de seu marido, nunca compartilharia a cama com ele. Abandoná-lo nesse momento significaria enterrá-lo vivo; decidiu esperar, com suas expectativas postas em que superasse a impotência, para então pedir a separação sem culpa. Enquanto isso, seu relacionamento ia continuar como antes, harmonioso, cheio de elogios e lisonjas, mas não teria uma proximidade física entre eles.

Passava a maior parte do dia fora de casa, ocupada com suas atividades líricas e sociais. Os ensaios e exercícios continuavam a ser realizados na casa de seu pai, onde Moreschi a esperava todos os dias, cheio de um entusiasmo que contrastava com o seu desânimo, que não passou despercebido pelo mestre.

—Falta-lhe força, Micaela — reclamava. — Esta aria requer todo o seu poder, caso contrário, ela perde significado. Ouça. —E Moreschi cantou uma estrofe de A Flauta Mágica.

Algumas tardes, sua amiga Regina Pacini organizava eventos e reuniões em que o canto lírico era sempre a desculpa. Não demorou muito e Regina confessou que estava aliviando sua frustração por sua truncada carreira de soprano com atividades semelhantes.

—Ao menos, me mantenho perto do ambiente artístico, sem manchar o bom nome de meu marido — comentava. — É incrível que seu pai se sinta tão orgulhoso de ter uma filha soprano; depois de tudo, ele é um dos membros mais proeminentes da sociedade portenha e, a este tipo de gente, as mulheres acima de um palco os deixam com os cabelos em pé. Alguma vez te disse algo a respeito?

—Faz muitos anos que meu pai perdeu o direito a me dizer algo — foi a resposta; logo, adicionou: —Não se esqueça, Regina, que minha mãe era atriz.

Com carreira de soprano truncada e tudo, Micaela invejava a Pacini: era evidente que amava seu marido e que vivia feliz junto a ele. Teria dado algo pela metade de sua sorte.

Em algumas ocasiões, depois dos ensaios no Colombo, pedia para Ralikhanta que a levasse para passear pela cidade e o obrigava a parar em algum lugar de sua preferência, onde costumava ficar por um bom tempo absorta contemplando a paisagem. Em uma ocasião, o indiano se surpreendeu quando pediu que a levasse a La Boca, e tentou dissuadi-la.

—É uma área de pobres, cheia de cortiços e criminosos — interpôs como desculpa. —Minha senhora não deveria ir a um lugar desses.

—Conhece La Boca, Ralikhanta? — Micaela percebeu que o homem se incomodava. —Quero dizer, já que você fala com tanto conhecimento.

—Não, senhora, não conheço absolutamente, mas é o que se comenta.

Decidiu não seguir indagando, podia pecar pela indiscrição; depois de tudo, o pobre indiano tinha direito a satisfazer seus desejos sexuais da forma que quisesse e onde quisesse. Em seu julgamento, e embora mama Cheia pensasse o contrário, Ralikhanta era um bom homem, um tanto estranho, com costumes excêntricos, mas caloroso, bondoso e fiel. Passava a maior parte do dia a seu serviço, já que Eloy, com chofer e carro providos pela Chancelaria, o dispensou no momento. Não se converteu só em um colaborador indispensável, mas também seu silêncio tranquilo e seu olhar pacífico a confortavam. A sensação de que Ralikhanta conhecia tudo a respeito dela, seus segredos mais íntimos, suas paixões e sua desgraça, aliviava o peso de suas dores, às vezes esmagadoras.

—Como vai com a professora de castelhano? — quis saber.

—Na verdade, senhora, que faz uma semana que não tomo aulas — respondeu incômodo.

—Por quê? Como é isso?

—Está tudo bem, senhora, é melhor assim, não quero ter problemas.

—Foi o Sr. Cáceres, não é? — arriscou Micaela. —Não me diga nada, foi ele.

—Não quero que a senhora tenha problemas por minha causa.

—Não há problema para mim, Ralikhanta — repôs Micaela no controle de si mesma. — Entendo que evite inconvenientes com o Sr. Cáceres, mas tampouco é possível que não possa se comunicar com seus semelhantes. Se o Sr. Cáceres não estiver de acordo com a professora, eu mesma te darei aulas.

Ralikhanta ficou escandalizado, mas a firmeza de sua patroa o deixou sem argumentos e teve que aceitar. Enquanto isso, Micaela começou a elaborar as razões que iria dar a seu marido. Eloy era um homem difícil, embora aceitasse que, para agradá-la, tinha cedido a muitos de seus costumes de solteiro. O serviço doméstico o incomodava ao ponto de deixá-lo de mau humor; não suportava Tomasa e Marita o dia inteiro na casa; que elas tocassem tudo e que se metessem onde não eram chamadas, mexia com seu caráter comedido. Depois de muita discussão, finalmente ele entendeu que, como chanceler, não poderia prescindir de uma boa doméstica e de uma excelente cozinheira; no entanto, ele impôs uma condição: a limpeza de seu escritório e de seu quarto ficaria a cargo de Ralikhanta, possuidor da única cópia das chaves. Com respeito a mama Cheia, Eloy tinha optado por uma atitude mais diplomática, embora a ideia de tê-la em sua casa não lhe agradasse absolutamente, aceitou a mulher que quase fazia o papel de sogra.

Com o tempo, deu-se conta de que a negra era sua aliada, e de que sempre o defendia quando sua esposa se zangava com ele.

* * *

Micaela despertou sem energia. Essa madrugada, Eloy tinha sofrido outra de suas crises, e, embora ela tivesse ido ao seu quarto, não entrou e deixou o assunto nas mãos de Ralikhanta. Em meio a suas exclamações, Eloy balbuciava palavras ininteligíveis. Teria vociferado "puta" várias vezes? Não, era muito improvável, e, embora tenha ficado tentada a perguntar ao indiano, resolveu não o fazer. Levantou-se por volta das nove quando apareceu mama Cheia com o café da manhã.

—Seu marido tomou o café da manhã muito cedo e se foi. Ele me pediu para lembrá-la que esta noite vai vir jantar com o cônsul do México e sua esposa. Você tem tudo preparado? Sabe o que vai vestir? Já definiu o que vai ser servido? — Apenas balançou a cabeça, e Cheia mudou o tom para lhe dizer: —Não seria melhor você se levantar mais cedo para tomar café da manhã com seu marido? Parece querer companhia a essa hora porque conversa comigo.

"Não seria melhor que ele pudesse fazer amor como qualquer homem?", replicou para si.

—Ele toma café da manhã muito cedo — foi a desculpa. —Virtualmente dorme três ou quatro horas por noite. Não sei de onde retira tanta energia para trabalhar.

—Estas jovens esposas que não estão dispostas a fazer nenhum sacrifício por seus maridos... — se queixou a negra, e Micaela achou tão injusto o comentário que quase conta a verdade. Depois de tudo, o maior sacrifício era dela, e cada dia ficava mais difícil encontrar um sentido para isso.

—Escutou seus gritos ontem à noite? — perguntou em vez disso.

—Sim. Pobre Sr. Cáceres! Que coisas o atormentarão para pô-lo nesse estado?

—Nada o atormenta, mama. Lembra-se da febre que teve na Índia? Conforme me disse o próprio Eloy, uma das sequelas que deixou a doença foi a dos pesadelos. O pobre Ralikhanta tem que despertá-lo e dar-lhe o seu remédio, algo a base de ópio, certamente.

—Para isso existe Ralikhanta, para servir o Sr. Cáceres — disse Cheia solenemente. — No entanto — continuou menos hierática—, você realmente acredita que a doença deixou essa sequela? Eu nunca soube que febres altas, por mais malignas que sejam, causem esse tipo de consequência.

Cheia saiu do quarto e Micaela terminou de se vestir. Bebeu o café, sem provar as massas. Nesses dias, estava atormentada com tantos problemas que nem tinha fome. "Que irônico é tudo isto!", pensou. " Me casei com Eloy procurando paz e estabilidade e só consegui amargura e confusão."

Moreschi a esperava na casa de seu pai para ensaiar; logo estrearia a ópera e ainda existiam detalhes para serem polidos.

—Micaela, querida! — Otília a interceptou no vestíbulo. —Que alegria te encontrar! Sei que vêm quase diariamente, mas nunca nos vemos. Como está meu sobrinho?

—Bem, obrigado.

Otília a pegou pelo braço e, com um gesto confidente, guiou-a até a sala.

— Eloy comentou que dormem em quartos separados.

Micaela arqueou as sobrancelhas e, sutilmente, soltou de sua mão.

—Quero que saiba querida, que me parece uma decisão muito acertada por parte de meu sobrinho.

—Não quero parecer impertinente, Otília, mas não acredito que esse seja um assunto de sua incumbência.

—Não se zangue, Micaela. Têm que saber que Eloy faz isso por você, pelo muito que te quer. Não deseja que seja perturbada pelos pesadelos que ele tem a noite.

—De qualquer forma, isso não tem sentido — assegurou Micaela. — Dormimos em quartos separados e escuto tudo da mesma maneira.

—E vai dizer isso para mim que vivi com ele desde que era menino? Por mais longe que eu fosse dormir, os gritos de Eloy alagavam a casa por completo. Inclusive, houve épocas em que era sonâmbulo.

—Eloy sofre estes pesadelos desde que era menino? —Micaela a olhou tão carrancuda que Otília se desconcertou e não respondeu nada. — Desde quando ele sofre estes pesadelos?

—Bem, querida — duvidou a mulher—, ele sofre desde que... Bom, desde que morreram seus pais, acredito.

—Micaela! — interrompeu Moreschi. — Já faz tempo que estou te esperando.

Otília aproveitou para desculpar-se e saiu a toda pressa.

* * *

Essa noite, durante o jantar, o cônsul mexicano e sua esposa se mostraram encantadores, e sua espontânea simpatia contagiou os ânimos abatidos de Micaela e Eloy.

—Na cidade do México — comentou o cônsul—, temos um teatro lírico que, me animo a dizer, não tem nada que invejar aos da Europa. Seria uma honra que nos visitasse, senhora Cáceres.

—O diretor do teatro — continuou sua esposa—, é amigo pessoal de nossa família e sempre fala da Divina Four. Diz que é uma das melhores sopranos que o mundo conheceu.

—Muito obrigado — respondeu Micaela, e olhou para o Eloy, que ostentava um sorriso de orelha a orelha. Cáceres pegou sua mão e a beijou. Semelhante amostra de carinho frente a terceiros a deixou impotente e quase fez com que esquecesse o assunto dos pesadelos.

—Imagina, querido — continuou a esposa do cônsul—, se Felipe Bracho (o diretor do teatro) — esclareceu, para seus anfitriões—, se inteirasse de que estivemos jantando na casa da Divina Four?

—Estou seguro — adicionou o mexicano— de que sofreria um ataque de inveja. Para evitar o ciúme de nosso querido amigo poderíamos convencer a senhora Cáceres de que nos fizesse a honra de cantar em nosso teatro — sugeriu para sua esposa.

—Não tenho dúvida — demarcou a mulher— de que Felipe trocaria o programa deste ano se com isso conseguisse tê-la nos papéis principais. Você aceitaria, querida? Gostaria de cantar em nosso país?

—Não acredito que meu marido ponha nenhuma objeção — disse, enquanto dispensava um olhar eloquente a Cáceres.

—Não, é obvio que não, Micaela. Eu adoraria que aceitasse.

—Então — retomou a jovem—, só falta falar com meu professor e decidir a data. O México será um bom lugar para cantar; sei.

Em outras circunstâncias, Micaela teria declinado o convite; agora, ao contrário, aceitava tudo que significasse afastar-se de sua casa.

—Passemos à sala para tomar café — convidou a proprietária da casa.

—A comida esteve deliciosa, senhora Cáceres — comentou o cônsul.

—Além disso — acrescentou sua esposa—, me permita felicitá-la pela casa, é linda. —E continuou elogiando os detalhes da decoração e mobiliário.

Micaela ficou encantada com o casal mexicano e os convidou à festa de aniversário de seu pai na semana seguinte.

—OH, sim, o senador Urtiaga Four! — proclamou o mexicano. — Um homem muito respeitado neste país. Será uma honra para nós participar.

—Da mesma forma que não perderemos A Flauta Mágica — assegurou sua esposa antes de partir.

O jantar tinha sido um êxito, e Cáceres, de excelente humor, decidiu visitá-la em seu quarto. Ao vê-lo de bom humor, Micaela se atreveu a expor o assunto dos pesadelos.

—Por que me disse que sofria pesadelos como consequência da febre? — Eloy a contemplou, entre confundido e surpreso. —Hoje Otília me contou que têm pesadelos desde menino. Mais especificamente, desde que seus pais morreram.

Cáceres lhe deu as costas e balbuciou umas palavras contra a indiscrição de sua tia.

—Por que não me disse a verdade? O que tem de mau que os pesadelos sejam produto de uma ou outra coisa? Sei que seus pais morreram em um acidente, mas nunca me disse como foi.

Eloy se virou e a enfrentou com má vontade. Micaela ficou pálida e, embora tentasse manter-se calma, o olhar de seu marido lhe deu pânico.

—É certo — aceitou Eloy, —sofro os pesadelos como consequência da morte de meus pais. Não queria que soubesse; preferi que pensasse que eram produto de algo orgânico, alheio a minhas emoções. Temi que acreditasse que estava meio louco. Além de impotente, louco!

—Não diga isso, Eloy. Você não está louco. Que tenha pesadelos não significa que tenha perdido a prudência.

—Mas você é tão normal, tão... Tão perfeita, que eu me sinto um nada ao seu lado.

—Está enganado. Eu não sou perfeita absolutamente. Como todos, tenho minhas questões ocultas, minhas misérias e problemas. Ou acaso se esquece como morreu minha mãe? Gastón María e eu tínhamos oito anos quando a encontramos na tina de banho com as veias abertas. Pensa que isso não me afetou? Depois da morte de mamãe, não falava, virtualmente não comia, passava o dia trancada em meu quarto olhando para a rua. E, quando estava segura de que ninguém me olhava, chorava desconsoladamente. Meu pai pensou que eu ficaria louca.

—Micaela, meu amor! —Eloy a apertou contra seu peito e lhe beijou o alto da cabeça.

—Depois veio a viagem à Europa, o internato na Suíça e, por sobre tudo, Irmã Emma, a quem abri meu coração. Ela se infiltrou nas partes mais escuras de minha alma. Estou certa de que, sem ela, teria morrido de tristeza. Sou o que sou graças a Emma, que, não só descobriu meu talento para o canto, mas também me ajudou a recuperar a segurança em mim mesma. Por que não me deixa ser para você o que Emma foi para mim? Por que me esconde suas dores? Por que não me permite te ajudar? Eloy, quero ser sua amiga.

Com os olhos cheios de lágrimas, Cáceres voltou a tomá-la em seus braços e, sem soltá-la, confiou-lhe em voz baixa:

—Não posso esquecer a noite em que morreram meus pais. — Micaela o guiou até o sofá e o encorajou a prosseguir. —Vivíamos no campo, em uma das estâncias de minha família.

Agora percebo que nunca conheci um homem mais apaixonado e devotado à sua esposa. Para meu pai, minha mãe era o ser mais puro, bom e bonito do mundo. — Manteve-se cauteloso antes de continuar: —Uns dias antes, meu pai tinha demitido o capataz da fazenda, um homem dos piores. Roubava o gado. Uma noite, enquanto dormíamos, este homem, completamente ébrio, colocou fogo na casa. Meu pai despertou e o encontrou na sala, onde lutaram. Apesar de estar bêbado, era um homem corpulento; golpeou meu pai e o deixou desacordado. Quando meu pai recuperou a consciência, a casa ardia em chamas. Primeiro me resgatou. Quando foi salvar minha mãe, ambos morreram. Dá-se conta, Micaela? Foi tudo minha culpa. Minha culpa! Por salvar a mim! Possivelmente tivesse sido melhor que tivéssemos morrido os três.

Micaela voltou a ter pena e chorou com ele. Mais tarde, só em seu quarto, sentiu-se sufocada e oprimida, mas, apesar de desejar escapar dali escrúpulos muito profundos a retinham.

* * *

Micaela sentia uma solidão entristecedora. Quando vivia na Europa, a situação não era diferente da atual: ela e Moreschi ensaiavam o dia inteiro e, pelas noites, desfrutavam das funções sociais. Mas lá, na Europa, ela não tinha experimentado esse sentimento de vazio e tristeza. Ultimamente, jantava sem Eloy, com Cheia como a única companhia. Seu marido não chegava até muito tarde da noite, ou mesmo de madrugada. Perguntava-lhe, e na maioria das vezes as questões de trabalho tinham ocupado seu tempo; reuniões com membros do partido ou jantares no Club Del Progreso também foram desculpas frequentes. Quase se tornara um costume contar com ele só para as atividades sociais, nas quais a necessitava como anfitriã ou acompanhante, e onde se pavoneava com ela, a famosa Divina Four. Por enquanto, Micaela assimilou as regras do jogo e as aceitou, esperando o momento propício em que poderia partir. Essa ideia a incomodava, pois Eloy vivia com a firme convicção de que ela nunca iria abandoná-lo e que começariam uma vida normal como casal após a cura.

"Eu mereço a confusão em que me coloquei!", dizia-se, colérica. "Isto é o que ganho por enganar Eloy e enganar a mim mesma." Sabia que a separação traria certos inconvenientes, como o escândalo social e prejuízos na carreira política de Cáceres. Prejudicaria seu bom nome ou seu futuro como soprano por este erro? Invadida por dúvidas, tentava não desmoronar.

De uma coisa tinha certeza: não amava Eloy Cáceres e nunca poderia fazê-lo. Muitas coisas a decepcionaram. Sua natureza ambígua e sua atitude reticente impediam uma real aproximação. Como eles se conheceriam se Eloy delimitasse o território ao seu redor como um animal e nada e ninguém poderia superar esses limites? Micaela estava apostando que, além da falta de sexo, eles teriam chegado a um entendimento mais completo se as barreiras de Eloy não estivessem tão firmes. Seu ciúme, impulsionado por um baixo conceito de si mesmo, o fez adotar uma atitude hostil e invariavelmente triste.

Micaela queria perguntar a Ralikhanta sobre o marido, pois tinha certeza de que ninguém o conhecia como ele. Também teria gostado de saber sobre a vida de Nathaniel Harvey, mas ela sempre se absteve de perguntar, de um ou outro. Essa atitude de servil lacaio, o olhar impassível e as maneiras silenciosas, quase invisíveis, fizeram de Ralikhanta um homem especial. Às vezes, Micaela o surpreendia observando-a com carinho; em outras, com dureza, e existiam momentos em que o fazia com piedade. Sem remédio, ela afeiçoou-se por seu estranho servo indiano.

Ralikhanta, por outro lado, acentuava a afeição que, desde o início, tinha tomado por Micaela. Ele não podia esquecer suas boas maneiras e sua doçura, menos ainda, a entrada grátis para a apresentação de Lakmé. Desde que tinha deixado sua família em Calcutá e ficou a serviço dos ingleses, nunca tinham lhe dirigido os gestos sinceramente humildes e bondosos de sua senhora Micaela. E sua dedicação em ensiná-lo seu idioma superava muito ao que ele tivesse imaginado.

Micaela se surpreendia com a inteligência do indiano. Apesar da dificuldade do castelhano, cheio de complexidades gramaticais e conjugações verbais, Ralikhanta se abnegava e estudava com esmero, raramente cometia enganos e diariamente mostrava avanços consideráveis.

—Madam, dou you…?

—Em castelhano, Ralikhanta — insistia Micaela, e, pouco a pouco, obteve que se relacionasse com o pessoal de serviço, envergonhado no princípio, pois Tomasa e Marita riam de sua péssima pronúncia.

Essa noite, depois da lição de castelhano, Micaela dispensou Ralikhanta e a mama Cheia, e permaneceu na sala à espera de seu marido. Essa manhã Eloy tinha visitado um médico, e Micaela não aguardaria até o dia seguinte para saber as novidades. Ao chegar, Cáceres topou com ela no vestíbulo.

—Estava te esperando — explicou a jovem, e se aproximou para beijá-lo, quando percebeu um forte aroma de álcool. —É tarde — adicionou, com o olhar no relógio da sala. —Tinha muito trabalho?

—Na verdade, eu jantei na casa de Harvey. Alguns velhos colegas da companhia ferroviária estão em Buenos Aires e queriam me ver.

A razão de sua ausência a incomodava muito, mas não comentava. Ajudou-o a tirar o paletó, o chapéu e as luvas, e perguntou se desejava uma xícara de café.

—Não, querida, muito obrigado. Por que não vai dormir? É muito tarde. Eu não quero que Moreschi fique bravo comigo se você estiver cansada amanhã. — esclareceu risonho.

—Foi ao médico? — perguntou Micaela, e Eloy mudou a espressão. —Estava te esperando para te perguntar. Como foi?

—Não deveria ter esperado até esta hora. Amanhã de manhã você teria ouvido o mesmo...

—É difícil que você e eu tomemos o café da manhã juntos.

—Eu gostaria muito que o fizéssemos.

—E eu gostaria muito que jantássemos juntos ao menos duas vezes por semana — contra-atacou ela.

Uma pausa de alguns segundos deixou a sala em um silêncio desconfortável. Micaela segurou seu olhar, ciente de que seu marido estava prestes a perder a paciência. Finalmente, Eloy fez o gesto de partir.

—Não, Eloy! —disse Micaela, e o homem parou. —Por favor, me conte como foi com o doutor Manoratti.

—Ainda não há muito que contar — respondeu Cáceres laconicamente. —Pediu uma série de exames e análises que levarão vários dias. Depois eu te conto — disse, e saiu pelo corredor para seu quarto.

"Por que faz tudo tão difícil?", queixou-se Micaela. Depois de pensar por algum tempo, percebeu o quão humilhante devia ser para Eloy falar de sua incapacidade. Ela foi dormir cheia de ideias e sentimentos desencontrados.

* * *

Levantou-se mais tarde que de costume, desmaiada e sem vontade de trabalhar. Enviou uma nota para Moreschi na qual adiou seu ensaio até depois do almoço. Cheia a encontrou pálida e abatida, e se preocupou. Recriminou a falta de apetite e quão magra estava.

—Nem sonhe com um bebê assim debilitada. Para ficar grávida, têm que se alimentar melhor.

"Para ficar grávida necessito que Eloy me faça amor comigo", disse-se, e conseguiu piorar seu estado de ânimo. Seus olhos brilharam e, embora tratasse de se controlar, Cheia percebeu sua tristeza.

—O que acontece, minha rainha? — perguntou. —Faz dias que te noto muito triste. O que acontece, meu amor? Têm algum problema? É o Sr. Cáceres, não? Ultimamente, fica muito pouco em casa e não te dá muita atenção. Mas você não precisa se preocupar. Eu sei que ele te ama muito. O problema é que é um homem muito ocupado. Têm que estar orgulhosa dele. Dizem que ele se apresenta muito bem como chanceler. É tão inteligente! Por alguma razão ele escolheu você, minha rainha. Fique calma, esta velha diz que seu marido está apaixonado por você. Todas as manhãs, enquanto sirvo o café, ele me pergunta se você está bem, se precisa de alguma coisa; quer saber o que fez no dia anterior, com quem esteve. O pobre, adoraria tomar o café da manhã com você!

Ela hesitou em confessar a verdade a sua nana, não esperando uma solução, mas confiante de que o alívio iria ajudá-la a lidar com o problema. Ela tentou várias vezes e decidiu não o fazer; além de sentir que Cheia não a compreenderia, o assunto a envergonhava muito.

Ralikhanta retornou de Urtiaga Four com uma nota de Moreschi que confirmava a hora de seu próximo encontro. Ainda tinha tempo suficiente para visitar sua amiga Regina.

—Micaela! Que surpresa! Não teria que estar nos ensaios?

—Sim, mas...

—O que importa! Alegra-me muitíssimo que tenha vindo.

Entraram na sala onde Regina passava a maior parte do tempo. A janela embaçada filtrava a luz cinzenta do exterior. A chuva golpeava o vidro e o fogo crepitava na lareira. Micaela olhou ao redor e se mortificou ainda mais. Ela afundou pesadamente na cadeira que sua amiga tinha apontado.

—Sirvo-te um pouco de café. É feito na hora. Delia o preparou, está delicioso.

—Não, obrigado, Regina.

—Como não! Sim, me acompanhe em um café. Passei a manhã me reprimindo para não tomar tanto e, agora que está aqui, você me dá a desculpa perfeita. Que alegria que tenha vindo! Além disso, vai te fazer bem. Noto que está um pouco pálida. Sente-se mal? —Micaela negou com a cabeça e abaixou o rosto. —Não negue, querida, você não está bem.

Regina deixou a xícara, aproximou-se de sua amiga e ajoelhou frente a ela. Micaela começara a soluçar, e embora tentasse reprimir-se, a atitude de sua amiga, ajoelhada a seus pés, a comoveu e se atirou em seus braços. Regina ficou em silêncio por algum tempo e segurou-a com a ternura de uma mãe.

—Me perdoe, Regina — balbuciou Micaela, e se afastou. —Perdoe-me esta explosão.

—Não me peça perdão. Não tenho nada que te perdoar. Vamos secar as lágrimas. — Entregou-lhe um guardanapo. —Agora vai tomar um café. Algo quente e forte vai te cair maravilhosamente.

Bebeu dois ou três goles e confortou-se consideravelmente. Regina estava olhando para ela com um sorriso, esperando o momento certo para conversar.

—Já me sinto melhor — expressou Micaela. — Obrigado. Acredito que se não chorasse, acabaria morrendo.

—Estou feliz que você pensou em mim para fazer isso. Sempre estarei disposta a ouvi-la. Se você quiser me dizer o que a faz sofrer, conte comigo.

O desejo de compartilhar sua tristeza lutava com um sentimento de traição para com seu marido, que ficaria exposto em sua maior intimidade ante uma terceira pessoa a seu entorno. Mas se ela não falasse, a dor terminaria por quebrá-la.

—Estou tão arrependida de ter casado com o Sr. Cáceres! — exclamou por fim.

—Arrependida? Por que?

—O Sr. Cáceres é um homem difícil e complexo, Regina. Sinto que nunca chegarei a conhecê-lo. Sua vida está cheia de mistérios. Eu sei que todos temos um passado e coisas que ocultar. Não é isso o que me perturba, mas a forma como esses mistérios parecem afetar sua vida presente. Às vezes, é doce e galante; em outras ocasiões, o mau humor o domina e não há maneira de arrancar-lhe um sorriso. E se eu pergunto o motivo de sua irritação, se irrita comigo. Logo, me pede perdão e acredita que com isso está tudo solucionado.

—Ele já bateu em você?

—Não, por Deus, não! — prorrompeu a jovem. — Jamais me levantou a mão. É um cavalheiro. —Micaela calou-se e organizou as ideias para apresentar a sua amiga um quadro exato da situação para que não existisse um mal-entendido. — É tão esquivo... Nos últimos tempos, chega em casa muito tarde, de madrugada. Levanta-se cedo e voa para o Ministério das Relações Exteriores. Os dias passam sem que nos vejamos.

—Mas, então, o Sr. Cáceres tem uma amante! — deduziu Regina.

Micaela arregalou os olhos e não encontrou palavras apropriadas. Pelo visto teria que falar abertamente para que sua amiga chegasse a entender inteiramente a realidade de seu casamento, tão particular e incomum.

—É impossível que o Sr. Cáceres tenha uma amante — asseverou. — O Sr. Cáceres é impotente.

—Impotente! O Sr. Cáceres impot...? Não pode ser!

Micaela relatou os fatos com objetividade e calma. Ao terminar, sentiu uma leveza de espírito que lhe devolveu as cores ao rosto.

—É um cretino! — afirmou Regina. — Casar-se contigo se sabia que não podia... Vagabundo! E se mostra um homem de bem, educado e cavalheiresco. Pois não é mais que um mequetrefe sem nome! Se divorcie, Micaela! Não, melhor peça a anulação do casamento!

—Não posso, Regina. Prometi que não o abandonaria.

—E ainda por cima foi capaz de te pedir que não o abandonasse! Ah, não, isto supera minhas possibilidades de entendimento! E você aceitou? — Micaela assentiu. — Mas, querida, como pôde! Você deveria ter quebrado algo sobre sua cabeça. Você é boa demais. Mas é uma bondade que não admiro, Micaela. Parece-me uma caridade mal compreendida, porque faz de você a mulher mais miserável do mundo. A Igreja deve declarar a felicidade como a quinta virtude cardial.

—Essa noite, a noite que... Bom, a primeira noite, quando me confessou que não podia, começou a chorar e me disse que estava em meu direito de deixá-lo, mas me assegurou que morreria sem mim. Compadeci-me dele, Regina, não pude evitar, e prometi que não o deixaria. Confesso que fiz essa promessa na esperança de uma recuperação. Concordamos visitar quantos médicos fossem necessários para curá-lo. Agora, entretanto, mostra-se relutante e fica de péssimo humor quando exijo que vá ao doutor. O pobre, deve sentir uma grande humilhação!

—Que pobre ou o quê! Cáceres, com seus ares de herói, é um hipócrita. Ele mentiu para você, Micaela, e isso não se faz.

—Ele diz que pode me dar muitas coisas boas.

—Cáceres não sabe o que diz. É obvio que um marido pode te dar muitas coisas, mas a paixão está fora de toda discussão. Isso tem que dar-lhe sim ou sim.

—De qualquer maneira — continuou ela —, estou disposta a esperar, talvez algum médico o cure, e, com a certeza de que Cáceres está recuperado, posso deixá-lo sem culpa.

Regina balançou a cabeça, contrariada, e lhe aconselhou ter mais dureza de espírito e não tanta condescendência. Acrescentou que o tempo valia ouro e que, sem dúvida, Cáceres não merecia que ela o desperdiçasse.

—Agora bem — retomou a Pacini—, eu gostaria de te fazer uma pergunta muito íntima. Se não quiser responder, me diga e aqui se acaba o assunto. —Micaela lhe indicou que, se pudesse, responderia. — Não pense que é por mera curiosidade que quero saber isto, mas sim, de sua resposta, dependem os passos a seguir. É virgem?

—Não, não o sou.

—Eu devia ter imaginado — murmurou Regina. —Uma jovem como você, tão bela, inteligente e famosa, deve ter tido todos os homens da Europa a seus pés. Claro, alguém conseguiu levá-la para a cama.

O engano de sua amiga lhe convinha; a verdade a respeito de seu único amante não podia sair à luz.

—Seu amante ou seus amantes, foram bons? Refiro-me, fizeram-lhe sentir?

Micaela se ruborizou, baixou a vista e logo que balbuciou um "sim".

—Sua condição de desvirginada — continuou Regina, muito solta— complica as coisas.

—Complica as coisas?

—Claro, Micaela, complica tudo. O fato de ter vibrado nos braços de um homem, de ter sentido seus beijos e carícias, seu ardor e virilidade, não enche você de ansiedade e desejos inconcebíveis? Vai negar que à noite você se deixa levar por memórias e sensações? — Micaela confirmou essas palavras com o brilho de seus olhos. — É assim querida — prosseguiu a mulher—, uma vez que te tentou e comeu do fruto do amor, não pode deixar de fazê-lo. Temo dizer que, para um caso como o teu, teria sido melhor que fosse virgem. Mas, como não é, há uma única e possível solução: tenho que te achar um amante.

—Um amante! — horrorizou-se Micaela. — Regina, por favor!

—Micaela, têm que entender que não podem viver assim. Você também necessita alguém que te queira, que te console, e, por sobre tudo, que te faça sentir mulher. Neste estado de ânimo no que se encontra, só vai conseguir adoecer, inclusive ficar louca.

—Regina, não exagere!

—Eu não estou exagerando, Micaela, você pode saber sobre óperas, música e outras coisas, mas eu sei mais sobre a vida do que você. É claro que você pode ficar doente. Não aconteceu com a Guillermina Wilde, a amante do general Roca, que Deus o tenha em sua glória? Alguns anos atrás, quando Guillermina e o velho que tinha como marido moravam em Paris, a moça começou a sofrer de ondas de calor e mudanças bruscas de temperamento; seguido por uma febre muito alta que a fez delirar. Seu marido, assustado, chamou o Dr. Charcot, aquele famoso médico de Paris. — Micaela assegurou que o conhecia. — Bem, o Dr. Charcot verificou detalhadamente, e sabe o que recomendou ao marido quando terminou? "Senhor, tem que casar a sua filha." Wilde, um pouco ofendido, disse-lhe que ele era o marido da jovem. Então, o médico entendeu tudo. Não, querida, não vou permitir que você passe pelo mesmo! Aceito que é uma boa pessoa e que está disposta a seguir com seu marido, mas não se dê ares de Santa imaculada e aceita que necessita de um homem, um de verdade.

Fizeram uma pausa, na qual Regina se aproximou a repassar a lista de conhecidos jovens e viris que pudessem encaixar-se no papel de amante da Divina Four. Micaela, por sua vez, refletiu sobre as palavras de sua amiga, e não sabia se as chamaria sábias ou loucas.

—Não estará pensando no Sr. Harvey? —retomou a Pacini.

—No Harvey?

—Sim, o amigo de seu marido. Não vai me dizer que não percebeu que te levaria para cama muito desejoso?

—Bom… Eu, em realidade, não…

—Ai, Micaela! Como não se deu conta? É uma estranha mescla de menina inocente e femme fatale que resulta encantadora. As pessoas diriam que é grande conhecedora do mundo e de seus segredos, mas vejo que não é tão assim. —Micaela a olhou com curiosidade. — Não me faça caso —prosseguiu Regina—, estou dizendo bobagens.

—Não, Regina, absolutamente, é a verdade. Durante meus vinte e quatro anos, a maior parte do tempo me dediquei à música. Minhas leituras, minhas conversas, minhas amizades, minhas viagens, meus dias inteiros eram sobre a música e o canto. Esse era meu universo. E apesar de ter conhecido os lugares e as cidades mais famosas e civilizadas, tudo aquilo que não se relacionava com esse mundo se apresentava como estranho e me dava medo. Embora não acredite, comecei a viver desde que cheguei a Buenos Aires.

—Aqui, em Buenos Aires? Tendo conhecido Paris, Londres, Roma? Custa-me acreditá-lo.

—Acredite, Regina. Há um encanto especial nesta cidade, algo nativo que me fascinou como não pôde fazer o Louvre em Paris ou o Big Ben em Londres. Buenos Aires me seduziu. Senti-me livre, anônima, ninguém me conhecia, era como usar um disfarce e brincar de ser outra pessoa. Com essa liberdade, eu mergulhei em meu interior de uma maneira que eu não tinha feito antes.

—Que ninguém te conhecia? Micaela, por Deus, toda Buenos Aires te conhece. Desde que chegou no ano passado, só se fala da Divina Four e de sua voz. Onde você se sentiu anônima e desconhecida? Asseguro-te que não foi em Buenos Aires.

Micaela pigarreou, nervosa, e mudou abruptamente o tema da conversa.

—De onde tirou que Harvey me olha com interesse?

—Mas se todos notaram! Nas festas, ele tira sua roupa com os olhos e a fica rondando para dançar com você. É um descarado! A pobre Maríanita Paz já perdeu as esperanças. O único idiota que não se percebe é seu marido! De toda forma, Harvey fica descartado da lista. Eu não gosto dele como possível amante. Apesar de sua elegância inglesa, dá-me uma sensação ruim.

Que tipo estranho! Muito extravagante, muito extravagante! Tem uma forma de olhar que não parece verdadeira. Além disso, presta muita atenção a si mesmo. É vaidoso e afeminado. Sei que é um espertalhão — adicionou, instantes depois—, com hábitos non sanctos.

—O que querem dizer com non sanctos? — perguntou a jovem.

—Ao princípio, todos nós estávamos entusiasmados com ele. Você entende, não? Nesta sociedade anglofila[65], Harvey era um rei. Mas, ultimamente, contam-se coisas que... — E se aproximou para lhe sussurrar: — Se diz que frequenta os bordéis de La Boca. Sim, é certo! Entendo sua surpresa e lamento te desiludir, mas é melhor que saiba Nathaniel Harvey não é boa influência para seu marido.

A Pacini continuou com a análise de sua lista de candidatos e conseguiu animar Micaela, que riu de suas piadas. Deixou a casa dos Alvear mais reposta e com a promessa de que achariam o homem apropriado para ela.

* * *

[65] Adoradores de ingleses

Capítulo XXVI

Por causa de alguns problemas da Chancelaria, Micaela e Eloy chegaram tarde à festa em Urtiaga Four, e, ao entrar no vestíbulo, perceberam que a maioria dos convidados já se encontrava presente. Regina Pacini os cercou na recepção.

—Boa noite, Sr. Chanceler! Meu marido e outros de seus amigos o esperam ansiosos na sala de jantar. Não sei que assunto os tem muito intrigados. Vá, vá, apenas. Eu cuidarei de sua pequena senhora.

Impaciente para discutir as questões que o interessavam, Eloy cumprimentou as damas e saiu para a sala de estar. Vendo-o desaparecer atrás das cortinas, Regina adotou uma atitude mais confiante, pegou Micaela pelo braço e a guiou ao escritório de seu pai.

—Por fim chegou querida! —exclamou assim que fechou a porta—. Pensei que não viria. Preciso falar com você. Não sabe a notícia que vou te dar! Estou que não me aguento de impaciência!

— Você vai ter que se conter um pouco mais. Devo cumprimentar os convidados. Eu nem mesmo disse feliz aniversário ao meu pai. Além disso, Moreschi deve estar esperando por mim …

—O que importa tudo isso com o que tenho para te dizer? — exasperou-se a mulher. —Já consegui seu amante!— rematou.

Micaela se desorientou, mas logo, ao recordar a lista de pretendentes de dias atrás, riu com vontade, e Regina se ofendeu.

—Voce não vai rir quando o vir — disse a mulher. —Eu mesma vou apresentá-lo.

—Está aqui, na festa?

—Sim, acabo de conhecê-lo. Não percamos tempo; já notei de que há várias interessadas nele.

Micaela e Regina saíram do escritório e foram para a sala de estar. Havia muitas pessoas e era difícil andar à vontade; grande parte dos convidados se amontoou na porta da sala de jantar ante a iminência do serviço.

—Senhora Cáceres! — chamou Harvey, e as forçou a parar.

Em meio ao semblante de tédio por parte de Regina que beliscava Micaela, cumprimentaram o inglês, que, sem se incomodar pela presença da Sra. Alvear, retomou suas lisonjas e insinuações e pediu a Micaela que lhe concedesse a primeira valsa.

— Com a sua permissão, Sr. — disse Regina —, mas esta noite minha amiga está destinada a outras necessidades. Não insista.

Nathaniel olhou para Micaela, que estava deixando-se ser arrastada por sua amiga, quando ela se virou e olhou para ele como se ela estivesse envergonhada. Harvey amaldiçoou.

—Como você pode falar com o Sr. Harvey assim, Regina? — zangou-se Micaela. —Você não percebe que ele é o melhor amigo de Eloy?

—Justamente, por ser o melhor amigo de seu marido, deveria te olhar como a uma irmã e não como a cereja da sobremesa. Ora! Ele que não se faça de ofendido, pois é mais arteiro que uma raposa.

Encontraram Gastón María e Gioacchina que haviam chegado do campo nas primeiras horas da tarde. Micaela estava contente em vê-los felizes e saudáveis, e com alegria abraçou e beijou seu irmão.

— E o meu sobrinho? Vocês o trouxeram, não é? — Falou impaciente.

— Sim, ele está lá em cima no quarto do seu irmão com a Sra. Bennet— disse a mãe. — Se você quiser, mais tarde, vou acompanhá-la para vê-lo. — Ela propôs num tom doce e espontâneo que Micaela invejava. "Ela é perfeita", disse a si mesma.

— Você vai ver seu sobrinho, mas depois. Agora você tem que cumprimentar os outros convidados — insistiu Regina, e se afastou com Micaela—. Olhe, aí está! Esse é o homem ideal para você — disse ela, apontando para um grupo de pessoas reunidas em alguns degraus. —O mais alto, que está ao lado da senhorita Ortigoza.

Micaela, divertida com a ocorrência, entrou no jogo e procurou ansiosa entre os convidados. O mais alto, ao lado da senhorita Ortigoza. Agarrou-se ao braço de sua amiga quando viu Carlo Varzi, um belo homem de smoking, que falava livremente a poucos metros dela; Várias mulheres o cercaram.

— Venha, Regina, venha comigo lá em cima — conseguiu balbuciar.

—Não, para cima nem acima!— Guiou-a em direção ao grupo, abriu espaço entre eles e plantou Micaela frente à Varzi—. Desculpe-me por interrompê-lo, Sr. Varzi, mas quero apresentá-lo a Micaela Urtiaga Four, a amiga de quem eu estava falando com você. A Divina Four — acrescentou.

—A Divina Four — repetiu Carlo com um sorriso. —Um prazer. — Pegou sua mão e mal encostou em seus lábios. Ele retomou a conversa e não voltou a olhar para ela.

Quando o sangue voltou ao seu corpo, Micaela conseguiu desculpar-se e saiu correndo da sala. Correu escada acima e se refugiou em seu antigo quarto, onde se jogou na cama e começou a chorar. "Por que eu estou chorando?". Afundou a cabeça entre os travesseiros e chorou. O pranto diminuiu pouco depois e só restaram suspiros lastimosos e uma forte dor de cabeça.

" Ele ficou louco para aparecer com esse descaramento na casa de meu pai? E quanto a Gioacchina? Terá vindo para me ver? Não acredito. Se quisesse me ver, por que esperou tanto tempo? Por que não me buscou antes? Está aqui por sua irmã, não por mim." A forma em que a tinha saudado ratificou sua suposição, e se desolou. "Jamais vou conseguir tirá-lo da minha cabeça. Não importa o que aconteça em minha vida, nunca esquecerei dele."

Mama Cheia entrou no quarto sem bater e se surpreendeu ao vê-la recostada e com aspecto triste.

—Micaela, faz tempo que estou te procurando! Eles estão prestes a sentar para comer e seu pai está muito ofendido porque você não o saudou. Apresse-se, eles estão esperando por você.

Ajustou o penteado, retocou a maquiagem e alisou o vestido; desceu muito relutante de braço dado com Mama Cheia. No patamar, encontraram com a Pacini.

—Vejo que a encontrou, Cheia. Onde você esteve?

Micaela disse a sua nana para ir na frente, ela e Regina a seguiriam em uns instantes. Cheia se afastou resmungando e, até que não entrou na sala de jantar, Micaela não se animou a perguntar.

— O Sr. que me apresentou foi embora?

—Por que ele partiria? Ele não é convidado? Claro que ele não foi: ele está muito bem sentado em uma das mesas, junto a seu irmão e sua mulher. Acabo de me inteirar que é amigo de Gastón María. Você nunca o viu antes? — Micaela logo sacudiu a cabeça. —Que homem! Você o viu bem, não foi? Dei-me conta o impacto que te provocou. Por que você saiu, tola? Você deveria ter ficado para conversar um pouco. Todas estão embevecidas com ele.

—Do que falava?

—Contava que é de Nápoles. Seu avô é dono de uma companhia naval. Sua família é das mais antigas da região. Entre seus ancestrais estão muitas personalidades destacadas na arte

e na política. Seus avós vivem em um dos palácios mais antigos e luxuosos da região da Campânia[66].

Ante o assombro por semelhante embuste, Micaela não conseguiu articular uma palavra. Regina a lembrou do jantar e se encaminharam ao salão. A refeição foi um martírio; sem querer, uma e outra vez, seus olhos se voltavam para Varzi, que, muito animado na mesa, não lhe dirigiu uma só olhada. Apesar de tudo, alegrou-se de que Carlo estivesse perto de sua irmã, embora fosse como um estranho, e se deleitou ao comprovar que Gioacchina caía em graça por ele, pois ria com seus comentários e o escutava atentamente. Não passaram inadvertidos para Micaela a atenção que Carlo dava a sua irmã, como tampouco o brilho de seus olhos cada vez que Gioacchina falava com ele ou lhe sorria. Tratou de combater o ciúme, mas não conseguiu; aproveitou a desculpa das árias que entoaria logo, e partiu a seu quarto.

Ela não queria voltar ao salão, muito menos para ficar na frente dos convidados, e cantar as arias doces prediletas de seu pai; Varzi a intimidava como a uma menina. Respirou profundamente, forçou-se a tranquilizar-se e apelou para a maior concentração para evitar constrangimentos. Sem outra possibilidade, abandonou o dormitório.

Viu luz no interior do quarto de seu irmão e se aproximou animada pela ideia de carregar seu sobrinho, mas se deteve de repente ao vislumbrar Varzi com o Francisco em seus braços e a senhora Bennet a seu lado. Escondeu-se depois do batente para espiar pela fresta da porta. A institutriz comentava a respeito dos avanços do menino, mas Micaela se abstraiu na imagem do Varzi que segurava o bebê no colo. Para ela era estranho o semblante tranquilo de seu rosto e como sorria todo o tempo, maravilhado. Beijou Francisco repetidas vezes e murmurou coisas impossíveis de escutar.

—É tão parecido ao Senhor. — assegurou a institutriz—. Olhe, os mesmos olhos.

—Não diga isso, senhora Bennet.

Micaela percebeu a mudança em Varzi, a voz mais grave e o olhar endurecido, e aguçou o ouvido para não perder uma palavra.

—Francisco tem suas mesmas feições, senhor. Por que não vou dizer se é a verdade?

—Porque eu sou igual a meu pai.

A mulher, desorientada, recebeu o menino.

—Como sempre, senhora Bennet, estaremos em contato. Qualquer coisa me avise. —Carlo tirou a carteira e deixou dinheiro sobre a cama—. Meu cunhado trata bem Gioacchina? Quero dizer, bate ou grita com ela?

—Não, Sr. Varzi, fique tranquilo! O Sr. Gastón María mudou muito e para o bem. Nota-se que ama sua irmã e jamais vi ou ouvi que a trate mau ou grite. Estamos muito tranquilos no campo. Quando nos visitará outra vez na estância, senhor?

—Urtiaga Four não quer que volte para o campo no momento. Mas eu tinha muita vontade de ver minha irmã e o obriguei a me convidar esta noite. Gionachina não sabe quem sou e tenho que aproveitar as escassas oportunidades que se apresentam para vê-la sem levantar suspeitas.

—Se quiser, senhor, você pode ir ao povoado que está perto da estância e hospedar-se na estalagem. Com alguma desculpa, eu lhe levaria o Francisquito para que o visse.

—Já veremos, senhora Bennet, já veremos.

Micaela se apressou a desaparecer quando Varzi se despediu da inglesa.

"Mas eu tinha muita vontade de ver minha irmã e o obriguei a me convidar esta noite." Iludida, por um instante tinha imaginado que Varzi se encontrava na casa de seu pai para ver a ela. Carlo Varzi jamais perdoaria sua traição com Cáceres. Sua atitude, displicente e fria, falava por si só, e recriminação era quão único Micaela distinguia nas maneiras de seu antigo amante. Enfureceu-se quando as cenas de Carlo e Sonia, juntos na cama, voltaram a cabeça. Desceu

[66] A **Campânia** (em italiano: *Campania*) é uma região do sul da Itália, área de 13 595 quilômetros quadrados, cuja capital é Nápoles.

depressa os últimos degraus e entrou decidida no salão de música. A ira a ajudou a enfrentar o auditório sem inibições.

* * *

Ainda a aplaudiam quando viu Carlo escapulir para o hall; custou-lhe abandonar a sala e ir atrás dele. Cáceres a seguiu com o olhar, mas alguém se aproximou para felicitá-lo por sua gestão como chanceler e ele a perdeu de vista. Apesar do hall se achar em penumbras, Micaela soube imediatamente que Varzi não estava ali e foi em direção ao jardim de inverno.

Carlo tinha saído ao terraço e fumava impassível apoiado sobre a balaustrada, olhando a lua cheia. Apagou o charuto antes de terminá-lo e olhou para o jardim. Ele ficou maravilhado com os imponentes ciprestes, a beleza da fonte e os canteiros bem conservados. Em um instante, o encantamento se tornou mortificação, e, infeliz, decidiu voltar para a festa.

Ficou pasmo ao descobrir Micaela na porta observando-o, imutável. Ela estava pálida, ou era o reflexo da lua em sua pele? Seus olhos brilhavam com melancolia. Conseguiu se recuperar, subjugar a surpresa e pacificar a emoção.

—Não sei o que estou fazendo aqui — a escutou dizer.

Carlo avançou uns passos e se deteve muito perto; contemplou-a longamente antes de falar.

—Eu sei o que está fazendo aqui. Marlene — sussurrou, um instante depois—. Minha Marlene.

Os olhos de Micaela se encheram de lágrimas incontroláveis que caíram em suas bochechas até Carlo limpá-las com a mão.

—É um desperdício — assegurou ele—. Bons músicos, muito espaço, a mulher mais formosa que vi alguma vez, e não posso dançar um tango com ela. — Ele a pegou pela cintura e puxou-a para o peito. — Venha para casa. Vamos passar a noite juntos. Sinto sua falta, Abelardo e eu sentimos saudades, de você e de Eloísa.

—Carlo, por favor — disse sem convicção—, me deixe. Não percebe que meu marido está a uns metros deste lugar?

—Seu marido? Esse tolo efeminado que nem te olhou uma vez? Isso preocupa você? Com sua beleza, eu não teria deixado você um segundo. Não me fale de seu marido! Não o mencione!

—E de quem teríamos que falar então? — explodiu e se separou dele. —De Sonia? Da Sonia e de seus namoricos com ela?

—Sonia está morta — afirmou Carlo. —Sim, morta — repetiu, ante o sobressalto de Micaela. —Na tarde em que você nos encontrou, expulsei-a de meus estabelecimentos e disse-lhe que não a queria no Carmesim nem em nenhum outro lugar. Partiu no dia seguinte e eu soube depois que tinha sido assassinada pelo "mocha línguas".

Micaela tentou voltar para a mansão, mas Carlo pegou sua mão e a arrastou até a balaustrada, onde ele a apoiou e a travou em seus braços. Quase roçou seus lábios ao dizer:

— Você nunca me deu uma chance de explicar o que aconteceu naquela tarde.

— Nunca te dei a chance porque não havia nada que explicar. É o tipo de homem que se não tiver um harém não pode viver, e eu não estava disposta a aceitar essa regra do jogo.

—Durante o tempo que foi minha mulher, nunca estive com outra. —Micaela quis replicar, mas Carlo a sossegou com um dedo sobre a boca. —Me deixe falar, Marlene. Naquela tarde, a tarde que me encontrou com Sonia, tinha mandado Cabecita te procurar. Como os dias anteriores, voltou sozinho e me disse que não podia vir. Melhor dizendo, que não queria vir. Fazia tempo que me evitava, que não desejava me ver. Incomodava-me sua atitude de neném caprichosa, mas o que mais me incomodava era não te ter entre meus braços, não poder te beijar e fazer amor com você. Me desesperei, me enchi de coragem e indignação. Te odiei por não querer estar comigo, por me negar sua presença, seu corpo, sua paixão. Nesse momento, chegou Sonia e…

—E o senhor não pôde conter sua excitação, e, como os animais, deixou-se levar pelo instinto. A quem quer enganar, Carlo? Sei muito bem como é, sei que só o que te interessa é a carne. Vê a mulher como um instrumento capaz de satisfazer sua necessidade sexual. E eu, como idiota, caí sob seus encantos. Eu gostaria de saber o que teria acontecido se me encontrasse com outro na cama.

—Teria te matado!

—É um descarado. Eu tenho que entender a sua decepção, porque você estava cheio de raiva e ódio. Ao contrário, se tivesse me encontrado com outro, teria me matado. Você é o macho por excelência, Carlo Varzi. Te desprezo. Não quero voltar a te ver. Me solte, tenho que voltar para a festa com meu marido!

—Eu disse que não o mencionasse na minha frente!

Micaela recostou contra o corrimão. O rosto de Carlo estava vermelho e os olhos arregalados.

—Você me traiu com esse boneco de pano de merda e, veja, não te matei ainda, embora vontade não me falte. —Pegou-a pelo cabelo e rodeou sua cintura. —Não suporto pensar que ele te toca, que te beija; fico louco imaginando que te faz sua mulher. Ah, degolaria-o! Odeio-o e odeio você por ter se entregue a ele!

Apesar do esforço por se reprimir, Micaela começou a soluçar e a tremer. A fúria de Carlo a assustou e a desconcertou ao mesmo tempo. O ciúme o tinha tirado de si. Ciúme de machista com orgulho manchado ou ciúme de homem apaixonado?

—Por que veio esta noite a casa de meu pai? — perguntou, entre lágrimas. —Para ver sua irmã, não? Para ver a ela e a seu sobrinho.

—Estúpida! A Gioacchina e o Francisco vejo quando quero. Esta noite vim ver você.

—E por que não me buscou antes? Passaram muitos meses da última vez que nos vimos.

—Se esquece que, no princípio, te procurei, mandei flores, cartas, e que nenhuma vez me respondeu?

—Não se dá conta de que não quero nada com você? Por que voltou agora? Para me atormentar, para me tirar a paz? Por que agora? Por que?

A voz de Eloy que chamava Micaela rompeu o feitiço e, embora Carlo tivesse a intenção de escapulir para o jardim, ela se livrou dele e, antes de correr para a casa, ordenou-lhe em um sussurro cortante:

—Não volte a me incomodar. Me deixe em paz.

Vislumbrou a figura de seu marido no jardim de inverno e se aproximou com presteza.

—Micaela, faz momento que estou te procurando — falou Cáceres. —Onde tinha se metido?

—Precisava de um pouco de ar fresco e saí no terraço. Vamos, agora quero estar na festa.

Retornou à sala de braço com seu marido e, no resto da noite, não voltou a ver Varzi.

* * *

—Sou um idiota — disse Carlo, meio escondido atrás de um arbusto, enquanto observava Micaela voltar para festa junto ao Cáceres. Não voltaria a entrar, não senhor. Antes morto que vê-la dançar com o bienudo. Cabecita e Mudo se sobressaltaram quando Carlo subiu no banco de trás do carro e bateu a porta.

—Ey, Napo, que susto nos deu! — queixou-se Cabecita. —O que aconteceu? Já terminou a garufa? Pelo bico que traz, parece que não foi nada bem com a Marlene. Ai! —exclamou, quando Mudo lhe deu uma cotovelada.

—Fecha o bico Cabecita — ameaçou Varzi—, e me leve para casa.

Ao passar perto do portão principal, Carlo voltou a olhar. O brilho do interior da mansão se delatava através das janelas, e a lembrança da pompa do lugar e do refinamento das pessoas o deixaram de mau humor. Quanto luxo e esbanjamento! O melhor champanhe, comida exótica, as mulheres melhor vestidas, os homens mais distintos. O salão de baile conseguiu impressioná-

lo, resplandecente com suas molduras em ouro, lustres com centenas de adornos, o piso de madeira polida, as decorações requintadas, os óleos e as esculturas. Escutou falar em francês e em inglês. As mulheres comentavam sua última viagem a Europa e se lamentavam pela guerra, que não permitia que retornassem às compras. Os homens, charuto na mão, polemizavam a respeito da Lei Sáenz Peña que poria o país nas mãos da ralé.

"A ralé", repetiu Carlo para si, "eu sou a ralé." Mudo tinha razão, Marlene nunca deixaria esse ambiente brilhante. "Não se dá conta que essa mina não pertence ao nosso mundo? Ela se casou com Eloy Cáceres, o Chanceler da República... Ela é da jailaife e aí vai ficar. Assim são as coisas." Além disso, o que ele tinha para lhe oferecer? Por mais que mudasse de vida, jamais alcançaria seu nível.

—Che, Napo — retomou Cabecita, — como encontrou Marlene? Não é verdade que está piorada?

—Não sei — respondeu Carlo lacônico.

—Será porque trabalha muito? Todo o dia daqui para lá, não para um segundo. Se não esta no Colombo, tem algum compromisso. Para sua casa não volta a não ser até a noite e...

—Já sei todo isso — interrompeu Carlo.

—Sim, claro. Che, Napo, estava bonita? Com Mudo, mal a vimos quando ela entrou. E aí, estava linda?

—Não reparei.

—Durante este tempo que estivemos seguindo-a, Mudo e eu nos demos conta de que, dia a dia, tem um rosto pior. Teria que estar contente, pelo menos se nota a léguas que Cáceres não é bom na cama, se não, teria que estar resplandecente.

—Chega. Fartou-me! — vociferou Carlo; o agarrou pelo pescoço e forçou-o a frear de repente. —Eu disse para fechar o bico porque não estou com saco! Desce do carro e volte caminhando! Vai, que não tenho toda a noite!

Mudo tomou o lugar de seu companheiro, arrancou o carro a toda pressa e deixou Cabecita no meio da rua.

—Parece que você perdeu a mão — interveio Mudo—. Cabecita queria te levantar o ânimo.

—Que ele levante o ânimo da sua avó!

Houve um silêncio no qual Mudo refletiu sobre a conveniência de conversar com seu chefe. Estava a ponto de desistir quando lhe ocorreu perguntar pela Gioacchina.

—Como estão sua irmã e Francisco?

—Eles estão bem.

—Então, que caralho te aconteceu? É pela Marlene, não? Comigo não simule, Napo, te conheço. —Logo depois de uma pausa, adicionou: —Menos mal que não foi a garufa para vê-la! — Carlo lançou um grunhido e virou o rosto—. Que birra que têm com essa mulher! *Mamma mia*, parece um nenê enamorado com um brinquedo!

—Não se preocupe, Mudo, hoje me dei conta que Marlene, melhor dizendo, que Micaela Urtiaga Four é impossível. Não vou voltar a insistir.

* * *

Essa noite, depois da festa, Eloy a visitou em seu quarto. Micaela sentiu falta, pois tinha passado muito tempo da última vez, mas também se incomodou, e desejou que falasse rapidamente e que a deixasse sozinha.

—Continue com o que estava fazendo — indicou seu marido, e se sentou próximo a ela.

Micaela virou para a penteadeira e continuou escovando o cabelo. Pelo espelho, percebeu que Eloy a olhava com desejo e sentiu repulsa. Assustou-se quando seu marido falou.

—Estava muito bonita esta noite. Não houve um na festa que não a admirasse. Tenho que te confessar que me senti orgulhoso, mas também me deu muito ciúme; não pude evitar. —

Caminhou para ela, ajoelhou-se e pôs a cabeça sobre seu colo. —Micaela, meu amor, sei que descuidei de você e que te negligenciei. Me perdoe. Diga-me que me perdoa.

—Eloy, por favor…

—Não suporto que outros homens te olhem. Esta noite, mais de um a teria levado com gosto à cama.

—Eloy, basta!

—É certo, por que vamos negar isso? Algum deles poderia te dar o que eu não posso. Sou um egoísta por não te permitir ter um amante que satisfaça seus desejos de mulher, mas eu juro, meu amor, não tolero a ideia de que outro ponha um dedo em cima de você. Me perdoe.

—Prometi que não te deixaria e vou cumprir minha palavra. Mas você não cumpre a sua. —Eloy levantou o rosto e olhou sem entender. —Se esquece que prometeu consultar um médico? Cada vez que te pergunto ou menciono o assunto se irrita e muda a conversa. Eu compreendo, é uma questão humilhante, mas deve fazer algo para recuperar sua virilidade. Não pode se deixar vencer.

—Possivelmente nunca possa me curar — assegurou Eloy, e ficou de pé. —O doutor Manoratti não me deu esperanças.

—Por que não me disse isso? Eu tenho direito de saber.

—E para que quer saber? Para me deixar? Para ir com outro que possa satisfazer seus desejos carnais?

—Não acredito merecer este sarcasmo. Não vou suportar sua grosseria. Rogo-te que deixe meu quarto, quero ficar sozinha. —Micaela abandonou a cadeira e assinalou a porta. —Por favor, estou muito cansada.

Eloy segurou sua cabeça e fechou os olhos.

—Me perdoe, meu amor — disse, e se aproximou dela. —Me perdoe, sou um cretino, um tirano. Como posso te tratar assim? Como, se te adoro? Não quero te perder, por isso atuo como um caipira. Morro se te perco.

"O que faço, meu Deus? Isto é uma farsa. Não pode continuar." As palavras se aglomeravam na boca, mas não conseguia achar a coragem para confessar que não o amava, que ela nunca o amaria, mesmo que ele tivesse superado a doença. O desespero de Cáceres a obrigou a desistir.

—Não se atormente. Vamos consultar outros médicos, deve existir alguma cura.

Eloy virou-se e caminhou até a janela.

—Vou visitar um médico francês muito famoso, — disse — que Manoratti me recomendou. Chama-se Charcot. A guerra o afugentou de seu país. Por enquanto, está radicado em Buenos Aires. Ele é minha última oportunidade.

Micaela conhecia muito bem o doutor Charcot. Amante da ópera e fanático pela Divina Four, tinham compartilhado dezenas de jantares e festas em Paris. Sabia das técnicas do francês, condenadas pela medicina tradicional. O hipnotismo, o mesmerismo e as teorias de um tal Freud constituíam suas ferramentas para curar. Acreditaria Manoratti que o mal de Eloy não era físico a não ser psíquico? Micaela calou a amizade com o médico e se limitou a conceder seu apoio a Cáceres sem maior entusiasmo.

Essa noite dormiu mau e irregularmente. Virou na cama, atormentada por seu casamento, pela enfermidade de Eloy e o encontro com Varzi. Na manhã seguinte, não tinha vontade de se levantar. Cheia a seduziu com um banho de sais que prepararia imediatamente. Vestiu a bata e, atraída pelos ruídos do exterior, olhou através da janela. Que diferente essa paisagem central a de Paris! Que diferente, inclusive, a da casa de seu pai! O dia, cinza e chuvoso, não colaborava com seu desalento. Odiava a rua San Martín, estreita e velha; carretas, galeras e o tramway a tornavam intransitável e ruidosa. Em meio ao congestionamento, um bonde se deteve frente a sua casa, e descobriu, com surpresa, que o maioral tocava um tango com a corneta. "É um desperdício", recordou. "Bons músicos, muito espaço, a mulher mais bonira que vi alguma vez,

e não posso dançar um tango com ela." "Carlo Varzi, por que tive que te conhecer?". Virou o olhar para o quarto e pareceu feio e sórdido.

A chuva a convenceu de passar a tarde em casa, e mandou uma mensagem a Regina onde declinava seu convite. O convencimento de que sua amiga comentaria a respeito de Varzi esfumou a pouca vontade que tinha de vê-la.

Ralikhanta apareceu na sala e anunciou o Sr. Harvey. Micaela fez uma careta, e o servente se aproximou para sussurrar:

—Ainda não disse ao Sr. Harvey que minha senhora se encontra em casa. Não deveria recebê-lo se não se sente bem. Parece pálida. Deseja um pouco de chá?

Micaela sorriu com ternura.

—Obrigado, Ralikhanta, mas vou recebê-lo. Diga que entre.

Ao ver Nathaniel, Micaela se deu conta de que acabava de barbear-se e de cortar o cabelo; com certeza, o traje era novo. Ao aproximar-se dela e beijar sua mão, desprendeu um aroma de lavanda que alagou o espaço ao seu redor.

—Eloy não se encontra, Nathaniel — informou a jovem. —E estou certa de que vai voltar muito tarde esta noite.

—Não vim ver o Eloy. Vim ver você.

—Ah.

Micaela o convidou a sentar-se no canapé; ela, ao contrário, ocupou a poltrona de três corpos, o mais afastada possível. Ralikhanta trouxe o serviço de chá e o deixou sobre uma mesinha, perto de sua senhora. Nathaniel aguardou a saida do indiano para voltar a falar.

—Parece muito formosa hoje. O verde lhe cai muito bem. Realça a cor de seus olhos. Obrigado — disse, quando Micaela lhe passou a xícara de chá. —Poderia te perguntar de que cor são seus olhos? Por mais que me empenhe, não posso descobrir.

—Não têm uma cor definida. São como os de minha mãe — respondeu sem olhá-lo.

—Parece-me que são violeta. —Harvey deixou a xícara, foi para o lado de Micaela e aproximou o rosto. —Sim, definitivamente são violeta, e muito formosos. Toda você é formosa. —Pegou sua mão e a beijou. —Micaela, preciso confessar te amo.

—Por favor, Sr. Harvey! — E ficou de pé. —Você é o melhor amigo de meu marido, como é possível uma traição como esta?

—Justamente — afirmou. —Por ser o melhor amigo de seu marido, sei que ele não pode fazê-la feliz. Comigo, ao contrário, poderia gozar como nunca imaginou. Ah, Micaela! Não posso reprimir mais este desejo! Se fosse minha, esse semblante de tristeza se apagaria de seu rosto! Seja minha!

—Senhor Harvey! Suportei o suficiente! Vou pedir que deixe minha casa neste instante e que não retorne jamais.

—Sabe por que me enlouquece? Porque resiste. Você está sempre na defensiva, em uma atitude indescritível; Quero pegar você e você escapa como água entre meus dedos. Você me deixa louco quando me faz implorar. Como ontem à noite, você não querer dançar comigo. Eu não conseguia dormir pensando em você, seu corpo nu sob o meu...

—Por Deus! — exclamou Micaela. —Cale-se! Deixe de dizer bobagens e parta!

—Por que se nega a ser minha mulher? Eloy não pode nem quer te tocar. Eu sim. Desejo-te, desejo-te tanto! Me deixe te beijar, me internar em sua boca, jogar com sua língua.

—Ralikhanta! — bramou, no instante em que Harvey tentou avançar sobre ela.

—Queria saber com quem está se deitando para me rechaçar. Mataria-o com minhas próprias mãos.

—Ralikhanta — disse Micaela, quando o servente apareceu na sala, —acompanha o Sr. Harvey. Já vai.

—Não acredite que se liberou de mim — assegurou o inglês, antes de partir.

Ralikhanta o seguiu até o vestíbulo e trancou a porta. Voltou onde estava sua senhora e a encontrou choramingando. Imperturbável, aproximou uma xícara de chá.

—Obrigado, Ralikhanta — disse, e bebeu. —Não quero que comente com ninguém este penoso incidente.

—Desculpe minha rabugice, senhora, acredito que o Sr. Cáceres deveria inteirar-se do que acaba de acontecer.

—Não, Ralikhanta. Estou farta, não quero saber nada de discussões e conflitos. Quem sabe a versão do acontecido que Harvey lhe daria? Não, Ralikhanta, não quero mais problemas.

—Está bem, senhora, compreendo perfeitamente. Quando o Sr. Cáceres não estiver em casa, não deixarei o Sr. Harvey entrar. — Micaela assentiu. —Mas me deixe aconselhar algo. Afaste-se de Harvey. É um homem mau, perverso e sinistro. Não permita que volte a aproximar-se.

Deu meia volta, recolheu o serviço de chá e partiu à cozinha.

* * *

Capítulo XXVII

Micaela pegou um cartão na escrivaninha e anotou um endereço. Chamou Ralikhanta e o entregou.

—Prepare o carro — ordenou a seguir. —Sairemos imediatamente.

—A este lugar? —perguntou o indiano, e apontou o papel—. É na área sul, senhora.

—Eu sei que é na área sul, mas tenho assuntos alí. Como sempre, te peço a maior discrição. Se Cheia te perguntar, invente algo.

O servo curvou-se numa reverência e saiu do quarto. Micaela escolheu um chapéu, calçou as luvas e saiu. Ralikhanta a aguardava com o carro ligado.

Paradoxalmente, a cena com Harvey na tarde anterior precipitou a decisão que ela estava prestes a tomar, e, apesar de sua mente continuar defendendo os argumentos de costume, sua sensibilidade proclamava o oposto e a ajudava a seguir adiante. O que era o certo e o que era o errado? Sacrificou-se em busca do equilíbrio e da sensatez. E, o que tinha conseguido? O inferno no qual vivia? Depois de tudo, tinha havido equilíbrio e sensatez em suas decisões? Acreditava que sim, mas os fatos mostraram o contrário. Merecia o seu padecimento. Por ser covarde, tinha agido na mentira. Mais uma vez, devia pagar por seu erro. No que ela tinha acreditado? Que junto a um homem ao qual não amava seria feliz? Possivelmente o destino, tendo pena dela, a tinha unido a um impotente, pois jamais teria suportado que Eloy Cáceres a possuísse.

Que tipo de critério a tinha guiado desde sua chegada a Buenos Aires? Nem Otilia teria agido com tanta frivolidade e imaturidade. Ela, que aprendeu com Emma a viver com honestidade, enredou-se em um labirinto de mentiras e enganos, e não encontrava a saída. "Estúpida! Sacrificou o que mais ama para agradar a quem? A sua família, à sociedade, a quem? Alguma vez pensou em se dar o gosto? Alguma vez lhe ocorreu se fazer feliz? O que pensou? Que contentando ao resto também se contentaria? Engano! Primeiro seja feliz e depois tente fazer feliz ao resto."

Por um momento, seu raciocínio ganhou a partida e duvidou em continuar. Minutos depois, o carro ainda seguia rumo ao sul. Não seria tão estúpida outra vez. Não se deixaria envolver novamente por critérios que eram sensatos na aparência e que tanto dano lhe tinha causado. Ultimamente, o que se supunha sensato e aceitável se apresentava inteiramente irracional. Gastón María, Raúl Miguens, Eloy Cáceres, Nathaniel Harvey, homens com educação e cultura, de dinheiro e posição, homens nos que tinha acreditado só por essas condições, tinham-na decepcionado. Qual era a verdade a respeito da natureza humana? As regras sociais, o nível econômico? Enfim, tinha sido uma néscia.

—Chegamos — anunciou Ralikhanta, e parou o carro frente ao Carmesim.

Micaela voltou de seu intrincado emaranhado e se inclinou pela janela. "Ah, que sensação de bem-estar!", proclamou. "Outra vez no Carmesim!".

—Vai entrar aí, senhora?

—Sim, Ralikhanta. Espere-me fora.

—Mas, senhora…

—Nada de mas. Aguarde-me aqui.

Fez soar a aldaba e esperou em vão; provou o trinco e a porta cedeu. Entrou no bordel, e, antes de subir as escadas, observou a sala e percebeu que grande parte do cenário tinha mudado. Ao chegar ao hall, uma mulher gritou do piso térreo:

—Ey, senhorita! Quem é você?

Micaela explicou que procurava o Sr. Varzi.

—Ao Napo? Não, o Napo já não é o dono deste lugar.

Ela não pôde falar por alguns segundos, um período em que a mulher insistiu em saber quem ela era.

—Como que o Sr. Varzi não é mais dono deste lugar? — pensou, ao fim.

—O vendeu faz uns meses ao meu patrão. Mas se está procurando trabalho, pode falar com ele. Certo que a emprega. Você sim que é uma linda mulher!

—Poderia me informar onde se encontra o Sr. Varzi?

—Nem faço ideia! Faz tempo que não o vemos por estas bandas. Alguns dizem que se foi a Nápoles. Ele é dalí, sabe?

—A Nápoles, em meio à guerra! —pensou em voz alta.

A ideia de perder Carlo a transtornou, e desceu os degraus com muita dificuldade segurando-se no corrimão, enquanto a mulher teimava com a possibilidade de lhe arranjar um trabalho no Carmesim. Antes de sair, ocorreu-lhe perguntar pelo Tuli e as demais pessoas.

—Tuli? Não tenho ideia quem é. Toda a gente que trabalhava aqui se mudou quando o Napo vendeu o local. Por mais que meu patrão dissesse às garotas que ficassem, nenhuma aceitou. O assunto do "mocha línguas" deixou-as muito assustadas. Disseram que foram procurar trabalho em Córdoba.

Ao transpor a porta, olhou para trás, e não pôde evitar algumas lágrimas.

—O que aconteceu, senhora? — alarmou-se Ralikhanta.

—Nada, nada. Quero ir para casa.

—Che, Marlene! — chamou alguém atrás dela.

—Cabecita! — exclamou. —O que faz aqui?

—Isso o Napo explique. Procura ele, não?

—Sim, sim, onde ele está? É verdade que quer voltar para Nápoles?

—Não, ainda não. Quer que te leve até ele?

—Sim, Cabecita, te suplico isso. —Micaela se dirigiu a seu servente. —Ralikhanta, por favor, siga-nos com o carro.

Micaela acompanhou Cabecita até a quadra seguinte, onde estava o carro com Mudo ao volante, e se acomodou na parte traseira.

—Vamos, Mudo — disse Cabecita. —Marlene quer ver o Napo.

Micaela se remexeu no assento quando Mudo virou e lhe deu uma olhada carregada de ira.

—De você eu não gosto nem um pouco — grasnou o gigante. —Por que não deixa o Napo em paz? Já lhe fez suficiente.

—Te cale, Mudo! — atravessou Cabecita. —Se o Napo fica sabendo que falou assim, te corta as bolas.

O homem bufou antes de arrancar com o carro. Cabecita, sinceramente agradado, virou e lhe sorriu.

—Cabecita, por favor, me conte, por que Carlo vendeu o Carmesim?

—Uy, o Carmesim e todo o resto! Vendeu todos os bordéis e o cabaré. O único que ficou foi a parte no Armenonville.

—O Armenonville? — surpreendeu-se a jovem.

—Sim, o restaurante que está perto de sua casa, ora!, da casa de seu velho. — divertiu-se com o sobressalto dela. —De onde acredita que o Napo tirava a orquídea que te mandava no Colombo? Do viveiro que há alí.

—Os donos do Armenonville não são…?

—Sim, Lanzavecchia e Loureiro. Lanzavecchia é o testa-de-ferro do Napo.

Micaela não saía de seu assombro; os mistérios de Carlo Varzi só conseguiam fazê-lo mais atraente e desejável. O que faltava por conhecer?

—Aonde me levam? Não vamos à casa de San Telmo?

—Não. Levamo-lhe a…

—Basta — interrompeu Mudo. —Te Cale, que o Napo explique o que ele queira. Já abriu muito o bico.

Não obstante seu interesse por saber, Micaela não voltou a perguntar. A ansiedade a consumia e o desejo de ver Carlo lhe acelerava o pulso. Como reagiria quando a tivesse em frente? Rechaçaria-a? Tinha sido dura com ele na casa de seu pai; desejou não ter aberto a boca. Envergonhou-se e rogou que Varzi não recordasse essas sandices, embora fosse improvável, tinha enfatizado ao lhe dizer que a deixasse em paz.

Dirigiam-se ao porto. Ao chegar ao mole, Mudo estacionou perto de um barracão, e Cabecita abriu a porta e lhe estendeu a mão.

—O Napo está aí — assegurou, e indicou o alpendre do qual entravam e saíam estivadores.

Na parte superior do portão, num novo cartaz se lia "Varzi S.A Companhia de exportação e importação." Examinou o galpão, extenso, de altos tetos de zinco, cheio de esqueletos de madeira e caixas de papelão, que cheirava a umidade e mofo. Ao pôr um pé dentro, com seu traje elegante e sua figura brilhante, chamou a atenção dos trabalhadores. Cabecita gritou e os fez retornar imediatamente a suas tarefas. Cruzaram o galpão desviando de caixas, estivadores e pequenas gruas, e, ao alcançar o outro extremo do recinto, Cabecita lhe assinalou umas escadas.

—O escritório do Napo está acima — falou, e, com um gesto, pediu-lhe que subisse; logo, deu meia volta e se perdeu depois de uma pilha de gavetas.

Entrou no escritório do Carlo e viu Tuli concentrado em uns livros enormes.

—Olá, Tuli.

—Estou sonhando? Marlene, é você? Minha Marlene?

—Sim, sou eu.

Avançou indeciso, com olhar turvo e lábios trementes, e, a só um passo de Micaela, aferrou-se a ela em meio de exclamações; tinha sentido falta dela, adorava-a.

—Venha, venha, sentar, por favor. —Conduziu-a até o escritório e aproximou uma cadeira. —Jamais pensei que voltaria a te ver. Jamais — repetiu, sem soltar suas mãos. —Está mais bonita que nunca, Marlene.

—Tuli, querido amigo. Não têm ideia o quanto senti saudades. Cada vez que me sento frente ao espelho te recordo. Fazia-me rir tanto! — assegurou.

—Quero te confessar algo — disse Tuli, repentinamente acalmado. —Já sei quem na realidade você é. Contou-me isso o professor Cacciaguida. Mas te juro que de minha boca não vai sair uma palavra.

—Obrigado, Tuli. As coisas eram tão complicadas quando te conheci que não podia te dizer nada, embora morria de vontade.

—Por Deus, Marlene! Às vezes me ponho a pensar o que fez por seu irmão e não posso acreditar que tenha sido verdade. Se contasse sua história, ninguém me acreditaria. Mas eu sei que é certa e posso assegurar que conheci a mulher mais valente que existe. Arriscou tudo por seu irmão. E tinha o que perder!

—Nos deixe sozinhos, Tuli.

Os olhos de Micaela toparam com os olhos de Varzi que a escrutinavam severamente da porta, e se arrependeu de sua decisão.

—Tenho que revisar uns papéis antes de que saia o carregamento de couros — inventou Tuli. —Com sua permissão. —E desceu correndo a escada.

Varzi fechou a porta e se aproximou. Micaela ficou de pé.

—Se veio me recordar que te deixasse em paz, fez a viagem a toa… sabia? Ficou muito claro. Não vou voltar a te procurar.

Não soube o que dizer, a atitude de Carlo a pegou de surpresa, não pensou encontrá-lo tão decidido e firme; sua indiferença parecia inexpugnável.

—Carlo... Eu, na verdade... Bom... A outra noite, na casa de meu pai, fui grosseira. Me assustou te ver alí, por isso reagi mal. Queria te pedir perdão. Fui injusta.

—Me pedir perdão? Você a mim? — Riu com brincadeira. —A Divina Four pedindo perdão a um imigrante de La Boca?

—Carlo, por favor — suplicou Micaela.

Um homem bateu na porta e Varzi o fez entrar. Cruzaram umas palavras em voz baixa, Carlo lhe entregou uns papéis e ordenou que o aguardasse no mole.

—Tenho que ir — falou Varzi, e Micaela se desesperançou. —Cabecita! — gritou em seguida: —Leva a Marlene na minha casa.

Voltou-lhe a alma ao corpo e não se importou que Carlo deixasse o escritório sem olhá-la nem despedir-se. Na casa de Varzi, atendeu uma jovem bonita e simpática, embelezada como criada .

—Olá, Mary! — saudou Cabecita. —Faz entrar à senhora Marlene e traga algo para ela tomar. O Napo está para chegar. Eu tenho que voltar ao porto, Marlene — expressou, com uma mão sobre a aba do chapéu a modo de saudação.

A jovem pegou os pertences de Micaela e a escoltou a sala de jantar. Micaela notou o meneio provocador de seus quadris, e sentiu ciúme. Se perguntou se Carlo já a teria levado para cama.

—Marlene? —Frida entrou na sala e ficou olhando-a. —Não posso acreditar! Por fim voltou, Marlene! Eu sabia que retornaria. —Beijou-a em ambas as bochechas e a guiou até o sofá. — Senti tanto sua falta minha querida.

—Eu também, Frida, muito.

—Não, você não — a contradisse, com simulada zanga. —Você nos deixou, casou-se com outro. Além disso, é a melhor soprano do mundo. Por que teríamos que te fazer falta, uns pobres diabos como nós?

Micaela baixou o rosto, desanimada. Frida a obrigou a olhá-la e a reconfortou com um sorriso.

—Não quero que Carlo te veja triste. Destroçaria-lhe o coração. Vamos, se alegre.

—Já vi Carlo no porto. Tratou-me mau.

—E sim, era de se esperar, é orgulhoso como poucos. Você o desprezou, e não está acostumado. A única mulher que lhe interessa o rechaça.

—Ele me traiu com a Sonia — se queixou Micaela.

—Não significou nada para o Carlo. Não se dá conta de que está louco por ti, que te adora? O dia que se casou, Mudo e Cabecita o trouxeram aqui completamente ébrio. Depois de uma xícara de café bem forte, reagiu em parte, e, desesperado, disse-me que você tinha casado. Ah, olhe, aqui está Carlo, deixo-te com ele.

Frida partiu sem mais e Micaela ficou de pé. A situação a superou, e temeu que Carlo escutasse os batimentos de seu coração e que percebesse sua debilidade. Depois de eternos segundos, soube que Varzi não abriria a boca. Firme no mesmo lugar, observava-a com rancor, e seu semblante deixava ver as claras que não desejava sua presença. Micaela esteve a ponto de sair.

—Desde que te conheci — disse ela, ao contrário —, uma luta cruel se desatou dentro de mim. Duas vozes me atormentavam, dia e noite; uma me obrigava a te detestar, a outra me tentava a te desejar. Por momentos, ganhava uma, por momentos, a outra. Nessa luta, rasgavam-me sem compaixão, como cães brigando por uma parte de carne. Passei noites em claro pensando em você, em quanto te desejava. Nunca um homem tinha me atraído dessa forma. E, mais uma vez, seu entorno, sua sórdida realidade me atemorizavam e me forçavam a me manter longe. Longe de você — repetiu tristemente. —Já não posso, Carlo. Cansei de viver sem você. Não posso estar sem você. Já não quero lutar mais. Deus sabe que tentei, rendo-me.

Seus olhos se turvaram e tremeram os lábios; baixou o rosto e tirou um lenço para secar as lágrimas, ao mesmo tempo que rogava por uma palavra de Varzi que nunca escutou. Olhou-o e voltou a encontrar a dureza do princípio.

—Foi um engano te incomodar. Será melhor que vá — disse, e caminhou para o vestíbulo.

Perto da porta, Varzi agarrou seus ombros rudemente e a apoiou contra a parede.

—Eu deveria te odiar — assegurou. —Eu gostaria de te detestar, juro isso. —E se fez a cruz sobre os lábios—. Ah, maldita seja!

As lágrimas banhavam as bochechas de Micaela e, embora tentasse se controlar, seu peito convulsionava. Varzi apertava seus ombros com brutalidade e os fez doer, embora não tanto como com seu desprezo.

—Basta, não chore mais —ordenou—. Te disse que não chore mais. —Com o dorso da mão, secou-lhe uma bochecha. —Não quero que chore. —Seu semblante se adoçou e lhe beijou os olhos—. Não lute mais, Marlene. Não lutemos mais.

—Carlo — murmurou ela.

Seguiram instantes de suspense; Varzi ainda a mantinha aprisionada contra a parede e não tirava seus olhos dela.

—Traiu-me quando se casou com o bienudo.

—Você também quando se deitou com a Sonia.

—Fiz por despeito.

—Eu também o fiz por despeito.

—Que estúpidos!

Pegou-a pela nuca e a beijou longamente. Micaela reagiu imediatamente e se jogou no erotismo sem limites dele. Agarrava-lhe as costas com desespero, pois temia perdê-lo novamente, apertou o corpo contra o seu e se encheu da excitação que emanava de sua carne. Varzi a empurrou contra a parede em busca da intimidade tão desejada, perdeu o rosto em seu pescoço e procurou com estupidez os botões de sua jaqueta.

—Carlo, por favor — suplicou Micaela—. Carlo — repetiu, e tentou afastá-lo.

—O que acontece? — perguntou, sem soltá-la.

—Espera um segundo, não quero que seja assim esta vez.

—O que acontece, Marlene? — insistiu, rispidamente.

—Somente te satisfaço como qualquer outra, não é?

—O que?

—Desejo ser tua, asseguro-lhe isso, mas não quero que isto volte a terminar só na cama. Me dá medo te perguntar o que sente por mim realmente. Sei que primeiro fui a melhor vingança contra meu irmão; depois me converti em outra de suas conquistas. Agora estou aqui porque não tolero sua ausência, mas menos toleraria voltar a ser só desejo e sexo; não agora que sei que te amo tanto.

Varzi a olhou de tal forma que teve que baixar os olhos, entre envergonhada e arrependida.

—Não me conhece, Marlene — disse ele por fim—. Depois de tudo, ainda necessita que te diga que te quero? Depois de que te persegui como um boneco de pano para que voltasse comigo? Depois de que pensei que ficaria louco quando se casou? Na verdade, não me conhece. Acaso tenho que te pedir de joelhos que seja somente minha? Tenho que me jogar aos seus pés para que não volte a me deixar? Faço-o, Marlene! Eu o faço! —E se ajoelhou em frente a ela.

—Carlo, por favor! — e tentou levantá-lo. —Não faça isto mais difícil.

Carlo ficou de pé, apoiou as mãos a ambos os lados do rosto dela e voltou a beijá-la.

—Isto é suficiente ou necessita mais? —Subiu-lhe a saia e a acariciou entre as pernas. — Como é que ainda não se deu conta de que sou louco por você? Mudou minha maldita vida, deu-lhe sentido, isso não é suficiente? Além de tudo, quer que te diga que te amo? Está bem, digo isso: Eu te amo!

Pegou-a em seus braços e atravessou o pátio; abriu a porta do quarto com um chute e a depositou sobre o leito. Tirou o casaco e a camisa e, antes de deitar sobre ela, trancou a porta. As mãos de Micaela sobre sua pele o fez estremecer. Agitado e fora de si, rasgou-lhe a camisa de seda e liberou seus peitos.

—São meus, de ninguém mais — assegurou, sem fôlego, enquanto os beijava e lambia. — Sua pele… Suave, branca. Seu aroma. Ah, enlouquece-me! —Desceu até seu ventre e esfregou o rosto nele, como louco. —Se meu sofrimento não te bastou, isto vai demonstrar que me pertence. Não vão te ficar dúvidas.

Desfez-se da saia e baixou sua calcinha sem considerações. Micaela gemeu e se arqueou ao sentir a boca de Varzi entre suas pernas. Emoções que acreditou perdidas afloraram novamente pelas mãos dele, se apoderaram de sua prudência e a levaram a um estado de sonho e de prazer.

—Me tome agora Carlo, agora.

Não teve tempo de tirar a calça. Abriu a braguilha, liberou seu membro inchado e se internou na morbidez cálida e úmida de Micaela para fazer um aos dois. Ela gemia e, no meio de seu delírio, balbuciava palavras entrecortadas que aumentavam sua paixão. Consciente de seu desenfreio, Carlo tratava de diminuir seu ímpeto, mas o corpo de Micaela se movia sob o seu e, ao pedir mais, destruía toda sua vontade de controle.

—Por Deus, Marlene, diga que é minha. Jura-me isso.

—Sim, juro-o, tua, tua!

Carlo a olhou em êxtase antes de render-se por completo. "Agora eu sei que te amo tanto." No meio da luxúria, essa confissão trouxe-lhe sensações que intensificaram a magia. Um espasmo o cravou com violência, gritou sem escrúpulos e desencadeou seu ímpeto. Por fim, gozou vendo-a gozar.

* * *

Carlo voltou da cozinha com uma bandeja cheia de manjares: pão quente, presunto cru, queijo, pasteis de maçãs e vinho tinto. Micaela adorou a festa, pois, conforme disse, morria de fome. Pegou a bandeja, acomodou-a sobre a cama e encheu as taças. Carlo se desfez da bata e se estendeu junto a ela.

—Frida me disse para obriga-la a comer porque te achou muito magra.

—Não vai precisar me obrigar, meu amor. Estou esfomeada.

Carlo tirou o lençol que a cobria, tomou perspectiva e a contemplou sem vergonha.

—É certo, está mais fraca — afirmou, preocupado—. Olhe, te fiz uma contusão.

Baixou o rosto até o quadril de Micaela e beijou a mancha vermelha. Tinha sido um animal.

—Me perdoe — disse, sem apartar os lábios de sua pele. —Fui um bruto. Quase quebro minha bonequinha de porcelana.

—A sério sou sua bonequinha?

Olhou-a com picardia, depositou a bandeja sobre o piso e voltou a ficar sobre ela. Entrelaçou seus dedos com os de Micaela, sujeitou-lhe as mãos por cima da cabeça e a abriu como uma flor. Beijou-lhe cada parte do rosto, do pescoço, sugou-lhe os mamilos, brandamente, levando-a ao climax pouco a pouco, lentamente, procurando saborear a cada segundo, cada ato de amor.

—Carlo, meu amor — sussurrava Micaela, completamente entregue.

Recostou-se sobre o peito de Varzi e imitou suas carícias; beijou-lhe os olhos, o nariz, apenas lhe roçou os lábios, e o encheu de ansiedade, sulcou-o com a língua úmida, e, por fim, levantou-se sobre ele para revelar-se como uma visão: o cabelo loiro lhe cobria os seios e só apareciam os mamilos rosados; um raio de luz filtrava pelos venezianas e iluminava sua pele translúcida, que reverberava em contraste com o corpo escuro dele; seus olhos, enormes e amendoados, contemplavam-no com inocência, enquanto sua exuberância de mulher clamava sem reservas. Carlo soube que sua sorte estava lançada: Marlene era seu destino. Desta vez, ele

implorou e, sem esperar a conformidade, tomou. Quando terminaram, Micaela o tomou em seus braços, embriagando-o com calor.

—Poderia ficar assim o resto de minha vida — assegurou Carlo.

Micaela olhou o relógio da parede e se preocupou com a hora.

—Agora está comigo — a repreendeu, ao notar sua inquietação. —Deixa de pensar no resto.

—Somente posso pensar em você — mentiu ela.

—Mentira. Pensava no bienudo.

Micaela sorriu para simular despreocupação e tranquilidade, embora as dúvidas a atormentavam. Sua única certeza era que jamais voltaria a deixá-lo.

—Carlo — disse —, pertenço a você, sou tua. Não se aflija com coisas que não têm sentido.

Carlo se tornou áspero e a separou de seu lado; deixou a cama, cobriu-se com um roupão e avançou para o escritório. O coração de Micaela se contraiu ao vê-lo sofrer, a culpa e a impotência a afligiram. Envolveu-se no lençol e o seguiu; rodeou-lhe a cintura por trás e Carlo sentiu que lhe voltava a alma ao corpo.

—Amor da minha vida — sussurrou Micaela. —Se te disser que sou somente tua, é assim.

—Não suporto a ideia de que esteja casada com outro. Não posso tolerar que compartilhe a casa com outro, que durma com outro, que o bienudo te toque, menos que te faça dele! Ah, só de pensar me dá vontade de te matar! É seu marido, pode gritar ao mundo! Caralho, Marlene, como pôde se casar com ele!

Voltou a separar-se dela e se sentou na borda da cama.

—Está bem, errei — aceitou Micaela—. Jamais deveria ter me casado com ele, simplesmente porque não o amo. Casei-me com Eloy apaixonada por você. Errei, e te peço perdão. — Carlo mantinha a vista no chão e parecia infranqueável—. Alguma vez cometeu um engano do qual teve que se arrepender? Fez tudo certo? Não existe algo pelo qual queria voltar o tempo atrás para ter a oportunidade de viver de uma forma diferente?

Essas palavras o esbofetearam. Atraiu a Micaela para ele e lhe afundou o rosto no ventre. Quem era ele para julgá-la? O assassino de seu pai.

—Me perdoe, meu amor, me perdoe — disse várias vezes, reconfortado, em parte, pelo abraço dela. —O ciúme está me deixando louco. Me esforço por não pensar, mas a ideia de que quando quer pode te fazer sua mulher me desenquadra.

Micaela se agachou frente a ele e acariciou seu cabelo escuro.

—Sim, é certo, sou a esposa de Eloy Cáceres, mas nunca fui nem serei sua mulher. Eu sou a mulher de Carlo Varzi. —Ficou em silêncio para estudar a reação de seu amante. —Estou tratando de te dizer que entre o Eloy e eu nunca aconteceu nada, Carlo. Nunca me tocou.

—Você e ele nunca...? — Carlo a olhou carrancudo. —Quer dizer que nunca te pôs um dedo em cima? Alguma vez? Impossível! Está mentindo. — Micaela negou seriamente. —Já dizia eu que esse bienudo de merda era um maricas!

—Não se trata disso. Eloy é impotente.

—Você não vê? Ha! Isso sim que é bom! Teve que mexer com minha mulher, que caralho! —Diminuiu seu entusiasmo e acrescentou: —Insisto, Marlene, esse tipo é um maricas. Você passa o pau em uma estátua.

A grosseria de Carlo a incomodou; depois de tudo, burlava de um homem doente.

—Eloy é impotente por culpa de uma febre que contraiu dois anos atrás. Quase morre.

—E se casou com você sabendo que não podia te fazer sua mulher?

—Basta, não quero falar mais disto.

—Está bem, tampouco me importa o que acontecer com esse tipo. Por mim, que se arrebente!

O assunto do Eloy a desanimou. Um homem atormentado por deficiências físicas e lembranças macabras só podia inspirar compaixão. Pegou a camisa do chão e tentou vestí-la. Restava só um botão e tinha o tecido rasgado na altura do peito.

—Quer que peça a Frida que a costure?

—Esta camisa já não tem remédio. Cubro-me com a jaqueta.

Carlo fez um gesto de contrariedade que para Micaela foi divertido.

—Parece fina e cara.

—Sim, era.

—Por que não vamos a uma dessas lojas onde vão as da alta sociedade e te compro uma roupa bem fina e cara?

—Não, Carlo, tenho que ir. Moreschi deve estar a ponto de perder a razão. Marquei com ele hoje ao meio dia e já são quatro da tarde.

—De toda forma —acrescentou Carlo—, nunca apareceria em público comigo.

"Há tanto do que falar, pensou Micaela, tantas coisas que resolver, questões que resolver." Entretanto, não se sentiu afligida com Carlo a seu lado.

* * *

Capítulo XXVIII

O carro com Ralikhanta dormido dentro se encontrava estacionado na outra quadra, à sombra. Micaela golpeou levemente o vidro e o indiano saltou no banco. Acomodou a boina e alisou o casaco e a calça.

—Para casa, senhora?

—Sim, Ralikhanta, para casa.

A prudência e discrição de seu servente a ajudaram e logo relaxou no assento traseiro do carro, onde se abandonou a pensamentos agradáveis e recriou sensações que lhe aceleraram a respiração. Sentiu falta de que Carlo não tivesse exigido que deixasse Cáceres. Ela, por sua parte, não tinha perguntado a respeito da venda dos estabelecimentos, nem pela nova empresa. E o que lhe disse a mulher no Carmesim, que Carlo ia retornar para Nápoles? Que absurda ideia era essa? Seria verdade? Por que tinha encontrado com Cabecita e Mudo na porta do bordel? "O que faz aqui?", tinha querido saber ela. "Que lhe explique isso o Napo", tinha sido a resposta. Faria seus homens seguí-la? Não voltariam a se ver em uns dias e, até o reencontro, viveria com a dúvida.

—Desculpe, senhora —interrompeu Ralikhanta—, o que devo dizer se a senhora Cheia me pergunta onde esteve? Sempre o faz.

Não tinha opção: o indiano devia converter-se em seu cúmplice. Embora não mencionasse abertamente a seu amante, Ralikhanta não demoraria em deduzi-lo, se não o tinha feito já. Não seria perigoso? Depois de tudo, tratava-se do homem de confiança de seu marido. Decidiu arriscar-se, inclinada a pensar que Ralikhanta não a delataria. Ou sim?

—A quem te pergunte informe que estive fazendo compras.

—Não temos um só pacote, senhora.

Micaela se envergonhou de sua estupidez.

—Bem, Ralikhanta, estivemos na casa da senhora do Alvear.

Ao chegar, mama Cheia a recebeu no vestíbulo.

—Onde esteve o dia todo? Estava louca de preocupação. Moreschi acaba de ir feito uma fúria. Esperou-te um montão de tempo. Almoçou com o Sr. Eloy.

—Eloy veio almoçar?

—Veio almoçar, sim, mas não provou nem um bocado, o pobre. E eu não sabia lhe dizer aonde tinha se metido! Supõe-se que eu sempre sei onde está. Onde esteve?

—Com a Regina.

—Com a senhora do Alvear? Mentira! Depois que saiu a senhora enviou um de seus serventes com uma nota aonde te convidava a tomar o chá em sua casa esta tarde.

Micaela ficou sem palavras; um segundo depois, pensou e disse:

—Encontramo-nos no Harrod's esta manhã. Contou-me do convite, e decidimos passar o dia juntas.

—Alimentando macacos com bananas verdes, não, Micaela? —sentenciou a negra.

—Basta de interrogatórios. Não sou criança. Sou uma mulher casada.

—Espero que não se esqueça. Anda vá. Você e eu vamos falar logo. Seu marido te espera na sala de jantar. Está com o Sr. Harvey.

—Com o Harvey!

—Sim —respondeu Cheia—. O que tem de mau? Acaso não é seu melhor amigo?

—Sim, o melhor.

Deteve-se antes de entrar na sala. Eloy e Nathaniel conversavam em voz baixa.

—Boa tarde — anunciou, ao entrar.

Cáceres virou rapidamente e deu uma olhada furiosa. Harvey, ao contrário, dispensou-lhe uma reverência e um sorriso cordial. "Maldito embusteiro", pensou, enquanto devolvia a saudação. Eloy se recompôs e foi recebê-la. Beijou-lhe levemente os lábios e perguntou onde tinha estado com simulada apatia.

—Com a Regina —mentiu—. Me desculpe, não sabia que viria almoçar em casa.

—Está bem, não se preocupe. Mas me alarmei um pouco quando Moreschi me disse que o tinha chamado ao meio dia.

—Ah, o professor! Sempre entende mal. Disse-lhe que eu mandaria procurá-lo na casa de meu pai ao meio dia. Mas é tão ansioso que veio por sua conta, e, claro, não me encontrou.

Eloy olhou-a fixamente nos olhos. Micaela sustentou seu olhar, e soube esconder a culpa que a embargava. Possivelmente deveria justificar-se com ele, era um bom homem, de espírito nobre, certamente a entenderia. por que mentir? "Amo a outro homem, Eloy. Um homem que faz amor comigo como você nunca poderia, mesmo que se curasse." Estas palavras seriam como o golpe de graça a um moribundo, terminariam por destruí-lo, por arrasar a pouca confiança que restava, e o levariam ao desespero ou, pior até, levariam-no a um limite que a horrorizava imaginar. Seus pesadelos, seu comportamento ambíguo, seus momentos de ostracismo, não revelavam a debilidade de sua prudência? Pobre Eloy. Não, ela esperaria.

—Por que não me traz esses documentos? —interveio Nathaniel, que não tinha perdido um ápice da cena—. Devo retornar à companhia quanto antes.

—Sim, claro, já lhe trago isso. Embora não recordo onde os pus. Vai ter que esperar uns minutos.

Cáceres saiu, e Harvey se aproximou de Micaela, com olhar pícaro e sorriso zombador.

—Nunca em minha vida —começou a jovem—, tinha visto tanta desfarçatez junta.

—Nunca em minha vida —arremedou Harvey—, tinha visto uma mulher que me excitasse tanto.

—Pensei que depois de ontem não teria o desgosto de voltar a vê-lo. Não seja descarado. Vá e não volte. Ou terei que contar a verdade a meu marido.

—Por que não o fez até agora? Direi-lhe isso eu: porque sabe que não acreditará. Eloy sente por mim um agradecimento infinito e me converteu quase em um deus. Por outro lado, eu esgrimiria minha conveniente versão dos fatos: paquerou-me descaradamente para me tentar, procurando em mim o que não encontra em seu casamento. Ele, melhor que ninguém, sabe que não está satisfeita como mulher e...

—Basta! Cale-se! —explodiu Micaela—. Vá-se de minha casa e não volte, ou moverei céu e terra, farei uso de todos meus contatos e influências para que termine tão longe de Buenos Aires que levaria três anos para retornar.

—Ey, mas se a doce e angélica Divina Four é na realidade uma gatinha raivosa! Ah, muito melhor!

Sujeitou-a pela mandíbula e lhe introduziu a língua com brutalidade, como se quisesse chegar à sua garganta. Tirava-lhe a respiração, imprimia-lhe os dedos sobre o rosto e a apertava contra seu corpo. Micaela afogou um uivo quando Harvey a mordeu. Conseguiu afastá-lo com um tranco e correu para proteger-se atrás da mesa. Sentiu os lábios avermelhados e inchados; a língua pulsava dolorosamente.

—Não posso acreditar o monstro que é —disse, em meio da agitação—. Como me enganou! Eu pensava o melhor de você.

—Não sou uma má pessoa —respondeu Nathaniel, com ironia—. Embora, como todos, sou capaz de tudo para conseguir o que quero. Sou capaz do inimaginável. No resto, sou bastante educado e correto.

Regina Pacini apareceu na sala e observou a situação com desconfiança.

—Regina —choramingou Micaela, e saiu para recebê-la, com a mão sobre a boca.

—OH, mas que agradável surpresa, senhora do Alvear! —exclamou Harvey—. É incrível a grande amizade que se forjou entre vocês em tão pouco tempo. Pensar que passaram a maior parte do dia juntas e agora também tomarão o chá. Que notável!

Regina o olhou confusa, e, em seguida, recebeu um beliscão de Micaela.

—Engana-se, Sr. Harvey, não vim para o chá. Minha amiga esqueceu este pacote em meu carro e vim devolver-lhe.

—OH!

—Se nos desculpar, Sr. Harvey —falou Micaela—, devemos nos retirar.

Pegou a sua amiga pelo braço e a conduziu ao interior da casa. Regina pediu explicações, mas só depois de trancar a porta de seu quarto, Micaela se sentiu disposta a falar.

—O que me dizia esse inglesinho? Que você e eu passamos o dia juntas? O que te aconteceu nos lábios? —perguntou alarmada—. Não me diga que ele te bateu.

—Não, não me bateu. —Micaela sentou na poltrona e sustentou a cabeça—. Tratou de ultrapassar os limites. É a segunda vez que o faz.

—Que o que? E me diz isso assim, tão trânquila! Te disse que eu não gostava desse tipo. Eu farejava que atrás desse jeito de elegante inglês havia um safado de quinta. Ah, mas melhor que não se foi porque vou lhe cantar as quarenta, depravado de porcaria!

—Não, Regina! Por favor te peço, deixa as coisas como estão. Não quero problemas com meu marido. Deve estar com ele agora.

—O Chanceler está em casa neste momento?—Micaela assentiu—. Que descarado é esse Harvey! Te faltar ao respeito a metros de quem chama seu melhor amigo! Não te parece estranha a impunidade com a que atua esse homem? Deveria contar ao Chanceler.

—Ele nunca acreditaria que foi Nathaniel quem se comportou mau, mas sim que fui eu quem o provocou. Por causa de sua impotência, tornou-se obsessivamente ciumento; pensa que cada homem que se aproxima de mim é meu amante. Não, jamais me acreditaria.

Regina desabou ao seu lado, aflita pela má sorte de sua amiga.

—Menos mal que te comprei um presente —disse, e se levantou em busca da caixa—. Foi uma desculpa válida para te encobrir.

—Obrigado —respondeu Micaela, enquanto o abria—. É muito lindo.

—Apenas o vi soube que este chapéu era feito para você. Vai me contar o que é esse negócio de que você e eu passamos o dia juntas?

Só tinha tido um encontro com Varzi e a situação se complicava minuto a minuto, como um recipiente cheio de fissuras que não chegava a encher.

—Estive com um homem —confessou.

—Um homem? Um amante?—aventurou, e Micaela assentiu—. Tem um amante? É a melhor noticia que poderia ter me dado! Quero todos os detalhes. Quem é? Conheço-o? É bonito? Vamos, fala!

—Sim, conhece-o. É Varzi, o homem que me apresentou na festa de meu pai.

Regina gritou, cheia de satisfação, e se proclamou a melhor celestina de Buenos Aires, seus acertos amorosos nunca tinham falhado: cinco casamentos felizes e outros tantos casais de amantes agradecidos. Como não conseguir algo bom para sua melhor amiga?

Micaela a deixou continuar, convencida de que sua agitação serviria para evitar uma enxurrada de perguntas. Quando Regina se tranquilizou, Micaela tomou a palavra para verter a informação precisa sem lhe dar tempo para pensar muito.

—Varzi é um homem muito peculiar. Vive em San Telmo. Assim é —ratificou, ante a careta de sua amiga—. É napolitano e dono de uma empresa de exportação e importação. Por agora, é tudo o que sei.

—Estive fazendo averiguações entre meus amigas, mas nenhuma escutou nada a respeito dele. O que posso te dizer é que todas ficaram muito impressionadas. Esse tipo mediterrâneo, com olhos negros e lábios carnudos, ah, seduz a qualquer uma!

—Como já sabe, é conhecido de meu irmão. Gastón María sempre se caracterizou por ter relações fora do comum, tiradas de vá saber onde. Enfim, esta é a situação.

—Assim me diz isso, como se tratasse de um negócio ou de um contrato com algum teatro? Me conte, por amor de Deus, é bom na cama?

—Sim, esteve bem.

Não obstante as dificuldades para satisfazer a curiosidade da Regina, manteve-se firme e não revelou sentimentos e sensações que pertenciam exclusivamente ao mundo maravilhoso que tinham criado, ela e Carlo.

—Conta com minha absoluta discrição —assegurou a Pacini—. E, certamente — acrescentou—, pode me usar como desculpa quando tiver que se encontrar com ele.

* * *

Carlo controlou seu mau humor ao se despedir de Micaela, inclusive depois, quando o vazio que seguiu quase o impulsiona a correr a sua casa e raptá-la.

Por causa de uma inoportuna viagem a Rosário, faltavam quatro dias para voltar a vê-la. O novo escritório no porto dessa cidade requeria sua presença sem mais demoras, e, embora pensasse enviar a outra pessoa, finalmente desistiu ao não encontrar alguém apropriado. O negócio de importação e exportação estava em florações, e, embora tudo corresse satisfatoriamente, requeria sua completa atenção. Tinha investido a maior parte de sua fortuna e não podia dar margem ao azar.

—Preparei a tina para que tome um banho — disse Frida, e o trouxe para a realidade.

—Obrigado.

—Me alegro de que Marlene tenha voltado — confessou a mulher.

—Eu também.

—Embora agora seja uma mulher casada.

—Não por muito tempo.

Antes de que Carlo entrasse em seu quarto, Frida voltou a chamá-lo.

—O que lhe digo quando começar a me perguntar a respeito de Johann? Sempre o fazia. Não acreditou na história de que nos conhecemos no inquilinato. Não seria melhor que lhe contasse a verdade? Não se sentiria em paz?

—O único que me dá paz é tê-la perto. Se algo puser isso em risco, não estou disposto a fazê-lo.

—Ela não vai se assustar, algo intui. Digo, pelo fato de Gioacchina não saber que é sua irmã. Alguma vez te pergunta sobre isso?

—Sim, mas lhe digo que não quero falar disso e aí termina tudo. Deve pensar que é pelos bordéis.

—Se verdadeiramente te quiser, saberá te compreender.

Uma hora mais tarde, Carlo saiu da tina, vestiu-se rapidamente e partiu ao porto. Tinha faltado grande parte do dia e ainda tinha assuntos da viagem que empreenderia cedo à manhã seguinte para resolver.

—Ey, Napo! Por fim veio — o saudou Cabecita ao vê-lo entrar no escritório.

—Chegaram os documentos para o embarque de amanhã? Refiro-me ao do milho.

Mudo os alcançou e Tuli confirmou que os tinha revisado. Varzi assentiu, e, com um gesto, indicou a seus capangas que o acompanhassem fora.

—Não vêm amanhã comigo a Rosário — informou.

—Ey, por que não? Você prometeu isso…

—Vão ficar porque necessito que estejam a disposição da Marlene.

—A disposição da Marlene? —perguntou Cabecita—. O que quer dizer?

—Como sempre, sigam-na a toda parte, e estejam atentos se por acaso necessitar de algo. Em princípio, que não os veja.

—Esta manhã, na porta do Carmesim, surpreendeu-se quando me viu. Perguntou-me que fazia alí. Fiz-me de otário e lhe disse que perguntasse a você.

—Têm menos miolos que uma mosca — o repreendeu Carlo—. Inventasse algo, não sei, que só andavam por alí. Agora vai me perguntar, e não acredito que goste nem um pouco de que mando seguí-la.

—A mim, quem me dá uma sensação ruim é o chofer — interveio Mudo. — Antes, com o Pascualito, era melhor. Tínhamo-lo bem junto.

—Sim —ratificou Cabecita—, é mais estranho que Mudo sorrindo. Não se zangue, Mudo! Falo de brincadeira.

—Menos brincadeiras que aqui está em jogo a segurança da Marlene. por que te dá uma sensação ruim esse tipo, Mudo?

—É mais feio que uma freira com bigodes —insistiu Cabecita—. Negro e petiso. E todos esses anéis e colares? Veste-se mais estranho que não sei o que.

—A beleza ou a fealdade não têm nada que ver nisto — assegurou Carlo—. Se fosse por isso, nem sua velha iria te querer. Por que você não gosta, Mudo?

—É o homem de confiança do bienudo. De noite, o leva e traz para todo lado, ao Clube do Progresso, ao Jóquei e, em especial, à casa do amigão. Aí vai, pelo menos, três vezes por semana.

—Que amigão? —interessou-se Carlo.

—Nathaniel Harvey. É inglês e trabalha nas ferrovias. Não sei mais.

—Vive a umas dez quadras da casa do bienudo — acrescentou Cabecita. — Vai direto a sua casa, mesmo que ele não esteja.

—O que querem dizer? — inquietou-se Carlo. —Que vai ver Marlene? —Os capangas se olharam e não aventuraram uma resposta. —Agora, mais que antes, têm que vigiá-la o dia inteiro, sem confiar em ninguém.

Cabecita voltou para o escritório, e Mudo e Varzi caminharam para o mole.

—O que anda te passando pela cabeça? Fala, te conheço— insistiu Carlo. —Desembucha.

—Está seguro de voltar a ficar com a Marlene? Você não ficou bem da outra vez. Agora está casada, e nada menos que com o Chanceler da Nação. Se o bienudo se inteira, vai fazer sua vida impossível, ainda mais agora que está neste negócio. Pode te arruinar.

—Não me importa. Assumo os riscos.

—Ah, merda, está metido até a medula!

* * *

Eloy se irritou ao notar Micaela tão mal predisposta durante o jantar, com pouca vontade de trocar seus monossílabos por frases mais substanciosas, nem de dignar-se a olhá-lo quando ele, com muita ansiedade, cravava-lhe os olhos e admirava sua beleza. Depois do jantar, não aceitou compartilhar um conhaque na sala, e alegou cansaço para partir ao seu quarto com um "boa noite" por toda despedida. Estava irritado a princípio, mas, logo depois de refletir, Cáceres se declarou culpado; até sua raiva inicial se transformou em agradecimento e devoção ao compreender o sacrifício que significava para sua esposa a união com um homem que, não só a humilhava como mulher, mas sim lhe dava quase a mesma atenção que à servidão.

Apoiou a taça com brutalidade sobre a escrivaninha. O que tinha começado como um negócio se converteu em um sentimento nobre e profundo. "Depois de tudo, disse-se, ainda posso sentir coisas boas, como qualquer pessoa normal." A conveniência de seu casamento com a filha do senador Urtiaga Four se desvaneceu, e o amor lhe brindou uma esperança ao descobrir em Micaela a única pessoa capaz de apagar seus traumas. Sim, os apagaria quando dissesse que o amava, que nunca tinha sido de outro, que se conservava pura e virgem para recebê-lo.

Lembranças de outra índole vieram, e o afligiram a vergonha e a culpa, sensações que lhe provocavam vontade de morrer. Micaela ocupou de novo seus pensamentos e converteu em luz o que até um segundo atrás tinha sido escuridão. Aferraria-se a ela, procuraria fazê-la feliz para não perdê-la. Perdê-la? A ideia o inquietou, e o levou a perguntar-se onde tinha estado toda a manhã e as primeiras horas da tarde. Com a Pacini? Não gostava da Pacini. Admitiu, cheio de ciúme, a paixão que sua esposa despertava nos homens, homens capazes de fazê-la gozar, homens de verdade. Não voltaria a deixá-la só com o Harvey, tinha visto como a devorava com o olhar. Tentaria-a com seu flerte, ele sabia bem, e a mancharia. Embora não, Micaela jamais o trairia, tinha lhe dado sua palavra. Ela não era como outras, nem como sua mãe nem como Fanny Sharpe; Micaela era única, e lhe pertencia.

Deixou seu escritório, ansioso por vê-la.

* * *

Não podia tirar Carlo do pensamento. Tentou dormir, mas a lembrança de suas carícias em todo o corpo e de seu aroma de homem excitado a transportavam à casa de San Telmo, onde a magia do erotismo e a paixão do amor lhe tinham demonstrado que ainda podia ser ditosa, que ainda estava viva.

—Posso entrar?

A voz de seu marido a sobressaltou, e precisou de uns instantes para responder que sim. Cáceres entrou arrastando aquilo que representava dor e frustração.

—Dormia?

—Não, entre.

Micaela deixou a cama e rapidamente se cobriu com o déshabillé, sem deixar de notar o olhar aceso de seu marido.

—Não podia dormir — comentou Cáceres.

—Eu tampouco. Sempre estou um pouco nervosa nos dias que antecedem uma apresentação.

—Ninguém o diria ao verte tão segura no palco. Comentou-me o doutor Paz que você é 'A Rainha da noite' mais incrível que tenha escutado. Na próxima apresentação irei te ver. É imperdoável que ainda não o tenha feito. Vou pedir ao seu pai que me permita compartilhar o camarote. Se quiser, levaremos a Cheia.

—Mama Cheia foi na noite da estreia. Meu pai e Otilia também.

—Vejo que somente faltou eu.

Micaela o contemplou desorientada, sem compreender de onde vinha esse repentino interesse nem, o que era pior, onde queria chegar.

—Me alegraria muito te ver amanhã entre o público.

—Micaela, meu amor. — pegou-a pelos ombros e a beijou no pescoço—. Como pude estar tão cego? Como pude te descuidar tanto? Vai me perdoar? Diga que me perdoa, que tudo volta a recomeçar entre nós. Quero passar mais tempo com você. Prometo jantar todas as noites em casa e não faltar tanto. Preciso de você, meu amor, necessito-te.

Voltou a beijá-la, dominado por uma paixão que o surpreendeu, um sentimento novo que não tinha experimentado nem sequer com a Fanny Sharpe.

Entre a confusão e o asco, Micaela o tirou de cima, e, enquanto se afastava dele, secou os lábios com a manga. O arrebatamento de Eloy, inesperado e inoportuno, a tinha tirado do contexto, sem permitir que ela medisse as consequências de seu rechaço, que percebeu segundos mais tarde, quando o rosto de seu marido se tingiu de um vermelho furioso.

—Micaela, por Deus! O que aconteceu? Afasta-se de mim como se fosse um estranho, limpa a boca como se te desse asco.

Julgou a situação difícil e comprometedora, e se convenceu de que só poderia resolvê-la se confessasse a verdade e colocasse um fim a grande farsa que era seu casamento. Seu coração

pulsava com força; sentia-se capaz de enfrentar um exército. Eloy se jogou na poltrona e rompeu a chorar. A valentia e a decisão dela desapareceram sem deixar rastro, e lástima foi quão único ficou. Aproximou-se de seu marido e o olhou com ternura. Eloy levantou a vista e suplicou que o abraçasse. Micaela pediu-lhe que se acalmasse.

—Não posso te perder. Me pertence, estamos unidos.

—Eloy, o que vou fazer com você? Não quero te machucar, mas não te compreendo. Melhor dizendo, não deixa que te compreenda. Tantas vezes propiciei uma aproximação, tantas vezes quis que conversássemos, e você nunca estava para mim. Seu trabalho, suas reuniões políticas, seus amigos, tudo estava antes que eu.

—Te perdi, eu sei. Fala como se tudo tivesse terminado. Queria morrer. Não sou um homem, não sei o que sou. Há tantas coisas de mim que não sabe, meu amor. Coisas que me envergonham e me afastam de você. Mas estou disposto a lutar, a te reconquistar.

Embora se debateu entre a verdade e a mentira, Micaela não voltou a experimentar essa força extraordinária do primeiro momento, e o dever e a culpa, jogando sua parte, terminaram por convencê-la da crueldade de falar em semelhante situação. Propôs, então, voltar à cama e tentar dormir, mas Eloy lhe pediu um momento mais. Ficou em silencio, abraçado a ela.

—Já visitou doutor Charcot?—perguntou a jovem, e procurou afastar-se dele.

—Ao doutor Charcot? Sim, claro, justamente amanhã vou vê-lo.

—Essa é uma boa notícia.

Teria comentado algo mais, mas calou, temerosa de provocar a ira de seu marido.

—Você vai ver que tudo se resolverá —assegurou Eloy, antes de despedir-se—. Poderemos ser felizes juntos.

* * *

Capítulo XXIX

Buenos Aires, 15 de dezembro de 1915.

Estimado doutor Charcot:

Surpreendeu-me gratamente sua chegada a Buenos Aires, da qual me inteirei, não faz tanto, por intermeio do doutor Eloy Cáceres, meu marido.

Espero sinceramente que se encontre bem e que não tenha nada que lamentar por causa desta absurda guerra, salvo, claro, a falta de paz e tranquilidade que o afastou de nossa querida Paris.

Além de lhe dar as boas-vindas, suporá você o motivo de minha carta. Nestes últimos dias meu marido o consultou por essa deficiência que já deve conhecer. Não quis acompanhar ao doutor Cáceres nas suas consultas nem quis intervir de forma alguma porque conheço seus sofrimentos nesta questão, e me mantive à margem para lhe dar a liberdade que necessita.

Mas acredito que chegou o momento de lhe agradecer pelo empenho que pôs em seu caso e por haver devolvido a meu marido as esperanças em um problema que o mantinha tão aflito. O doutor Cáceres se mostra otimista à espera desses exames que você lhe há prescrito conforme seu diagnóstico, que é do mais consolador.

Uma vez mais, muito obrigado. Do mesmo modo, suplico-lhe que mantenha reserva quanto à presente e a nossa amizade, já que não queria intervir agora em um assunto que tão bem se desenvolveu sem minha ingerência.

À espera de poder convidá-lo para jantar uma noite em minha casa, saúda-o atenciosamente,

Micaela Urtiaga Four

Fechou o envelope e chamou Ralikhanta.

—Por favor, leve esta carta agora mesmo. Aqui está o endereço.

—Em seguida, senhora.

"As coisas vão tomando seu rumo" pensou. Dias atrás, Eloy tinha retornado muito otimista da consulta com o médico francês.

—O doutor Charcot pensa que tenho possibilidade de me recuperar, meu amor —havia lhe dito.

Essa notícia a alegrou, pois nada desejava tanto como a recuperação de seu marido, que, por outra parte, plainava-lhe o caminho para sua definitiva separação. Eloy entenderia que ela não o amava; poderia procurar outra mulher que o fizesse feliz, tão feliz como Varzi fazia a ela. Sentia falta dele. A viagem de quatro dias para Rosário se converteu em dez. Ansiosa como uma colegial, no quinto dia apareceu na casa de San Telmo, onde Frida a informou da volta adiada. Depois de um tempo, um empregado do barracão apareceu com uma missiva em seu nome.

Rosário, 9 de dezembro de 1915

Meu amor,

Nada me incomoda tanto como te escrever estas linhas para te dizer que minha volta a Buenos Aires não é possível ainda. Os negócios se complicaram e não posso voltar até solucioná-los.

Sinto tanta falta de você que quase não durmo de noite, e de dia me custa pensar nos negócios; sempre está ali, em minha cabeça, me deixando louco. Pergunto-me se te acontece o mesmo.

Quando chegar a Buenos Aires aviso. Sonho com nosso reencontro.

C.V.

Depois de ler a carta pela enésima vez, Micaela a devolveu a gaveta da escrivaninha e fechou com a chave.

—Posso entrar? —perguntou Cheia da porta.

—Sim, entre mama.

—Acaba de chegar isto para você.

Entregou uma caixa envolta em papel de seda, atada com um laço verde. Seu coração palpitou com força e teve que apelar a sua vontade férrea para não dar um salto e gritar. Carlo havia retornado.

—O que é? —quis saber a nana.

Absorta, abriu o pacote e viu a esperada orquídea branca.

—Que beleza! —exclamou Cheia—. A flor preferida de sua mãe. Quem lhe manda isso? Não tem remetente?

Micaela leu o cartão para si. "Hoje, às 15 hs. C.V."

—Vamos não me deixe ansiosa! Diga-me quem te mandou essa formosura. —O silêncio da jovem, que lia e relia o cartão, desequilibrou Cheia—. Micaela, por Deus, diga-me quem te mandou a flor!

—O diretor do Colombo. A flauta mágica é o êxito da temporada e queria me dar um presente. Isso é tudo. —Guardou o cartão junto à carta, e voltou a fechar com chave.

—Ai, que desilusão! E eu que pensei que tinha sido o Sr. Cáceres.

—Pode me preparar o banho, mama?

—Pensa sair?

—Sim.

—Aonde? Olhe que o Sr. não gosta nada de chegar em casa e não te encontrar. Está muito mudado ultimamente. Vem comer cedo todas as noites, inclusive às vezes vem almoçar. Até te espera para tomar o café da manhã! Está estranho o senhor.

A devoção de seu marido era muito incomoda. Não só jantava diariamente com ela e a esperava para tomar o café da manhã, também a visitava cada noite em seu quarto, onde permanecia um bom momento comendo-a com o olhar.

—Perguntei-te aonde vai, Micaela. Depois, o Sr. me pergunta e eu não sei o que lhe dizer.

—Vou a casa da Alvear.

Cheia se encaminhou ao banheiro. Micaela olhou o relógio: era uma da tarde. Tinha quase duas horas para preparar-se; queria parecer mais bonita que nunca.

* * *

Ralikhanta parou o carro em frente à casa de San Telmo.

—Que horas são? — quis saber Micaela.

—As dez para as três, senhora — informou o indiano, e devolveu o relógio de corrente a sua jaqueta.

Micaela decidiu entrar; se Carlo não tinha chegado, conversaria com a Frida. Caminhou direto ao saguão, pois achou entreaberta a cancela de ferro. Ia sacudir a aldrava, quando a

porta se abriu de súbito e alguém a arrastou dentro antes de fechar com um chute. Carlo a apoiou contra a parede do vestíbulo e a beijou com desespero.

—Não aguentava mais — murmurou sobre os lábios.

Micaela demorou um instante para reagir e perceber as intenções de seu amante.

—Carlo, por favor. E Frida e Mary?

Não obteve resposta; ao contrário, descobriu as mãos de Varzi teimando nos botões de seu vestido, que logo terminou no chão. Montou-a contra a parede e ela o envolveu com suas pernas. Foi um ato rápido, desesperado, instintivo, animal, quase violento; entretanto, agradou-a como nenhum, pois a urgência de seu amante significava que ela era a única.

Mais tarde, Varzi se repunha submerso na água cheirosa da tina. Micaela o massageava com uma esponja e o entorpecia com uma melodia.

—Como era sua mãe, Carlo? — interrompeu-se, de repente.

—Como Gioacchina, mais bonita, acredito.

—Como se chamava?

—Tiziana.

—Que nome mais doce. E seu papai, como se chamava?

—Gian Carlo.

—Você se parece com ele, não?

—A que vem tanta pergunta?

—A nada. Quero saber de você.

—E eu de você. Me conte outra vez de quando era criança.

—Já lhe contei isso cem vezes. Como morreu minha mãe, o internato na Suíça, Irmã Emma, Paris, Moreschi.

—Sim, mas me contou faz muito tempo. Me conte da freira, de quando foram dançar tango.

Micaela sorriu, em parte pela lembrança, em parte aliviada porque, junto ao Carlo, Marlene já não significava algo triste.

—Marlene, digo, Irmã Emma, sempre arrumava para vir com o Moreschi e comigo a toda parte. Eu temia porque se a madre superiora descobrisse, matava-a. Uma noite, depois de ir a Opera, disse-nos que tinham lhe falado de um lugar muito original no Charonne, um bairro de Paris. Era incrível, Marlene passava o dia no convento e, entretanto, estava a par das coisas mais estranhas.

—Seguro, tinha um amante.

—Um amante?

—Por que não? — perguntou Carlo. —Seus pais a tinham metido no convento a força. Pelo que me contou, era uma mulher passional e atrevida. O mais lógico é que tivesse um amante. Não sei, um padre possivelmente.

—Um padre!

—Não vai me dizer que ainda acredita no voto de castidade? Se não soubesse que é castrado, diria que o amante da Marlene era Moreschi.

—Mais que um padre, pode ter sido algum amigo do professor, com os que íamos ao teatro ou para jantar.

—Bom, não importa, segue me contando do tango.

—Essa noite fomos a um bistrô no Charonne, um lugar sórdido, cheio de marinheiros e gente estranha. Moreschi se negou a entrar. Sem se importar, Marlene entrou. Logo, o professor e eu a seguimos. Desde essa noite, voltamos muitas vezes, tantas como pudemos. Já te contei que foi Villoldo quem nos ensinou a dançar o tango. "*El choclo*", sua obra prima, era o preferido da Marlene. Ninguém dançava como ela.

—Cabecita esteve a noite de estreia de "*El choclo*", aqui em Buenos Aires, em um bar

decadente do centro, "*El Americano*" chamava-se. Como o galego dono do bar era inimigo declarado do tango, tiveram que anunciá-lo como "dança crioula".

—Sim, Villoldo nos contou o ocorrido. "Você é minha compatriota", dizia-me, e se sentava em nossa mesa a recordar. Quando o conhecemos, lá pelo ano oito, fazia poucos meses que se instalou em Paris e, embora, com o tempo, tivesse adquirido certa fama, repetia que algum dia retornaria a sua amada Argentina. Estou certa de que a guerra o afugentou da Europa. Os primeiros tempos foram duros. Quando terminava de tocar, em uma mão o violão e na outra um prato, pedia gorjeta. *Faisant la quéte*, dizia-lhes o dono do bistrô. Que fizessem a coleta —esclareceu, ante a ignorância do Carlo—. Marlene, que nunca tinha um franco, roubava a carteira do professor e dava bastante dinheiro.

—Assim que o próprio Villoldo foi quem te ensinou o tango. É surpreendente! Com razão me surpreendeu a primeira noite que dançamos. Nem em um milhão de anos teria imaginado que uma bienuda como você dançasse tão bem. Ah, me deixou louco!

Micaela sorriu adulada e continuou lhe passando a esponja.

—O que são estas marcas nos tornozelos?

Varzi escondeu os pés sob a água. Saiu da tina, alcançou um roupão e se cobriu. Deixou o banho em direção ao quarto. Micaela o seguiu contrariada e, no momento em que se preparava a inquiri-lo, Carlo a enfrentou, assustando-a com um olhar escurecido.

—São as cicatrizes que me deixaram os grilhões. Olhe, aqui tenho as mesmas marcas. —E estendeu os pulsos perto dela.

—Os grilhões? Que grilhões?

—Os do cárcere. Estive preso dez anos.

Carlo sentou e baixou os olhos, agradecido pelo silêncio de Micaela, que não atinava a perguntar novamente.

—Tiziana Portineri —começou segundos depois— era uma jovem como você, rica e da alta sociedade de Nápoles. A família Portineri era das mais tradicionais e antigas da região. Minha mãe era formosa e culta, e era feliz. Até que conheceu o Gian Carlo Varzi, o filho bastardo de sabe-se lá quem, que a seduziu com sua lábia e, ao pouco tempo, deixou-a grávida de mim. Minha mãe, desesperada, fugiu de casa com ele, que, na época, já era perseguido pela polícia acusado de anarquista. Quando eu tinha dois anos, a situação política do Gian Carlo se fez insustentável e tivemos que abandonar a Itália rumo à América.

"Imagine a minha mãe, acostumada a luxo e comodidade, metida em um cortiço de San Telmo, rodeada de pessoas incultas e grosseiras. Mas era uma mulher valente e fez frente a tudo, sem queixar-se uma vez sequer. —Varzi segurou a cabeça e meditou um momento; logo, prosseguiu—: Aqui, em Buenos Aires, Gian Carlo se uniu a um grupo de anarquistas e as coisas pioraram. Sempre estava metido em confusões; os trabalhos lhe duravam um suspiro, os patrões não queriam ativistas em suas empresas e o despediam. Minha mãe Teve que começar a trabalhar. Minha mãe, lavando roupa alheia e costurando para fora! Minha mãe, quase uma princesa! Eu tinha oito anos quando comecei a trabalhar. Fiz de tudo: cuidei cavalos, lavei pratos, vendi flores, varri jardins. Os últimos anos trabalhei em uma oficina de confecção de calçado; esse trabalho eu gostava, e o patrão era bom comigo.

"As coisas em minha casa foram de mal a pior. Gian Carlo começou a beber e a frequentar prostíbulos e casas de jogo clandestino, e roubava o pouco dinheiro que guardava a minha velha. Brigavam como cão e gato. Gian Carlo começou a lhe bater. Eu ficava louco de raiva e sempre terminava às trombadas com ele. ”

"Quando nasceu Gioacchina, Gian Carlo se negou a lhe dar seu sobrenome porque dizia que não era filha dele; como não estavam legalmente casados, pôde fazê-lo. Ainda recordo a minha mãe, prostrada na cama, chorando sem consolo. Eu fantasiava que minha irmã não era filha desse monstro. Bastava-me que só fosse filha de minha mãe. Apesar de minhas ilusões,

sempre soube que Gioacchina era uma Varzi. Eu teria gostado que minha mãe conhecesse o Francisco; é parecido comigo. ”

"Depois do nascimento de minha irmã, Gian Carlo desapareceu por um tempo. Foram dias felizes, de paz. Não duraram muito porque apareceu ébrio uma manhã; disse que voltava para ficar, e, como minha mãe tentou mandá-lo embora, bateu-lhe tanto que terminou no hospital. Eu estava trabalhando quando aconteceu isto, se não... —Fechou o punho e contraiu o rosto—. Era um inferno viver ali. ”

"Até que se passou o que tinha que acontecer. Uma tarde cheguei em minha casa e encontrei a minha mãe atirada no chão, com o rosto banhado em sangue. Apenas balbuciou umas palavras antes de morrer em meus braços. —Micaela fez gesto de aproximar-se dele, mas Varzi lhe indicou que não, e continuou—: Gioacchina tinha quatro anos; estava sentadinha ao lado de minha mãe morta. Ainda retumbam em minha cabeça os uivos que dava, como se entendesse tudo. ”

"Não recordo bem o que aconteceu depois. Sei que encontrei Gian Carlo em um bordel, jogando cartas e embebedando-se. Fiquei louco, agarrei uma garrafa quebrada e a cravei na sua garganta. Não me lembro de nada mais. Voltei a tomar consciência no calabouço da delegacia de polícia. ”

"Estive preso dez anos. Os três primeiros passei em um reformatório, aqui em Buenos Aires, mas minha conduta era tão ruim que me transladaram a um cárcere para presos políticos na Ilha dos Estados, perto de *Tierra Del Fuego*. Anos depois, inauguraram uma prisão em *Ushuaia* e fui parar lá. Meu companheiro de cela era Johann, o marido da Frida. Não a culpe pelas mentiras que te contou, eu tinha lhe proibido de falar disto. Johann foi o melhor amigo que tive na vida, meu conselheiro, meu professor. Se não fosse por ele, acredito que teria morrido tratando de escapar do cárcere. Morreu um ano antes de que me deixassem em liberdade. ”

"Quando retornei a Buenos Aires, somente podia pensar em Gioacchina. Queria ser rico para que nada lhe faltasse, para tirá-la do orfanato e lhe dar a vida de princesa que teria desejado minha mãe. Assim foi que me meti no negócio dos prostíbulos e casas de jogo clandestino. Em poucos anos consegui o que queria e, depois disso, Gioacchina viveu como uma rainha, pensando que um benfeitor muito bondoso a ajudava."

Pela primeira vez em seu relato, Carlo levantou a vista. Encontrou Micaela desorientada, afligida ante semelhante confissão, e um medo inefável se apoderou dele.

—Sacrifiquei-me por minha irmã — tratou de explicar. —Por ela joguei de lado meus princípios, minha moral, tudo o que Johann tinha me ensinado, e me converti em um cafetão. Mas agora quero me redimir, quero ser um homem respeitável para que você possa se orgulhar.

Voltou a olhá-la cheio de vergonha, e, inclinado a pensar que a tinha perdido, amaldiçoou-se uma e outra vez por lhe haver confessado a verdade.

—Não sei o que dizer — esboçou Micaela.

—Sabe muito bem o que dizer — espetou ele, nervoso—. Que quer ir para não voltar, que não suporta ser a mulher de um ex-presidiário, que não tolera ser a mulher de um assassino. O assassino de seu próprio pai! Dou-te asco, não? Asco!

Micaela se ajoelhou frente a ele e o obrigou a levantar o rosto.

—Carlo, meu amor — sussurrou, e lhe acariciou a bochecha úmida. —Nada neste mundo poderia acabar com este amor que sinto. Eu te amo tanto que morreria por você.

Amassou-a contra seu peito e a beijou. Não podia separar-se dela, Micaela era como o ar, arrancá-la de si equivaleria a uma morte lenta e dolorosa, e, embora sem ajuda tivesse superado a perda de sua mãe, a culpa pela morte de seu pai e a solidão e a miséria da prisão, sentiu-se vulnerável como um menino ao imaginar uma vida sem ela.

—Me prometa que nunca vai se afastar— rogou —, que não vou ter que viver neste mundo se você não estiver nele.

—Sempre vou estar aqui para você — assegurou Micaela—. Até o fim. Juro-lhe isso. Não se atormente. E obrigado por haver me contado a verdade, obrigado por ter acreditado em mim e em nosso amor.

O resto da tarde, e até que o sol se converteu em uma gema incandescente no horizonte, Carlo lhe fez o amor procurando saciar seu espírito inquieto, e quase ao anoitecer, enquanto a tinha adormecida entre seus braços, convenceu-se de que tudo o que tinha vivido, o bom e o mau, o lindo e o feio, tinha sido para jazer junto a ela nesse instante.

* * *

Capítulo XXX

—O que devo dizer se Cheia me pergunta, senhora? — quis saber Ralikhanta ao parar o carro frente à casa da Rua San Martín.

—Que estivemos na casa de Alvear, com a senhora Regina.

—Tanto tempo, senhora?

—Têm razão, não vai acreditar.

—Parece-lhe melhor dizer que passou o resto da tarde na biblioteca do Conservatório? Você estava acostumado a fazê-lo tempos atrás.

—Estou de acordo, boa ideia.

Entretanto, Cheia e Moreschi, que a aguardavam em seu quarto, não acreditaram. O professor sempre tinha suspeitado de Varzi como o mentor das orquídeas brancas, e essa tarde, quando Cheia lhe mostrou a que supostamente tinha enviado o diretor do Colombo, deu-se conta de que Varzi estava de volta. Micaela não negou e ratificou a presunção com um silêncio eloquente.

As recriminações lhe incomodaram, em especial as de Cheia, que atacava Carlo com uma crueldade desmedida e lhe jogava toda a culpa pela infidelidade de sua menina.

—Carlo não é culpado de nada. Fui eu que fui procura-lo.

Mama invocou Santa Rita, e Moreschi cobriu o rosto com as mãos.

—Como pode enganar o Sr. Cáceres, um homem que te quer tanto?

—Duvido que me queira — replicou a jovem—, quando se casou comigo sabendo que era impotente.

Tinha tentado preservar o segredo de Eloy, mas a ferocidade de Cheia e a acidez do professor a levaram ao limite, e, entre defender o orgulho de seu marido e a relação com seu amante, optou pelo segundo, causando um efeito desolador em seus interlocutores. Moreschi, visivelmente afetado, sentou e secou o rosto com um lenço, enquanto Cheia a olhava fixamente e movia a boca sem emitir uma palavra.

—Impotente? — balbuciou.

—É só questão de tempo a minha separação de Cáceres. Nosso casamento foi um engano, não porque ele seja impotente, mas sim porque não o amo. De quem estou profundamente apaixonada é do Carlo Varzi, e basta.

* * *

Depois de tudo, raciocinou Micaela, o fato que mama Cheia e Moreschi soubessem a verdade lhe facilitava as coisas. Mais cúmplices, mais mentiras acreditáveis e o que fosse necessário para encontrar-se furtivamente com seu amante.

—Até quando? —pressionou Varzi, no dia seguinte.

—Logo, meu amor —respondeu Micaela—. O assunto com o doutor Charcot vai muito bem. Eloy está com bom aspecto, parece otimista.

—Imagino que não tentará sequer te tocar, não?

—Não o permitiria —assegurou ela.

—Tenho desconfiança do bienudo. E se ele se enfurecer quando você disser que vai deixa-lo? E se quiser te bater? Eu o mato se roçar um dedo em você!

Micaela o beijou para tranquilizá-lo e Varzi começou a excitar-se novamente.

—Marlene… —murmurou.

—Quando vai me chamar por meu verdadeiro nome?

—Nunca. Para mim, você não é a senhorita Micaela Urtiaga Four, você é Marlene, a mulher valente que, para salvar seu irmão, esteve disposta a enfrentar a todos os cafishios de

La Boca; a mulher que, mesmo sendo a rainha nos melhores teatros da Europa, cantou tangos em meu bordel; a que arriscou sua vida muitas vezes. Essa é minha mulher. Micaela, ao contrário, teve medo e, por covardia, casou-se com outro. Sempre vai ser Marlene para mim.

—Sinto falta do Carmesim —confessou ela.

—Diariamente me pergunto se teria voltado para mim se continuasse no negócio da cafetinagem e do jogo.

—Na manhã que te procurei, fui direto ao Carmesim, e me desiludi muito quando uma mulher me disse que o tinha vendido. Não poderia te explicar a nostalgia que me sobreveio. Comecei a chorar na calçada. Tenho saudade das noites em que Tuli me disfarçava para cantar, quando descia pelas escadas e o público me ovacionava. Eu te procurava entre as pessoas e nunca te encontrava. Depois, como por arte de magia, aparecia e me obrigava a dançar, e me custava dissimular que eu gostava. Me leve ao Carmesim —pediu—, dancemos o tango uma vez mais, e depois me faça tua como tantas vezes desejamos nesse lugar e nunca nos animamos a dizê-lo.

* * *

Excepcionalmente, a última apresentação no Colombo se fixou próxima ao Natal, e, junto com o fim da temporada lírica, chegava o festival de Beethoven em Santiago do Chile, onde Micaela e Carlo planejavam encontrar-se. Quando voltasse a Buenos Aires, e qual fosse o diagnóstico de Charcot, Micaela tinha prometido deixar Cáceres.

Seria um escândalo, sabia. Teria que enfrentar seu pai, seu irmão, a sociedade inteira. O que aconteceria com sua carreira? Gastón María entregaria a verdadeira origem de seu amante? Se enfureceria e, possivelmente em meio de sua indignação, diria a Gioacchina que Varzi era seu irmão. Resolveu não pensar, convencida de que nada importava a não ser seu amor pelo Carlo, e, embora as dúvidas brotassem em milhares, não vacilaria.

Na última noite no teatro, Micaela descobriu entre a plateia mais próxima Varzi, Frida e Tuli, e, dominada pela alegria e o orgulho, destacou-se entre o elenco e impressionou a todos, inclusive ao Moreschi, e não menos ao público, que, adulado com sua esmerada atuação, ovacionou-a de pé. Teve que saudar várias vezes, e, em cada ocasião, seus olhos se encontraram com os lábios de Varzi que lhe diziam "te amo". Mais tarde, no camarim, recebeu a orquídea branca. "Em meio de tanta gente, eu era o único que podia gritar: essa mulher é minha. C.V."

Os compromissos de Micaela os impediram de se encontrar nessa noite, mas a seguinte, com a ajuda de Moreschi, Ralikhanta a levou a San Telmo, onde Frida a surpreendeu com um jantar, e Tuli e Cacciaguida com sua presença. O professor se emocionou ao encontrar-se novamente com sua admirada Divina Four e deleitou aos convidados, em especial ao Carlo, com histórias de Micaela nos teatros da Europa.

—Era tão jovem quando a escutei cantar pela primeira vez — recordou—. Foi no *El Barbeiro de Sevilha*, em Munich, no festival do ano oito. Lembra-se, Micaela? Quantos anos tinha?

—Como não vou lembrar se foi minha estreia. Tinha dezessete anos.

—E que Rosina, *Madonna Mia*! E ao mesmo tempo em *Las Valquirias*! Isso foi incrível.

—Como faz para cantar assim, Marlene? — quis saber Tuli—. Digo, como ontem à noite.

Continuando, tratou de imitar o canto de *La Reina de la noche*, e só conseguiu provocar a hilaridade do resto.

—Melhor que se dedique aos números e aos tipos —sugeriu Carlo.

O jantar resultou ameno, e, apesar de que Varzi se manteve calado grande parte do tempo, seu semblante afável demonstrava que estava feliz, enquanto um brilho iluminava os olhos negros cada vez que sua mulher o olhava.

Embora tivesse desejado terminar a noite na cama de Carlo, Micaela decidiu partir. O

jantar se estendeu mais do que o esperado e não restava tempo suficiente, pois Moreschi tinha prometido ao Cáceres retornar cedo do suposto jantar com os empresários cordoveses.

—Estão ansiosos por ter à Divina Four no teatro lírico de sua cidade — tinha mentido para convencê-lo.

Varzi a acompanhou até o carro. Ralikhanta se mostrou reverente com o Carlo e se inclinou para saudá-lo. Só recebeu como resposta uma olhada avessa.

—Fica esta noite — pediu Varzi, apoiado na janela.

—Teremos milhares de noites juntos, meu amor; agora tenho que ir.

Na manhã seguinte, Moreschi apareceu na casa de Micaela enquanto tomavam o café da manhã.

—Bom dia, professor — saudou Cáceres, de um bom humor incomum—. Vem roubar a minha esposa novamente?

—Desculpe, Chanceler, mas o festival Beethoven será em poucas semanas e temos que ensaiar. Não é minha intenção privá-lo de sua esposa, mas o mundo a reclama — apostilou.

—Claro, é obvio, para a Divina Four primeiro está o público. —Depois, dirigiu-se a Micaela—: Estou acomodando as coisas na Chancelaria para te acompanhar ao Chile.

A notícia a alterou sobremaneira, e teve que apoiar a xícara sobre o pires. Topou com os olhos de Cheia e Moreschi que em seguida compreenderam seu desgosto. Sem perceber o cruzamento de olhares eloquentes, Cáceres deixou a mesa com urgência, questões de primeira ordem o aguardavam na Casa Rosada e não dispunha de mais tempo, entretanto, obrigou Micaela a acompanhá-lo até a porta e tomou uns segundos para despedir-se.

—Não queria ir sem te dizer quanto te quero. —Beijou-a nos lábios com ardor—. Vou pensar em você todo o dia.

Micaela permaneceu um momento mais na porta olhando o carro de Cáceres até que se perdeu no tráfico da rua San Martín. "Vai ser muito duro quando disser ao Eloy que vamos nos separar ", pensou em voz alta quando retornou à sala. Com a intenção de distraí-la, Moreschi a apressou com o tempo e, meio zangado, reclamou que já deveriam estar ensaiando A ode à alegria na casa de Urtiaga Four. Cheia, inclinada a pensar que Eloy Cáceres não aceitaria de modo algum o abandono de sua esposa, limitou-se a olhá-la com desconsolo. "Está muito apaixonado por ela", concluiu.

A Nona Sinfonia e seu allegro recitativo a abstraíram das turbulências de sua vida, e passou uma manhã bastante agradável na casa de seu pai junto a Alessandro Moreschi, mais tranquilo depois de ter comprovado que Beethoven tampouco representava um obstáculo na carreira lírica de sua pupila. Almoçaram com Rafael, que, inusitadamente falante, comentou ao longo do almoço sobre o êxito da flauta mágica, do magnífico desempenho de Eloy como chanceler e da surpreendente destreza de Gastón María no manejo dos campos.

—Esta manhã —continuou o senador—, recebi carta de seu irmão onde promete vir passar a Véspera de natal conosco.

Micaela fingiu alegria, mas ao cair em conta da solidão que deveria suportar Carlo no Natal, longe dela, de sua irmã e do Francisquito, entristeceu-a até o ponto de abandonar o ensaio e de pedir a Ralikhanta que a levasse ao porto, sem dar atenção às recriminações de Moreschi.

No caminho conseguiu desolar-se até mais ao pensar que nesta vida Carlo só tinha sofrido. Imaginou-o chorando sua mãe morta e passando fome, frio e acorrentado durante os anos da prisão; a tortura que teria significado estar longe de sua pequena irmã lhe sacudiu a alma, e pareceu desmedido o castigo que se impunha ao ocultar sua identidade. Chegou ao porto com os olhos arrasados em lágrimas.

—Marlene! —surpreendeu-se Tuli—. O que faz aqui?

—E Carlo? —perguntou, com ansiedade.

—Está controlando um embarque na doca quatro. Já o busco —adicionou, ao notar a confusão dela.

Varzi subiu os degraus de dois em dois até seu escritório. "Está muito nervosa", havia-lhe dito Tuli. Micaela se jogou aos seus braços e o apertou com desespero. Ele, sem perguntar, conteve-a, envolveu-a sobre seu peito, beijou-lhe o cocuruto, chamou-a "boneca, minha boneca".

—Carlo —murmurou ela, depois.

—Aqui estou, meu amor, aqui estou. —E a apertou um pouco mais.

—Precisava te abraçar, te sentir perto, te cheirar, te tocar, saber que está vivo, que é meu.

—O que aconteceu? Fez-te algo o bienudo? Teve algum problema com ele?

—Não, não me fez nada — se apressou a esclarecer—. Não sei o que me passou; de repente, me veio uma necessidade de você que não pude controlar. Deixei tudo e pedi a Ralikhanta que me trouxesse até aqui. O professor ainda deve estar se queixando. Deixei-o plantado no meio de uma prática.

—No que pensou para ficar assim?

—Pensei em que quero que seja feliz.

Varzi a separou de si, secou suas as lágrimas com um lenço e lhe beijou a fronte.

—Sofreu tanto, Carlo. Eu não quero…

—Desde que possa continuar a te estreitar assim, desde que me pertence não me lembro dos dias tristes. Somente posso pensar nos bons tempos que virão.

Despediram-se minutos mais tarde, Varzi tinha que retornar à doca e Micaela ao ensaio.

—Está mais tranquila? —Micaela assentiu—. Amanhã mando o carro com meu chofer na casa de sua amiga Regina ao meio-dia, vai estar te esperando no portão de atrás. Não faça perguntas — ordenou—, é uma surpresa.

* * *

A última hora do dia anterior, Regina Pacini tinha recebido uma nota de Micaela. Na manhã seguinte tomou o café da manhã cedo e, antes das nove, ficou em marcha para a casa de Cáceres presa em uma agitação potencializada pela intriga e minguada pelo desgosto, pois não conseguia compreender a sua jovem amiga, que, "envolta em um romance de novela com um homem dos que já não existem", ainda suportava o "toco do Cáceres, sim, senhor, porque Chanceler da Nação e tudo, não é mais que isso, um toco". Insistiria até o cansaço, e, por fim sua amiga terminaria com esse casamento absurdo que só lhe tirava tempo de felicidade, tempo que menosprezava por causa de sua juventude, porque quem não se acreditou imortal aos vinte e quatro anos?

Cheia a recebeu no vestíbulo e, com olhar cúmplice, explicou-lhe que o Sr. ainda estava em casa, tomando o café da manhã com sua esposa.

—Antes nunca o fazia —comentou nana—. Tomava um café às sete e partia rapidinho à Chancelaria.

—Senhora de Alvear, entre, por favor — convidou Eloy, com entusiasmo mau fingido—. Pensam sair? Não havia me dito nada, querida.

—Não acreditei que se interessasse, trata-se de algo sem importância. Vamos às compras.

—Estou segura —interveio Regina—, que Micaela não quis afligi-lo com questões de vestidos, chapéus e sapatos. Já começou o verão e nossos roupeiros estão rareados. Não é justo que…

—Sim, é obvio — a interrompeu Eloy—, parece-me muito bem. Vai necessitar dinheiro, querida. —E antes de que Micaela pudesse protestar, acrescentou—: Vou ao meu escritório para buscá-lo.

—Deixe-o ir — freou Regina, logo depois de que Cáceres abandonou a mesa—. Ao menos que te dê um pouco de dinheiro para suas compras.

—Regina, por favor! — queixou-se Micaela—. Este não é um assunto de especulação econômica.

—Ah, não? E, por que diabos acredita que Cáceres se casou com você? Porque estava loucamente apaixonado? Porque a paixão o consumia e o coração lhe saltava no peito cada vez que te via? Vamos, isso não ninguém acredita. Foi o melhor negócio que fez em sua vida, com a vênia de sua querida tia Otilia. Me desculpe que seja tão crua, mas você sabe que eu não ando com rodeios e digo sempre o que penso.

Jamais teria suposto que Eloy tivesse sido movido por interesses dessa índole. Recordou os comentários de Gastón María, que, por vir dele, tinha descartado sem mais. "Esse tipo é um cretino... Quer escalar posições na Chancelaria seja como for e não vai se deter ante nada... Não se dá conta de que, a todo custo, quer congraçar-se com papai para conseguir seu objetivo, ser o novo Chanceler?" De toda maneira, sentiu-se incapaz de julgar seu marido quando ela mesma o tinha usado para afastar-se de Carlo. Se o Eloy tinha sido movido por interesses econômicos e sociais, ela não tinha sido impulsionada por questões menos censuráveis.

—Não pense em coisas tristes — sugeriu Regina—, e diga-me por que mandou me chamar.

—Ao meio dia, Carlo vai me enviar seu carro em sua casa. Necessitava de uma desculpa para me ausentar o dia inteiro e, como o professor hoje não pode me ajudar porque tem um compromisso inadiável, não tive outra opção que te incomodar.

—Fez muito bem.

—Pedi que viesse me buscar para que Eloy te visse e achasse mais acreditável.

Cheia apareceu na sala com Nathaniel Harvey atrás, e saiu depois de tê-lo anunciado.

—Você sim que é um descarado, mister — disse a Pacini.

—Bom dia, senhora de Alvear — saudou Nathaniel—. Senhora Cáceres, formosa como sempre, embora, se a observar com mais atenção, poderia dizer que, além de formosa, está radiante; um esplendor incomum a ilumina. Possivelmente algum outro conseguiu os favores com os que eu não fui ainda beneficiado?

Micaela conseguiu deter sua amiga que se dispunha a esbofeteá-lo.

—Vamos, Regina. Determinadas pessoas nem sequer valem a pena. —Ao chegar a recepção, indicou-lhe: —Me espere no carro; procuro minhas luvas e meu chapéu, e te alcanço.

Dirigiu-se ao seu quarto pela área de serviço para evitar a sala. No corredor, ocultou-se depois de um móvel ao ver que Nathaniel e Eloy se aproximavam, e, embora falassem com meia voz, resultou-lhe evidente que discutiam. Entraram no escritório, e Micaela se surpreendeu quando seu marido pegou Harvey pelo braço e o empurrou para dentro.

—Te disse que não queria voltar a te ver em minha casa — o escutou dizer em um sussurro.

Por mais que Micaela se aproximasse em excesso da porta, o grosso carvalho e as vozes contidas lhe impediram de entender o que diziam. Partiu ao encontro de Regina cheia de dúvidas. Eloy teria se dado conta da classe de pessoa que era seu amigo? Ralikhanta teria lhe contado que fazia tempo que a incomodava com propostas indecorosas? Ou teriam brigado por questões de negócios?

* * *



Capítulo XXXI

O chofer lhe entregou um lenço escuro e lhe pediu que cobrisse os olhos. Micaela o olhou divertida, pegou a venda e, sem fazer comentários, amarrou atrás da cabeça cuidando de não amassar o enfeite do chapéu. Relaxou no banco traseiro do carro, satisfeita com a brisa que entrava pela janela, pois o calor do verão e a curiosidade pela surpresa a tinham agitado, e gotas de suor corriam entre seus seios. Mexeu na bolsa, tirou a pequena garrafa *Lalique* que seu professor lhe tinha dado e se perfumou generosamente.

Sabia que parecia bem, o vestido lhe caía magnificamente, na opinião de Regina, e o cabelo solto, com ondulações marcadas, agradaria tanto Carlo como quando a obrigava a soltá-lo e a passear nua diante dele, com o único afã de entreter-se com sua beleza e graça, até que, dominado pelo desejo, saltava em cima dela e a tombava na cama.

O carro se deteve. O chofer a ajudou a descer e a guiou com cuidado até uns degraus. Escutou abrir uma porta, que o homem fez que entrasse, e teve que caminhar um pouco mais antes de deixa-la sozinha. Não quis tirar a venda e esperou que Carlo o fizesse, porque sabia que estava na sua frente, teria reconhecido sua loção de lavanda em qualquer lugar. Esticou a mão e lhe acariciou a bochecha recém barbeada, suave e fragrante. Carlo lhe tirou o lenço e aguardou que se acostumasse à meia luz.

—O Carmesim — murmurou ela, com um sorriso e o olhar brilhante.

Tinha mudado. As mesas, dispostas em outro setor, sobressaíam sem toalhas, pintadas de negro; os abajures já não estavam cobertos por gazes vermelhas e tinham tirado o tapete carmesim que cobria os degraus da escada. E, principalmente, a ausência de Tuli vestido de mulher, das moças, com suas estolas até o piso e os olhos pesados de maquiagem, de Mudo e Cabecita atentos na porta e de Cacciaguida ao piano, encheu-a de tristeza.

—Dança comigo, Marlene — ordenou Varzi, e a pegou pela cintura com a ferocidade da primeira vez, sabendo de que fazia doer, que sua força a debilitava, mas tinha que lhe demonstrar sua virilidade, sua supremacia de macho, e convencê-la de que lhe pertencia, de que não voltaria a abandoná-lo. Micaela o amou por isso, por sua insegurança, por desejá-la tanto, por temer perdê-la, e o deixou fazer, pois, em meio de tanta rudeza, interpretou a maneira em que Varzi lhe dizia "te amo".

A orquestra executou *La Cumparsita*, e logo *Lo Choclo* e *Vênus*. Micaela e Carlo se entregaram novamente a esse baile de negros, suburbanos e putas, filho bastardo dos prostíbulos de La Boca, que em sua infância tinha imitado a coreografia rápida dos duelos a faca, para perder a inocência anos mais tarde, voltando um lascivo e desrespeitoso que sabia compreender como ninguém o desejo reprimido de tantos machos sem fêmeas, de tantos compadritos sem proezas, de tanta traição e desamor.

Essa dança que, em seu começo, tinha-os enfrentado em um duelo, agora os unia em suas cadências insinuantes e bamboleios concupiscentes, formas sensuais carregadas de erotismo que, de maneira incrível, respeitavam uma sequência harmoniosa de figuras rápidas e complexas. As pernas se deslocavam e intercalavam, procuravam a intimidade do talho da saia ou da braguilha da calça, subiam pela coxa arrastando o vestido ou escapavam velozmente ao assédio dos pés.

Seguiu *Dom Juán*, um tango que Micaela teria gostado de dançar até o fim para rememorar as noites do Charonne. Contudo, desejou que não durasse muito; a virilidade de Carlo, comprimida dentro da calça, e o brilho luxurioso de seu olhar foram suficiente aviso prévio antes que a arrastasse ao andar de cima.

* * *

Eloy olhou o relógio: era uma da tarde. Ainda ficavam assuntos importantes na Chancelaria, mas não tinha cabeça para nada, só para a Micaela. Que linda estava essa manhã! Tinha-a espiado enquanto tomava um banho e cantava a meia voz uma ária de Verdi, e também quando, ao sair da tina, com a água ainda lhe escorrendo sobre a pele acetinada, em meio da inocência de acreditar-se sozinha, exibiu a magnificência de seu corpo virginal, puro como uma rosa branca, delicioso como fruta amadurecida.

Cáceres se reanimou na cadeira, fechou os olhos e as imagens retornaram à hora do café da manhã, onde o tinha embriagado seu perfume, e o brilho de seu cabelo loiro o tinha extasiado. Perguntou-lhe ninharias só para escutar sua voz, para ver o movimento dos lábios e o da língua quando os umedecia. E a interrupção de Pacini serviu para que Micaela abandonasse a mesa e ele desfrutasse do meneio natural de seus quadris, exacerbado pelo corte do vestido branco. Sentiu prazer na segurança de que sua esposa ainda o aguardava, pura e sem mancha. "É uma Santa apanhada no corpo de uma pecadora", repetia, e se vangloriava de sua sorte, convencido de que lhe pertencia por completo e de que só ele a exploraria até cair ébrio de prazer. Sim, Micaela ainda o aguardava, mas não precisava seguir fazendo-o.

Saiu do escritório e ordenou a seu assistente que cancelasse os compromissos da tarde.

—Até segunda-feira — saudou.

—Até segunda-feira, Chanceler — respondeu o atônito empregado.

No trajeto para casa, perguntou-se se Micaela teria retornado de suas compras; nem sequer tinha tido tempo de lhe dar o dinheiro, quando voltou para a sala, Micaela e Pacini já não estavam, ao contrário, topou-se com o Harvey e seu sorriso insolente. Mas não recordaria assuntos penosos, essa tarde voltaria para a vida às mãos de sua mulher, voltaria a ser um homem normal, sem torturas nem traumas. Fazia várias noites que não tinha pesadelos nem despertava sacudido por Ralikhanta, tampouco o dominavam a ira e o desprezo, sentia-se em paz, sem necessidade de represálias. Micaela havia lhe devolvido a esperança. Amaldiçoou-se pelo tempo perdido, pelos momentos de confusão, pelas mentiras, pelo engano.

Ao chegar à sua casa, despachou o carro oficial e avisou que não o necessitaria até na segunda-feira às oito da manhã.

—Vá para casa, Funes, descanse um pouco que você mereceu — adicionou.

—Obrigado, Chanceler — disse o homem, assombrado.

Encontrou Cheia que acomodava flores em um vaso da sala e em seguida notou a confusão da mulher ao vê-lo.

—Chanceler — disse—, pensei que não viria almoçar. Se quiser mando esquentar o guisado e o bolo de batatas.

—Não, obrigado. E a senhora? Está em seu quarto?

—A senhora? Né... Não, bom, você sabe, não? A senhora de Alvear veio procurá-la esta manhã e foram às compras. Ainda não voltou.

Apareceu Ralikhanta que tratou de escapulir antes de que o patrão o visse.

—Ralikhanta —chamou Cáceres, grosseiramente, como estava acostumado a fazer—. Sabe aonde pensava ir às compras a senhora? — O indiano negou com a cabeça. —E não te pediu que fosses procurá-la em algum momento? —Voltou a negar, e ao Eloy começou a esfumar-se a alegria com a que tinha chegado ao lar.

Cheia, que presenciava a conversa sem entender uma palavra, pois Cáceres se dirigia a Ralikhanta em hindi, pressagiou uma tormenta e, quando o patrão lhe comunicou que iria procurar a sua esposa na casa de Alvear, trocou de parecer e pressagiou um terremoto, pois, sem que sua menina lhe tivesse contado nada, ela intuía que essa saída com a senhora Regina era pura invenção, e que cheirava a cafishio vicioso.

—Vamos, Ralikhanta, me leve você que liberei o chofer da Chancelaria.

Na mansão Alvear, a governanta lhe informou que a senhora Regina dormia a sesta e que tinha pedido para não ser incomodada. Humilhado, Cáceres lhe perguntou por sua esposa.

—A senhora Micaela se foi ao meio dia, senhor, e não saberia lhe dizer aonde.

—Levou-a o chofer da senhora do Alvear? Possivelmente poderia falar com ele.

—Não, Julho não saiu para nada. Pareceu-me que a esperava um carro na porta.

Eloy lutava por manter a compostura, entretanto e além dos esforços, tinham colorido suas bochechas e tinha a fronte molhada de suor.

—Me leve a casa de Urtiaga Tour — ordenou ao indiano—, talvez esteja com seu professor.

Otilia se alegrou de ver seu sobrinho, apesar de que, conforme esclareceu, deveria estar ofendida porque ultimamente não a visitava; de todo o modo o desculpou, certa de que sua aversão não se devia à falta de carinho a não ser à falta de…

—Micaela está aqui? — interrompeu-a Cáceres.

—Não, querido, não veio em toda a manhã.

—E Moreschi?

—Conforme me comentou Rafael, convidaram-no a passar o dia em uma quinta no Belgrano; vai voltar na hora do jantar. O que acontece, querido? Não encontra a sua esposa? Deve estar com Ralikhanta em algum almoço beneficente ou em uma reunião lírica das que é habitué.

—Ralikhanta não está com ela, tia, está comigo, me esperando no carro.

—Ah — esboçou Otilia—. Vejo que o assunto é mais grave do que pensei. Não descuide de sua mulher, Eloy. Quando a encontrar, lhe dê um bom sermão; uma senhora de bem, uma senhora de sua casa — adicionou, veemente—, não pode desaparecer sozinha, sem seu chofer e sem que ninguém saiba onde está. Repito, querido, vigie-a de perto, é uma jovem acostumada a fazer de sua vida o que quer e isso não é o que as pessoas esperam da esposa do Chanceler da República.

Eloy deixou a casa de Urtiaga Four amaldiçoando em voz baixa e não simulou a fúria que o embargava quando ordenou ao seu servente que o conduzisse a todos os lugares que acostumava ir Micaela.

—E mais vale que não se esqueça de nenhum — espetou.

Ralikhanta, submisso e silencioso, levou-o ao conservatório, ao teatro e à sede das Damas da Caridade. Em cada lugar, Eloy tragou o orgulho e perguntou pela Micaela, suportou os semblantes de assombro e ouviu pacientemente os comentários mal-intencionados. Ao terminar o périplo, seu estado de ansiedade e raiva era tal que teria estrangulado sua esposa só de tê-la na sua frente.

—Voltemos para casa, Sr. — sugeriu o indiano—. Possivelmente a senhora Micaela já chegou.

Eloy aceitou a ideia com um grunhido e, no que durou a viagem, dedicou-se a elucubrar ideias negras sobre o paradeiro de sua esposa, ideias que se obscureceram até mais quando Cheia, com a voz tremente e espremendo as mãos, disse-lhe que a senhora não tinha chegado.

—Está bem, Cheia, pode retirar-se. —Esperou que a mulher tivesse desaparecido para dirigir-se a Ralikhanta—: Não saia para nenhum lado, possivelmente te necessite mais tarde. —Deu meia volta e se internou na casa.

Entrou sem hesitar no quarto de Micaela. No ar ainda flutuava seu perfume. Foi até a penteadeira, onde essa manhã a tinha espiado; acariciou a esponja marinha com que a viu esfregar-se e cheirou os sais com os quais tinha aromatizado a água morna. Saiu do banheiro louco de desespero. Olhou ao redor, procurando-a, e se deteve na escrivaninha, um presente que seu avô tinha feito a tia Otilia e que ele em sua adolescência se fartou de pinçar. Estaria a cópia da chave onde sempre a escondia? Retirou o móvel da parede e a encontrou sobre o rodapé de madeira, cheia de pó e penugens. Abriu o móvel e escrutinou com atenção as coisas

que saltavam à vista: uma pluma, papel, um abre cartas de ouro, um secante e um tinteiro, tudo ordenado e limpo. Bisbilhotou as pequenas gavetas uma a uma sem achar nada interessante: um cofre com joias, garrafas de perfume vazias, escovas e pentes de marfim, um espelho e prendedores para o cabelo. O último caixote pequeno não cedeu, e Eloy recordou que, anos atrás, tinha-lhe levado um tempo descobrir a trava secreta. Onde estava? Tirou a gaveta da direita e mediu o fundo até dar com a engrenagem e acioná-lo.

—Isso! —exclamou, ao escutar o estalo.

Micaela o usava para guardar correspondências. Quem teria lhe ensinado o lugar secreto do mecanismo? Refletiu uns segundos, enquanto farejava os papéis, e concluiu que não era estranho que o tivesse descoberto ela mesma, depois de tudo, que mulher não tinha uma escrivaninha com travas ocultas?

Concentrou-se nas missivas, quase todas em francês, umas poucas em italiano, em geral de tenores e sopranos famosos e de empresários líricos, algumas assinadas por uma tal madre superiora que escrevia de Vevey, e por último, uma de Gastón María, que se referia a ele como "o estirado e pulcro Chanceler". Teve um mau pressentimento ao ver um maço de bilhetes meio escondido no fundo.

"Meu amor, nada me incomoda tanto como te escrever estas linhas para te dizer que minha volta a Buenos Aires não é possível ainda...Sinto tanta saudade que quase não durmo a noite, e de dia me custa pensar nos negócios; sempre está aqui, em minha cabeça, me voltando louco... Sonho com nosso reencontro. C.V. "

Mordeu os lábios para não gritar, amassou a carta e a jogou contra o móvel; recolheu-a quase imediatamente e voltou a deter-se em algumas frases. Meu amor... Sinto tanta saudade... Meu amor... Sonho com nosso reencontro... Rosário, 9 de dezembro de 1915. Tão somente uns dias atrás. Lhe decompôs o semblante e começou a chorar impulsionado pela raiva e o ódio. "Tão somente uns poucos dias atrás!", repetiu, chiando os dentes. "Hoje, às 15 hs... Em meio de tanta gente, eu era o único que podia gritar essa mulher é minha. C.V."

Cáceres se arrastou até a poltrona afogado em pranto, envenenado por seu ressentimento, e descarregou a mescla de dor e ódio que lhe assolava a alma. Chorou sem controle até que a tortura cedeu e respirou normalmente. A calma imperou nele e, com a parcimônia e impassibilidade de costume, acomodou as cartas e fechou a escrivaninha. Abandonou o quarto a passo tranquilo, sem olhar para trás ao fechar a porta.

* * *

Carlo despertou com dificuldade e esfregou os olhos para afastar o peso instando-o a continuar a dormir. Estava esgotado, ele tinha feito amor com Micaela até a exaustão, até cair rendido sobre seu peito arfante. Buscou-a com o olhar e a encontrou de pé frente à janela, espiando através de uma fresta da cortina de veludo vermelho. Completamente nua, lhe pareceu a criatura mais perfeita e acabada. Surpreendeu-a por trás com um beijo sobre o ombro.

—Pensei que dormia — comentou ela.

—O que olhava?

—As pessoas na rua, o porto, as casas de todas as cores. Este bairro me dá tristeza, as pessoas caminham com a cabeça baixa e os meninos correm sem sapatos pela rua. Entristece-me pensar que você também foi assim, fracote e sem roupa.

—Eu não era assim, nunca me faltou o calçado e não tinha nada de fracote, ao contrário, sempre fui alto para minha idade e bem formado. Quando comecei a usar calças largas, minha mamãe tinha que baixar a barra porque a três por quatro ficavam curtas. "Abaixe-as para tomar água!", gritavam-me na rua, e eu morria de vergonha.

Micaela riu com vontade ao imaginar esse Carlo Varzi adolescente, com calças que não lhe cobriam os tornozelos e rosto avermelhado pelo acanhamento.

—Só vai poder rir quando estiver comigo — lhe ordenou—. É mais bonita quando ri. Nenhum homem resistiria a tentação.

—É muito possessivo — se queixou ela—. Por isso tenho Cabecita e Mudo me seguindo como sabujos todo o dia? — A cara de desconcerto de Varzi voltou a lhe causar graça—. Comecei a me dar conta de que me seguiam quando vim te procurar no Carmesim, na manhã que me inteirei que o tinha vendido. Quando saí, topei com Cabecita na calçada, e quando lhe perguntei o que fazia ali, disse-me que perguntasse a você. Desde ali, sem mais, sempre cruzo com eles.

—Quero te proteger — aduziu Carlo—. Morro se te acontece algo.

—Não vai me acontecer nada, meu amor. O que poderia me ocorrer?

—Eu não gosto do seu chofer, o indiano. Me dá uma sensação ruim.

—Não julgue às pessoas por sua aparência. Sei que Ralikhanta não inspira confiança ao primeiro olhar, com todos esses anéis e correntes, os trajes estranhos que usa e, sobre tudo, esse par de olhos enormes e escuros, mas é um bom homem, sei que jamais me trairia.

—Não me importa que se zangue, Cabecita e Mudo vão continuar te protegendo, está claro?

Micaela assentiu e Carlo a beijou nos lábios.

—A manhã que vim a te procurar aqui, uma mulher me disse que queria voltar para Nápoles. É verdade que tinha intenções de voltar para Nápoles?

—E ainda tenho — assegurou—. Não ponha essa cara, Marlene!

—Que cara quer que ponha quando te escuto dizer semelhante estupidez? Como te ocorre que vai a Itália em meio à guerra? Está louco?

—Se viajar em um vapor argentino, não vai acontecer nada — assegurou Carlo.

—Isso é mentira! Podem atacar seu vapor sem lhes importar que seja de bandeira neutra. Não, Carlo, por favor, me jure que não vai a Nápoles enquanto dure a guerra! Por favor, jura-me isso

—Está bem, juro-lhe isso. Além disso, desde que voltou para mim já não tenho necessidade de procurar a família de minha mãe. Com você, tenho o que necessito.

Micaela arquejou, abraçou-se a ele e lhe prometeu que, quando a guerra terminasse, ela o ajudaria a encontrar com os Portineri.

—Foi um suicida a noite da festa em casa de meu pai — recordou a jovem—. Como te ocorreu se apresentar por seu verdadeiro nome? E se Gioacchina te reconhecesse?

—Gioacchina não recorda o sobrenome Varzi, embora me disse que lhe parecia familiar. Marité, a amiga de minha mãe que a visitou por anos no orfanato, nunca o mencionou, e mais, inventou que tínhamos morrido em um acidente. De toda forma — adicionou—, era inútil trocar o sobrenome, muitos dos convidados me conheciam. Não me olhe assim, ou acaso pensa que o único que frequentava minhas casas de jogo clandestino era seu tio Miguens? No princípio, quando me viram dando voltas pelos salões de seu pai, assustaram-se; no entanto, deram-se conta de que nem lhes convinha que eu falasse nem a mim que eles me delatassem.

—E eu, cantando aqui, no Carmesim, enquanto corria o risco de topar com os amigos de meu pai!

—Por isso, pedi ao Tuli que te disfarçasse.

—Mentira! — replicou Micaela—. O fez para me humilhar. Ainda lembro essa tarde, quando entrou no camarim e, frente a todos, disse ao Tuli: "Exagere na maquiagem, com cílios postiços. Que pareça uma puta."

Carlo tomou de assalto e aproximou seu rosto.

—Sim —sussurrou—, uma puta, minha puta.

Ele a levantou em seus braços e a depositou na cama.

* * *

Eloy, logo depois de deixar o quarto de Micaela, encaminhou-se à cozinha. Cheia, que rezava o rosário, ficou de pé ao vê-lo entrar e lhe perguntou se queria almoçar. Cáceres a olhou com semblante inabalado e lhe ordenou que procurasse Ralikhanta.

—Lhe diga que o espero em meu escritório —acrescentou.

O indiano apareceu no escritório e teve que esperar um momento até que seu patrão se dignasse a virar e lhe falar.

—Quero que me leve até Micaela — ordenou.

—Mas, senhor, se já...

—Quero que me leve ao lugar onde se encontra com seu amante — esclareceu.

—Não sei do que me fala.

Eloy esteve sobre Ralikhanta em um segundo, o pegou pelas lapelas, levantou-o no ar e o apoiou contra a parede. Os pés do indiano dançavam e a pressão das mãos de Cáceres sobre o pescoço lhe dificultavam a respiração.

—O segredo que nos une — sussurrou Eloy—, não admite traições. Sabe que posso te destruir como a um escaravelho. —Soltou-o e lhe arrumou o casaco—. Agora, me leve até minha esposa.

* * *

—Tenho que ir — anunciou Micaela.

Carlo bufou, deixou a cama e começou a vestir-se.

—Carlo, por favor, não fique assim. Não quero que nos despeçamos zangados.

—E como caralho quer que fique? — bramou, assustando Micaela, que deu um passo atrás—. Me perdoe, meu amor — rogou, e a atraiu para ele—. Não aguento quando começa com a ladainha de que têm que ir, não aguento que não seja minha todo o tempo.

—Falta pouco. Quando retornarmos do Chile, vou deixar Eloy embora o doutor Charcot não o tenha curado. Eu tampouco suporto me separar de você, mas me entenda, isto é muito difícil para mim.

—Sim, sim, eu entendo, mas se não quer que fique zangado, antes de voltar para sua casa, passa pela minha, um momento mais.

—Carlo, por favor, já são quatro e meia, é muito tarde.

—Só um momento. Frida fez um vestido e quer te dar como presente de Natal. Ficou louca procurando uns tecidos finos e caros, encaixe de não sei onde, e seda da França. Tenho que admitir que ficou muito lindo.

Micaela aceitou. Terminaram de se vestir e desceram. O salão se preparava para outra noite de tango, putas e carteados. Várias mulheres varriam a pista, outras limpavam as mesas e os músicos ensaiavam as melodias. Antes de deixar o bordel, Micaela lhe dispensou um olhar triste, convencida de que nunca voltaria. Paradoxalmente, nesse lugar, às portas do Inferno, ela tinha descoberto o Paraíso.

* * *

Ralikhanta estacionou o carro e indicou a seu chefe a casa do Varzi.

—Como se chama? —perguntou Eloy.

—Carlo Varzi.

—Varzi? Italiano?

—Napolitano — esclareceu Ralikhanta.

—A que se dedica?

—Tem um armazém no porto. Faz exportações e importações.

Eloy fez uma pausa antes de voltar a perguntar:

—E de onde tirou o dinheiro para a companhia exportadora?

—Não sei, senhor.

Com a rapidez de um raio, Eloy se levantou do assento traseiro, rodeou o indiano pelo

pescoço e o apertou com brutalidade.

—Disse-te que o segredo que nos une não admite traições. Diga-me de onde tirou o dinheiro para uma empresa como essa um tipinho de quinta como ele.

Eloy afrouxou o braço e Ralikhanta começou a ofegar e a tossir.

—Era dono de várias casas de jogo clandestino e bordéis — admitiu o indiano, sem fôlego.

Cáceres voltou a sentar-se no banco. Apesar de seu semblante hierático, exalava ódio e asco; a imagem de sua esposa nas mãos de um repugnante imigrante italiano do bairro baixo de San Telmo lhe revolvia as tripas.

Ralikhanta os viu primeiro e não disse nada. Cáceres, alertado pelo ruído de um carro, abriu a cortina: sua esposa e um homem moreno e atraente, que a guiava pela cintura e lhe sussurrava, entraram na velha mansão. Arrebatou-o o desejo de surpreendê-los, mas se conteve; fechou os punhos e apertou os dentes para dominar-se, certo de que uma vingança bem planejada seria mais reconfortante que uma disputa na calçada.

Micaela e Carlo voltaram minutos depois. Eloy reparou imediatamente na caixa primorosamente embalada que sua esposa carregava e no sorriso de fêmea satisfeita que lhe iluminava o rosto. Viu-a despedir-se de seu amante com um beijo lânguido sobre os lábios, e notou o cavalheirismo com que Varzi a ajudava a subir e lhe beijava a mão antes de fechar a porta. O carro arrancou e dobrou na primeira esquina.

Ralikhanta pôs em marcha o Daimler-Benz e, a uma ordem de Cáceres, preparou-se para segui-los. Logo depois, o carro se deteve meia quadra da residência da rua San Martín. Micaela desceu e se dirigiu a passo rápido para sua casa. Eloy não a perdeu de vista até que entrou no saguão e, embora já não pudesse vê-la, permaneceu com o olhar fixo, mordendo o punho até sangrar, sumido em uma batalha interior que fazia tempo não lutava pois tinha tido a certeza de que a guerra estava ganha.

—Já sabe aonde me levar —indicou a Ralikhanta.

O Daimler–Benz partiu e tomou a direção da área dos bairros da Zona.

* * *

—Onde se colocou todo o dia? São cinco e meia da tarde! — prorrompeu mama Cheia ao abrir a porta. Regina Pacini apareceu no vestíbulo e lhe sorriu.

—O que acontece? —assustou-se Micaela.

—Seu marido — se adiantou Regina—. Anda te procurando como um desesperado desde cedo. Por volta da uma e meia foi em casa, justo quando eu dormia uma sesta. Infelizmente, a bocuda de minha governanta lhe disse que você tinha ido embora ao meio dia e que um carro tinha ido te buscar.

—Meu Deus!

—Não invoque a Deus quando cometeste um pecado! —saltou Cheia—. Eu te disse que isto ia terminar mau. O Sr. Cáceres é seu marido, ante Deus e ante os homens, não pode lhe faltar dessa maneira, por mais problemas que tenham. Certamente voltará feito uma fera e aí sim, que Deus nos ampare!

—Possivelmente, Micaela, seja melhor que se saiba tudo de uma vez. Para que andar se escondendo como uma criminosa.

—Não diga isso, senhora Regina! —atravessou a negra—. Minha menina Micaela não pode mostrar-se como uma esposa infiel ante a sociedade. Tem que cuidar do bom nome da família.

—Basta de tolices —ordenou Micaela—, e me expliquem o que aconteceu.

Meio aturdida, esquecendo-se de alguns pontos e adicionando outros de pouca importância, Cheia relatou da chegada do Sr. Cáceres ao redor da uma da tarde até a última saída com Ralikhanta.

—E ainda não retornaram —terminou.

—E me dizem que Ralikhanta o levou e o trouxe para todos lados?

—Sim —afirmou a mulher—. O Sr. tinha se despedido do chofer da Chancelaria até na segunda-feira; não teve opção e pediu a Ralikhanta que o levasse.

Embora confiasse na discrição de seu servente, Micaela se inquietou.

—Tenho que ir — anunciou Regina—. Não duvide em contar com minha ajuda.

As amigas se despediram com sincero carinho; mama Cheia, entretanto, mal inclinou a cabeça para saudar a senhora de Alvear, e não esperou que ela se afastasse na calçada para dizer a Micaela que não gostava dessa senhora, que não era de sua classe, que não sabia o que dizia, que, virava sua cabeça e, por culpa de seus maus conselhos, ela havia voltado com o cafetão. Micaela arrastava os pés rumo ao quarto enquanto Cheia ladrava por atrás. Esgotada depois de uma tarde intensa, não queria pensar nas perguntas que com certeza seu marido faria.

* * *

Carlo se disse que não havia motivos para atormentar-se, Marlene parecia muito firme quando anunciou que deixaria o bienudo depois do festival no Chile; entretanto e por mais que repetisse "não tenho que me preocupar, não tenho que me preocupar", intranquilizava-o a ideia de que, chegado o momento, Marlene daria outra desculpa para seguir casada com ele.

Afinal, pensou Carlo, o estigma de seu passado o convertia em um pária. Tinha direito a formar uma família normal? Seus filhos levariam o sobrenome Varzi como pesadas correntes, e deveriam padecer das olhadas curiosas e dos sorrisos maliciosos de alguns conhecidos do avô Urtiaga Four que lhes perguntariam o nome e, com olhos faiscantes de cumplicidade, lhes diriam: "Eu conheço seu pai dos velhos tempos". Tinha salvado Gioacchina de semelhante humilhação, condenaria, então, aos seus próprios filhos?

Marlene teria pensado em tudo isto? Não tinha dúvidas. Possivelmente, não tinha intenções de deixar ao bienudo absolutamente e planejava chegar a um conveniente acordo com ele: um amante viril e prodigioso ao contrário de manter as aparências de um casal modelo que salvariam a flamejante carreira política do chanceler e o bom nome dos Urtiaga Four e, se viessem filhos, até poderiam levar o aristocrático sobrenome Cáceres.

"Maldita seja!", bramou Carlo. Até quando pagaria por seus crimes? Pareciam não bastar os dez eternos anos de frio, fome e desespero. A ideia de uma família mudava intempestivamente a cena, obrigava-o a dar um giro brusco em sua vida, e a moral e os princípios, tão renegados nos tempos em que só queria enriquecer, adquiriam agora uma importância categórica. Seu pai não tinha entendido desse jeito, teimoso em suas doutrinas anárquicas primeiro, voltado para vícios anos depois, e Carlo o odiava por isso. Odiaram-no também seus filhos?

—Não se atormente, Carlo — pediu Frida, e lhe apertou brandamente o ombro—. Essa moça te ama muito. Se o amor fosse escasso, suas dúvidas seriam fundadas. Mas quando o amor é tão forte como o que Marlene sente por ti, não há barreira que não se vença.

—Pela primeira vez, tenho medo — confessou Carlo.

—Se Marlene ainda não deixou seu marido, deve ter suas razões. É injusto que não confie nela. Seu amor deveria te bastar.

—Ela é uma mulher bonita, tem o marido apropriado para sua posição social. Arriscaria tudo por mim?

—Isso e mais — assegurou Frida.

Carlo escutou o carro que vinha de deixar Micaela, pegou o casaco, colocou o chambergo e saiu. Procuraria quietude nos escritórios do porto, trabalhar sempre mitigava sua aflição.

* * *

Na previsão de seu longo encontro com a Micaela, Varzi tinha dado a tarde livre para Mudo e Cabecita, que mataram o tempo entre um prostíbulo de La Boca e voltas ociosas pela cidade. No meio da tarde, fartos de vagar sem sentido, Cabecita propôs tomar uma grappa em

um clube da Avellaneda que fazia meses não visitavam. O bar, decorado ao velho estilo, com balcão forrado em chapa de estanho e uma torneira longa e curva coberta com um bico de ave, pertencia a um caudilho conservador, dono, além disso, de casas de jogo clandestino e bordéis, amigo de Carlo Varzi dos tempos de Dom Cholo. Ruggerito, seu capanga pessoal e encarregado do bar, saiu para recebê-los.

—Ey, Cabecita, Mudo! O que andam fazendo por estas bandas? Fazia tempo que não mostravam a cara.

—Andamos muito ocupados —disse Cabecita—. O Napo nos tem como uma mala de viagem, todo o dia daqui pra'lá.

—E você, Mudo — se interessou Ruggerito—, sempre tão conversador, né? Como uma velha.

Mudo lançou um grunhido e se acomodou em uma mesa, seguido por seu companheiro e o encarregado do clube, que pediu três grappas e uma carne picada.

— O que há de errado com Napo? Levou uma mordida ou o que? O chefe e eu ficamos de cara quando veio oferecer o bordel de San Telmo. Depois nos falaram que tinha vendido tudo.

—Agora se dedica a outros assuntos — disse Cabecita, e jogou a grappa sobre o ombro.

—Não me engana, Cabecita —seguiu Ruggerito—. Ao Napo aconteceu algo pesado para largar tudo de um dia pra'outro. Vamos, me conte.

Mudo comia e bebia silenciosamente, atento às palavras de seu companheiro, preparado para silenciá-lo com uma cotovelada se falasse demais, embora não precisou fazê-lo, ele sossegou sozinho atraído por uma mulher de aspecto vulgar e movimentos exagerados, que, com um vestido apertado e chapéu negro com grandes plumas vermelhas, saiu da parte traseira do clube.

—Não sabia que aqui também tinham minas — comentou Cabecita, devorando-a com os olhos.

—Recentemente improvisamos uns quartinhos com umas camas no fundo, para os empregados dos curtumes, sabe? Não pedem muito, um lugar para atirar-se e uma mina para ficar.

A mulher se aproximava em direção à porta, insensível aos avanços dos paroquianos e abstraída dos galanteios das pessoas fora de alcance. Cabecita deu um passo à frente e sorriu galantemente.

—Como eu gostaria de ser essa pinta para estar perto de sua boca — disse, e tentou tocar a marca artificial sobre o lábio. A mulher devolveu o sorriso e lhe acariciou o peito.

—Outro dia, pequenino — prometeu—. Agora me espera um cliente. —E mostrou o carro luxuoso estacionado à porta.

Cabecita ficou perplexo ao reconhecer o Daimler–Benz do marido de Micaela e Ralikhanta ao volante. A prostituta cruzou a calçada e sentou no banco da frente do carro, que cantou pneu quando arrancou.

—Se estiver quente, Cabecita, posso dar-lhe outra mina —ofereceu Ruggerito—. Amanda foi pedida antes.

—Não, não, está bem —disse o capanga, e atirou dinheiro sobre a mesa—. Temos que ir. Vamos, Mudo.

—Já vão? Mas se ainda não me falaram que caralho passa…

—Depois, outro dia. Vamos, Mudo, vamos.

* * *

Apesar de que mama Cheia insistiu até a indigestão que comesse, Micaela apenas sorveu uns goles de leite morno.

—Está segura de que Eloy não chegou, mama? Talvez tenha se trancado em seu escritório.

—Teria escutado o carro —interpôs a mulher—. Ou teria visto Ralikhanta. Se chegar, te aviso, não se preocupe.

—Já é muito tarde — disse, com a vista no relógio de parede que mostrava nove e meia.

—Talvez tenha se lembrado que tinha um jantar no Clube do Progresso ou no Jóquei, e não pôde te avisar.

—Isso nem você acredita —replicou a jovem—. Se tivesse um jantar ou uma reunião, como diz, teria voltado para tomar banho e se trocar. Sabe muito bem como é esmerado com o bom aspecto. Estou certa de que está furioso comigo e anda por aí destilando veneno.

Mama Cheia deixou o quarto muito aflita, não gostava nem um pouco o rumo que tomavam os acontecimentos. Micaela apagou a luz e tratou de conciliar o sonho, e, embora o leite morno estivesse acostumado a ajudá-la a dormir, deu voltas na cama sem consegui-lo, até que, acalorada e com enxaqueca, decidiu ir à cozinha para tomar água.

A casa era assustadora. Nunca gostou dessa enorme residência de estilo colonial que, apesar da magistral mão de Christophersen, não conseguiu se livrar da tristeza ou esconder a enorme quantidade de anos mal colocados. Serviu limonada na cozinha e sentou-se à mesa para saboreá-la, enquanto se entretinha bisbilhotando a cesta de trabalhos de Cheia, repleta de tecidos, bordados e outros primores para o Francisco.

—Boa noite, senhora — saudou Ralikhanta.

—Ralikhanta, quase me mata de susto! — repreendeu-o.

—Desculpe, senhora, pensei que tinha me escutado chegar.

—E o Sr. Cáceres?

—Na casa do Sr. Harvey, senhora.

—Disse-me Cheia que tinham estado me procurando.

—Sim, senhora.

—E... Aonde foram para me buscar?

—Na casa da família Alvear, ao Conservatório e à sede das Damas da Caridade.

—O Sr. está muito zangado?

—Bastante, senhora.

—Imagino que não haverá... Quero dizer, que não... Me refiro ao Sr. Varzi.

—Não, senhora — mentiu Ralikhanta, sem olhá-la nos olhos.

—Obrigado — disse Micaela, aliviada. —Por que não vai procurar o Sr. Na casa de Harvey e lhe diz que estou aqui, esperando-o?

—Será melhor que por esta noite deixe as coisas como estão — sugeriu o indiano—. Pelo menos, até que passe a raiva. Eu sei o que lhe digo.

Micaela logo que assentiu, desconcertada com a atitude de Ralikhanta, que estava acostumado a guardar-se de fazer comentários do tipo.

—Amanhã pela manhã o necessito às nove — disse depois.

Ralikhanta se inclinou, deu meia volta e se perdeu na escuridão do pátio.

* * *

—Se eu tivesse ido ao volante não nos escapava! — chiou Cabecita.

Mudo seguiu conduzindo. Encontrava-se suficientemente irritado com a perseguição frustrada ao chofer de Micaela para suportar a ladainha de Cabecita. O indiano notou que estava sendo seguido e, demonstrando habilidade, tinha-os evitado como a uns novatos.

—Vamos contar lhe ao Napo — disse.

—Não, nem louco! — saltou Cabecita—. Vai nos pendurar pelas bolas quando souber que o perdemos. Aposto o que for que o chofer de Marlene aproveitou a tarde livre igual a nós e procurou um pouco de garufa fácil com uma puta. Que mal há nisso? Melhor que voltemos para o bar do Ruggerito e beber uma genebra da boa. Talvez a mina que foi com o chofer da Marlene já tenha voltado e nos conte algo.

Mudo virou na esquina seguinte e dirigiu para a Avellaneda.

—Ey, Cabecita, ficou quente com a Amanda! — vociferou Ruggerito ao vê-los entrar. —É linda a enjeitada, não?

—Já voltou? — perguntou Cabecita.

—Uy, sim que te pegou forte!

—Voltou ou não voltou?

—Hoje não é seu dia de sorte, Cabecita. Amanda ainda anda de garufa com esse tipo que a veio buscar esta tarde.

—Sabe quando volta?

—Que birra te agarrou! Não te serve outra?

Escutou-se uma animação na porta. Ruggerito, Mudo e Cabecita viraram para ver. Um homem pálido e agitado pedia quase aos gritos pelo encarregado do local, e, ao localizá-lo, aproximou-se com passos rápidos.

—Patrão! —exclamou, sem ar. —Aconteceu uma desgraça, patrão!

—O que aconteceu, Chicho? — repreendeu Ruggerito. —Vamos, fala!

—Trata-se da Amanda, patrão. Está morta. O "mocha línguas" a matou.

Cabecita e Mudo intercambiaram olhares de espanto.

—Que o que? Como se inteirou? Quem te disse?

—Ninguém me disse nada, patrão, eu mesmo a vi. Estava aqui perto, a umas dez quadras. Vim correndo. —E sorveu a genebra que lhe alcançou um paroquiano. —Me chamou a atenção um monte de gente na porta de um hotel, todos querendo saber o que acontecia. Estava cheio de cãs e havia um jornalista que fazia pergunta. Eu me escondi no meio e consegui ver quando tiravam o cadáver. E era Amanda, patrão, eu mesmo a vi, com estes olhos, juro.

Guiados pelo Chicho, Mudo, Cabecita e Ruggerito se encaminharam ao hotel. Pouco ficava do escândalo referido, só uns policiais parados na porta, transeuntes curiosos e algumas vizinhas queixosas. Os policiais saudaram Ruggerito com familiaridade e lhe confirmou que se tratava de outro crime do "mocha línguas".

—Fazia tempo que não aparecia — acrescentou um agente.

—É a primeira vez que ataca de dia — informou outro. —Parece que foi no meio da tarde. Que filho de puta, com toda impunidade!

—Já identificou o presunto? —quis saber Ruggerito.

—Ainda não. Uma puta, é certo, mas não sabemos quem é.

—E a língua? — perguntou Cabecita.

—Ainda a estão procurando.

Permitiram-lhes entrar. Subiram por uma escada estreita e meio desmantelada até o primeiro piso onde encontraram o zelador, decomposto e choroso, que jurava e perjurava à polícia que ele não tinha visto nem ouvido nada.

—Eu dei a chave à mulher e depois a vi subir com um homem.

—Nos descreva esse homem.

—Não me fixei. Além disso, a recepção é escura e eu sou curto de vista.

O policial continuou indagando-o inutilmente, o homem não contribuiu com nada substancioso. Cabecita apareceu no quarto, que encontrou em perfeito estado, inclusive a cama estava feita. Passou os olhos com atenção e viu um pequeno atoleiro de sangue. Ao lado, o inconfundível chapéu negro com plumas vermelhas.

* * *



Capítulo XXXII

Regina, dormiu mal e, preocupada com a sorte de sua amiga, apareceu na primeira hora da manhã seguinte na casa de Cáceres, onde encontrou Micaela abatida e pálida que sorvia sem vontade uma xícara de café.

—Vejo que tampouco pôde descansar — comentou.

—Eloy ainda não voltou. Não sei onde passou a noite nem o que está pensando de mim. Eu não queria que as coisas acontecessem assim.

—Possivelmente ficou trabalhando toda a noite — sugeriu Regina.

—Não acredito. Ralikhanta me disse que ontem pela tarde, depois de me buscar inutilmente, pediu-lhe que o levasse a casa de Harvey.

—OH, que mania tem com o inglês! — se queixou Regina. —Deveria lhe contar quão descarado é com você, e ver se se dá conta, de uma vez por todas, quais são seus verdadeiros inimigos.

—Acho estranho que tenha pedido a Ralikhanta que o levasse a casa do Harvey. Ontem pela manhã me pareceu que brigavam.

—Não me diga. E por que brigavam?

Regina se desiludiu ante a ignorância de sua amiga, que só pôde figurar uma discussão de negócios.

—Estarei pronta em uns minutos — indicou Micaela, ao ver Ralikhanta.

—Pensa sair?

—Tenho que devolver algumas visitas e comprar presentes para o Natal. Nada importante. Não aguento ficar aqui e esperar que Eloy se digne a aparecer. Melhor sair um pouco e me distrair. Quer vir?

—Eu adoraria — assegurou Pacini—. Mas Marcelo me pediu que o acompanhe a um almoço e me mata se o deixo plantado.

Micaela entrou na casa para terminar de se arrumar, e Regina prometeu esperá-la. Cheia lhe ofereceu uma xícara de café e a deixou sozinha na sala de jantar, entretida com o jornal *Crítica* que ninguém havia tocado.

—Homem do demônio! — vociferou, com a vista no periódico.

—O que acontece? — quis saber Micaela, que entrava.

—De novo esse assassino, o "mocha línguas" — explicou Regina—. "Ontem pela tarde foi achado nas imediações do bairro de Avellaneda, no hotel familiar Esmeralda, o cadáver de uma mulher de aproximadamente trinta anos. Conforme informou o delegado Camargo, o modus operandi do assassino corresponde ao do já conhecido “mocha línguas”… bla, bla, bla… Se trataria de outra mulher da má vida, que usava larga e frisada peruca negra e uma pinta desenhada sobre o lábio… bla, bla… A língua não pôde ser encontrada."

—Pensei que não voltaria a ocorrer — balbuciou Micaela. —Pensei que esse pesadelo tivesse acabado.

Regina deixou o periódico e terminou seu café.

—Vou, querida — anunciou. —Tenho muitas coisas que fazer antes desse almoço. Sei que me aborrecerei soberanamente!

Micaela apenas balbuciou umas palavras de despedida e permaneceu de pé no meio da sala de jantar com Polaquita e Sonia na cabeça, estremeceu ao imaginar a tortura que teriam vivido nas mãos desse homem. O ruído do carro a fez voltar para a realidade.

—Seu pai e eu iremos ao cemitério visitar sua mãe — comentou Cheia, que a esperava na recepção. —Possivelmente almoce com ele e retorne pela tarde.

—Está bem.

—Hoje ao meio dia começa a folga da Marita, e Tomasa prometeu retornar cedo para que a casa não fique sozinha, mas é tão irresponsável que aposto que só aparece na última hora.

Já te disse que eu não gosto dessa mulher. Se ao menos cozinhasse bem, mas nem isso. Além disso…

—Falamos na minha volta, mama. Tenho pressa.

—Sim, sim, querida. Que Deus te benza. — E a beijou na fronte. —Ah, esquecia-me! Ontem Marita separou sua correspondência, mas se esqueceu de lhe dar isso. — Cheia tirou do bolso do avental várias cartas. —Quer que deixe isso em seu quarto?

—Não, levo-as comigo e as lerei no carro.

Ralikhanta a esperava na rua, com o carro ligado. Cruzaram um olhar, e Micaela sorriu. O indiano baixou a vista e fechou a porta. Micaela estranhou, mas logo se prendeu na correspondência. Uma carta da superiora de Vevey, outra de Lily Pons, ex-companheira do Conservatório de Paris, uma do diretor do Teatro *La Fenece* de Veneza e outra do doutor Charcot, que abriu com urgência.

Buenos Aires, 22 de dezembro de 1915

Estimadíssima senhora Cáceres:

Conforme me informaram, sua missiva chegou no mesmo dia 15, mas eu me encontrava fora da cidade. retornei esta manhã, e, sem mais demora, sento-me para lhe escrever.

Agradeço-lhe suas cálidas palavras que me reconfortam por vir de você, a que vejo como a mais uma francesa. Tenha fé, logo retornaremos a nossa querida Paris.

Com respeito ao outro assunto, tenho que reconhecer que me deixa muito surpreso, e, estou seguro, deve existir um engano, pois, não só jamais atendi a seu marido, o Sr. Cáceres, mas também não o conheço pessoalmente. Talvez, o Sr. Chanceler esteja consultando a outro médico e você esteja mal informada.

Possivelmente, em um primeiro momento tenha tido intenção de me consultar e assim tenha feito saber a você, mas, logo, ao conhecer meus métodos, tenha preferido não vir ao meu consultório. Como você sabe, minha senhora, minhas práticas não são bem vistas pela medicina tradicional.

Lamento muito o mal-entendido e espero que você possa esclarecê-lo devidamente. Sigo a suas ordens,

Doutor Gérard Charcot

Releu a carta e não conseguiu aplacar a confusão, e, por mais que procurou uma explicação lógica a semelhante enredo, as palavras de Eloy, claras e contundentes, voltaram para sua memória sem deixar lugar a dúvidas. "O doutor Charcot pensa que tenho possibilidade de me repor, meu amor." O carro freou bruscamente na esquina, e a correspondência caiu de seu colo.

—Desculpe, senhora — murmurou Ralikhanta.

Micaela recolheu-as do piso e, como um autômato, abriu a seguinte, com o pensamento ainda posto em Charcot e sua enigmática revelação. Ficou perturbada, a missiva começava "Estimado Sr. Chanceler." Olhou o envelope, efetivamente, estava dirigida a seu marido. Perguntou-se o que faria uma carta dele entre as dela, e só pôde inferir que Marita, atordoada como de costume, tinha-as misturado. Leu o cabeçalho: "Asilo Imaculada Concepção, Irmãs da Misericórdia." Estranhou que Eloy, um homem ímpio, anticlerical inclusive, que dissimulava suas verdadeiras crenças para não se chocar em uma sociedade católica como a portenha, estivesse relacionado com uma comunidade de religiosas. Possivelmente, apelando a seu papel

de funcionário de governo, pediam-lhe ajuda econômica ou de outro tipo. Picada pela curiosidade, continuou lendo, e se justificou na certeza de que faria mais por esse asilo que seu marido.

Buenos Aires, 20 de dezembro de 1915.

Estimado Sr. Chanceler:

Atrevo-me a importuná-lo com a presente devido a que, até a data, não recebemos a cota de manutenção pelos gastos de alojamento e comida, os que sobem à mesma soma do mês de novembro. Os gastos de enfermaria e medicamentos, sua tia os abonou a semana passada, e adiantou, inclusive, os do mês de janeiro em vistas de que se ausentará pela época estival. Sem mais, fico a sua disposição.

Irmã Esperança
Madre Superiora

Gastos de alojamento e comida? De enfermaria e medicamentos? Voltou a olhar o cabeçalho e descobriu que detalhava o endereço.

—Ralikhanta, por favor, pare o carro, vamos a outro lugar. —E lhe leu um endereço no bairro de Flores.

O indiano virou para o lado oeste da cidade, uma área que Micaela nunca tinha visitado e que Ralikhanta parecia conhecer de cor, pois chegaram ao asilo sem dificuldade. Transpuseram um portão de grades, cruzaram um parque prolixo, cheio de flores e canteiros, e se detiveram frente a uma construção moderna e bem cuidada.

Micaela bateu na porta e lhe abriu uma enfermeira de impoluto uniforme, que a conduziu onde a madre superiora estava. Enquanto avançavam, os internos do asilo saíam ao corredor, e olhavam a Micaela com olhos exagerados, dirigiam-lhe palavras incoerentes e tentavam tocá-la, mas a uma ordem da enfermeira, afastavam-se choramingando.

—Aguarde aqui, senhora Cáceres, a anunciarei à madre superiora. —Segundos depois, retornou à sala de espera. —A irmã Esperança a atenderá em um momento. Sente-se, por favor.

A enfermeira abandonou a recepção no instante em que entrava uma religiosa, jovem e de sorriso afável, que se apresentou como a irmã Emilia.

—Muito prazer, irmã. Eu sou a senhora Cáceres.

—A senhora Cáceres? A esposa do Sr. Eloy Cáceres? — Micaela assentiu. —O Sr. Cáceres é um homem afortunado de ter uma esposa tão bonita e simpática. Mas não sabíamos que o Chanceler se casou. De toda a forma, não teríamos por que sabê-lo, quase não temos contato com ele. Manda-nos o dinheiro com seu assistente. Vem muito pouco para ver seu pai. Seria bom que…

"Seu pai?", repetiu Micaela para si.

—Acontece-lhe algo, senhora? — perguntou a religiosa.

—Não, nada — balbuciou ela. —Deve ser o calor.

A madre superiora abriu a porta e a convidou a entrar.

—Sente-se, senhora Cáceres — indicou. —Não tem bom semblante. Pedirei um suco de laranjas, lhe sentará bem.

A religiosa saiu do escritório, e Micaela dispôs de uns minutos para acomodar sua mente alvoroçada. O pai do Eloy vive? Não podia ser, tinha que haver um engano, as religiosas deviam estar equivocadas, o pai do Eloy tinha morrido no incêndio da estância anos atrás.

Possivelmente a tinham confundido com outra senhora Cáceres. "Mas não sabíamos que o Chanceler se casou." As palavras da irmã Emilia lhe destroçaram as esperanças. Qual outro chanceler de sobrenome Cáceres tinha a República Argentina? O pai do Eloy se encontrava com vida e, por alguma razão, o tinha oculto. A necessidade imperiosa de descobrir a verdade a levou a fingir frente à superiora.

—Deve ter sofrido uma baixa de pressão — deduziu a freira, enquanto a observava beber o suco.

—Obrigado, madre, já me sinto melhor. O calor não é o melhor aliado dos que sofremos lipotimia[67]. —Deixou o copo e procurou o envelope em sua bolsa. —Esta manhã recebemos sua carta. Como imaginará, meu marido está muito ocupado com os assuntos da Chancelaria e esqueceu de pagar os gastos de alojamento e comida. Um esquecimento imperdoável, por certo, mas lhe roga que o desculpe. Pediu-me que me fizesse cargo e que saldasse a dívida. Quanto é?

—O de sempre.

—Sim, claro, o de sempre, mas meu marido saiu tão apurado esta manhã para uma de suas reuniões que não mencionou o montante.

—Não há problema, aqui tenho o recibo que entrego ao assistente do Chanceler todos os meses com o detalhamento completo.

A religiosa tirou um papel com o cabeçalho do asilo. Micaela olhou a cifra e agradeceu ter levado dinheiro suficiente para suas compras natalinas. Pagou sem mais.

—Poderia ver meu sogro?

—Não é um espetáculo agradável, senhora Cáceres. Se tiver sofrido uma baixa de pressão, será melhor que volte para seu lar e descanse. Possivelmente, outro dia, quando se sentir com mais força, possa vê-lo.

—Sinto-me perfeitamente bem. Quero vê-lo.

—Não sei se seu marido comentou que o Sr. Carlos sofreu queimaduras muito severas que o deixaram entre a vida e a morte por meses. Sobreviveu milagrosamente, embora seu rosto ficou deformado e sua mente completamente perdida. Desvairou por anos, e, com o passar do tempo, sua enfermidade agrava. O doutor Gonzalves não tem nenhuma esperança de recuperá-lo. É um homem tranquilo, raramente fica violento; de toda forma, o vigiamos de perto e o mantemos sedado o dia inteiro.

—Por favor, madre, me leve, quero vê-lo.

—A senhora Otilia deixou de visitá-lo faz anos e seu filho não vem desde sua nomeação. Não está acostumado às visitas. Deveria consultar antes de…

—Por favor, madre, eu rogo. Não quero ir daqui sem saudar meu sogro.

A religiosa a olhou com doçura e assentiu.

—Neste asilo — comentou, enquanto se dirigiam ao andar de cima—, as famílias ricas escondem os seus parentes com enfermidades mentais e quase nunca voltam a visitá-los. Deixam-nos aqui como pacotes e fingem que nunca existiram. Me alegro de que você queira conhecer o Sr. Carlos e espero que se lembre dele mais assiduamente que seu filho. Sei que é muito duro ver um ser querido nesse estado, mas também é necessário pensar que eles necessitam do carinho de uma família. Nós os tratamos muito bem e lhes prodigalizamos os melhores cuidados, mas não é suficiente.

À medida que percorriam as instalações, Micaela se assombrava do esmero e a luminosidade reinantes e de como o lugar se encontrava bem mantido, com paredes brancas, pisos quadriculados muito polidos, móveis sóbrios e muitas flores, colhidas no jardim do asilo, conforme esclareceu superiora. "Pelo menos, pensou Micaela, está em um lugar decente,

---

[67] ***Lipotimia*** - Perda de força muscular, porém sem perda de consciência.

atendido como um rei." Ao final do corredor, a madre superiora abriu uma porta e lhe pediu que aguardasse um momento.

—Pode entrar agora — indicou, por fim.

O quarto de seu sogro dava para o jardim, e a beleza dos paraísos florescidos, de glicinas e de arbustos de hortênsias que entrava pela janela e tornava a estadia muito agradável. Em frente a essa paisagem, sentado em uma poltrona, de costas à porta e abstraído sobre uma pintura, achava-se o pai do Eloy, e, sentada próxima a ele, uma enfermeira com um livro na mão.

—Senhor Carlos — chamou a superiora—. Tem uma visita, senhor.

O homem continuou empenhado em sua pintura.

—Senhor Cáceres? — tentou Micaela.

—Sim, sou eu. —E virou para olhá-la.

O Estômago de Micaela se contraiu: o rosto de seu sogro, uma massa retorcida de carne magenta, com olhos vivos e pequenos que sobressaíam em meio desse horror, repugnou-lhe como nada, e, embora por um instante a cabeça lhe desse voltas, conseguiu dominar a repulsão.

—Bom dia — acertou a dizer. —Meu nome é Micaela Urtiaga Four, sou a esposa do Eloy.

—Eloy? Meu filho também se chama Eloy. Silvia quis chamá-lo assim por seu pai. Pobre do meu Eloy!

—Eu sou a esposa de seu filho Eloy.

—Meu filho se casou? Se apenas é um moço de quinze anos. Como pôde casar-se tão jovem? Que disparate!

O olhar se perdeu no rosto de Micaela e, depois desse momento de silêncio, virou para a pintura.

—E você quem é? — perguntou de repente.

—Micaela Urtiaga Four, a esposa de seu filho.

—Que jovens se casam agora! Eu tinha vinte e cinco anos quando me casei com a Silvia. Não é certo, querida? — perguntou para o quadro colocado sobre um cavalete, coberto por um tecido. —Estavas bonita no dia de nossas bodas. — Em um sussurro, dirigiu-se a Micaela: — Todos os meus amigos a desejaram nesse dia, sei muito bem, mas era minha, somente minha. — concentrou-se novamente no óleo.

Micaela ficou surpresa, dirigia a técnica com destreza apesar de ter ambas as mãos muito queimadas.

— Como pinta bem, Sr. Cáceres. É uma paisagem belíssima.

—Como se chama?

—Micaela.

—E, quem é?

—Uma amiga sua. Vim lhe fazer companhia e conversar com você.

—Não sei se a Silvia gostará que uma mulher venha conversar comigo e me fazer companhia — duvidou, em tom de confidência. Logo, falou com quadro coberto: —Silvia, querida, está senhorita tão amável veio nos visitar e nos fazer companhia.

—Se quiser — ofereceu Micaela—, posso lhe trazer tintas, tecidos e o que lhe faça falta.

—Sério?

—É obvio — disse, e olhou à madre superiora para lhe pedir consentimento.

O Sr. Cáceres havia voltado a concentrar-se na pintura, e Micaela se dedicava a observá-lo, fascinada pelo fato de que uma mente tão transtornada dirigisse o pincel e mesclasse as cores com maestria.

—Gosta de música, Sr. Cáceres?

—Poderia me trazer um óleo vermelho cobre em pó e outro azul França? —perguntou, ao

contrário.

—Sim, claro. Gosta de música?

—Música? Sim, eu gosto de música — assegurou. —Faz muito que não vamos ao teatro, Silvia, deveríamos ir. O que acontece — explicou a Micaela—, é que vivemos no campo e se faz muito difícil.

—Não é necessário que vá ao teatro, Sr. Cáceres. Posso lhe trazer um fonógrafo e discos para que escute enquanto pinta. — O homem a olhou confuso. —Não se preocupe — prosseguiu Micaela—, eu vou lhe trazer música.

—Vai trazer uma orquestra aqui? Não acredito que a proprietária do hotel esteja de acordo. —Baixou a voz para adicionar: —É muito rigorosa. Mais que um hotel, isto parece um quartel.

—Eu saberei convencer à proprietária — o tranquilizou Micaela.

Cáceres lhe deu as costas, fixou a vista no jardim e ficou absorto. Parecia que não voltaria a falar. Micaela experimentou uma imperiosa necessidade por saber e, apesar de que lhe custou romper o silêncio, perguntou:

—Como era Eloy de menino, Sr. Cáceres?

—Eloy é menino.

—Sim, claro — aceitou a jovem. —Refiro há como era quando mais novo.

—A verdade é que Silvia não tem paciência. Não me olhe assim, fica nervosa por qualquer bobagem. Têm que entender que é um menino. Não se zangue, querida —suplicou ao quadro. —Eloy e eu gostamos de ir caçar. Chinchilas e perdizes, nada importante, mas os passamos bem. De vez em quando, saímos ao monte, juntos, os dois. Silvia fica sozinha na estância. Ela não vem. —pegou o pote de tinta preta e derramou um pouco sobre a paleta—. Silvia não quer nos acompanhar. Silvia fica sozinha na estância. — carregou o pincel com o negro e atravessou a paisagem com brutalidade. —Silvia não vem, fica sozinha na casa.

A superiora se inquietou; tomou a Micaela pelo braço e lhe disse ao ouvido que tinha sido suficiente, que deviam deixá-lo descansar. Mas a jovem não opinava o mesmo e voltou a indagar seu sogro.

—Por que Silvia quis ficar sozinha? Por que não quis acompanhá-los?

Cáceres se manteve em seu mundo quimérico e, com brutalidade, seguiu lubrificando o pincel e arruinando a paisagem.

—Isto é tudo, senhora —proclamou a superiora, seca. —Vou ter que lhe pedir que se retire. Úrsula — disse à enfermeira jovem—, prepare a dose que o doutor receitou e dê-lhe agora mesmo.

—Silvia! — rugiu Cáceres de repente, e ficou de pé. —Por que! Quero saber por que!

Micaela deu um passo atrás, pois não o tinha imaginado tão alto e corpulento. A madre superiora saiu ao corredor e chamou aos gritos os enfermeiros, enquanto Úrsula tentava acalmá-lo inutilmente com palavras. Furioso, sem controle, Cáceres rasgou a tela com o pincel e chutou o quadro com o qual tinha estado falando. Micaela o tirou do chão por reflexo, tirou o tecido e conseguiu dar uma olhada antes que Cáceres o arrebatasse das mãos e o jogasse pela janela, fazendo em pedacinhos o vidro. Não pensou em escapar de seu sogro, que a pegou pelo pescoço e a apoiou contra a parede com uma força que jamais teria imaginado. Faltou-lhe o ar para pedir auxílio quando Cáceres aproximou o rosto disforme e lhe cravou o olhar, um olhar horrível, de olhos sem pálpebras, sem sobrancelhas nem pestanas; e as pernas lhe falharam quando o homem sussurrou "puta" antes de que uns enfermeiros o tirassem arrastado do dormitório.

Micaela se recuperou, em parte, graças a um chá de boldo e ao ar fresco que lhe ventilou a irmã Emilia e face às recriminações da superiora, que concluiu sua pregação dizendo que não poderia voltar a visitar Sr. Carlos porque resultava evidente que sua presença o

transtornava.

—Nunca tinha se comportado assim — rematou.

Deixou o asilo e ainda lhe tremiam as pernas. Contemplou o jardim do pórtico, tranquilo e verde, que contrastava com a realidade que se desenvolvia portas dentro. Caminhou por um atalho de paralelepípedos que circundava a edificação e, ao chegar à parte lateral, encontrou o que procurava: o quadro que seu sogro tinha jogado pela janela. Decidiu levá-lo consigo.

Levantou a vista para a janela do quarto de Cáceres e as restantes dessa ala, e sentiu falta de que não tivessem grades. O jardim, circundado por uma taipa não muito alta, oferecia os melhores esconderijos, e o portão de grades da entrada permanecia totalmente aberto, sem vigilância. Caminhou depressa para o carro e pediu a Ralikhanta que a levasse para sua casa, precisava falar com o Eloy, devia-lhe muitas explicações, não só sobre seu pai, mas também sobre o dr. Charcot. Depois, arrumaria uma mala e iria embora dali direto para a cada do Carlo, e já não se compadeceria de um homem que, desde o princípio, tinha-lhe mentido descaradamente.

Durante a viagem, observou com atenção à mulher do quadro, Silvia, como a tinha chamado seu sogro, formosa, por certo, com olhos profundos e rasgados, cabelo negro, lábios tentadores e uma pequena pinta perto da comissura direita. "Seria outra mulher da má vida, que levava larga e frisada peruca negra e uma pinta desenhada sobre o lábio." Os semblantes da prostituta assassinada na tarde anterior, a força de seu sogro ao agarrá-la, a forma em que lhe havia dito "puta" e a pouca segurança do asilo a atormentaram o resto da viagem, e a induziram a pensar que o melhor seria ir direto à polícia.

"Micaela, pelo amor de Deus, o que está pensando!", disse-se. Não chegaria a semelhante conclusão só porque um pobre louco tinha falado com uma mulher retratada de cabelo negro e com uma pinta perto do lábio. Quantas mulheres existiam com essas características? Milhares, possivelmente. Era uma loucura imaginar que seu sogro fosse o "mocha línguas". E se seriamente Carlos Cáceres, em meio de sua loucura e obsessão pela tal Silvia, assassinasse às prostitutas? Não, era improvável. Apesar da falta de segurança do asilo, tampouco devia ser fácil evitar o exército de enfermeiros e enfermeiras. Além disso, como faria um pobre desenquadrado para chegar à cidade e contratar uma prostituta? Com que dinheiro? Com que roupa se tão somente vestia uns pijamas? Que mulher desejaria deitar-se com ele? Ao vê-lo, espantara-se enojada, se parecia um monstro.

Apagou a ideia do "mocha línguas". Seus dias no Carmesim e a lembrança de Polaquita e Sonia a tinham sensibilizado. Não podia atribuir os assassinatos a qualquer um que lhe cruzasse. Primeiro Mudo, agora seu sogro, inclusive desconfiou de Ralikhanta pelo simples fato de tê-lo visto uma noite em La Boca com uma mulher.

Não encontrou ninguém na casa. Marita tinha começado sua folga, mama Cheia seguia na companhia de seu pai e Tomasa não tinha chegado, apesar de ser o horário. Procurou Eloy na sala e na sala de jantar, bateu na porta de seu escritório e de seu quarto, mas ninguém respondeu e, em vão, tentou abri-las, estavam fechadas com chave.

—Ralikhanta, vamos sair de novo. Ontem pela tarde deixou o Sr. na casa do Harvey, verdade?

—Sim, senhora.

—Pois, bem. Me leve ali que quero falar com ele.

—Prefere que vá buscá-lo e...?

—Não, Ralikhanta. Já te disse que prepare o carro; sairemos imediatamente.

No caminho para a casa de Nathaniel Harvey, Micaela sentia crescer sua ira. Eloy Cáceres a tinha enganado a respeito de coisas de vital importância; sobre sua impotência podia compreendê-lo, sobre seu pai, também, mas a mentira sobre o doutor Charcot não tinha sentido. Por que havia lhe dito que, segundo o médico francês, existiam esperanças se jamais

tinha falado com ele? Muitas vezes mentiu que o tinha visitado. Recordou como retornava feliz dos supostos encontros com o médico. O que procurava Cáceres com essa farsa?

Na casa do Harvey, um servente indiano abriu-lhe a porta, escuro e baixo como Ralikhanta, embora mais roliço e com semblante de poucos amigos.

—O Sr. Cáceres se encontra aqui? —perguntou em inglês.

—Quem o busca?

—Sua esposa — respondeu Micaela, seca. —Posso passar, sim ou não?

—Aguarde um instante, verei se pode atendê-la.

Afastou-o de um empurrão e entrou na casa, e o homem a seguiu chiando em hindi. Micaela cruzou a sala, caminhou rapidamente pelo corredor e se entrou no escritório de Harvey, onde não achou ninguém. Umas vozes e sorrisos a atraíram, e abriu a última porta do corredor. O espetáculo a sobressaltou e ficou contemplando impavidamente Eloy e Nathaniel que pulavam na cama como amantes. Ao perceber sua presença, Harvey se levantou com indolência e começou a rir. Cáceres, ao contrário, abandonou o leito de um salto, e Micaela estudou pela primeira vez a anatomia de seu marido.

—Não é impotente — disse, como tola, sem tirar a vista do sexo do Eloy.

O comentário aumentou a hilaridade do Harvey e tirou do estupor ao Cáceres, que arrebatou um lençol e se cobriu. Caminhou para ela e tentou pegá-la pelo braço.

—Não me toque — gritou, e deu um passo atrás.

—Vamos, Micaela — escutou Nathaniel dizer. —Por que não se une a nós? Seria divertido os três juntos na cama. Sabe muito bem que te desejo faz tempo.

—Se cale! —ordenou Eloy, e dirigindo-se a ela, suplicou que lhe permitisse explicar.

Micaela saiu correndo para a rua. Humilhada, com o estômago revolto e a mente aturdida, começou a chorar no meio da calçada. Ralikhanta desceu do carro e lhe deu um lenço; pegou-a pelos ombros e a ajudou a subir no carro.

O calor do meio-dia não colaborava; tinha sofrido muitas impressões e não recordava uma manhã mais espantosa que essa. Tirou o frasco de perfume, inspirou profundamente e abanou o rosto com o leque. Não a venceriam as circunstâncias: a ideia de fugir e refugiar-se nos braços de Carlo a manteve com a cabeça erguida e em funcionamento. Já não necessitava respostas, não lhe interessava conhecer o porquê de tanto engano e enredo. Que Eloy fizesse com sua vida o que quisesse! Ela saberia o que fazer com a sua.

Temia que Cáceres chegasse em casa antes de que pudesse escapar, não queria cruzar com ele. Meteu em uma bolsa as coisas essenciais, rapidamente, com nervosismo, e disse à Ralikhanta que voltaria pelo resto.

—O último que te peço, Ralikhanta — disse.

—O que queira, senhora.

—Me leve a casa do Carlo.

O indiano pegou a bolsa e juntos deixaram a antecâmara. Toparam-se com Cáceres no corredor, que, com um movimento de cabeça, ordenou a Ralikhanta que desaparecesse. O servente partiu a passo rápido.

—Aonde acredita que vai? — dirigiu-se a Micaela.

—Isso não te importa.

—Claro que me importa, é minha esposa.

—Engano — esclareceu—. Era sua esposa, ou, melhor dizendo, nunca fui. —E tentou avançar, mas Cáceres a impediu. —Deixe-me passar! Não me toque! Me solte!

Pegou-a pela cintura e lhe estampou um beijo nos lábios. Aprisionou-a contra a parede, subiu-lhe a saia, arrancou-lhe a calcinha com brutalidade e lhe afundou a mão entre as pernas. Micaela deu um grito que se mesclou com a gargalhada dele.

—Assim te acaricia Varzi? —E lhe sovou os peitos, sem fazer caso dos gritos dela. —Você

gosta, né? Como boa puta que é, você adora.

Depois deu-lhe um soco e a sustentou desvanecida em seus braços.

—Ralikhanta! — vociferou.

O indiano retornou correndo e se deteve em seco ao ver sua senhora inconsciente e com o nariz sangrando.

—Abra meu escritório! Rápido, não fique olhando como um idiota!

Ralikhanta pegou um molho de chaves e abriu a porta.

—Agora o alçapão — ordenou Cáceres, uma vez que estavam dentro.

—O alçapão? — repetiu o indiano, com voz tremente.

Cáceres o fulminou com um olhar. Ralikhanta enrolou o tapete que cobria o centro da sala e revelou uma porta no chão. Tirou o ferrolho e a levantou com esforço. Eloy, com Micaela em seus braços e o servente por trás, descendeu ao porão.

* * *

Carlo despertou subitamente sobre a mesa de seu escritório. Meio dormindo ainda, olhou ao seu redor e tratou de entender onde se achava. Não tomou muito tempo recordar o desgosto depois de que Micaela deixou sua casa. O resto da tarde tinha perambulado pelo porto, com sua pena nas costas, sem conseguir quietude; procurou uma saída no trabalho e se concentrou em excesso nos documentos e expedientes de sua companhia a noite inteira, até que o cansaço o venceu e adormeceu sobre a mesa. Ninguém o tinha despertado, pois era sábado, dia de folga para seus empregados.

Doía-lhe cada osso, e os questionamentos e as dúvidas continuavam atormentando o coração. Sujo e com fome, decidiu voltar para casa, tomar um banho e comer algo decente. Olhou o relógio: meio-dia. Frida estaria preocupada, já tinha se desacostumado a sua vida de boêmio. Na sala da mansão de San Telmo o esperavam Mudo e Cabecita. Frida saiu ao seu encontro com cara de desconsolo e recebeu o casaco.

—O que acontece? — perguntou Carlo.

—Onde te colocou, Napo? Ontem estivemos te procurando toda a tarde e toda a noite.

—O que acontece? — insistiu, a ponto de perder a paciência.

—Trata-se do chofer da Marlene — disse Mudo. —Estamos seguros de que é o "mocha línguas".

Carlo os apressou e, rapidamente, expuseram-lhe os fatos do dia anterior.

—Não fica dúvida — concluiu Varzi. —É ele.

—Nos dedicamos para te buscar — explicou Cabecita—, e dissemos ao Jorge e a Ecumênico que vigiassem de perto a Marlene. Não deve ter acontecido nada, porque os moços não deram sinais ainda.

Carlo não queria perder tempo, nem que fosse pelos cabelos, tiraria Micaela da casa do Cáceres e a levaria com ele, já não se importava mais um caralho a lástima que pudesse sentir por esse impotente de merda, que a tinha posto nas mãos de um assassino macabro.

—Puta, Marlene! — exclamou, e chutou um móvel—. Te disse que eu não gostava desse indiano.

—Bom, Carlo — intercedeu Frida—. Agora não é momento para recriminações. Vão procura-la e tragam-na sã e salva.

Bateram na porta, e Frida se apressou a abrir. Jorge e Ecumênico entraram na sala.

—Alguma novidade? — perguntou Carlo, com ansiedade.

—Algo acontece na cada da Marlene — disse Ecumênico. —Faz um momento, chegou chorando. Depois, apareceu o marido, com cara de desesperado. Entrou na casa, e nenhum dos dois voltou a sair. Ao Jorge e a mim isto cheira mal.

—E o chofer? —desesperou-se Varzi.

—Todo o tempo com ela. Esta manhã a levou e a trouxe para toda parte. Sempre com ela.

—E não trataram de entrar na casa para ver o que acontecia? —perguntou Carlo, com a paciência em um fio.

—Sim, mas não havia por onde — explicou Ecumênico. —Tudo estava fechado, e não nos animamos a forçar a fechadura.

—É a casa do Chanceler — apostilou Jorge.

—A puta que os pariu, bichas de merda! — vociferou Carlo, e os capangas deram um passo para trás. —Cagões, deixaram-na sozinha nessa casa com o "mocha línguas"!

* * *

Micaela voltou a si, confundida e cheia de dores. Ralikhanta lhe atava as mãos, e se deu conta de que já tinha feito o mesmo com os pés. Olhou a seu redor, um lugar dantesco que lhe arrepiou a pele, escuro e sujo, que fedia e a asfixiava, e lhe dava vontade de vomitar. Tinha sede.

—O que está fazendo? Por que me amarra?

O indiano olhou para a escada que comunicava com o escritório do Eloy e lhe pediu silêncio.

—Ralikhanta, me ajude — balbuciou. —Pelo amor de Deus, me tire daqui.

—Não posso.

—Onde está Eloy?

—Não sei, em seu quarto, acredito.

—E eu, onde estou?

—No porão da casa.

—Por favor, Ralikhanta, me tire daqui!

—Ralikhanta sabe o que lhe convém — prorrompeu Cáceres, da escada. —Me trair seria a decisão mais estúpida de sua vida. Não é assim, Ralikhanta?

O servente o olhou com desprezo. Eloy terminou de descer, acendeu uma luz e se aproximou de Micaela; pegou-a pelo queixo e estudou o resultado do golpe.

—Fui uma besta — aceitou. —Uma pele formosa como a sua, com semelhante cardeal. —Soltou-a com estupidez. —Vejo que esteve de visita no asilo — comentou, enquanto sustentava o quadro que o velho Cáceres tinha jogado pela janela. —Me pergunto como fez para lhe tirar o retrato de minha mãe.

—Eloy, por favor — suplicou Micaela. —O que te passa? Não te reconheço. Me desate, rogo-lhe isso, as cordas estão me fazendo dano. Sempre nos respeitamos e tivemos afeto, não terminemos assim, podemos chegar a um acordo. Eu não tenho intenções de te prejudicar nem de te julgar, ninguém se inteirará do que acontece na casa do Harvey…

Cáceres a interrompeu com uma gargalhada. Voltou a aproximar-se dela e Micaela se contraiu, presa no pânico.

—Estava disposto a mudar — disse, repentinamente sério—, por você, estava disposto a fazê-lo. Já tinha deixado o Harvey, mas sua traição me fez voltar para seus braços. —a golpeou uma bofetada de reverso, que a deixou semiconsciente. —Traz água — ordenou a Ralikhanta.

Ficou contemplando-a enquanto esperava o indiano e, por um instante, seu semblante se suavizou. De joelhos ao lado de Micaela, limpou-lhe o sangue com um lenço e beijou seus lábios. Escutou os passos de Ralikhanta e ficou de pé com presteza. Recebeu a jarra com água e a despejou brutalmente em seu rosto. Despertou meio afogada e, ao tomar contato com a realidade e compreender que não se tratava de um pesadelo, começou a chorar.

—Não chore, querida — pediu Eloy, sarcasticamente—, logo terminará tudo.

—Senhor, por favor — suplicou Ralikhanta, e se atreveu a aproximar-se. —Deixe-a, senhor.

—Cale-se! — rugiu Cáceres. —Ainda não cobrei sua traição. Sempre soube que me enganava com o Varzi e me ocultou isso. Foi seu cúmplice. Mais tarde acertaremos contas.

Agora, suba e não deixe que ninguém entre na casa. Se chegar Tomasa, dá-lhe o dia livre, e com a Cheia, faça o que for para manter longe a essa negra.

Micaela se horrorizou ao ver que Ralikhanta deixava o porão; com ele, desvanecia-se sua última esperança, pois tinha compreendido que seu marido ia matá-la. Cáceres colocou o quadro sobre uma cadeira e o observou atentamente. Micaela percebeu com claridade que acelerava o ritmo respiratório de Eloy à medida que transcorria os segundos em estática contemplação, e quando voltou a vê-la, pensou que tinha chegado sua hora.

—Vou te contar um conto — disse, ao contrário, e virou para retrato. —Era uma vez uma formosa princesa, assim, formosa como você, embora tinha o cabelo negro como o carvão.

Aproximou-se de um móvel feio e quebrado, abriu o tecido que servia como porta e apareceram prateleiras e gavetas; havia frascos de vidro perfeitamente dispostos sobre uma prateleira. De uma gaveta, Eloy extraiu uma longa e espessa peruca negra. Micaela fixou sua atenção nos frascos e, apesar da escuridão reinante, horrorizou-se ao descobrir que em cada um flutuava uma língua humana. Deu um grito e, ao ficar de pé, foi de bruços ao chão. Eloy a ajudou a incorporar-se e a acomodar-se na cadeira novamente. Micaela, presa em um ataque de histeria, choramingando e murmurando palavras incompreensíveis, tirou do sério o seu marido, que a pegou pela nuca e aproximou-se do seu rosto para sussurrar:

—Cale-se, ainda não terminou minha história. — colocou nela a peruca. —Sim, agora se parece mais à princesa Silvia. Te disse que se chamava Silvia? —Eloy levou a mão ao queixo e franziu o cenho. —Falta algo. —Voltou para móvel, extraiu um lápis negro e lhe remarcou a pinta. —Assim está melhor. Sigamos com o conto. A princesa era cobiçada pelos reis de outras comarcas, não só por sua beleza e inteligência, mas sim por seu dinheiro. O pai tinha prometido um grande dote para o eleito. Quando por fim se decidiu quem seria o afortunado, resultou ser um jovem rei chamado Carlos, arrumado, de muita linhagem e com tanto dinheiro que desprezou o dote da princesa Silvia, pois, conforme disse, só queria a ela. As bodas se celebraram meses depois, e os festejos duraram quatro dias; as pessoas de ambos o reino estavam felizes pensando que viriam tempos de abundância e paz.

—Eloy, basta, suplico-lhe isso, pelo amor de Deus.

—O rei Carlos levou a sua esposa para viver no novo castelo que tinha construído especialmente para ela, cheio de luxos, com as comodidades que merecia uma rainha. — Elevou o retrato de sua mãe e se manteve pensativo. Quando o devolveu à cadeira, prosseguiu: —Como era de se esperar, em pouco tempo, nasceu um rebento, tão amado por seu pai que poderia se afirmar que chegou a ser um menino feliz, embora lhe faltasse o carinho de sua mãe, que não tinha paciência, batia nele com frequência e o queria o mais longe possível. Com o tempo, o menino se converteu em um jovem muito apegado a seu pai. Estavam acostumados a caçar juntos na reserva do reino, e esses eram os momentos que mais amavam. O rei Carlos só tinha a seu filho, porque logo se desiludiu dos encantos da rainha Silvia, que tinha se revelado como uma mulher volúvel e mal-humorada. Uma tarde, logo depois de uma forte discussão com sua esposa, o rei decidiu sair em uma caçada para sossegar sua alma atormentada, pois, apesar de tudo, seguia amando à rainha Silvia como no primeiro dia. Como de costume, convidou seu filho. Retornaram antes do previsto porque não tinham tido sorte, só conseguiram umas poucas lebres e perdizes. Entraram no castelo e deram as presas para a cozinheira. Logo, calados e entristecidos, subiram aos seus aposentos.

Eloy se deteve e virou para gaveta do móvel. Micaela começou a gritar como enlouquecida ao ver que seu marido pegava uma adaga. Cáceres a levou aos lábios para pedir silencio e, apesar de que lhe custasse parar de chorar, Micaela tentou acalmar-se, pois temia enfurecê-lo.

—O jovem príncipe acompanhou seu pai até sua antecâmara, porque o via muito triste e queria lhe fazer companhia até que dormisse. Abriram a porta do quarto real e a surpresa os deixou sem fôlego: a rainha, de joelhos frente a um vassalo, lhe chupava o membro, enorme e

endurecido; sua língua — disse, com os dentes apertados, e talhou o tecido do retrato uma e outra vez—, sua língua lambia e lambia com deleite a pica desse imundo servo. O jovem príncipe levantou sua escopeta de caça e disparou em sua mãe direto na cabeça, voando também os testículos do vassalo, que gritou como louco até que o príncipe teve piedade e encheu-lhe a cara de chumbo. Fora de si, o rei correu para sua esposa morta e se jogou ao seu lado chorando, enquanto seu filho colocava fogo no dormitório. Os serventes do castelo tiraram ileso de entre as chamas ao jovem príncipe, e muito queimado o pobre rei Carlos; ninguém acreditou que sobreviveria. Foram também os serventes que contaram à irmã do rei os fatos como eles os viram. Fazia tempo que sabiam dos namoricos da rainha Silvia com esse vassalo, e não duvidaram que o rei os tinha matado, assim como também, colocado fogo na casa. A irmã do rei, muito orgulhosa de sua linhagem, não duvidou em ocultar a verdade e inventou uma história que se deu a conhecer no reino e nas comarcas vizinhas: o vassalo tinha tentado matar o rei; na resistência, um abajur caiu ao chão e rapidamente se propagou o fogo. Assim, o rei, a rainha e o vassalo morreram carbonizados. Os serventes foram generosamente compensados para ratificar essa verdade.

Produziu-se um silêncio que fez Micaela tremer. Eloy, com a adaga na mão, manteve os olhos fixos no retrato destroçado até que se virou repentinamente e lhe deu um susto de morte.

—Teria apostado minha vida que você não era como minha mãe.

Essas palavras a aterraram, pois Eloy já não usava o tom sardônico, e a contemplava com o mesmo ódio que tinha encontrado nos olhos repugnantes de seu pai essa manhã.

—Ao menos — prosseguiu Eloy—, Fanny Sharpe nunca me enganou com outro, deixou-me quando se inteirou de que tinha ficado estéril depois da febre. Embora, sim, de uma forma ou outra, também me traiu. Todas são iguais.

—Ralikhanta! — gritou Micaela. —Me ajude, Ralikhanta!

—Pode chamá-lo até arreganhar-se, nunca vai te ajudar, não é idiota e sabe o que lhe convém — assegurou Cáceres. —Senhores policiais — ironizou—, acabo de descobrir que meu servente, um pobre indiano ignorante, é o temível "mocha línguas". Meu deus, em minha própria casa estão as línguas dessas mulheres! Fui muito hábil, querida, e jamais me deixei ver nos bordéis; era o pobre Ralikhanta o que recolhia à escolhida, enquanto eu o aguardava em algum hotelzinho decadente. Em quem pensa que acreditariam, meu amor? Em Ralikhanta, um homem de aspecto temível, um indiano, um herege muçulmano, ou em mim, o chanceler da República, um homem brilhante, de conduta irrepreensível?

—Basta, Eloy! Pare de falar assim! Suplico-te, entra em razão. Entendo a tortura que viveu, compreendo a traição de sua mãe, mas…

—Calada! — E voltou a golpeá-la. —Não volte a dizer que compreende a tortura pela qual passei. —Retomou o sarcasmo para prosseguir: —Em última instância, fica meu pai. Ele seria o assassino perfeito, não te parece? Não te parece? — repetiu, zangado.

—Sim, sim — se apressou Micaela.

—Quer saber o que faço às prostitutas antes de lhes cortar a língua e as degolar? Porque não corto a língua depois de as haver matado como dizem os jornais. Não. As putas merecem uma morte lenta e dolorosa. Primeiro, corto a língua com precisão, e depois as enforco. Malditas putas do demônio! Malditas sejam as putas do mundo! As putas como você e como minha mãe!

Micaela se pôs a chorar, desesperada pela crise de Eloy, que, sem abandonar os insultos, tinha começado a chutar os trastes velhos e a lançá-los contra a parede. Compreendeu que devia recuperar o domínio sobre si, não podia descontrolar-se, tinha que pensar, tinha que encontrar uma maneira de fugir. Se pelo menos pudesse pegar a adaga do Eloy e cortar as cordas que lhe sujeitavam os pés, poderia correr escada acima e chegar ao piso superior; o

alçapão estava aberto, sabia pela brisa tênue que entrava e pela mísera luz que se filtrava.

Eloy se calou e deixou de romper coisas, apoiou-se contra a parede até dominar sua agitação e voltou junto à Micaela, que tinha deixado de chorar e o olhava de frente.

—Por você — disse Eloy—, estava disposto a ser outro. Tenho que admitir que no princípio só foi um bom negócio. Seu dinheiro e sua posição social não me importavam tanto como os contatos de seu pai. O velho senador dirige os fios na Casa Rosada, e eu estava disposto a me casar com sua adorada filha contanto que tocasse os pontos necessários para que eu fosse o chanceler. Assim fiz entender ao Nathaniel, que, é obvio, não aprovava minhas bodas. Queria-me só para ele, mas, finalmente, compreendeu.

Aterrorizou-se quando Eloy passou o fio da adaga pelo seu pescoço, e intuiu que o desenlace se aproximava e, embora sentisse desejo de gritar, conseguiu refrear-se e manter a calma.

—Devo te confessar, querida, que não podia sequer te tocar. Nathaniel seguia em minha mente, pertencia-lhe. Na Índia, depois da febre que quase me mata e de que Fanny me abandonasse, ele se converteu em meu mundo; consolava-me, cuidava-me, protegia-me, e, pouco a pouco, fomos nos apaixonando. Mas um dia te descobri, Micaela. Sua formosura é mágica e atraente. Caminhava pela casa e a enchia de luz; seu perfume se impregnava nas paredes e estava em todas partes. Seu modo sereno, seu olhar tranquilo, sua voz suave — se aproximou e lhe acariciou o rosto—, tudo foi me enfeitiçando. Nathaniel também caiu sob seus encantos e tratou de te seduzir; além disso, ele sabia que se te manchava, eu jamais te quereria. Mas não fez conta. Isso me levou a pensar que me amava, que ainda me esperava, virgem e pura. E embora notasse que estava fria e distante, quis te reconquistar. Te faria acreditar que tinha me curado e que podíamos ser felizes.

Desatou-lhe as mãos e os pés, e as esperanças retornaram ao coração de Micaela, que, apesar da corpulência de seu marido, estava disposta a golpeá-lo e fugir.

—Baixa minhas calças e me chupe como faz com o Varzi — disse, e a obrigou a ficar de joelhos.

Deu-lhe asco, e teria se negado de não tivesse percebido que essa era a oportunidade que estava esperando: o morderia e correria até a saída. Desabotoou seu cinto lentamente, com suavidade, calculando cada movimento.

—Não te interessa saber como descobri sua relação com esse imigrante imundo?

Micaela levantou a vista e estudou o aspecto de seu marido, enquanto se debatia entre o sim e o não; um engano, um erro e não teria chance.

—Não — disse, e voltou para a braguilha.

—Puta de merda! — vociferou Cáceres, e a agarrou do cabelo para arrojá-la ao chão.

Micaela começou a gritar e tratou de incorporar-se, mas as pernas intumescidas lhe falharam e tropeçou. Eloy a levantou como a uma boneca de trapo e lhe tampou a boca.

—Cale-se! —sussurrou.

No andar de cima se escutaram umas corridas e alguém que vociferava o nome Marlene. Micaela sentiu uma alegria imensa para ouvir a voz de Varzi e aproveitou o desconcerto de Cáceres para lhe morder a mão e chamá-lo. Eloy cobriu sua boca e lhe colocou a adaga sobre o pescoço.

—Se voltar a gritar, te mato.

Ao Carlo e a seus capangas não foi difícil entrar na casa de Micaela, acharam a porta totalmente aberta e não toparam com ninguém no vestíbulo nem na sala. Penetraram na velha mansão e logo escutaram o grito dela que os guiou até o escritório, onde encontraram o alçapão elevado sobre o chão. Varzi, seguido por Mudo e Cabecita, desceu rapidamente, aterrorizado pela ideia de que fosse muito tarde.

—Não avance um passo mais ou a Mato! — ordenou Cáceres, e apertou o fio da adaga

contra o pescoço de Micaela.

Carlo parou na metade da escada e mordeu o punho ao ver sua mulher tão golpeada e com uma faca sobre a garganta.

—E diga a seus capangas que voltem para cima.

Carlo fez um gesto a seus homens para que retornassem.

—Bem-vindo, Sr. Varzi — disse Eloy. —Chegou em um momento propício. Veio socorrer a sua amada? Lamento lhe informar que já é tarde, mas me agrada saber que você também vai presenciar a morte da Divina Four.

—Solte-a, Cáceres! Não a toque! — prorrompeu Carlo, e terminou de descer os degraus.

—Não avance um passo mais!

—Juro-lhe que se chegar a roçá-la com essa faca, vou te fazer em pedacinhos.

Eloy soltou uma gargalhada horripilante. Micaela, com a boca tampada, imóvel entre os braços de seu marido, começou a choramingar histericamente, segura de que nem Carlo a salvaria da ira de Eloy. Varzi, por sua parte, pensou que não obteria nada a força e tentou a diplomática.

—Você é um homem inteligente, Cáceres. Seria uma estupidez assassinar sua esposa, tudo sairia à luz, não teria forma de encobri-lo. Isso arruinaria sua carreira política e…

Eloy levantou o braço e afundou a adaga no ventre da Micaela, que, logo depois de uns segundos, desabou-se inerte no piso. Varzi caiu de joelhos, sem ar nos pulmões, com um grito atravessado na garganta e o semblante desencaixado de dor, espantado pela palidez que se apoderava do rosto de sua mulher, enquanto o vestido se cobria de sangue. Arrastou-se para ela, estirou a mão e, ao lhe tocar os dedos, soltou um gemido rouco e profundo que tirou o fôlego até mesmo de Cáceres.

Mudo e Cabecita correram escada abaixo, e detiveram Eloy quando tentava equilibrar-se sobre Carlo, que, ainda no chão e em completo estado de comoção, repetia o nome Marlene e a sacudia. Escutaram-se vozes e assobios no andar de cima e não passou muito até que um grupo de policiais guiados por Ralikhanta se fez cargo da situação. Varzi, abstraído do entorno, carregou Micaela nos braços e a tirou do porão. Topou com Cheia no corredor, que acabava de chegar do cemitério.

—Minha menina! Por Deus, o que tem! Tanto sangue! O que aconteceu? Quem é você? O que lhe fez?

—Rápido — a apressou Carlo, sem lhe dar tempo de entender—, chame um médico, está morrendo.

—Venha, traga-a aqui — disse Cheia, com bastante domínio, e o conduziu ao quarto de Micaela. Saiu novamente ao corredor, com o rosto banhado em lágrimas e o pensamento embotado, e não pensou a nada até que, de repente, recordou do doutor Valverde, o marido da prima Guillita.

* * *



Capítulo XXXIII

O doutor Joaquín Valverde não tinha esperanças de que Micaela vivesse: a adaga lhe tinha roçado o estômago, a debilidade por causa da profusa perda de sangue a tornava vulnerável e a febre alta fazia temer uma infecção. Recomendou não a mover nem a transladar, e a jovem permaneceu inconsciente no quarto da casa que tinha sido sua prisão.

Ninguém conseguiu afastar Carlo de seu lado, nem sequer a polícia, que tentou levá-lo para pegar sua declaração, circunstância em que interveio o delegado, amigo do Varzi de sua época de cafishio, e o interrogou na casa da rua San Martín. Os fatos descritos pelo Carlo coincidiram com os de Mudo, Cabecita e Ralikhanta, e a contundência das provas restantes desatou um escândalo que nem os fios nem os contatos do senador Urtiaga Four teriam podido frear. De toda maneira, Rafael se absteve e não moveu um dedo para ajudar a seu genro nem para deter a imprensa; durante esses dias virtualmente não falou, só cruzou palavras com Cheia e o doutor Valverde, ao Varzi olhava de esguelha, e não pediu explicações, apenas compreendeu que se tratava do amante de sua filha; apenas um tempo depois de contemplá-lo longamente, reconheceu-o como ao amigão de Gastón María que tinha assistido a sua festa de aniversário.

Moreschi se afundou em uma poltrona da sala a chorar. De vez em quando, agitava o lenço e vociferava: "Por que ela! Por que!", de vez em quando Cheia o ajudava a emergir de sua prostração, levava-o a cozinha, preparava-lhe um café bem carregado e, para distrai-lo, pedia que lhe contasse de Micaela, de seus anos em Paris e de suas maldades com Irmã Emma.

—Ela é tudo o que tenho — confessou Moreschi em uma oportunidade, em meio ao pranto.

Mama Cheia não tentou acalmá-lo dessa vez, sentou ao seu lado e se derramou em muitas lágrimas.

Otilia chegou à casa de seu sobrinho e vociferou no meio da sala que não era justo, havia um engano, era impossível que seu adorado Eloy fosse o desprezível "mocha línguas", que essa era uma mutreta dos radicais para desprestigiá-lo, como não se davam conta! Se Eloy era o melhor homem da terra, incapaz de matar a uma mosca. Urtiaga Four a mandou calar e pediu que se fosse. Otilia se encerrou na mansão da Avenida Alvear e passou dias jogada na cama, com trapos frios na fronte e uma garrafa de láudano sobre a mesa de luz. Diariamente pedia à governanta que lesse o periódico, embora não chegasse a escutar três linhas que, presa de um ataque de nervos, o arrebatava, amassava e o jogava contra a parede; aos gritos assegurava que se tratava de uma infâmia. Otilia suportou outra humilhação quando a polícia a buscou na mansão para interrogá-la, e teve que confessar que seu irmão Carlos se encontrava com vida em um asilo do bairro de Flores. Depois daquilo, arrumou suas valises, deixou a casa de seu marido e nunca mais se soube dela.

Nathaniel Harvey foi detido até que provou que nada tinha que ver com os assassinatos das prostitutas. Conforme declarou, tinha conhecido ao Cáceres na Índia enquanto trabalhavam para a mesma companhia e, depois de uma grave enfermidade, o estigma de sua esterilidade e a ruptura com sua prometida Fanny Sharpe, Eloy tinha encontrado consolo entre seus braços.

—Somos apenas amantes — apostilou o inglês.

Esta declaração complicou a situação do acusado e contribuiu com dados valiosos aos psiquiatras encarregados de traçar do perfil do "mocha línguas", a quem não duvidaram em catalogar de mórbido, um alienado moral, um homem desenquadrado que, apesar de tudo, assegurava amar profundamente a sua esposa. Finalmente, Harvey, despedido da companhia

ferroviária, partiu para o México.

Ralikhanta era cúmplice, sua participação nos crimes tinha sido fundamental para levá-los a cabo e, apesar de que tinha atuado sob pressão, isso não importou à Justiça. Terminou condenado a sete anos de reclusão, sentença que logo se reduziu graças à colaboração que tinha dado para esclarecer os fatos.

Gastón María chegou sozinho a Buenos Aires. Diferente do resto, ele nunca se deixou enrolar pelas maneiras refinadas, a cultura vasta e a prometedora carreira política do Eloy e, apesar de que durante a viagem de trem para a cidade se encarregou de dar forma a sua raiva e ressentimento, convencido de que nada teria acontecido se o tivessem escutado quando ele advertia sobre a falsidade de Cáceres, ao cruzar a porta da casa de sua irmã e ver seu pai cansado e sério, ao Moreschi chorando em uma poltrona e a Cheia acendendo velas para Santa Rita, tremeram-lhe os lábios e não sobrou nem rastro de sua ira.

—Filhinho — murmurou a nana, e o esmagou entre seus braços, como quando era menino.

—Quero vê-la, mama.

—Sua irmã não está sozinha, querido, o Sr. Varzi está com ela.

—O Sr. Varzi?

—Seu cunhado. Sua irmã e ele faz tempo são amantes.

Gastón María se alterou. Mama Cheia o guiou até a cozinha e, igual ao Moreschi, reanimou-o com café e alguns doces. Começou a lhe recordar os dias de sua infância, quando ele e Micaela, em meio a aflição e ao silêncio da mansão do *Paseo de Julio*, empenhavam-se em diabruras que lhe tiravam do sério. Cheia não evitou a lembrança da senhora Isabel, nem esqueceu de mencionar o desconcerto e a pena que reinaram entre os Urtiaga Four depois de sua morte.

—A tristeza que sentiu sua irmã quando o enviaram para estudar em Córdoba não pode se comparar com a tua, querido, que sempre foi mais inescrupuloso e egoísta. A pobre Micaela era um trapinho, chorava pelos cantos e me dizia que não queria ir para Suíça. Não posso estudar em Córdoba, mama Cheia?, perguntava-me.

—Eu adoro a Micaela, mama.

—Claro que a adora, mas ela é mais nobre e teria dado a vida por você, como quase fez na noite que Pascualito te trouxe meio morto com esse talho na pança.

Cheia explicou as circunstâncias que uniram Varzi e Micaela, e já sem receio da devoção de Carlo por sua menina, suavizou aquelas partes onde o homem tinha sido um caipira e realçou as que o exaltavam. Gastón María seguiu a história sem abrir a boca e, depois de que sua nana ter terminado, repetiu que desejava ver Micaela. Ao entrar no quarto e encontrar o seu cunhado de joelhos junto a cama, com o rosto afundado no cabelo de sua irmã, Gastón María pensou que jamais se acostumaria.

—Senhor Varzi — chamou Cheia.

Carlo e Gastón María trocaram olhares significativos antes Varzi afastar-se da cama e, com um aceno, convidá-lo para se aproximar dela.

* * *

Na manhã do terceiro dia, Joaquín Valverde chamou à parte ao Varzi e ao senador Urtiaga Four e lhes comunicou que se a condição de Micaela não melhorasse nas horas subsequentes, não haveria esperanças. Rafael cobriu o rosto e soluçou amargamente. Carlo, ao contrário, abandonou a casa e pediu a seus homens que o levassem a San Telmo.

Apenas respondeu à catarata de perguntas que soltou Frida no vestíbulo e se fechou em seu quarto. Tirou a roupa, que usava, lavou-se, barbeou-se, perfumou-se e se vestiu novamente. Abriu uma caixa de ferro e tirou a pistola. Contemplou-a com cuidado e verificou se estiva carregada; colocou-a na cintura e pegou o casaco. Quando retornou a casa de

Micaela, Cheia o deteve na recepção.

—O Sr. Rafael mandou chamar dois médicos de sua confiança, o doutor Cuenca e o doutor Bartoli, e estão com Joaquín Valverde revisando a minha menina.

Carlo entrou no quarto sem bater e Joaquín se adiantou para pô-lo a par das novidades, enquanto seus colegas examinavam Micaela.

—O doutor Cuenca tem propôs um novo medicamento e já enviamos Gastón María no farmacêutico. Se a fórmula de Cuenca der certo, como acreditamos, a febre deverá baixar entre esta noite e amanhã pela manhã.

Subministraram o novo medicamento, limparam-lhe a ferida e tomaram o pulso; os médicos debateram uns minutos mais até que, atraídos pelo convite de Cheia, deixaram a antecâmara em busca de uma xícara de café. Urtiaga Four permaneceu ao lado de sua filha, sustentava sua mão e a olhava com abatimento.

—É igual a sua mãe —disse, ao momento.

Carlo se aproximou e lhe aplaudiu o ombro. O velho parecia caído, tinha olheiras e o semblante pálido e, igual ao resto, fazia três dias que não comia algo substancioso nem dormia duas horas seguidas.

—Você está muito caído, Sr. — disse Carlo—. Melhor pedir a Cheia que lhe prepare uma comida decente e, depois, recoste-se um momento.

Varzi o ajudou a levantar-se e o acompanhou até a porta. Antes de sair, Rafael voltou a olhar sua filha.

—Você acredita que a perderei também?

Carlo não pôde responder, ele mesmo se perguntava a cada instante e, como não acostumava mentir por compaixão, limitou-se a insistir em uma boa comida e em um descanso reparador. O velho abandonou o quarto arrastando os pés.

Varzi retornou junto ao leito e se ajoelhou à cabeceira, beijou os lábios ardentes de Micaela e pegou sua mão.

—Meu amor — disse. — Os médicos já se foram. Desejava tanto que nos deixassem sozinhos; tinha vontade de falar com você. Aqui estamos, esperando que melhore, até o Gastón María, que veio sozinho do campo; diz que Gioacchina e Francisquito estão bem. Também lhe esperam Moreschi, Cheia e seu pai. Cheia já deve ter rezado mais de cem rosários e acende velas a uma Santa. — manteve-se calado, e um sorriso lhe despontou nos lábios. —Está tão linda, como sempre. Não vou me esquecer jamais, deixou-me sem fôlego à noite que se apresentou com as joias a pagar a dívida de seu irmão. Se não soubesse que era uma bienuda, teria te feito minha mulher nesse momento. Tive que me conter muito, sabe? E os dias que seguiram queimei os miolos maquinando algo para te trazer até mim. E depois, quando cantava no Carmesim, que todos os homens te olhavam e te desejavam, morria de ciúme porque não queria te compartilhar com ninguém, queria-te somente para mim. E quando Miguens a atacou, odiei-me por haver te exposto tão inutilmente, embora não tenha tido outra alternativa, você não teria me dado bola; eu era um cafishio e você, uma rainha. E segue sendo, meu amor, rainha da minha vida, e se você decidir não despertar, eu não tenho nada que fazer aqui. Vou te seguir. — tirou a pistola da cintura e a guardou na gaveta da mesa de noite. —Uma vez me prometeu que nunca teria que viver neste mundo se você não estivesse nele. Não vai cumprir sua palavra, Marlene?

Rafael entrou no quarto, seguido por seu irmão Santiago, o monsenhor, e por Cheia, que choramingava. Varzi olhou ao sacerdote com cara fechada.

—Os médicos recomendaram lhe subministrar a Extrema-unção — explicou Rafael. —Não acreditam que passe desta noite.

Varzi se interpôs entre Micaela e seu tio, enfurecido pela resignação de Urtiaga Four e da nana.

—Não! —exclamou. —Não vai morrer. Pode voltar para sua igreja — disse ao Santiago. — Aqui não o necessitamos.

Cheia se adiantou e o pegou pelo braço.

—Venha, Sr. Varzi, deixe que o Sr. Rafael cumpra com suas crenças.

Varzi a contemplou com raiva, mas a doçura dos olhos da negra lhe suavizaram o coração e saiu do quarto atrás dela.

—Sabe Sr. Varzi? — disse Cheia, no corredor. —Meu Sr. Rafael sente que deve muito a sua filha; não o impeça a possibilidade de aliviar sua consciência mesmo que apenas com isso.

Levou-o a cozinha e, igual ao resto, reconfortou-o com café e massas. Logo se sentou para bordar para o Francisquito, enquanto lhe contava de Micaela, de quando era menina e todos na família pensavam que era uma coisinha...

—...porque era magra, fracote e tímida, mas eu sabia que minha menina ia ser uma grande mulher, como sua mãe, não! Mais formosa ainda e mais inteligente. Não viu como a aplaudem no teatro? Alguma vez a viu? — Carlo assentiu, com um sorriso. — Foi uma freira do internato, Irmã Emma chamava-se, que descobriu seu talento. Quando Micaela era pequena gostava de cantar. A institutriz francesa, mademoiselle Duplais, ensinava-lhes canções, que Gastón María nunca aprendia. Minha menina, ao contrário, cantava-as em voz baixa todo o dia porque a senhora Isabel estava doente em cama e não se podia fazer ruído. Ai, meus meninos! Só eu sei o que sofreram. O Sr. Rafael parecia estúpido depois da morte de sua esposa, e não lhe ocorreu melhor ideia que enviá-los para longe. Gastón María esteve de volta em pouco tempo; jogaram do colégio de Córdoba e o Sr. pensou que seria melhor o ter por perto, para vigiá-lo. Micaela, ao contrário, nunca voltou, esteve quinze anos ausente. O Sr. Rafael a visitou pouco, e me deixou ir um par de vezes. Quinze anos! Às vezes me pergunto por que voltou. Depois da morte de Irmã Emma, tomou o primeiro vapor e retornou. Embora tivesse pedido muitas vezes a Santa Rita, pensei que Micaela jamais retornaria, e já tinha me preparado para morrer sem voltar a vê-la, porque meus ossos não aguentariam outra viagem tão longa. — Cheia levantou o olhar de seu trabalho e o fixou em Carlo. —Possivelmente retornou para conhecê-lo, Sr. Varzi. Quem sabe! — suspirou, e retornou ao bordado. —Alguma vez Micaela lhe contou sobre o gatinho? — Varzi negou com a cabeça. —Ah, com esse gato envelheci dez anos em dez dias! Encontrou-o na praça, todo sarnento e machucado, e, para que mademoiselle não o visse, trouxe-o até a casa escondido debaixo da roupa. Passeio dias lhe tirando piolhos e pondo azul de metileno na sarna. Acomodou-o em uma caixa de maçãs nos fundos, e lhe pôs o nome de Miguelito em honra a meu bebê morto. Pode acreditar? Assim era ela. Contudo, o pobre inseto morreu sem mais remédio, e tive que doar minha mesa de costura para ataúde. Imagine, uma linda caixa de madeira, que tinham me presenteado com bombons, terminou sendo o ataúde de um gatinho sarnento! Mas meus meninos podiam me tirar qualquer coisa quando faziam beicinho. E nesse dia me deu tanta pena! Vinha chorando com o gatinho morto entre os braços e Gastón María fazendo brincadeiras logo atrás. E insistiu em minha caixa de costura, sempre tinha gostado porque tinha uns desenhos muito bonitos. Nós o enterramos em um suporte de vasos do pátio principal, no horário da sesta, enquanto o Sr. Rafael e mademoiselle Duplais dormiam. Até me fez rezar um rosário! Terá sido pecado? Nunca me animei a confessar-lhe ao querido padre Miguel porque me dava vergonha. Você acredita que tenha sido pecado? Ora, passaram tantos anos que nem Deus deve lembrar-se!

Cheia seguiu bordando, com a cabeça posta no passado, repleta de lembranças que lhe desenhavam um sorriso; entretanto, por momentos, Carlo via despontar um brilho em seus olhos e sabia que tinha retornado ao presente.

—Não quero que morra — disse, e a pegou pela mão.

—Tenha fé, Sr. Varzi — pediu Cheia. —Olhe que a mim Santa Rita sempre ajuda.

Carlo abandonou a cozinha mais animado, entretanto, ao chegar no quarto o envolveu a

desesperança. Tio Monsenhor tinha acabado seus ritos e cochichava com Rafael em um canto da antecâmara. Os médicos, por sua parte, trabalhavam em excesso sobre Micaela, que se encontrava inquieta e delirava.

—A febre segue muito alta — explicou Valverde. —A medicação do doutor Cuenca não parece fazer efeito. Começou a desvairar. Não deixa de chamar por você.

Carlo afastou os médicos e se jogou ao seu lado.

—Aqui estou, meu amor — sussurrou, enquanto acariciava seu cabelo—. Aqui estou, não fui a nenhum lugar, estava com a Cheia na cozinha tomando um café e conversando sobre você. Contou-me muitas coisas de quando era pequena, do gatinho que encontrou na praça e que colocou debaixo da roupa para que a institutriz não o descobrisse. Dei muita risada. Deve ter sido uma neném tão linda, eu gostaria que tivéssemos uma filha e que se parecesse com você.

Tio Monsenhor o olhava com desprezo e Rafael, com desconforto, enquanto os doutores Cuenca e Bartoli se encontravam a ponto de tirá-lo aos chutes do quarto.

—Senhor Varzi, nos deixe trabalhar. Vamos praticar uma sangria para baixar a febre e deter a infecção.

—Uma sangria? Não está muito fraca para isso? — inquiriu Carlo.

O doutor Cuenca lhe lançou um olhar furioso. Joaquín Valverde se apressou a interceder e tirou Carlo do meio. Logo depois de sangrá-la e durante o resto da noite, os médicos permaneceram em vela, atentos às reações da doente, ocupados em seus misteres: controlavam o pulso a cada meia hora e a reação das pupilas, auscultavam-na, limpavam a ferida, aplicavam panos frios, colocavam algodões com álcool sob as axilas e subministravam os remédios.

Carlo se achava em um estado de tensão incontrolável. Passeou pela antecâmara como uma fera enjaulada; estalou os dedos até enervar o doutor Cuenca que lhe pediu que parasse pois o punha nervoso; insinuou cem vezes acender um cigarro, sentou-se na poltrona outras tantas e caminhou até a sala e retornou ao quarto como alienado. Bebeu de um gole o café quente que Cheia lhe ofereceu sem saber que continha uma dose de láudano. Minutos depois, sentou, acomodou-se entre as almofadas e, antes de adormecer, fixou seu olhar vítreo em Micaela.

* * *

Despertou enjoado por causa do ópio e ficou de pé com dificuldade. Doía-lhe as costas e tinha o pescoço intumescido. Não podia ver Micaela, os médicos a circundavam. Cheia e Rafael contemplavam de uma distância prudente. Ao vê-lo levantado, a nana se aproximou.

—Não entendo como pude dormir —comentou Carlo—. Que horas são?

—Sete da manhã —respondeu Cheia. —A estão revisando.

—Adiantaram algo?

—Não ainda, mas ao redor das três e meia Micaela começou a tranquilizar-se e lhe fortaleceu o pulso. Eu tenho fé.

Carlo não queria se iludir quando no dia anterior as esperanças tinham sido escassas; temia o pior. Acomodou a camisa e o cabelo, e se uniu a Cheia e Rafael à espera dos resultados da revisão. Os médicos se olharam entre si, assentiram com gravidade, e Carlo pensou que as pernas não o suportariam; tinha um batimento do coração forte na garganta e as mãos tremiam. Joaquín Valverde tomou a palavra.

—Depois de ter examinado detalhadamente Micaela, e, se tivermos em conta que a febre remeteu faz quatro horas, que seu pulso aumentou em forma considerável e que outros sinais vitais apresentam melhoras visíveis, os doutores e eu acreditamos que o pior passou.

Cheia lançou um grito e se abraçou a Rafael, que vociferava louvores ao Céu. Varzi se deixou cair em uma cadeira, cobriu o rosto e rompeu a chorar como um menino. Urtiaga Four

se comoveu com o desmoronamento desse homem robusto e inquebrável, e começou a soluçar também. Cheia convenceu aos médicos e ao Rafael a abandonarem o quarto, convencida de que o Sr. Varzi precisava estar a sós para repor-se de três dias intermináveis. Carlo terminou de chorar sobre o peito de Micaela e, aos poucos, tranquilizou-se embalado pelos batimentos de seu coração.

Micaela recuperou a consciência horas mais tarde. Logo que pôde manter os olhos abertos e não encontrou forças para falar, só se queixou da ferida no ventre, e os médicos lhe subministraram uma dose de *cordial* para diminuir o mal-estar e adormecê-la. Dirigiram-se aos parentes para lhes advertir que, embora Micaela tenha superado o momento crítico, encontrava-se débil e que qualquer recaída podia ser fatal, de modo que nenhum cuidado seria excessivo; as emoções fortes e situações fatigantes estavam absolutamente proibidas.

Carlo se ocupou pessoalmente do cuidado de Micaela, e Cheia o deixou fazer. Joaquín lhe ensinou a limpar a ferida, os horários da medicação, a tomar o pulso e outras questões que o mantinham trabalhado em excesso o dia inteiro. De noite dormitava sobre uma colcha no chão, atento a qualquer som, inclusive, havia vezes que, assaltado por maus pressentimentos ou por um pesadelo, levantava-se para escutá-la respirar. Tornou-se inflexível com as visitas, só concedia escassos cinco minutos que media no relógio; ao Moreschi e a Regina, que segundo seu critério a fatigavam mais que o resto, limitava-os a três minutos, e chegaram a odiá-lo. Ao Carlo não importava e prosseguiu tão meticuloso e exigente que os cuidados logo deram fruto: depois de uma semana, Micaela tinha recuperado a cor nas bochechas, podia conversar sem cansar-se e tinha vontade de deixar a cama, desejo que Joaquín Valverde proibiu no momento.

—O que aconteceu a Eloy? — perguntou Micaela ao Carlo uma tarde que se encontravam a sós.

—Está detido à espera do julgamento.

Micaela começou a soluçar, atormentada por lembranças macabras, arrependida de tantos enganos, afligida pela realidade que deveria enfrentar uma vez recuperada. Carlo pegou suas mãos e as beijou com desespero.

—Não chore, meu amor — lhe rogou—, não posso te ver chorar. Te faz mal e morro se te acontecer algo. Não chore, suplico-lhe isso. Não se importe com nada, Marlene, que eu seja o único em sua vida, que eu ocupe todos seus pensamentos, isso é o que quero. De agora em diante, eu vou cuidar de você e nada nem ninguém vai voltar a te machucar. Ninguém vai voltar a tocar a minha bonequinha de porcelana.

Beijaram-se; fazia tempo que não o faziam, e nesse primeiro contato íntimo se redescobriram e a selaram seu pacto de amor.

Joaquín Valverde a visitava todas as tardes e se admirava por sua melhoria em cada oportunidade. Logo depois de vários dias a caldo, permitiu-lhe ingerir alimentos sólidos, que Carlo lhe dava de comer na boca. Apesar de Micaela, no início, tolerar muito pouco, com o tempo seu apetite aumentou e teve forças para levantar-se e dar alguns passos, com uma bandagem ao redor da ferida e sustentada por Carlo.

—Quero ir desta casa —dizia diariamente—. Não suporto este lugar.

Apesar de que tivesse preferido esperar dois ou três dias, Valverde a autorizou a abandonar a mansão de Eloy, convencido de que se afastar dali terminaria por ajudá-la. Carlo decidiu levá-la para San Telmo. Rafael, que preparava a mansão para recebê-la, contrariou-se pelo que considerou uma rabugice da parte do Sr. Varzi, e se dirigiu a sua filha com autoridade.

—Você dever viver comigo, Micaela. Não é correto que se hospede em outra casa quando têm a sua com toda a comodidade. O que vão dizer as pessoas? Depois de tudo, seu casamento com Eloy ainda não está legalmente anulado. Seu tio Santiago já começou os trâmites, embora

diga que…

—Antes de mais nada, papai — interrompeu Micaela—, não me importo com o que diga o mundo inteiro. Segundo, jamais vou voltar para lugar onde conheci o Eloy Cáceres. E terceiro, não vou me hospedar na casa do Carlo, eu vou viver com ele.

Rafael ficou boquiaberto, sem possibilidade de réplica. Varzi, contente com a firmeza de sua mulher, carregou-a em braços até o carro e a levou para San Telmo. Cheia foi a última em abandonar a casa do Cáceres, encarregada de despedir a servidão, cobrir os móveis com lençóis e fechar portas e janelas. A casa ficou nas mãos da Justiça, que anos mais tarde a colocou em leilão para abonar impostos atrasados ao Município da cidade de Buenos Aires. O novo proprietário, uma financeira inglesa, mandou demoli-la e levantar em seu lugar um moderno estabelecimento.

A chegada de Micaela a San Telmo significou um desfile heterogêneo de gente; enquanto um dia estacionava um luxuoso carro e descia a senhora de Alvear, outro aparecia Tuli dobrando a esquina com um ramo de margaridas meio chamuscadas. Apesar da resistência de Carlo em compartilhá-la muito tempo com os outros, Micaela recebia a todos com a melhor predisposição. A prima Guillita lhe confessou que os Urtiaga Four não tinham intenções de visitá-la na casa de Varzi, um homem que não pertencia a sua esfera social, um imigrante italiano que, para piorar, residia em um bairro como San Telmo, lotado de mulheres da má vida e arruaceiros, e, muito ofendidos com ela por ter posto o nome da família na boca de todos, tampouco a convidariam a seus lares. Micaela respirou aliviada.

Gastón María anunciou que Gioacchina e seu filho tinham chegado do campo com intenções de visitar Micaela, e Carlo perdeu a calma.

—Gioacchina em minha casa! — dizia a Micaela, sem ter a certeza da conveniência dessa visita.

Recebeu-a dois dias mais tarde na hora do chá e suportou com estoicismo o trato cortês e elegante ao que tinha se acostumado como conhecido de Gastón María. Com Micaela, ao contrário, mostrou-se doce e fraternal. Carlo lhe pediu autorização, pegou Francisquito em seus braços e o levou a sala contigua, se jogou sobre o tapete e, sem perceber a surpresa de sua irmã nem o deleite de sua mulher, entreteve-se o resto da visita.

—Conforme me explicou Gastón María, você e o Sr. Varzi se conheceram na festa de seu pai — comentou Gioacchina.

—Sim, sim, na festa de meu pai.

—Surpreendi-me porque não recordava havê-los visto juntos em toda a noite — adicionou, e Micaela se manteve calada. —Talvez te incomode, mas seu irmão também me contou que você e seu marido não tiveram um verdadeiro casamento. Que homem mais torturado! E pensar que o Chanceler parecia o melhor de todos. Eu o olhava, tão arrumado e sério, e me alegrava por você, embora tenha que aceitar que Gastón María nunca lhe teve afeto. Eu pensei que eram ciúmes, mas vejo que não se equivocou. Esse homem resultou um monstro. Sinto muito, Micaela.

—Eu também sinto, Gioacchina, mas agora que estou com o Sr. Varzi, nada do passado me atormenta. Ele sim que é o melhor de todos, asseguro-lhe isso. —E ambas viraram a olhá-lo; Varzi, despenteado e com a camisa fora da calça, seguia no chão com seu sobrinho.

Essa noite, Carlo jantou pouco e se manteve calado. Cruzaram o pátio da videira e, apesar de Micaela lhe mostrar a lua cheia e tratar de entusiasmá-lo com o céu estrelado, mal prestou atenção. No quarto, ajudou-a a tirar roupa e a bandagem em silêncio, e logo foi se banhar.

—Já não teria que usar a bandagem — comentou Micaela, ao reaparecer Carlo no quarto—, a ferida está quase cicatrizada.

—Isso vai decidir Joaquín, não você — replicou Varzi, e continuou secando-se.

Micaela se levantou e caminhou para ele, tirou-lhe a toalha e acariciou seu peito salpicado

de gotas, cheirou o rosto recém barbeado e desenhou com o indicador o contorno da mandíbula.

—Quando chegar o dia — sussurrou—, diremos juntos a Gioacchina. Até esse momento, não se atormente.

—O único que me atormenta é te perder; com o resto posso lidar.

—Então, por que está tão calado e triste? Pensei que era pela visita da Gioacchina.

—Em parte, sim. Ao vê-la, recordei que me sacrifiquei para que não lhe faltasse nada, e me mantive afastado de sua vida para não manchar sua reputação. E, com você? O que acontece com você? A grande Divina Four, amante de um ex-cafetão. E o que vai acontecer se tivermos filhos? Vão arrastar meu sobrenome como se fosse uma cruz. Morro se não te tenho, Marlene, mas te amo muito para te prejudicar. E eu, por ser o que sou, posso te destruir.

—Estou tão orgulhosa de você, Carlo — disse Micaela. —É o homem mais íntegro e nobre que conheci. Nada do que fez, nenhuma das decisões que tomou devem te envergonhar, porque pagou pelos seus enganos e aprendeu com os desacertos, sacrificou-se por amor e encontrou força para mudar, também por amor. Nunca volte a dizer que pode me destruir, quando, na realidade, é e será o único homem capaz de me fazer feliz.

Carlo a beijou com ardor e se esqueceu da debilidade de Micaela, de sua ferida no ventre e das indicações do médico ao tomá-la entre seus braços e a levar para a cama. Longe estavam de qualquer problema quando o orgasmo os uniu em um gemido de prazer que só o amor pôde sublimar.

* * *

Epílogo

Micaela nunca soube se seu pai se inteirou da verdadeira origem de Carlo Varzi, jamais falaram do assunto e a ela pouco importava, embora não fosse errado pensar que algum conhecido do senador Urtiaga Four, habitué dos prostíbulos do Carlo, tivesse lhe contado. Apesar destas conjecturas e do desagrado que causava a Rafael visitar Micaela em um bairro de baixo calão, mostrava-se educado e cortês com o Varzi, agradecido inclusive, porque nunca tinha visto sua filha tão feliz.

Foi um alívio para o senador o desaparecimento de sua esposa e, face a uma primeira intenção de procurá-la, logo desistiu, pois conhecia muito Otilia para supor que não retornaria depois da vergonha de ser a tia do "mocha línguas", além de que ele mesmo já não a suportava e necessitava tranquilidade. Renunciou ao banco do Congresso, atitude que em outras circunstâncias teria provocado uma desordem política, aceitou-se como a consequência lógica do escândalo que tinha rodeado ao senador e a sua família. Meses depois vendeu a mansão da Avenida Alvear, que já ninguém visitava, e se retirou à estância de *Carmen de Areco*, onde seus filhos e netos estavam acostumados a visitá-lo.

A companhia exportadora e importadora de Carlo cresceu com o tempo e chegou a ser uma das primeiras na ordem nacional, com filiais nos países mais importantes da América e com perspectivas de abrir outras nas principais capitais europeias uma vez finalizada a guerra. Anos mais tarde, Varzi se encontrou em posição de comprar uma casa moderna e luxuosa no melhor bairro de Buenos Aires, ideia que Micaela rechaçou alegando que não seria o mesmo dançar o tango em um elegante salão revestido de mármore, com boiseries douradas, que no chão do pátio da parreira. Os jornalistas e admiradores tomaram como uma excentricidade da grande soprano, e o bairro de San Telmo cobrou popularidade.

Moreschi teve que alugar um apartamento e instalar-se por sua conta, e se empenhou em achar um lugar amplo, com boa acústica para os estudos de sua discípula, já que nenhum lhe resultava apropriado na casa de Varzi. Depois do escândalo, temeu pela carreira de Micaela, e se exasperava ao vê-la tranquila, alheia a toda preocupação.

—Não se desanime, professor — dizia a jovem—, quando anunciarmos que já estou bem, pronta para retornar ao palco, choverão os contratos.

Micaela não se equivocou, os contratos choveram, e o do Metropolitan Opera de Nova Iorque resultou o mais tentador para começar, segundo o critério de Alessandro Moreschi, que desejava essa oportunidade desde muito tempo. Era raro Micaela viajar sozinha, Carlo a acompanhava geralmente, e aproveitava as ocasiões para concretizar novos negócios ou controlar as filiais.

Restabelecida por completo e com a autorização de Joaquín, Micaela declarou quanto sabia à polícia e, tempos depois ao juiz, em relação a seu marido e dos aterradores momentos vividos no porão da casa da rua San Martín. Seus ditos, em completa concordância com os das restantes testemunhas e implicados, terminaram por sepultá-lo. Micaela não queria tocar no assunto com Carlo, ele ficava irritável, mas ela precisava saber e por isso apelava ao Moreschi, que, de vez em quando, falava com os advogados e lhe informava a respeito da situação. A demora para que Cáceres fosse definitivamente condenado radicava na controvérsia exposta no seio da junta de psiquiatras que devia estabelecer se Eloy estava louco ou em completo uso de suas faculdades. Enquanto uns asseguravam que Cáceres devia passar o resto de seus dias em um asilo para doentes mentais, outros, impressionados por sua inteligência e pela absoluta consciência que tinha sobre a realidade e seus atos, sustentavam que o destino final devia ser o cárcere. Finalmente, e logo depois de submetê-lo a vários exames e revisões, Eloy Cáceres

partiu rumo à prisão de *Tierra del Fuego*, onde viveu mais de vinte anos, até a manhã em que um guarda o achou pendurado no teto de sua cela com uma carta dirigida a Micaela. A missiva chegou ao poder de Carlo, que, sem lê-la, jogou-a ao fogo da cozinha.

A oposição e o aborrecimento de Carlo não a acovardaram, e Micaela contratou ao melhor advogado em Direito Penal de Buenos Aires que conseguiu diminuir a condenação de Ralikhanta ao esgrimir, entre outras atenuantes, a pressão sob a que tinha atuado nos crimes, a demonstração de boa vontade ao chamar à polícia e a colaboração prestada durante a investigação. Dois anos mais tarde, Ralikhanta ficou em liberdade e, embora tentasse ver sua antiga senhora, Micaela não quis recebê-lo; limitou-se a lhe enviar dinheiro com Mudo e Cabecita para que abandonasse o país. Ralikhanta retornou para a Índia, ao seio de sua família empobrecida, e se dedicou, como seus primos e irmãos, à criação de cabras.

* * *

Teria sido uma afronta retornar a Europa depois de tantos anos e não cantar primeiro na Ópera de Paris; assim fez entender Alessandro Moreschi a Micaela, e Micaela ao Carlo, que aceitou a contragosto e com uma condição: terminadas as apresentações em Paris, viajariam diretamente a Nápoles, onde procuraria pela família de sua mãe.

A guerra e seus desacertos eram coisa passada, e dois anos tinham bastado para que a Europa recuperasse em parte o esplendor de fins do século XIX. Na capital francesa os lugares voltaram a povoar-se de flores, as lojas a abarrotar-se de mercadorias, as mulheres a sorrir e mostrar seus vestidos, e os homens a fumar havanas e ler o periódico no *Café de la Paix*.

Micaela, Carlo e Moreschi chegaram a Paris no princípio de abril de 1920. Cheia e Frida, que depois de uma longa disputa territorial na mansão de San Telmo tinham acordado uma paz tácita e começavam a se entender, declinaram o convite. "Meus ossos não estão para esses estalos continuados", esgrimiu a nana, enquanto Frida aduziu a tristeza que lhe provocariam tantas lembranças e não ter ao Johann para compartilhá-las. De todo o modo, não lhes faltaria companhia, Mudo, Cabecita e Tuli se ocupariam delas, inclusive o professor Cacciaguida tinha prometido visita-las.

Varzi achou Paris fascinante e, já que Micaela estava muito ocupada com os ensaios e acertos prévios à estreia, não se desanimou e a percorreu sozinho. Alternou as horas do dia entre museus e visitas a potenciais clientes. Entretanto, ansiava chegar em Nápoles e conhecer os Portineri, embora a perspectiva de que não quisessem recebê-lo estava dentro das possibilidades; depois de tudo, ele era filho de Varzi.

Micaela não se detinha um segundo, repartida entre o teatro e os compromissos sociais. Estava nervosa e sensível, queria visitar suas antigas amizades, responder aos convites e, a sua vez, ensaiar para a *Lucia di Lammermoor*, um personagem complexo do ponto de vista lírico e dramático. De noite chegava tão esgotada ao hotel que apenas cruzava duas palavras com Carlo, e ele, que tinha passado o dia virtualmente só e que tinha necessidade dela, ao encontrá-la distante e empolgada, sentia-se deixado de lado.

Na noite da estreia, o teatro repleto, envolto em um murmúrio contínuo e persistente, aguardava com espera a entrada em cena de sua grande diva, que depois de seis anos de ausência, o fazia em honra a Paris. Moreschi entrava e saía do camarim sem motivo algum, no corredor dava uns quantos gritos aos empregados e retornava, sentava, servia-se um copo com água que não provava e suspirava longamente.

—Professor, por favor — se queixou Micaela—, vai me deixar nervosa.

—Não posso evitar — se justificou Alessandro. —Não tiveste tempo suficiente para ensaiar, e Lucia é um personagem difícil. Além disso, com essa maldita viagem que me fez fazer não pude revisar seu desempenho no último ato.

—O maestro e o diretor Mirolli estão muito satisfeitos.

—Somente eu posso julgar seu desempenho, eu, que te conheço como ninguém.

—Viu o Carlo, professor?

—Sim — grunhiu Moreschi.

—E, como estava?

—Como sempre, sério, com rosto de mau.

Micaela se desanimou, consciente de que o tinha descuidado. Escutou o timbre que anunciava o começo do primeiro ato, e não pôde continuar pensando nele; alguém bateu na porta e indicou que se apressasse.

Os temores do professor Moreschi careciam de sustento: a Divina Four assombrou novamente. Os espectadores a aplaudiram até que lhes arderam as palmas, e a obrigaram a saudar mais de vinte vezes. Carlo, nos primeiros assentos da plateia, contemplava-a com orgulho, enquanto ela recolhia flores do palco e lançava beijos.

No camarim a esperavam flores e presentes, pessoas importantes que desejavam saudá-la e alguns jornalistas ansiosos por entrevistá-la. No meio da agitação, dos rostos sorridentes, os beijos, os abraços e as congratulações, Micaela passou mais de uma hora, até que o camarim esvaziou e pôde tirar a maquiagem e o traje. Bateram na porta, e se apressou a abrir.

—Carlo! — exclamou, e se jogou em seus braços. —Me fez tanta falta.

—Esta noite te tenho somente para mim — anunciou Varzi, bravo. —Me fartei de jantares, recepções e bailes. Basta, não aguento mais.

—Me perdoe, sei de sobra que tenho te esquecido, mas, me entenda, tinha tantas coisas que fazer…

—Shhh. Não fale.

Abraçou-a e a beijou com a ânsia contida nesses dias solitários em Paris. A resposta apaixonada de Micaela o excitou, e teria feito amor com ela no camarim se alguém não tivesse golpeado a porta.

—Não abra — ordenou Varzi, e a tombou na poltrona.

—Carlo, por favor — rogou ela, e tentou escapar.

Varzi a liberou a contragosto e se caiu sobre o divã. Micaela recebeu um empregado do teatro que lhe estendeu um cartão.

—Diga-lhe que entre — indicou ao moço, depois de lê-lo. —Rápido, que o estou esperando.

Varzi ficou de pé e viu entrar um homem mais velho, de uns oitenta, oitenta e cinco anos, de distinto smoking, com cabelo branco penteado para trás e uma bengala de prata que usava mais por elegância do que para apoiar-se.

—Senhora Varzi — disse o homem—, é uma honra conhecê-la.

—Obrigada, muito obrigada por ter vindo. —Micaela pegou suas mãos e o convidou a entrar. —Temi que não viesse, o Sr. Moreschi comentou que você não gosta de viajar.

—É certo, já estou velho, prefiro ficar em casa, mas uma oportunidade como esta… não podia perdê-la.

O homem cravou os olhos em Carlo, que observava a cena com impaciência.

—Me permita apresentar meu marido…

—Me permita fazê-lo eu mesmo, senhora Varzi — pediu o homem, e Micaela se afastou.

O ancião parou frente a Carlo, apoiou a mão sobre seu ombro e lhe disse:

—Sua mãe era minha única filha.

Varzi sentiu um golpe no peito, as pernas tremeram e os olhos umedeceram. Olhou ao velho e a Micaela, a Micaela e ao velho; as palavras não lhe saíam e ele que queria perguntar tantas coisas. Consciente da surpresa e da confusão de seu neto, Portineri o convidou a sentar-se e pediu a Micaela um copo com água.

—Os deixarei a sós —disse a jovem segundos depois, e saiu.

Antes de fechar a porta, olhou seu marido, que, apesar das lágrimas, tinha o semblante iluminado. Não tinha ninguém no corredor, só se percebia a longínqua agitação do foyer.

Sentou-se para esperar. Já tinha decidido, diria essa noite quando retornassem ao hotel depois de jantar com o Sr. Portineri, certamente. Entrariam no quarto, Varzi exultante, ela feliz por vê-lo feliz, se beijariam, se tocariam, tiraria sua roupa com poucos olhares, como sempre, fariam amor sem limites e depois, nus e mornos na cama, enredados nos braços e nas pernas um do outro, lhe sussurraria: "Será uma neném e a chamaremos Marlene."

* * *

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

FLORÊNCIA BONELLI

(Córdoba, Argentina, 1971) licenciou-se em Contabilidade e trabalhou neste campo até que, ao final dos anos noventa, decidiu derrubar-se de cheio a sua vocação: escrever novelas românticas. Seu primeiro livro, Bodas de Ódio, publicou-se em novembro de 1999.

Em todos seus livros, a autora confirma sua paixão pela história da Argentina, sua grande fonte de inspiração, não só nos aspectos mais conhecidos, mas também e sobre tudo no que tem que ver com o âmbito doméstico e privado de épocas passadas, em especial no que concerne à vida das mulheres.

Marlene

Micaela Urtiaga Four é a soprano mais bem-sucedida dos teatros líricos europeus do princípio do século XX. Mas a solidão, as perdas e as lembranças puderam mais que todos os aplausos e a jovem decide retornar a sua terra natal, Argentina.

Entretanto, a tranquilidade que ansiava achar em Buenos Aires se converte em um torvelinho quando sua vida se vê repentinamente vinculada a de Carlo Varzi, um cafetão do bairro de La Boca, homem baixo e sem escrúpulos, com um passado tão escuro como sua presença.

Assim, a soprano favorita da Opera de Paris se verá obrigada a cantar tangos em meio a um ambiente sórdido e desconhecido, em um dos bordéis de Carlo Varzi, sob o pseudônimo de Marlene.

Embora tentasse vencer a atração que esse cafishio de La Boca exerce sobre ela, finalmente cederá ao impulso que a domina. Remorsos e temores, desejos e paixão se enfrentarão, e o conflito será inevitável.

Esta novela, ambientada na Buenos Aires que viu nascer o tango, os cortiços e o cocoliche, mostra como os sentimentos se negam a reconhecer classes sociais e realidades econômicas. Retrata a história de uma mulher que luta para superar seus medos e defender seu amor, e a de um homem que tenta redimir-se no contexto mais o denigre, também por amor.

* * *

© Florência Bonelli, 2003
ISBN 950-644-021-2
Impresso na Argentina
Indugraf S.A
Publicado por Plaza & Janes Editores S.A
Baixo acordo com o Grijalbo S.A

